

PRIMEIRAS MANIFESTAÇÕES DE
EXPRESSÕES DE RELAÇÕES ESPA
CIAIS NA AQUISIÇÃO DO PORTU
GUÊS COMO PRIMEIRA LÍNGUA.

por

Célia Regina Carneiro

Dissertação apresentada ao
Departamento de Lingüísti
ca do Instituto de Estudos
da Linguagem da Universida
de Estadual de Campinas co
mo requisito parcial para
obtenção do título de Mes
tre em Lingüística.

*Este exemplar é a
redação final da
tese defendida por
Célia Regina Carneiro
e aprovada pela
Comissão Julgadora
em 7/11/84*

Campinas

1984

*Prof. Rodolfo Stan
Presidente da
Banca*

Agradeço

- à CAPES que me concedeu bolsa de estudos durante o curso de Pós-graduação.

Agradeço

- ao Tiago, sua mãe e irmã, que me "emprestaram" tantos momentos de sua vida;
- à Profa. Dra. Cláudia Thereza Guimarães de Lemos, que me ensinou a "ouvir" as crianças;
- ao Prof. Dr. Rodolfo Ilari, orientador e amigo.

PRIMEIRAS MANIFESTAÇÕES DE EX
PRESSÕES DE RELAÇÕES ESPACIAIS
NA AQUISIÇÃO DO PORTUGUÊS COMO
PRIMEIRA LÍNGUA.

RESUMO

Este é um estudo longitudinal do processo de emergência de expressões de relações espaciais da linguagem de uma criança, exposta ao português como língua materna, no período de 0;11.29 a 2;0.20 de idade. O período abrangido permite considerar-se a continuidade entre a comunicação não-lingüística e a comunicação lingüística propriamente dita.

Os dados utilizados na investigação foram coletados em situações livres de interação da criança e seus interlocutores, através de gravações mensais de 'video-tape' e semanais de 'audio-tape', além de anotações, em forma de diário, da mãe da criança. Os nove vocábulos, selecionados para análise, foram considerados de conteúdo locativo por serem associáveis a verbos de movimento da linguagem do adulto.

Com base na proposta socio-interacionista de aquisição e desenvolvimento da linguagem procedeu-se à análise das situações interacionais. Nessa análise, obteve-se que da 'incorporação' de segmentos da fala produzida pelo interlocutor-adulto em determinadas situações interacionais, a criança passa a usar os segmentos incorporados em situações diversas. À saída do vocábulo da situação origi

nal deu-se o nome de 'recontextualização'. A 'recontextualização' representa um passo em direção a tomada de consciência dos objetos lingüísticos, antes procedimentos comunicativos e cognitivos não analisados. A criança passa a atuar sobre os objetos lingüísticos: coordena-os, relaciona-os e constrói sub-sistemas. Neste trabalho, observou-se o início do estabelecimento de relações entre os vocábulos e da construção dos sub-sistemas aspectual e inter-lexical. Acredita-se que, ao mesmo tempo em que se dá a construção lingüística dos vocábulos, opera-se a construção das noções espaciais por eles constituídas e configuradas.

Autor: Célia Regina Carneiro

Orientador: Rodolfo Ilari

Co-orientador: Cláudia Theresa Guimarães de Lemos

ÍNDICE

CAPÍTULO I

I.1	Introdução	1
I.2	Resenha da literatura sobre aquisição e desenvolvimento de expressões de relações espaciais	7
I.2.1.	Hipótese Perceptualista	7
I.2.2.	Hipótese Cognitivista	14
I.3	Propostas de análise semântica	25
I.3.1.	Eve Clark e a análise componencial	26
I.3.2.	A análise de verbos por Antinucci e Parisi (1973)	32
	Notas do capítulo I	39

CAPÍTULO II - OS DADOS: ANÁLISE E DISCUSSÃO

II.1	Metodologia e Técnicas utilizadas	45
II.1.1.	O sujeito	45
II.1.2.	A coleta e a transcrição dos dados	46
II.1.3.	A seleção dos dados	52
II.2.	Análise e Discussão	57
II.2.1.	'Caiu'	57
II.2.1.1.	No que se refere aos esquemas interacionais	57
II.2.1.2.	No que se refere à fase do deslocamento do objeto: 'antes' , 'durante' ou 'depois'	59

II.2.1.3.	No que se refere ao deslocamento do objeto produzido ou não por I. ou por T. ...	60
II.2.1.4.	No que se refere às formas lingüísticas.	61
II.2.1.5.	No que se refere aos objetos envolvidos nas várias situações interacionais	64
II.2.1.6.	No que se refere ao tipo do deslocamento dos objetos	64
II.2.2.	'Fecha'	72
II.2.2.1.	No que se refere aos esquemas interacionais ...	73
II.2.2.2.	No que se refere à fase do evento: 'antes, 'durante' ou 'depois'	76
II.2.2.3.	No que se refere ao 'agente' do movimento sobre o objeto: I ou T.	79
II.2.2.4.	No que se refere às formas lingüísticas	83
II.2.2.5.	No que se refere aos objetos envolvidos nas várias situações interacionais	89

II.2.2.6.	No que se refere ao tipo do movimento efetuado sobre o objeto	90
II.2.3.	'Abi'	93
II.2.3.1.	No que se refere aos esquemas interacionais	93
II.2.3.2.	No que se refere à fase do evento: 'antes', 'durante' ou 'depois'	94
II.2.3.3.	No que se refere ao 'agente' do movimento sobre o objeto .	97
II.2.3.4.	No que se refere às formas linguísticas	101
II.2.3.5.	No que se refere aos objetos envolvidos nas várias situações interacionais	103
II.2.3.6.	No que se refere ao tipo do movimento efetuado sobre o objeto	104
II.2.4.	'Tira'	111
II.2.4.1.	No que se refere aos esquemas interacionais	112

II.2.4.2.	No que se refere à fase do evento: 'antes', 'durante' ou 'depois'	114
II.2.4.3.	No que se refere ao 'agente' do movimento sobre o objeto: I. ou T.	118
II.2.4.4.	No que se refere às formas lingüísticas	119
II.2.4.5.	No que se refere aos objetos envolvidos nas várias situações interacionais.....	122
II.2.4.6.	No que se refere ao tipo do movimento efetuado sobre o objeto	123
II.2.5.	'Fecha', 'Abi' e 'Tira'	127
II.2.6.	'Pega'	135
II.2.6.1.	No que se refere aos esquemas interacionais	135
II.2.6.2.	No que se refere à fase do evento: 'antes', 'durante' ou 'depois'	138
II.2.6.3.	No que se refere ao 'agente' do movimen-	

	to sobre o objeto:	
	I. ou T.	138
II.2.6.4.	No que se refere às formas lingüísticas	141
II.2.6.5.	No que se refere aos objetos envolvidos nas várias situações interacionais	142
II.2.6.6.	No que se refere ao tipo do movimento efetuado sobre o objeto	147
II.2.7.	'Tira' e 'Pega'	151
II.2.8.	'Põe'	153
II.2.8.1.	No que se refere aos esquemas interacionais	154
II.2.8.2.	No que se refere à fase do evento: 'antes', 'durante' ou 'depois'	155
II.2.8.3.	No que se refere ao 'agente' do movimento sobre o objeto: I. ou T.	155
II.2.8.4.	No que se refere às formas lingüísticas	159
II.2.8.5.	No que se refere aos objetos envolvidos	

	nas várias situações interacionais	160
II.2.8.6.	No que se refere ao tipo do movimento efetuado sobre o objeto	161
II.2.9.	'Tira' e 'Põe'	166
II.2.10.	'Coõca'	172
II.2.10.1.	No que se refere aos esquemas inte- racionais	172
II.2.10.2.	No que se refere ã fase do evento: 'antes', 'durante' ou 'depois'	174
II.2.10.3.	No que se refere ao 'agente' do mo- vimento sobre o objeto	175
II.2.10.4.	No que se refere às formas lingüís- ticas	178
II.2.10.5.	No que se refere aos objetos envol- vidos nas várias situações interacio- nais	179
II.2.10.6.	No que se refere ao tipo do movimen <u>o</u>	

	to efetuado sobre o	
	objeto	180
II.2.11.	'Põe' e 'Coõca'	182
II.2.12.	'Descê'	183
II.2.12.1.	No que se refere aos esquemas interacionais	183
II.2.12.2.	No que se refere à fase do deslocamento do objeto: 'antes' , 'durante' ou 'depois'	184
II.2.12.3.	No que se refere ao 'agente' do movimento sobre o objeto: I. ou T.	185
II.2.12.4.	No que se refere às formas lingüísticas .	186
II.2.12.5.	No que se refere aos objetos envolvidos nas várias situações interacionais	190
II.2.12.6.	No que se refere ao tipo do deslocamento do objeto	191
II.2.13.	'Caiu' e 'Descê'	192
II.2.14.	'Subí'	193
II.2.14.1.	No que se refere aos esquemas interacionais	194
II.2.14.2.	No que se refere à fase do deslocamento	

do objeto: 'antes', 'durante' ou 'depois'	195
II.2.14.3. No que se refere ao 'agente' do movimento sobre o objeto: I. ou T.	195
II.2.14.4. No que se refere às formas lingüísticas.	196
II.2.14.5. No que se refere aos objetos envolvidos nas várias situações interacionais.....	198
II.2.14.6. No que se refere ao tipo do deslocamento do objeto.....	198
II.2.15. 'Descê' e 'Subí'	199
Notas do Capítulo II	202
CAPÍTULO III - CONCLUSÕES	208
BIBLIOGRAFIA	217
APÊNDICE	

CAPÍTULO I

I.1 Introdução

É objetivo deste trabalho o estudo da sequência de emergência de expressões de relações espaciais nos estágios iniciais de aquisição do português e de suas relações com a emergência posterior de preposições e advérbios descritas na literatura psicolinguística.

Pretende-se verificar se as hipóteses propostas como explicativas para a aquisição de categorias como preposições, adjetivos e advérbios, podem ou não abranger as expressões locativas dinâmicas que têm sido excluídas das investigações sobre a aquisição de expressões de relações espaciais que são mencionadas na literatura sobre a aquisição de línguas diversas.

A partir da concepção bastante difundida de que o processo de desenvolvimento da linguagem é precedido e determinado, pelo menos parcialmente, pelo desenvolvimento da criança nos domínios perceptual e/ou cognitivo, duas hipóteses de aquisição de expressões de relações espaciais foram inicialmente, levantadas: uma hipótese perceptualista, representada pelo trabalho de H. Clark (1973), e uma hipótese cognitivista, representada pelas propostas de Brown (1973) e Edwards (1973) que procuram vincular a emergência de estruturas e categorias linguísticas às categorias práticas que Piaget postula como construídas no período sensório-motor.

A hipótese de H. Clark (op. cit.) acentua que

o desenvolvimento das noções espaciais é determinado por fatores exclusivamente perceptuais, característica da percepção humana face a objetos. Essa proposta logo mostrou-se insuficiente para explicar todas as expressões de relações espaciais presentes na linguagem da criança. De acordo com o autor, a emergência das expressões de relações espaciais estáticas deve anteceder a emergência das expressões de relações espaciais dinâmicas no processo de aquisição de linguagem. Em estudos como os de Braine (1971), Brown (1973), Bloom (1973), De Lemos (1975), Macrae (1975), Mayrink (1975) e Gopnik (1977), encontra-se contra-evidência empírica a essa hipótese com a constatação de expressões locativas dinâmicas desde o estágio de um vocábulo, simultaneamente às manifestações mais primitivas de expressões de relações espaciais estáticas e anteriormente à emergência das primeiras preposições que denotam localização estática.

Procurou-se, a seguir, uma explicação, para os problemas levantados, na hipótese que tinha por base a proposta de desenvolvimento cognitivo de Piaget. Se, para Piaget, as relações espaciais resultam da coordenação dos vários esquemas de ação, que envolvem basicamente deslocamentos da própria criança - e de objetos pela criança, as primeiras expressões de relações espaciais deveriam ser expressões locativas dinâmicas.

A oposição "hipótese perceptualista vs hipótese cognitivista" apontava para a importância que poderia vir a ter, tanto para a psicolinguística como para a psicologia do desenvolvimento, o estudo das primeiras expres

sões de relações espaciais, justificando os objetivos a que se propõe este trabalho, especificados no início.

A insatisfação com as duas hipóteses acima citadas, entretanto, logo se fez sentir. Ao terminar a pesquisa da literatura psicolinguística, que tem por base uma ou outra hipótese, tornou-se clara a insuficiência de ambas para explicar a aquisição de linguagem.

É fundamental notar que, em ambas as hipóteses, a linguagem representa ou é suporte de um conhecimento do mundo previamente construído. Nesse sentido, a emergência de expressões de relações espaciais na fala da criança significaria o domínio das noções espaciais que ali encontrar-se-iam representadas.

Uma crítica que pode ser levantada às hipóteses perceptualista e cognitivista é a da ausência de explicação para o processo pelo qual os conceitos adquiridos em um nível não-linguístico são mapeados ou projetados sobre a linguagem. A saber: como se constroem as relações entre conceitos previamente dados e as expressões linguísticas registradas nos períodos iniciais de aquisição de linguagem.

Note-se que a questão levantada aponta para um mapeamento unidirecional de estruturas linguísticas em estruturas previamente analisadas e construídas em um domínio não-linguístico.

Isso equivale a destituir-se a linguagem de qualquer participação na constituição desses mesmos conceitos.

Repensar a questão do mapeamento entre estru

turas lingüísticas e não-lingüísticas em termos bidirecionais (De Lemos, em preparação; De Lemos e Mota Maia , 1983) levou à adoção de uma proposta socio-interacionista de aquisição e desenvolvimento, segundo a qual a linguagem é constitutiva dos conhecimentos e dos sujeitos interagentes. De acordo com De Lemos (1983:4) "...tanto a interação adulto-criança quanto a linguagem são consideradas como atividades constitutivas e mutuamente transformadoras dos sujeitos e dos objetos através dela construídos".

Assim, à linguagem está-se atribuindo um estatuto de atividade cognitiva, ou de ação sobre o mundo, e um estatuto de atividade comunicativa, ou de ação sobre o outro (De Lemos, 1982). Por outro lado, pode-se atribuir à criança uma atividade comunicativa, com a utilização de canal e modalidade diversa da linguagem, precedente à atividade mais especificamente lingüística (Camaioni, 1980). Isso significa supor-se uma continuidade entre a atividade comunicativa pré-lingüística e a atividade lingüística.

É no primeiro ano de vida que comportamentos reflexos e involuntários da criança transformam-se em comportamentos comunicativos. Nas atividades dialógicas entre a criança e um interlocutor básico, que partilham as experiências sociais, dá-se essa transformação: o interllocutor interpreta os comportamentos reflexos da criança 'como se' ela quisesse ou tivesse a intenção de se comunicar. Dessa forma, o adulto incorpora os comportamentos da criança, dando-lhes um estatuto dialógico, transformado-os em comportamentos sociais. Aos poucos, a criança vai incorporando às suas ações as intenções atribuídas

pelo adulto, transformando-os, por sua vez, também em atos sociais (Lier, 1983).

Nas atividades dialógicas, que supõem o dar e receber, a troca, a permuta, os objetos do mundo físico e social são recortados, tornando-se objetos de conhecimento partilhado.

A linguagem também se atribui um estatuto de objeto sobre o qual se atua. Sua emergência decorre da construção conjunta que se dá em situações de interação entre a criança e um interlocutor privilegiado 'no momento em que o objeto a ser permutado é o som da fala' (Lier, 1983).

Nessa perspectiva socio-interacionista, processou-se a análise dos dados que estão no âmbito deste estudo.

Convém ressaltar, entretanto, que o trabalho de coleta e interpretação dos dados teve início em um momento em que se contava com as duas hipóteses inicialmente levantadas: perceptualista e cognitivista. A nova proposta assumida, ou proposta socio-interacionista, começava a se delinear, consolidando-se em um momento em que este trabalho já estava em desenvolvimento. Sua forma mais consistente encontra-se em De Lemos (1982).

Isso justifica a exposição na introdução dos comentários acima feitos sobre a hipótese socio-interacionista, hipótese essa cujos pressupostos teóricos formam a base de sustentação da interpretação das expressões de relações espaciais que constituem o corpus analisado neste estudo.

A resenha da literatura sobre as hipóteses perceptualista e cognitivista está contida no item (I.2), a seguir.

Em (I.3) encontram-se delineadas e discutidas propostas de análise semântica que poderiam ter sido utilizadas neste estudo. Tais propostas, que implicam uma visão cognitivista, revelaram-se tão insatisfatórias quanto as hipóteses perceptualista e cognitivista estrita. São modelos de análise construídos para dar conta da linguagem do adulto e que isolam os comportamentos lingüísticos da criança de seus comportamentos sociais, não considerando, portanto, o processo de construção das categorias lingüísticas, que são vistas como dadas ou já construídas.

O capítulo II, dedicado à análise e discussão dos dados, inicia-se com a apresentação da metodologia utilizada na coleta, seleção e interpretação dos dados. Nesse item, estão inseridas as dificuldades enfrentadas devido à adoção de uma nova proposta interpretativa. Em seguida, apresenta-se a análise e discussão das diferentes instâncias de cada forma lingüística, passível de ser interpretada como uma expressão locativa dinâmica na fala do sujeito.

No terceiro capítulo, são expostas as conclusões gerais deste estudo. A ele se segue a bibliografia utilizada.

O Apêndice é constituído por quadros onde se encontram registradas as situações de uso dos vocábulos analisados, tanto da fala da criança como de seus interlocutores.

I. 2. Resenha da literatura sobre aquisição e desenvolvimento de expressões de relações espaciais.

I. 2.1. Hipótese Perceptualista

Representando uma visão perceptualista da aquisição das expressões de relações espaciais, pode-se citar o trabalho de H. Clark (1973). Dentro dessa visão perceptualista, o desenvolvimento da linguagem é precedido e determinado, pelo menos parcialmente, pelo desenvolvimento da criança no domínio perceptual. (1)

H. Clark (1973), com base na descrição proposta por Leech (1969), a respeito dos sub-sistemas do léxico do inglês que expressam relações espaciais, e nas características da percepção humana, apresenta uma proposta ampla e pormenorizada a respeito da aquisição de preposições, adjetivos e advérbios. Para ele, o domínio gradual das relações espaciais e, também, temporais, manifestadas por essas categorias, é determinado por uma hierarquia de complexidade definida no nível perceptual. Mais precisamente, suas hipóteses são:

i. hipótese de correlação; segundo a qual os traços semânticos que definem o conteúdo das expressões de relações espaciais são correlatos de fenômenos perceptuais;

ii. hipótese de complexidade, segundo a qual a ordem de aquisição dos sub-sistemas, acima mencionados, é determinado, como já foi dito, pela complexidade de seus correlatos perceptuais.

Baseando-se parcialmente no modelo de descrição

semântica de Leech (1969), H. Clark (op. cit.), distingue as preposições que denotam relações espaciais estáticas, como in e on, das preposições que denotam relações espaciais dinâmicas, como to e onto. Dentro da sub-classe de preposições que expressam relações estáticas opõe as que expressam posição simples (at, on e in) às que expressam posição relativa (in front of, behind, to the left of, etc.)

Para ele, as preposições que se referem à posição simples dos objetos devem emergir, na linguagem das crianças, antes das preposições que se referem à posição relativa. Segundo H. Clark (op. cit.), a atribuição de menor complexidade às preposições que exprimem posição simples se justifica pelo fato de conterem elas uma das noções mais básicas de localização, no nível perceptual, que é a localização pontual, ou seja, posicionamento de um objeto em um ponto.

Apesar de ter adotado a proposta de Leech (1969), H. Clark (1973) reformula algumas de suas definições, como é o caso no que se refere à posição simples e posição relativa. Segundo Leech (op. cit.), posição simples é a relação estabelecida entre um objeto e uma entidade concebida como 'lugar' e posição relativa é uma relação entre dois ou mais objetos, sendo que qualquer dos objetos considerados pode ser eleito como ponto de referência para a localização do outro⁽²⁾. H. Clark (op. cit.), por sua vez, não inclui o conceito de 'lugar' em suas definições. Para ele, o objeto é sempre localizado em relação a outras coisas no espaço, que podem ser pontos,

linhas ou planos de referência (op. cit.:32).

Para H. Clark (1973), as preposições exprimem certas pressuposições sobre a dimensionalidade de seus pontos de referência (op.cit.:40). Assim, no que diz respeito às preposições que expressam relações espaciais estáticas simples, a preposição at do inglês se refere a contiguidade ou justaposição simples, on é usada para objetos-referência uni ou bidimensionais e in quando se trata de área fechada ou volume, ou seja, objetos bi ou tridimensionais (3). Para o autor, o ponto de referência tridimensional é mais complexo do que o unidimensional. Desse modo, considera a preposição in, do inglês, mais complexa do que on que deve, portanto, preceder in no processo de desenvolvimento lingüístico (4).

Quanto as preposições e locuções prepositivas que exprimem posição relativa entre dois objetos, H. Clark (op.cit.) classifica-as de acordo com o sistema de eixos implicado pelas mesmas.

Tendo em vista o fato de que o homem se locomove e assume uma posição vertical na vida ordinária, H. Clark (op.cit.) considera esta dimensão como a de maior saliência perceptual e as preposições que se referem a este eixo (over/under) menos complexas. Quanto ao eixo horizontal, define como primário o eixo 'frente/trás', expresso pelas preposições in front of/behind, e secundário o eixo 'direita/esquerda', expresso pelas locuções preposicionais to the right of/ to the left of. A primazia do eixo 'frente/trás' relativamente ao horizontal secundário, está associada a uma série de fatores como, por exemplo,

o fato de que, no que diz respeito aos seres animados, esta é a direção de seus movimentos ⁽⁵⁾.

Ainda segundo o autor, as relações espaciais dinâmicas são mais complexas do que as relações espaciais estáticas, por envolverem direção além de posição. Em vista disso, propõe que as preposições que expressam relações espaciais dinâmicas devem aparecer, na linguagem da criança, em período posterior à emergência das preposições que manifestam relações espaciais estáticas. As preposições to, onto, into, do inglês, são contrapartes dinâmicas de at, on e in, exprimindo direcionalidade positiva, pois se referem ao destino do movimento, enquanto que from, out of e off, são suas contrapartes negativas, já que se referem à origem do movimento.

H. Clark utiliza-se da noção de marca ⁽⁶⁾ para formalizar essa hierarquia de complexidade do ponto de vista da teoria lingüística. Segundo o autor, as preposições que exprimem posição simples em inglês - at, on e in - são não-marcadas em relação as que expressam direção, as preposições que possuem o traço de unidimensionalidade - at, to e from - são não-marcadas relativamente às preposições bi e tridimensionais, on/onto/off e in/into/out of, respectivamente.

Com a introdução do falante e/ou ouvinte no espaço lingüístico, o ego pode servir como ponto de referência (op. cit.:44), definindo espaço egocêntrico e não-egocêntrico. Para H. Clark (1973), o ego é o ponto de referência nos casos não-marcados relativamente à distância ou quando os pontos de referência não são especificados.

Em trabalhos como os de E. Clark (1972), no

que diz respeito à aquisição do inglês, e Pereira (1977) , no que diz respeito à aquisição do português, encontram-se dados que vêm ao encontro da hipótese de H. Clark acima delineada.

E. Clark (op.cit.), investigando a compreensão das preposições in, on e under, em experimentos com trinta sujeitos cuja idade ia de 1;6 a 2;11, comprova parcialmente (7) a hipótese de H. Clark (1973), no que se refere às preposições simples e relativas, na medida em que in e on se mostraram mais simples ou de mais fácil compreensão para as crianças do que a preposição under.

Pereira (1977) estudou a emergência das preposições e as relações semânticas por elas expressas na produção de uma criança brasileira, no período de 1;2 a 2;11. Os dados obtidos por Pereira (op.cit.:115) comprovam em grande parte a hipótese de H. Clark (op.cit.), pois fornecem evidência empírica à:

- precedência de expressões simples sobre expressões de posição relativa (por exemplo, a preposição 'em' apareceu antes de 'em cima de');
- precedência de expressões de relações espaciais estáticas sobre expressões de relações espaciais dinâmicas simples (por exemplo, a preposição 'em' apareceu antes de 'para');
- precedência de expressões de posição relativa associadas ao eixo vertical sobre expressões de relações espaciais associadas ao eixo horizontal primário (por exemplo, 'em cima de' e 'embaixo de' apareceram antes de 'na frente de' e 'atrás de').

Cabe ainda chamar a atenção para o fato de que as propostas e investigações mencionadas excluem de consideração outros tipos de expressões de relações espaciais que antecedem a emergência das preposições, como partículas e formas que se assemelham a verbos, constatadas em pesquisas sobre períodos iniciais de aquisição de linguagem, como, por exemplo, Braine (1971) que ao postular categorias lingüísticas para o estágio de dois vocábulos, refere-se às partículas⁽⁸⁾ de movimento como up, down, etc. como membros da classe pivô, juntamente com outros elementos como no, more, etc. Igualmente Brown (1973), refere-se às partículas up, down, off, etc, como partículas, provavelmente, derivadas (op.cit.:80) das partículas que aparecem em combinação com verbos de ação na linguagem adulta (take off, por exemplo). Bloom (1973) registrou o uso dessas partículas entre as primeiras emissões de um vocábulo de sua filha Allyson.

Podemos mencionar também o estudo de Gopnik (1977), que analisou a linguagem de nove crianças, no estágio de um vocábulo, quanto ao uso de expressões não-nominais. Neste trabalho, a autora afirma que as partículas down, up, in, out, etc., eram, inicialmente, usadas para exprimir movimentos em uma determinada direção e só posteriormente para exprimir posição estática⁽⁹⁾.

Temos também o estudo de Macrae (1975) sobre os verbos de movimento go e come, usados, na maioria das vezes, com partículas designativas de direção (up, down, out, off, etc) na linguagem de crianças no período de 1;3 a 2;9. Macrae (op. cit.) observou que as crianças primeiro

utilizam as partículas isoladamente, para depois uni-las aos verbos:

"It would appear that the children first develop a working knowledge of a set of spatial relational terms and then start applying go or come to the members of this set..." (op. cit.:200).

Nos mesmos contextos de ocorrência das partículas designativas de direção em estágios iniciais de aquisição do inglês, encontram-se nas pesquisas sobre aquisição do português formas semelhantes a verbos de movimento como 'pô' (no contexto de on), 'descê' (no contexto de down), 'subí' (no contexto de up), 'tirá' (no contexto de off) e outras formas do mesmo tipo na linguagem do adulto. Essas expressões de relações espaciais dinâmicas foram observadas por De Lemos (1975), Mayrink (1975) e Pereira (1977), ao lado de outras expressões de relações espaciais como, por exemplo, o uso de dêiticos 'aí', 'aqui', 'ete', em resposta a perguntas do tipo 'Cadê X?' e 'Onde está X?' ou para se referir a entidades e objetos presentes no contexto imediato.

Em todos os estudos mencionados foi constatada a presença de expressões locativas dinâmicas, simultaneamente às manifestações dêiticas de expressões de relações espaciais estáticas e anteriormente à emergência das primeiras preposições que denotam localização estática. Este fato representa uma contra-evidência empírica a hipótese de complexidade perceptual de H. Clark (1973), segundo a qual expressões de relações espaciais dinâmicas devem emergir depois de expressões de relações espaciais estáticas.

A hipótese de H. Clark (op. cit.), caracterizada pelo fato de que o desenvolvimento das noções espaciais é determinada por fatores exclusivamente perceptuais, característica da percepção humana de objetos, é, portanto, insuficiente para explicar o desenvolvimento das expressões de relações espaciais.

I. 2.2. Hipótese Cognitivista

Para aqueles que adotam uma hipótese cognitivista, o desenvolvimento lingüístico é visto como precedido e, pelo menos parcialmente, determinado pelo desenvolvimento cognitivo da criança. Hipóteses deste tipo caracterizaram a literatura psicolingüística, no início dos anos 70, a partir da constatação de que as regularidades encontradas no estágio 1 do desenvolvimento de crianças em processo de aquisição de línguas diversas eram antes semânticas que sintáticas.

Para autores como Brown (1973) e Edwards (1973), essas regularidades, por serem semânticas, seriam melhor descritas dentro de uma gramática de casos. Casos estes associáveis às categorias ou conceitos que Piaget propõe no período sensório-motor. Assim, Brown (op.cit.) relaciona às estruturas cognitivas as relações semânticas que, para ele, juntamente com as 'operações de referência', constituem os significados fundamentais do estágio 1. Essas relações são: Agente - Ação, Ação - Objeto, Agente - Objeto, Entidade - Possuidor, Demonstrativo-Entidade e Ação-Locativo (cf. Brown, op.cit.).

Para os autores mencionados, as categorias e conceitos adquiridos durante o período sensório-motor, que termina por volta dos 18 - 24 meses, quando a criança se torna capaz de representar mentalmente essas estruturas e categorias, serão representados linguisticamente no período de dois vocábulos.

Como se verá mais abaixo, a tentativa desses autores de explicar o desenvolvimento linguístico através do desenvolvimento cognitivo, proposto por Piaget, não tem em vista as expressões de relações espaciais que estariam subsumidas na categoria Locativo. Dado o objetivo deste trabalho, cabe, porém, aqui, expor como, dentro da visão piagetiana, são construídas as relações espaciais.

Para Piaget (1975), é a ação da criança o fator principal para a construção deste conhecimento sensório-motor. Isso leva a se contrapor a proposta de Piaget à proposta de H. Clark (1973), na medida em que, para o primeiro, a posição é construída a partir da ação da criança sobre os objetos do mundo físico enquanto que, para o segundo, a direção (ação) tem como pré-requisito a posição.

Na proposta piagetiana, a construção da noção de espaço, assim como as noções de objeto permanente, causa e tempo, é o resultado da coordenação dos vários esquemas de ação do sujeito sobre o meio. Isto equivale a dizer que, envolvendo esses esquemas de ações basicamente deslocamentos da própria criança - e de objetos pela criança - é a partir dessa relação dinâmica da criança com objetos e pessoas que serão construídas as relações espaciais.

ciais, primeiro em um nível motor e, depois, em um nível representativo.

Para Piaget (1975), a noção de objeto referencial é uma das noções constitutivas do espaço. Enquanto H. Clark (1973) trata de pontos, linhas e planos de referência que se diferenciam por serem uni/bi ou tridimensionais, Piaget (op. cit.) trata de referencial como sendo o objeto ou elemento que constitui o conteúdo do espaço. Independente de suas características dimensionais, estes elementos limitam o espaço e toda noção de deslocamento e posicionamento de objetos se faz em função desses objetos referenciais.

No início, a criança não pode constituir objetos referenciais, pois, para ela, o universo ainda não possui objetos com formas e dimensões permanentes. Os objetos só existem como prolongamentos de suas atividades sensoriais e, ao mesmo tempo, o sujeito ainda não se concebe como um elemento capaz de deslocamentos sucessivos independentes do mundo exterior.

Dentro desse espaço prático, a criança ainda não percebe que os movimentos executados por ela se dão em relação a outros objetos, e não é capaz de distinguir as mudanças de posição das mudanças de estado. 'A ação cria o espaço mas ainda não se situa nele' (op.cit.: 97).

Com a coordenação da visão e apreensão, a criança começa a perceber as suas ações sobre os objetos o que leva à percepção dos deslocamentos dos objetos e de seus próprios deslocamentos. O espaço, nesta fase,

consiste num sistema de relações centradas no sujeito, o que define os grupos subjetivos ⁽¹⁰⁾. Os deslocamentos dos objetos ainda estão vinculados à ação do sujeito, pois basta saírem do campo da percepção imediata para reentrarem no nada.

A coordenação entre a visão e a apreensão possibilita à criança a aquisição da noção de 'frente' e 'atrás' em relação ao espaço próximo. Mas a criança ainda não tem a noção de objetos situados uns atrás dos outros, pois as distâncias dos objetos se dão somente em relação a ela própria num espaço próximo, não percebendo a distância relativa entre os objetos.

Este é um aspecto divergente entre a proposta de H. Clark (1973), descrita anteriormente, e a de Piaget (op. cit.). Isto porque, para o primeiro, a posição relativa dos objetos é mais simples e, por isso, emerge anteriormente a relação espacial dinâmica. No entanto, para Piaget, a posição relativa dos objetos é construída a partir dos deslocamentos desses mesmos objetos, os quais, numa primeira fase, são postos em relação à criança, para, mais tarde, serem relacionados entre si.

Com a 'aplicação de meios conhecidos a novas situações' (op. cit.: 143), a criança toma conhecimento da 'reversibilidade das operações', o que constitui um grupo elementar, mas ainda vinculado a ação do sujeito.

Nesta fase, as mudanças de posição começam a ser diferenciadas das mudanças de estado, pois o sujeito já é capaz de separar seus deslocamentos dos deslocamentos do objeto. A criança dessa fase ainda é incapaz de se

situar como uma totalidade num espaço imóvel em que se desloca.

Com a busca de objetos atrás uns dos outros, a criança inaugura uma ordenação efetiva dos planos de profundidade, percebendo os objetos 'na frente' ou 'atrás de' um objeto referencial. A criança começa a adquirir uma noção de planos em uma terceira dimensão.

Apesar da criança colocar objetos dentro de outros, esse comportamento ainda faz parte do grupo das operações reversíveis simples, isto é, ela ainda é incapaz de estabelecer relações entre os próprios objetos. Nesta fase, são estabelecidas apenas algumas relações simples como 'afastar de' e 'aproximar de'.

À medida que o campo das ações da criança vai se ampliando, com a possibilidade de acercar-se dos objetos, o sujeito vai fazendo como que um estudo dos deslocamentos visíveis, distanciando e aproximando objetos, jogando-os para tornar a pegá-los, etc., assim como estuda os movimentos desses corpos em suas relações mútuas - coloca os objetos uns sobre os outros, uns dentro de outros, etc. Com estes comportamentos a criança começa a tomar consciência de diversos planos de profundidade e de relações independentes dela própria. O sujeito passa a conceber o espaço como um campo homogêneo em que os objetos se deslocam em relações recíprocas. Há a constituição dos 'grupos objetivos de deslocamentos'. O interesse da criança pelas inter-relações espaciais dos objetos a leva à aquisição da conduta de suporte e da noção prática de continente-conteúdo.

Entretanto, esses grupos objetivos continuam limitados aos deslocamentos diretamente percebidos. Sem a representação dos deslocamentos invisíveis o universo da percepção mantém-se incoerente ou, pelo menos, incompreensível e, para situar-se no espaço e atingir, assim, a relatividade constitutiva de um espaço Homogêneo, a própria criança tem necessidade de representar-se a si mesma e de imaginar os seus próprios deslocamentos como se os visse do exterior (op. cit.:189).

Com os grupos representativos, as relações de reciprocidade são estabelecidas entre os objetos móveis, sejam eles quais forem, e entre eles e o próprio corpo, concebido num plano idêntico ao dos demais objetos.

A criança descobre seu próprio corpo e o situa no espaço com os outros objetos, estabelecendo um conjunto de relações de reciprocidade entre os seus próprios movimentos e os do exterior.

Resumindo, pode-se dizer que, para Piaget, a ação da criança sobre o mundo leva-a à construção de relações espaciais centradas na sua própria ação, ou melhor, de um ponto de referência ego que se encontra no início da construção das categorias e conceitos que constituem as relações espaciais, para um espaço onde essas relações são estabelecidas entre os objetos e pessoas independentes do sujeito.

De acordo com a teoria piagetiana, o final do período sensório-motor não significa o final da construção das relações espaciais. Para ele, cada estágio representa a reconstrução do estágio anterior em um outro nível. Assim,

a construção efetuada durante o período sensório-motor é retomada em outro nível, que é o plano representativo.

No entanto, esta construção progressiva das relações espaciais não é tomada em consideração pelos autores que tentaram usar o modelo piagetiano de desenvolvimento na descrição do período inicial de aquisição de linguagem. Na verdade, eles se limitam a estabelecer analogias entre relações semânticas expressas linguisticamente e categorias e conceitos totalmente construídos no nível cognitivo. É o que podemos verificar no trabalho de Edwards (1973) que estabelece analogias entre as categorias cognitivas construídas no período sensório-motor e as relações semânticas expressas por enunciados de dois ou mais vocábulos.

Em primeiro lugar, isso equivale a ignorar o período de enunciados de um vocábulo, em que esta construção progressiva poderia estar representada. Em segundo lugar, as analogias não são estabelecidas entre o desempenho da criança ao nível não-verbal e o seu desempenho verbal, mas entre as categorias propostas por Piaget e as gramáticas de caso adaptadas à descrição do estágio de enunciados de dois vocábulos.

No que diz respeito particularmente as relações semânticas das expressões locativas, estas são, para Edwards (op.cit.), descrições da localização estática dos objetos ou das mudanças de posição que envolvem origem e destino dos movimentos. Adotando a proposta de Chafe (1970), segundo a qual o verbo é o elemento central que determina e seleciona os casos que o acompanham, Edwards (1973) defi-

ne os verbos estativos locativos como aqueles que se referem à posição estática e que devem vir acompanhados de um elemento do caso Objetivo e um elemento do caso Locativo . Os verbos causativos locativos se referem às ações provocadas por um elemento definido como Agente, um Objeto que sofre a ação do mesmo e a direção do movimento em função de sua Origem ou Destino ⁽¹¹⁾ . As relações semânticas que expressam o grupo de deslocamentos na linguagem são formalizadas da seguinte forma:

Estado 1 - Objeto + V. estativo locativo + Localização 1

Operação - Agente + Objeto + V. causativo locativo + Origem
Destino

Estado 2 - Objeto + V. estativo locativo + Localização 2

(op.cit.: 422).

onde 'estado 1' é a posição estática inicial, a operação é a ação de um agente que move o objeto de sua posição de Origem (Localização 1) para o Destino (Localização 2) e ' estado 2' é a nova relação locativa estática entre objeto e lugar (op. cit.:422). Esta operação é passível de retorno ao ponto de partida, com a localização 2 se tornando a origem e a localização 1 o destino do movimento.

No que foi descrito acima, pode-se observar o caráter genérico do caso Locativo que cobre os diversos tipos de relações espaciais que são mencionadas por Piaget . Além do mais, é preciso salientar o fato de que mesmo a sequência esperável a partir da construção das categorias espaciais do período sensório-motor não é encontrada na formalização de Edwards (op.cit.).

A partir do momento em que Piaget considera a ação do sujeito sobre o mundo como o início da construção da noção de espaço, sendo este próprio mundo considerado pelo sujeito como prolongamentos de suas ações, para somente no final do período sensório-motor ser considerado independente do sujeito, as primeiras expressões de relações espaciais deveriam ser expressões locativas dinâmicas. No entanto, o ponto de partida ou estado I da formalização das relações semânticas que expressam o grupo de deslocamentos espaciais na linguagem, descrita anteriormente, é composta de um verbo estativo e de uma relação estática entre objeto e lugar.

O fato de Brown e Edwards terem omitido de consideração as emissões de um vocábulo, como já foi mencionado, leva a se citar outros estudos que, adotando uma hipótese cognitivista, procuram relacionar o desenvolvimento cognitivo às expressões linguísticas de um vocábulo.

Dentro desta visão, encontra-se o estudo de Gopnik (1977), para a qual as expressões não-nominais, encontradas nas emissões de palavras isoladas, estão relacionadas a uma capacidade simbólica que permite o uso dessas expressões para "codificar as relações entre a criança, suas ações e objetos" (op.cit.:26).

Neste estudo, Gopnik (op.cit.) constatou que algumas das expressões, denominadas por ela como não-nominais, ocorreram em situações envolvendo 'direção'. A ordem de emergência dessas expressões usadas para exprimir direção dos movimentos, como down e up, revela um processo de decentração semelhante ao processo descrito por Piaget,

quanto ao desenvolvimento das categorias espaciais no período sensório-motor. Assim, Gopnik (op. cit.) constatou que os primeiros usos de expressões de direção da criança estavam relacionados aos seus próprios movimentos, sendo seguidos por usos referentes a movimentos causados por ela própria sobre objetos, posteriormente usados para movimentos causados por outros e, finalmente, por usos que se referiam a posições (op.cit.:16).

Este mesmo processo de decentração é descrito no trabalho de Volterra et al (1977), onde o desenvolvimento no uso das primeiras expressões de uma palavra foi relacionado ao desenvolvimento do jogo simbólico. Esta relação foi estabelecida a partir da constatação, pelos autores, de um progresso que revelava o que, para eles, foi denominado de fenômeno de decontextualização (op.cit.:22), tanto no jogo simbólico quanto nos contextos de uso dessas expressões. As várias etapas dessa evolução podem ser sintetizadas como segue (op.cit.:40):

- quanto ao uso das primeiras palavras:

- (1) a criança usa a palavra para acompanhar o esquema de ação;
- (2) a criança usa a palavra para antecipar ou recordar o esquema de ação;
- (3) a criança usa a palavra para designar pessoa ou objeto desse esquema;
- (4) a criança usa a palavra para categorizar nova pessoa, objeto ou evento.

- quanto ao jogo simbólico

- (1) a criança reconhece o uso apropriado do objeto;
- (2) a criança finge executar a ação;
- (3) a criança finge executar a ação produzida por outro, com pessoa ou objeto;
- (4) a criança usa objeto não-apropriado fingindo ser outro.

Para estes autores, a semelhança encontrada nas primeiras palavras usadas pelas crianças pode ser relacionada ao que Piaget denomina de pré-conceitos. Isto porque os primeiros usos dessas expressões acompanham os esquemas de ação como um todo e, para Piaget, estas palavras são parte da ação que a criança produz na presença de um certo tipo de objeto ou evento. Para ele, os primeiros esquemas verbais são esquemas intermediários entre o esquema sensório-motor e o esquema conceitual (op.cit.:42).

Apesar desses autores terem mostrado a relação entre a emergência da linguagem e os primórdios da capacidade simbólica, relação esta que advém de um processo de decentração, eles não explicam como se dá a aquisição, pelas crianças, dessas expressões lingüísticas que, em dado momento, começam a emergir, na medida em que esta relação é per se insuficiente para descrever e explicar o mapeamento de categorias ou conceitos previamente adquiridos e expressões lingüísticas.

Para finalizar, é importante que se saliente que a sequência de desenvolvimento das noções de espaço da teoria de Piaget, pode ser relacionada à emergência de expressões de relações espaciais dinâmicas anteriormente a

expressões de relações espaciais estáticas, constatadas por vários autores, como foi mencionado na resenha referente às hipóteses perceptualistas. Isto porque, dentro da teoria de Piaget, o movimento da criança é o fator principal para a construção da noção de espaço e a sequência de desenvolvimento dessa categoria tem, como ponto de partida, um espaço concebido como prolongamentos das ações da criança para, posteriormente, com o processo de decentração, ser concebido como relações estabelecidas entre pessoas e objetos, independente do sujeito.

I. 3. Propostas de análise semântica (12)

No ítem anterior, foram apresentados dois tipos de hipóteses sobre as primeiras manifestações de relações espaciais, vistas isoladamente ou como parte da produção da criança no período inicial de aquisição de linguagem: uma hipótese perceptualista e hipóteses cognitivistas. A primeira parte de uma hipótese psicológica e utiliza dados lingüísticos como evidência empírica que permite projetá-la sobre o processo de aquisição de linguagem. As segundas parecem representar tentativas de integrar, em uma teoria de aquisição de linguagem, modelos de desenvolvimento cognitivo e modelos de descrição lingüística (13).

Serão abordados, mais abaixo, os estudos de alguns autores cujas análises, baseadas em modelos lingüísticos de descrição semântica, incidem sobre dados

específicos da linguagem das crianças em processo de aquisição.

I. 3.1. Eve Clark e a análise componencial.

Um dos modelos de descrição semântica utilizado na descrição e explicação da aquisição do léxico é o modelo da análise componencial. De acordo com esta proposta de análise semântica, o significado de uma palavra é decomponível em traços, ou unidades mínimas de significado.⁽¹⁴⁾

Através dessa teoria de traços, E. Clark (1973) explica certos fenômenos de uso do léxico que são particulares do período inicial da aquisição de linguagem, quando a criança apresenta algumas generalizações no uso das palavras que não são encontradas na linguagem do adulto.

De acordo com esta hipótese, a aquisição do léxico pela criança se dá através da assimilação gradual dos traços que compõem o significado da palavra no uso adulto. A justificativa para esta hipótese está baseada no fato de que a diferença encontrada entre a linguagem da criança no período inicial e a linguagem do adulto evidencia a utilização, pela criança, de um número menor de traços.

Para a autora, o estudo desses 'erros referenciais' permite levantar os traços que compõem o significado das palavras para as crianças. Para ela, um dos erros referenciais mais comuns na linguagem das crianças é o fenômeno conhecido como 'overextension', ou seja, o uso da palavra para um conjunto mais amplo de referentes do que o uso adulto, como é o caso da palavra dog (cachorro), para a criança adquirindo o inglês, que é utilizado para

se referir tanto a cachorro quanto a outros animais (op. cit.:72).

De acordo com E. Clark (op.cit.), essa maior abrangência dos primeiros vocábulos é indicativa de que a ordem de aquisição dos traços semânticos vai do mais geral para o mais específico, ou melhor, para aqueles que diferenciam uma palavra da outra, que, por sua vez, são adquiridos a partir das novas palavras que vão sendo incorporadas ao vocabulário.

Segundo a autora, essa precedência de alguns traços sobre outros é atestada também no caso de termos relacionais, como os pares antônimos more/less, tall/short, big/small, etc., e de verbos como ask/tell, e os chamados termos 'overlaps', ou termos que compartilham alguns traços semânticos, como brother e boy, todos investigados por E. Clark neste estudo. Para a autora, se duas palavras são opostas e seus significados diferem simplesmente por um traço (ou pelo valor de um traço dentro de um sistema binário), ou melhor, se as palavras compartilham um número de traços, mas uma delas tem alguns traços adicionais mais específicos, então essas palavras são consideradas, no início, como tendo o mesmo significado. Mais tarde, a criança aprenderá os valores contrastantes de um traço ou os traços mais específicos que diferenciam os significados dessas palavras (op.cit.: 73).

No que se refere à aquisição de termos polares, E. Clark (op.cit.) utiliza, à semelhança de H.Clark (1973), a oposição, oriunda da teoria lingüística, não-

marcado vs marcado para explicar a precedência de uma relativamente ao outro na fala da criança. De acordo com a autora, os termos não-marcados são adquiridos primeiro, como é o caso de tall, no par tall/short. Nos pares em que este tipo de oposição não pode ser aplicado, tem-se a precedência dos termos positivos (ou que se referem a algum ponto positivo em relação a algum ponto standard de uma escala) em relação aos termos negativos (ou que se referem a algum ponto negativo em relação a algum ponto standard), como before antes de after, por exemplo (E. Clark, op. cit.:73).

Para a autora, a assimetria observada em relação aos termos marcado/não marcado e positivo/negativo, está relacionada à assimetria do aparato perceptual do organismo humano, que é a mesma assimetria perceptual mencionada por H. Clark (1973) e descrita nas páginas precedentes.

As 'generalizações' no uso das palavras também são relacionadas a fatores perceptuais e, segundo E. Clark, são baseadas no reconhecimento de similaridades entre os objetos ou eventos. As características perceptuais mais salientes para a criança são as de movimento, forma, tamanho, som, sabor e textura, como, por exemplo, o item lexical ball (bola), usado para 'bola de borracha' e generalizado para outros referentes, associados pela forma, como 'maçã' (op. cit.: 80).

Isso leva a autora a concluir que os traços semânticos iniciais são determinados por uma categorização perceptual anterior à linguagem. A estes serão acrescentados outros traços adquiridos com base em fatores cul

turais, sociais ou funcionais, que são incorporados mais tarde na estrutura do significado das palavras (15).

Cabe, neste ponto, salientar o fato de que E. Clark, ao propor esta hipótese, depreende os traços semânticos do uso das palavras pela criança e a explicação da sequência de aquisição desses traços é inferida desse uso, o que mostra a circularidade de sua argumentação.

Acrescente-se, ainda, que E. Clark, (op.cit.) propõe uma ordem de aquisição dos traços semânticos mas não apresenta nenhuma hierarquia perceptual na aquisição dos traços mais específicos, que são hierarquicamente dependentes na estruturação do significado de cada palavra.

Deve-se salientar, também, que esta proposta de aquisição de linguagem, da mesma maneira que as descritas anteriormente, propõe a aquisição e o desenvolvimento da linguagem a partir de conceitos previamente construídos. De acordo com a hipótese de aquisição de traços semânticos de E. Clark, os primeiros traços são adquiridos com base em fatores perceptuais.

Para ela, o desenvolvimento perceptual é anterior à linguagem, sendo a base sobre a qual a criança vai adquirir os significados das palavras. Conseqüentemente, os erros ou generalizações da criança não implicam em que ela não tenha a capacidade de discriminar objetos e eventos, mas sim que ela ainda deve aprender quais são os traços perceptuais linguisticamente relevantes na oposição semântica entre esses vocábulos.

Esta hipótese sobre aquisição de traços semânticos, entretanto, deixa sem resposta a indagação fundamen

tal a respeito da aquisição da linguagem, desde que não explica como se dá esse ajustamento da linguagem aos conceitos perceptuais adquiridos anteriormente.

Para finalizar, é importante que seja salientada a dificuldade da utilização desta hipótese ao léxico espacial dinâmico que, como já foi visto, está presente entre as primeiras palavras da criança. E. Clark (op. cit.), aliás, reconhece a dificuldade de estender sua hipótese para dar conta de algumas generalizações que pareciam ter por referência eventos ao invés de objetos, como, por exemplo, o item lexical our (abrir) usado por crianças adquirindo o francês (extraído dos dados de Guillaume - 1927) na referência a pedaços de casca de fruta, a caixas, a vagem de ervilha e na referência a sapatos que precisavam ser amarrados:

"There is a residual group of overextensions in which the words usually seem to refer to actions rather than to objects. The perceptual basis for these overextensions with verbal force can not be as readily identified with one or two perceived attributes of the situation."

(op.cit.:82)

Contudo, a autora apenas menciona essa dificuldade, deixando de lado as consequências que acarreta para sua hipótese. Assim, sua hipótese seria candidata a explicar apenas um sub-conjunto do léxico inicial e sua insuficiência fica ainda mais evidente se se toma em consideração estudos como os de Gopnik (1977) em que a ocorrência de expressões não-nominais, que estavam, na maioria das vezes, relacionadas a situações que envolviam eventos, como down, no, more, there, etc., foi anterior e em número bem maior que as expressões nominais.

Em outro trabalho, E. Clark. (1975) procura resolver o problema das generalizações das palavras que ocorrem em situações que envolvem eventos, com a introdução de um outro traço que não está vinculado à forma dos objetos, mas ao seu uso. Utilizando sua própria terminologia, estas palavras seriam generalizadas com base na função e não na forma dos objetos. A autora menciona, ainda, que a criança pode generalizar uma palavra em um contexto com base na função e, em outro, com base na forma, ou seja, o uso das propriedades particulares dos objetos pode variar de um contexto para outro (op.cit.:80). Disso se pode concluir, que as palavras, para as crianças, não possuem um significado fixo e que uma mesma palavra pode ser usada para exprimir significados diferentes de acordo com a situação em que a criança está envolvida no momento em que a emite.

Esta última observação levanta um outro problema, que parece estar relacionado a análise componencial, adotada pela autora, segundo a qual as palavras possuem um número fixo e restrito de traços e que não dá conta dessa variedade de significações. Como se verá no trabalho de Antinucci e Parisi (1973), uma análise de expressões não-nominais envolve muito mais traços ou componentes semânticos do que a análise de E. Clark propõe, com a simples introdução de apenas um traço (dado pela função do objeto).

Enquanto a análise de E. Clark incide especificamente sobre nomes, a análise de Antinucci e Parisi (1973) abrange os verbos ou não-nominais, dada, talvez, a centralidade do predicado na semântica gerativa. Para eles, a estrutura profunda de um enunciado é constituída

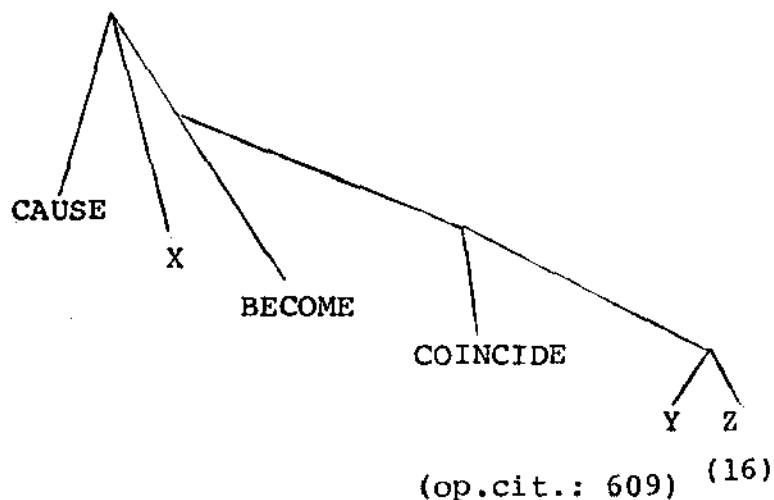
de predicados atômicos, que correspondem, de certa forma, aos verbos, e argumentos que correspondem aos nomes, os quais são selecionados pela estrutura semântica dos predicados. Assim, esta análise parece propor uma visão mais abrangente do significado das palavras que são emitidas pela criança do que a de E. Clark. (1973), já que pela análise componencial, adotada por ela, as emissões das crianças são representadas por um conjunto de traços especificado para cada vocábulo isoladamente, não dando conta da função sintática desses elementos lexicais, isolando, assim, o léxico da aquisição da sintaxe.

I. 3.2. A análise de verbos por Antinucci e Parisi (1973).

Como mencionado no item anterior, a análise semântica de Antinucci e Parisi (op. cit.) incide particularmente sobre os verbos, como, aliás, ocorre na maioria dos trabalhos da chamada semântica gerativa, modelo de descrição por eles adotado.

De acordo com este modelo de descrição semântica, as estruturas subjacentes são representações semânticas dos enunciados e contêm predicados e seus argumentos. A conversão desses predicados e argumentos em itens lexicais, que são as unidades de superfície, é operada através de regras de transformações gramaticais.

Um dos exemplos de Antinucci e Parisi (1973) é a representação, no léxico, do significado do verbo italiano dare (dar):



As variáveis X, Y e Z serão substituídas, na estrutura superficial, pela representação lexical do NP correspondente. Para os autores, na linguagem das crianças no período holofrástico, é comum encontrarem-se enunciados onde só a predicação é lexicalizada, por exemplo: da (dando alguma coisa para a mãe); ou somente Y é lexicalizado: iacca ('água' - pedindo água para a M.), ou, então, Z: a me ('para mim' - pedindo alguma coisa a outra pessoa) (17).

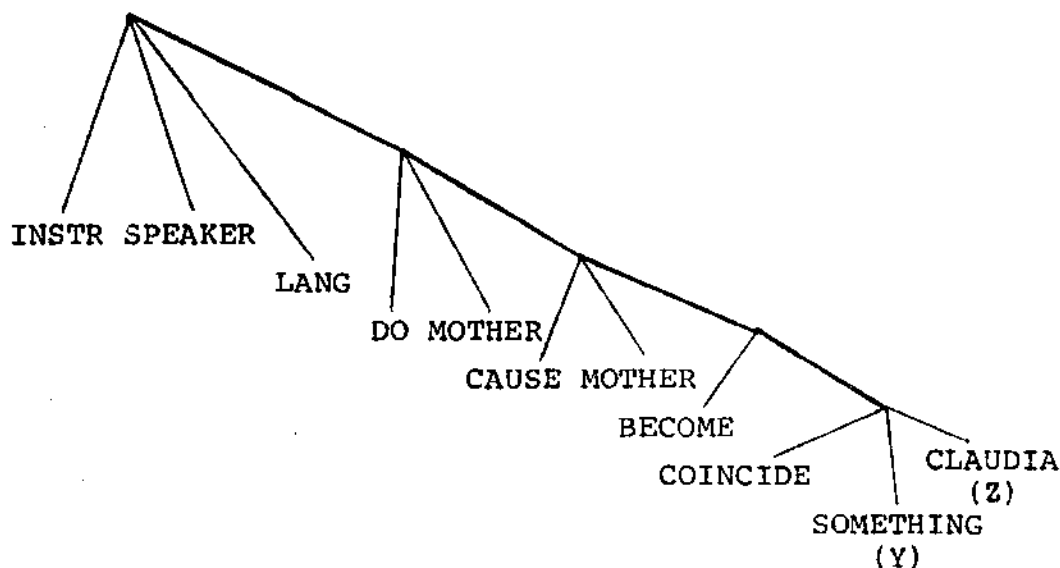
Apesar de nem todos os elementos que compõem a estrutura semântica subjacente serem sempre lexicalizados, a prova de sua existência, para eles, nos primeiros estágios de aquisição de linguagem - período holofrástico, período de enunciados de dois e três vocábulos - está em fatos como: i) a constatação de todos os componentes, separadamente, em vários dos enunciados da criança; ii) o aparecimento de todos os componentes, que não foram lexicalizados, no diálogo entre mãe e criança. Além do mais, a observação da situação, das ações e intenções da criança, no momento em que produz o enunciado, justifica a formula-

ção de uma estrutura subjacente mais complexa do que a estrutura superficial (op.cit.:611).

A estrutura semântica, descrita acima, para o verbo 'dar', tem que ser ampliada para, segundo os autores, representar não só os significados mas também as diferentes funções que o enunciado exprime, como, por exemplo, quando a criança usa a linguagem para a descrição de fatos ou para a requisição de algum objeto.

Para dar conta da representação das intenções do sujeito quando emite determinado enunciado, Antinucci e Parisi (1973) fazem uso do conceito de verbos performativos e não-performativos⁽¹⁸⁾, referindo-se os primeiros aos atos e os segundos a descrições de atos. Os autores adotam a proposta de Ross (1970), segundo a qual todo enunciado possui, em sua estrutura semântica subjacente, um verbo performativo que pode ser 'declarar', 'pedir', etc. (Antinucci e Parisi:615). Este verbo performativo, para Antinucci e Parisi (op. cit.), pode ser lexicalizado ou não e indica a função do enunciado.

A configuração semântica de um enunciado, por exemplo, em que a criança Cláudia estaria requisitando alguma coisa de alguém seria:



(op.cit.:617) (19)

onde o falante (no caso, Cláudia) usa a linguagem para que M. faça com que alguma coisa seja dada a ela.

É importante chamar a atenção para o fato de que se encontra na configuração semântica dos enunciados da criança, proposta por esses autores, uma ação intencional e uma mudança de estado ou lugar que é o objetivo dessa ação. A ação intencional está especificada na intenção do sujeito que fala para alcançar determinado objetivo, através da ação dele próprio ou do ouvinte. No caso da representação semântica do verbo 'dar', mencionada acima, a mudança de lugar está definida na coincidência espacial a ser estabelecida entre Y e Z, que é o objetivo da ação.

No entanto, 'coincidência espacial' parece ser uma relação muito ampla que incluiria dentro da mesma configuração semântica verbos cujos significados são considerados como diferentes de 'dar', como é o caso do verbo 'pôr', para o qual o objetivo da ação também pode ser tido como tornar coincidente espacialmente Y e Z. Para dar conta da diferença de significado entre esses verbos, poderia

ser sugerido, por exemplo, que os argumentos - Y e Z - fossem sub-categorizados em termos de alguma especificação do tipo animado ('dar' - Z animado) e inanimado ('pôr' - Z inanimado). Poderia ser sugerido, também, que, dentro dessa representação semântica, fosse incluído, além de coincidência espacial, a direção do movimento, necessária para a diferenciação entre 'pôr' e 'tirar'; por exemplo.

Apesar de Antinucci e Parisi (1973) não terem a intenção, neste estudo, de trabalharem com expressões de relações espaciais, as observações acima mostram que a análise semântica, proposta por eles, deveria sofrer algumas alterações para dar conta dos termos mencionados.

O fato desses autores terem também proposto essa análise semântica com base apenas em alguns enunciados da criança, levanta um problema no que se refere a utilização desta análise para dar conta da produção total da criança em um estudo longitudinal. Esta crítica foi levantada ao se tentar aplicar a análise semântica descrita em estudos como o de Farwell (1977).

A interpretação de Antinucci e Parisi (op.cit.) dos enunciados da criança que se referem a eventos em termos de objetivos finais definidos como mudança de estado ou lugar, vem ao encontro da proposta da autora mencionada, segundo a qual, nos estágios iniciais de aquisição de linguagem, a criança organiza seu sistema locativo em função do objetivo, considerado como ponto final de um movimento e o início de um estado (op. cit.:126).

Entretanto, a análise dos autores não dá conta do que, como descreve Farwell (op. cit.), os enunciados da

criança nos estágios iniciais se referem a ações/estados amalgamados, para, só mais tarde, encontram-se enunciados que se referem ao que ela denomina de ações ou estados "puros" ou isolados (op. cit.:128). De acordo com a autora, isto é demonstrado pela ausência, na linguagem das crianças, de expressões que se referem somente a movimentos, por um lado, ou somente a estados, por outro, assim como a constatação, a partir da observação do desenvolvimento do sistema lingüístico, do aparecimento, em um estágio posterior, de formas para se referir aos movimentos, como rock by (balançar) e, depois o aparecimento de formas para atividades e estados, como eat (comer), hot (quente), etc., e formas particulares para marcar o final dos movimentos.

Deve-se mencionar também que, tendo em vista o modelo da semântica gerativa adotado, para Antinucci e Parisi (1973) a estrutura profunda corresponde à interpretação de um enunciado. Para essa interpretação os autores utilizam dados extraídos do contexto extra-lingüístico e, também, como se vê pelos próprios exemplos citados por eles, elementos que pertencem ao contexto lingüístico, ou melhor, elementos que estão na fala de M. no diálogo com a criança. Assim, verifica-se que os autores estão utilizando, para a interpretação dos enunciados, uma unidade mais ampla que é o diálogo. Isso leva à indagação do estatuto desses elementos, visto que eles acabam por omitir de consideração esses dados fornecidos pelo diálogo, que foram relevantes para a interpretação semântica, ao restringirem sua análise aos enunciados isolados, como

pode ser verificado deste diálogo (op.cit.:614):

M: Cosa le dai alla bambola?

(O que você dá para a boneca?)

C: tutto

(biscoito)

onde, para eles, existe na estrutura profunda do enunciado - 'biscoito' - um predicado representado pelo verbo 'dar', mas não lexicalizado superficialmente, deixando de lado o fato de que este predicado se encontra no enunciado do interlocutor adulto - ('O que você dá para a boneca?').

Do que se pode concluir que essa análise semântica, com a existência de uma estrutura muito maior do que a parte lexicalizada, só é válida se se considerar a construção conjunta do adulto e criança.

NOTAS DO CAPÍTULO I

1. A proposta perceptualista de H. Clark (1973) difere da proposta de Bever (1970) e Slobin (1973), na medida em que H. Clark se refere ao desenvolvimento perceptual en quanto percepção visual das características físicas dos objetos enquanto que Bever (op. cit.) e Slobin (op.cit) se referem à percepção da fala.

2. Para Leech (1969), as preposições simples expressam relações assimétricas, ou seja, a inversão dos elementos no enunciado provoca alterações no significado, enquanto que as preposições relativas são simétricas, podendo haver inversão dos elementos, como é o caso da preposição 'com' do português, conforme o exemplo 'Maria está com João' e 'João está com Maria' (ignorando-se o fato de que elas se opõem na medida que apenas uma é a resposta apropriada para a questão 'Onde está João?' ou 'Onde está Maria?'). No caso, entretanto, de preposições como 'in front of', 'behind', também vistas, pelo autor, como preposições relativas, por expressarem posição relativa entre dois objetos em que nenhum deles pode ser entendido como Lugar (ao contrário das preposições simples) o problema da simetria é resolvido por uma série de sistemas propostos (ver, a esse respeito, Leech, op.cit.).

3. Para Fillmore (1971), in é usada para se referir a objetos que estão no interior de um objeto tridimensional e on para se referir a objetos que se encontram na

superfície de um objeto tridimensional, como é o caso , por exemplo, de in the earth (mundo) e on the earth (superfície) (op. cit.: 18).

4. Para Leech (1969), o fato dessas preposições se distinguirem por um traço de dimensionalidade não implica em uma hierarquia de complexidade, sendo todas derivadas a partir de um mesmo sistema. Para ele, o traço de dimensionalidade não reflete o caráter físico real da localização (op.cit.:161), mas depende da percepção ou concepção que o falante tem ou adota do objeto identificado como 'lugar'.

5. Em Fillmore (1971), encontra-se uma outra justificativa para a primazia do eixo 'frente/trás' em relação ao eixo horizontal 'direita/esquerda'. Essa primazia deve-se ao fato de que um determinado objeto pode ser especificado em termos de uma orientação quanto à frente/trás mesmo não possuindo qualquer característica que permita a determinação de uma orientação direita/esquerda. Por outro lado, um determinado objeto, para ser especificado em termos de seu eixo horizontal direita/ésquerda deve possuir orientação quanto à frente/trás e quanto ao eixo vertical. Para ele: 'The orientation left and right are fixed first of all human beings, and then by analogy to other sorts of objects which have the requisite up/down and front/back orientation' (op.cit.: 22).

6. Segundo H. Clark (1973), o termo marcado pode ser tanto determinado pelo uso de um elemento lingüístico extra quanto por 'condições', fora do enunciado, que tem que ser encontradas para que este seja aceitável. Para exemplificar, o autor menciona o par tall/short, onde tall é não marcado relativamente a short, pois 'How tall is Harry?' é uma pergunta neutra à respeito da altura de Harry, enquanto que 'How short is Harry?' pressupõe que Harry é relativamente baixo (op. cit.: 37).
7. O estudo de E. Clark (1973) comprova parcialmente a hipótese de H. Clark (1973), pois em sua investigação a preposição in foi considerada mais simples do que a preposição on para todos os sujeitos.
8. A ausência de flexões nominais e verbais, de elementos funcionais, como o artigo, e, além disso, o valor semântico nem sempre coincidente com o da linguagem adulta, caracterizam o período de um e dois vocábulos. Isso dificulta, ou quase impede, o levantamento de categorias nesse estágio. Poder-se-ia dizer que existe uma neutralidade categorial nos períodos considerados. Essa neutralidade categorial, justifica considerarem-se essas expressões como contra-exemplos à hipótese de H. Clark (op. cit.) cujo escopo central é uma categoria definida, a saber, a preposição.
9. Os dados encontrados por Gopnik, neste estudo, são uma contra-evidência empírica à hipótese de H. Clark (1973)

com respeito a precedência, na aquisição do inglês, dos membros positivos em relação aos membros negativos. De acordo com essa hipótese, a direção para cima do ponto-de-referência é positiva e deve, portanto, emergir anteriormente à direção para baixo. Gopnik, no entanto, constatou a ocorrência de down antes da ocorrência de up na linguagem das crianças estudadas.

10. Na teoria piagetiana, as atividades do sujeito constituem 'grupos' que podem ser definidos como todo e qualquer sistema de operações possível de retorno ao ponto de partida mediante uma operação que faça parte desse sistema (op. cit.:194). O processo evolutivo da construção da noção espacial pode ser explicada pela evolução desses grupos que, dentro do período sensório-motor, vão de grupos práticos para grupos subjetivos e, destes, para grupos objetivos.
11. Edwards (op.cit.) baseou seus estudos nas gramáticas de casos propostas por Halliday (1967-1968, 1970) , Fillmore (1968), Anderson (1968, 1971) e Chafe(1970). Neste trabalho, Edwards define os casos a partir de um 'denominador comum' encontrado entre as definições dadas pelas diferentes gramáticas de casos propostas pelos autores mencionados anteriormente.
12. Justifica-se a introdução deste item separado por serem alternativas de análise semântica, que têm por

base os pressupostos das hipóteses de aquisição de linguagem já delineadas - hipótese perceptualista e hipótese cognitivista, que poderiam ter sido utilizadas neste trabalho.

13. Esse, contudo, não é o caso de Brown (1973), que não pode ser incluído entre esses autores na medida que parte de dados da aquisição de linguagem para estabelecer relações entre os modelos de desenvolvimento cognitivo e os modelos de descrição lingüística.
14. Para E. Clark (1973), estes traços, ou marcadores semânticos na terminologia de Katz e Fodor (1963), são equivalentes aos universais semânticos primitivos, conforme a proposta de Bierwisch (1967).
15. Para E. Clark (1973), esses fatores culturais ou sociais estão relacionados a determinados papéis, dependentes das convenções sociais da comunidade lingüística em que a criança está inserida. Esses papéis a criança tem que aprender a partir das situações ou contextos em que determinadas palavras são utilizadas. Por exemplo, para aprender o significado de um verbo como promise (prometer) a criança precisa aprender quais papéis o verbo atribui ao falante e/ou ouvinte e quais papéis o falante espera que sejam assumidos por uma terceira pessoa.
16. De acordo com Galmiche (1975), os predicados que se

encontram na representação semântica subjacente são agrupados através das transformações pré-lexicais para constituírem uma única unidade que será convertida em um item lexical na superfície.

17. Para Antinucci e Parisi (1973), quando a criança emite enunciados em que só um dos componentes subjacentes é lexicalizado, ela está utilizando uma regra do tipo: 'lexicalize um (ou dois ou três, de acordo com a dimensão da lexicalização) dos elementos na estrutura semântica, sejam eles a predicação ou seus NPs' (op.cit.: 612).
18. Os autores fazem uso da definição de Austin (1962) segundo a qual verbo performativo é aquele que quando usado na primeira pessoa do singular do presente do indicativo é um ato, e verbos não-performativos são descrições de atos. Por exemplo, ao se dizer 'prometo' , verbo performativo, está se prometendo só por emitir estas palavras, enquanto que ao dizer 'eu como' tem-se somente a descrição do ato de comer (op. cit.:615).
19. No caso da configuração semântica para sentenças utilizadas para a descrição de atos, tem-se know (saber) no lugar de do (fazer), ou seja, o falante usa a língua - gem de modo a que o ouvinte saiba ou tome conhecimento X (op.cit.:617). Ver Antinucci e Parisi(1973) para maiores esclarecimentos à respeito das configurações semânticas em que são representadas as funções da linguagem como 'descrever' e 'requisitar'.

CAPÍTULO II

Os Dados: Análise e Discussão

II. 1. Metodologia e Técnicas utilizadas:

Para um estudo da sequência de emergência de expressões de relações espaciais, voltado mais para o processo de aquisição dessas expressões do que para o produto desse processo, procedeu-se a uma análise longitudinal do desenvolvimento lingüístico de uma criança em processo de aquisição do português como primeira língua.

Tendo em vista a necessidade de se considerar a continuidade entre a comunicação não-lingüística e a comunicação lingüística propriamente dita, como tem sido preconizado em estudos recentes sobre aquisição de linguagem (ver capítulo I), procurou-se colher dados sobre o chamado período pré-lingüístico, período de transição para o lingüístico e período lingüístico. A faixa etária escolhida foi dos 11 aos 24 meses.

II. 1.1. O sujeito:

A criança-sujeito deste estudo - Tiago - é o terceiro filho de um casal de nível sócio-econômico médio. Seus pais são professores universitários. Seus irmãos - Marcelo e Berenice - estavam, no período abrangido por este estudo, com 10 e 8 anos, respectivamente.

As gravações se iniciaram quando Tiago contava com 0;11.29. A última gravação, utilizada neste estudo, foi feita quando Tiago estava com 2;0.18.

II. 1.2. A coleta e a transcrição dos dados:

A metodologia e as técnicas de coleta e transcrição utilizadas são as características de estudos longitudinais observacionais.

A coleta de dados da criança-sujeito deste estudo foi feita utilizando-se três técnicas, a saber: a de observação em ambiente natural, com registro das ocorrências lingüísticas na forma de diário, a de registro em 'video-tape' da interação livre da criança com um adulto familiar, e o registro em 'audio-tape', do mesmo tipo de interação, acompanhado de anotação do contexto extra-lingüístico em que os atos de enunciação estão inseridos.

Foram feitos 'video-tapes' mensais de trinta minutos e 'audio-tapes' de trinta a quarenta minutos semanalmente, por outros pesquisadores¹, os quais, como será visto no decorrer do trabalho, após um certo período de contacto enquanto observadores, passaram a interagir eventualmente com a criança.

O controle das situações foi nulo ou aleatório, isto é, motivado pelas próprias características dessas situações. Para o melhor aproveitamento do 'video-tape', tentou-se estabelecer um roteiro prévio com base nos tipos de ocorrências registrados nas sessões semanais. Contudo,

esse roteiro foi sempre alterado, visto que eram levados em consideração os interesses da criança durante as sessões.

Foram feitos doze registros em 'video-tape', que abrangem a faixa etária de 0;11.29 a 2;0.18, e gravações em 'audio-tape', referentes ao período de 1;0.22 a 2;0.20. A sequência das gravações em 'video-tape' e 'audio-tape', divididas em função da idade da criança, encontra-se a seguir:

Relação de 'video-tapes'

Total: 12

<u>Video-tape</u>	<u>Idade do sujeito</u>
VT-1	0;11.29
VT-2	1;1.14
VT-3	1;2.14
VT-4	1;3.24
VT-5	1;5.3
VT-6	1;6.7
VT-7	1;7.12
VT-8	1;8.10
VT-9	1;9.11
VT-10	1;10.8
VT-11	1;11.7
VT-12	2;0.18

Relação de 'audio-tapes'

Total: 36

<u>Audio-tape</u>	<u>Idade do sujeito</u>
AT-1	1;0.22
AT-2	1;0.29
AT-3	1;1.5
AT-4	1;1.20
AT-5	1;2.18
AT-6	1;2.24
AT-7	1;3.0
AT-8	1;3.14
AT-9	1;3.27
AT-10	1;4.7
AT-11	1;4.27
AT-12	1;5.10
AT-13	1;5.18
AT-14	1;6.1
AT-15	1;6.22
AT-16	1;6.29
AT-17	1;7.5
AT-18	1;7.21
AT-19	1;7.27
AT-20	1;7.29
AT-21	1;8.3
AT-22	1;8.7
AT-23	1;8.19
AT-24	1;9.1
AT-25	1;9.16

Relação de 'audio-tapes' (continuação)

<u>Audio-tape</u>	<u>Idade do sujeito</u>
AT-26	1;9.22
AT-27	1;9.28
AT-28	1;10.5
AT-29	1;10.12
AT-30	1;10.20
AT-31	1;10.30
AT-32	1;11.11
AT-33	1;11.27
AT-34	2;0.3
AT-35	2;0.8
AT-36	2;0.20

A mãe, principalmente, e a irmã, foram os interlocutores privilegiados de T. durante as situações de interação registradas. Em uma única sessão, o parceiro de T. foi sua pagem. O pai e o irmão estiveram presentes em algumas sessões sem, entretanto, participarem das atividades com Tiago.

No início do trabalho de coleta de dados, dada a idéia corrente de que o interlocutor privilegiado da criança seria sua mãe, procurou-se evitar a participação da irmã nas situações de interação gravadas. Essa falha foi logo sanada com a percepção de que Berenice era um parceiro assíduo de Tiago em atividades lúdicas no cotidiano.

Apesar de soar estranho, dada a idade dos

dois irmãos na época da coleta dos dados, estes serão tratados , ao longo do trabalho, como 'adultos' - interlocutores, visto que o nível lingüístico de ambos, em relação à criança, que se encontrava em processo de aquisição da linguagem, permite esse tratamento.

Nas situações de interação predominaram atividades lúdicas: Tiago e seus interlocutores brincavam com os vários objetos. Entre esses objetos encontram-se brinquedos da própria criança e outros que eram levados pelos observadores. Para facilitar ao leitor o entendimento das situações que serão descritas a seguir, (Ítem II.2), encontra-se abaixo a descrição dos principais objetos que fizeram parte dessas atividades lúdicas:

caixa de brinquedos - caixa de papelão grande onde ficam guardados os brinquedos;

palhaço - palhaço formado por argolas coloridas e outras peças que se encaixam;

cubos de encaixe - cubos de madeira de vários tamanhos e cores que podem ser encaixados ou podem ser colocados uns sobre os outros, formando uma torre;

ônibus - ônibus de madeira com pinos (chamados 'bonequinhos') que podem ser encaixados no ônibus. Este brinquedo será tratado como 'bo-ônibus' no decorrer do trabalho;

trem - trem formado por vagões encaixáveis;

casinha - casinha de madeira com bichinhos, também de madeira, de forma esquematizada (vaca, cavalo ,

carneiro, porco, passarinho, etc...)

barriguinhas - barriguinhas, constituídas por duas partes que se encaixam, de tamanhos variados;

colar de contas - colar formado por várias contas coloridas e encaixáveis;

pica-pau - brinquedo constituído por uma haste, de arame, encaixada em uma base de madeira. O 'pica-pau', ao ser colocado no topo da haste, desce pelo arame movimentando-se como se estivesse bicando a haste;

caixa de blocos - estojo de madeira com vários blocos do mesmo material;

jamanta - caminhão com carroceria formado por duas rampas onde podem ser colocados outros carrinhos;

galinha - galinha de plástico que ao ser pressionada contra o solo deixa cair 'ovos' também de plástico;

encaixe (do pato, do soldado) - quebra-cabeça.

Foram transcritos tanto os comportamentos linguísticos como não-linguísticos, da criança e do adulto. Símbolos fonéticos só foram utilizados, de acordo com as Normas do Alfabeto Fonético Internacional, quando a necessidade de clareza a isso obrigou.

Todas as emissões foram transcritas, sendo colocados os enunciados da criança do lado esquerdo do papel e os enunciados do interlocutor do lado direito, na

ordem de ocorrência. No centro, procurou-se descrever os comportamentos não-lingüísticos da criança e do adulto. Foram sublinhados os comportamentos motores da criança concomitantes à fala de Tiago.

As abreviações utilizadas no trabalho são as que seguem:

T - Tiago.

I - Interlocutor.

M - Mãe.

B - Berenice (irmã).

Marc. - Marcelo (irmão).

P - Pai.

Ma. - Maria (pagem).

Obs. - Observador(es).

Ad. - Adulto.

VT - 'video-tape'

AT - 'audio-tape'.

não foc. - não focalizado.

cont. - continuação.

A - antes da ação (fase prospectiva).

Du - durante a ação (fase progressiva)

De - depois da ação (fase completiva).

Req. - requisição de ação (função do enunciado).

Ñ-Req. - não-requisição.

II. 1.3. A seleção dos dados:

Foram considerados relevantes para a análise

todos os dados interpretáveis como expressões de relações espaciais que haviam ocorrido nas várias situações interacionais - T. com a mãe ou outro adulto presente - registradas em 'audio-tape' ou 'video-tape'.

Tomou-se por base os dados do 'video-tape' , tendo-se usado os dados do 'audio-tape', das 'anotações contextuais' dos observadores e do 'diário' apenas para confirmação, visto que nesses registros perdem-se muitos aspectos da situação que são importantes para a interpretação dos enunciados da criança.

Dada essa insuficiência das gravações em 'audio-tape', das 'anotações contextuais' e do 'diário' , em muitas das situações de interação, utilizadas para ilustrar o trabalho ou registradas no Apêndice, não foi possível proceder a uma descrição mais detalhada das ações, da criança ou de seus interlocutores, que acompanhavam as produções lingüísticas da criança, assim como também houve dificuldade em distinguir, dentre os comportamentos motores descritos, aqueles simultâneos às produções verbais.

Foram registrados nove vocábulo - 'caiu' , 'tira', 'põe', 'pega', 'abi', 'fecha', 'coôca' , 'descê' e 'subí' -, considerados de conteúdo locativo por serem associáveis a verbos de movimento da linguagem do adulto. Essas formas foram escolhidas para representar as variações registradas no decorrer do estudo.

Foram selecionados todos os enunciados dos adultos-interlocutores com expressões de relações espaciais, associáveis às formas lingüísticas da fala de T. ,

a saber: enunciados com formas dos verbos 'cair', 'tirar', 'pôr', 'pegar', 'abrir', 'fechar', 'colocar', 'descer' e 'subir'.

A hipótese adotada neste estudo, hipótese socio-interacionista, toma por unidade de análise o diálogo: a análise dos dados incide sobre 'situações de interação' em que a criança e seus interlocutores agiam um sobre o outro e ambos, conjuntamente, agiam sobre os objetos do mundo físico.

Em uma primeira análise feita, apesar de se considerar tanto os enunciados da criança como os enunciados do adulto, as formas lingüísticas produzidas pela criança foram avaliadas apenas na sua relação com os objetos do mundo físico. Isso explica o fato de as situações de uso dos vocábulos pela criança e as formas de verbos as sociáveis da fala de seus interlocutores encontrarem-se em quadros separados (ver Apêndice).

Deve-se sempre ter em mente que, embora todo o estudo recaia sobre dados coletados em sessões semanais ou mensais de trinta minutos, o tempo de interação entre a criança e os adultos familiares ultrapassa em muito os minutos de gravação citados. Sendo assim, algumas formas lingüísticas, que nas sessões de gravação são vistas como primeiras ocorrências, poderiam ter ocorrido em situações de interação não-registradas.

A seleção dos dados baseou-se, inicialmente, na visão corrente na literatura sobre aquisição de linguagem de se considerar para análise apenas os enunciados da criança que não fossem repetições de enunciados anteceden-

tes do adulto. Daí terem sido consideradas como primeiras emissões de vocábulos, enunciados que não seguiam imediatamente um enunciado do adulto, como pode ser observado no Apêndice. Contudo, a abordagem processual deste estudo exigiu uma revisão dos dados selecionados no início.

Para a avaliação dos enunciados da criança, procuraram-se as 'semelhanças' e 'diferenças' entre as situações de uso dos verbos de movimento da linguagem do adulto e as situações de uso das formas lingüísticas da linguagem de T.

Que aspectos da situação a criança poderia estar configurando com o uso de determinado vocábulo? A análise dos resultados obtidos da comparação entre as situações de uso da linguagem do adulto e da linguagem da criança possibilita encontrarem-se respostas para essa questão.

As 'semelhanças' e 'diferenças' foram vistas em função de aspectos, previamente selecionados, das diversas situações interacionais:

- . esquema ou situação interacional;
- . fases da ação;
- . agente do movimento sobre o objeto;
- . forma lingüística;
- . objetos envolvidos nas várias situações;
- . tipo de movimento do objeto.

Por esquemas interacionais entende-se aqui as situações instauradas pela interação adulto-criança, que incluem atividades de várias naturezas, lingüísticas ou não, sobre objetos, lingüísticos ou não (Bruner, 1975). Es

tã fora do escopo deste trabalho discutir o estatuto metodol3gico e te3rico que a noçã de "esquema interacional" ou "format" (cf. Bruner, 1975) tem como unidade de anãlise pa ra o investigador, e unidade operativa para a criançã, na literatura sobre aquisiçã de linguagem.

Como dito acima, o adulto-interlocutor e a criançã executam atividades variadas sobre objetos diversos. Em um per3odo que antecede a emerg3ncia da linguagem na fala da criançã, o adulto marca lingüisticamente as vãrias fases da açã.

As marcações lingüísticas, segmentando a açã em suas fases prospectiva (anunciando a açã), progresssiva (no decorrer da pr3pria açã) e completiva (depois ou na fase que segue imediatamente a açã), aumentam o grau de observabilidade dos eventos (De Lemos, 1977).

O tipo de movimento do objeto, ou do movimento efetuado sobre o mesmo, assim como o tipo do objeto, que pode ser tomado, na situaçã interacional, como bi ou tri-dimensional, permitem a anãlise dos dados do ponto-de-vista de sua refer3ncia a situações concretas.

As "semelhanças" estariam indicando o dom3nio do conceito pela criançã?

Que valor pode ser atribu3do às 'diferenças'?

Semelhanças e diferenças foram consideradas pa ra cada vocãbulo isoladamente, obedecendo a ordem de emerg3ncia na fala da criançã.

A avaliaçã das correspond3ncias, que pudessem estar sendo estabelecidas entre os diferentes vocãbulos , foi feita ap3s a anãlise de cada vocãbulo em itens separados.

II. 2. Análise e discussão

II. 2.1. 'Caiu'

O vocábulo 'caiu' foi o primeiro, dentre os nove vocábulos sobre os quais recairá este estudo, a ser registrado na fala de T. (T.: 1;2.18).

O uso de 'caiu' por T., como será visto no decorrer da análise, permite apenas dizer que ele pode ser associado ao verbo 'cair', isto é, que semântica e morfosintaticamente seria arriscado e incongruente tomá-lo como instanciação de alguma categoria lingüística.

Quando, com efeito, observam-se os vários usos de formas do verbo 'cair', produzidas pelos interlocutores de T., registrados no quadro I anexo, e os vários usos do vocábulo 'caiu', por T., registrados no quadro II anexo, encontram-se semelhanças e diferenças que serão sumarizadas a seguir:

II. 2.1.1. No que se refere aos esquemas interacionais:

Os primeiros usos do vocábulo 'caiu' por T. se deram nos mesmos esquemas interacionais (envolvendo os mesmos objetos, como será visto a seguir) em que se registraram formas do verbo 'cair' na fala de seus interlocutores.

Tanto T. como seu interlocutor usaram o vocábulo 'caiu', o primeiro, e formas do verbo 'cair', o segundo, em situações interacionais onde ocorreram, por exemplo, alguns tipos de jogos ou atividades lúdicas estruturadas e recorrentes, como foi o caso de 'Construir e-Derrubar cubos da torre' e 'pôr bichinhos no telhado da casinha e observar sua queda posterior', como se encontram nos quadros I e II.

As instanciações (1) e (2), abaixo, ilustram os usos de formas do verbo 'cair' por I. e de 'caiu' por T. nas primeiras situações registradas de 'Construir e-Derrubar cubos da torre':

- (1) M. constrói uma torre com os cubos de encaixe. T. observa. T. tenta colocar um cubo na torre. Derruba, acidentalmente, o cubo que M. havia colocado. T. olha o cubo no chão. M. o recoloca na torre. T. observa. T. derruba o cubo. M: Caiu.

(VT-2/I.:1;1.14)

- (2) T. olha para B. que olha para uma torre que havia feito com os cubos. T. olha para a torre. B. esbarra na torre, caiã derrubando-a. T. olha para os cubos no chão. T. pega um

cubo. B. mexe nos cubos.

(VT-6/T.:1;6.7)

Nesse esquema interacional, como foi visto, primeiramente se deu a fala do adulto e só mais tarde a fala de T..

Porém, após a ocorrência desse vocábulo nos mesmos esquemas interacionais, como acima mencionado, 'caiu' foi usado numa situação diversa daquelas que, até então, tinham sido registradas quando do uso do adulto (essa instânciação será discutida a seguir).

Assim, verificou-se que, de usos restritos aos esquemas em que se deu a fala de seus interlocutores, T. passou a usar o vocábulo em situações diferentes das iniciais, o que pode ser interpretado como uma 'recontextualização' no uso do vocábulo.²

II. 2.1.2. No que se refere à fase do deslocamento do objeto: 'antes', 'durante ou 'depois':

Na fala dos interlocutores de T., registrou-se o maior número de enunciados logo após terminada a deslocação do objeto dentro do campo de atenção de T..

Os primeiros usos do vocábulo 'caiu' por T. ocorreram na fase que segue o evento. A primeira recontextualização, ou uso do vocábulo em uma outra fase, foi registrada durante o jogo 'Construir-e-Derrubar' somente depois de várias ocorrências na fase final (cf. quadro II anexo).

II. 2.1.3. No que se refere ao deslocamento do objeto produzido ou não por I. ou por T.:

Tanto na fala dos interlocutores de T., como na sua fala, formas do verbo 'cair' ou do vocábulo 'caiu' aconteceram em situações onde o deslocamento do objeto se deu por ação de I., de T. ou independentemente de ambos.

A ordem de emergência desse vocábulo na fala de T. foi a mesma da fala dos adultos, com T. usando 'caiu' primeiramente quando houve uma queda accidental, isto é, que não fazia parte do plano de ação em execução e, mais tarde, quando as quedas foram decorrentes de uma ação de T. ou I.

Os interlocutores da criança-sujeito deste estudo usaram formas do verbo 'cair' - verbo não-causativo - em situações onde o esperado, de acordo com o português da linguagem do adulto, seria o emprego de verbos causativos, como é o caso de 'derrubar' ou 'jogar' que caberiam em várias das situações interacionais registradas. Note-se que 'derrubar' só ocorreu duas vezes em situações de quedas provocadas por um agente, como se encontra abaixo:

(3)

T. levanta a caixa de blocos.

Os blocos, que estavam em cima

da caixa, caem.. T.observa.

Obs: Obs!

T. olha os blocos no chão.

M9: Caiu.

Obs: Caiu.

T. joga um bloco

M9: Derrubou.

(VT-1/I.:0;11.29)

Em (3), está ilustrado o uso de 'caiu' e 'derubou' como variantes, e, em seguida, o verbo 'cair' foi usado mesmo em situações em que esse verbo pode ser interpretado como causativo.

'Jogar' é um outro verbo do português, comum na fala do adulto, que caberia no lugar do verbo 'cair' em várias das situações em que a queda do objeto foi consequência da ação de I. ou T.. Esse verbo, no entanto, ocorreu em número bastante restrito e somente na fala dos interlocutores de T., limitado a jogos em que 'jogar' ou 'arremessar' objetos fazia parte da atividade, como foi o caso, por exemplo, nas situações de 'jogar bola um para o outro', 'empurrar o carrinho de uma para o outro' e 'jogar peteca'.

A não substituição de 'cair' - verbo não-causativo - por 'jogar' e 'derrubar' - verbos causativos - que, como foi dito, poderiam ser usados em várias situações, parece decorrer do ajustamento do adulto ao processo de incorporação e recontextualização do vocábulo pela criança.

II. 2.1.4. No que se refere às formas lingüísticas

Na fala dos interlocutores de T. registrou-se, no período abrangido por este estudo, a maior frequência da forma do perfeito do verbo 'cair' - 'caiu' - que coincide com a maior frequência de enunciados na fase seguinte ao deslocamento do objeto. Como seria o esperado na linguagem do adulto, a variação na forma do verbo é depen

dente da fase do evento e função do enunciado. Registraram-se, por exemplo, expressões perifrásticas do tipo 'faz cair' e 'deixa cair' para requisitar ação a T., 'vai cair' e 'cai' para marcar fase anterior do evento, 'caindo' e 'cai' comentando o deslocamento do objeto e 'caiu' para marcar o final do deslocamento do objeto.

No que se refere às formas lingüísticas, deve-se ressaltar que as primeiras formas registradas na fala de T. foram apenas parcialmente idênticas à forma do perfeito do verbo 'cair' - 'caiu' - a mais frequente na fala de seus interlocutores. O adulto-interlocutor de T. interpretou sua fala - 'caibê', '[ɸiɸiw]', 'caiã' - como 'caiu', apesar da variação na forma³ e respondeu de acordo com essa interpretação. A interpretação do adulto parece se fazer com base mais no esquema interacional (Mayrink-Sabinson, 1981) e na expectativa do adulto do que na forma propriamente dita, como pode ser visto na situação abaixo:

(4)

T. brinca com o ônibus e os
[ɸiɸiw] bonequinhos. (provavelmente,
um bonequinho cai).

M: Pijiw? Que
que caiu? O
bonequinho? O
bonequinho
caiu sim. Caiu,
não é? Você
tirou, ele

caiu.

(AT/I: 1;2.18)

Em (4), tem-se, também, o primeiro exemplo de um processo que será visto no decorrer deste estudo, isto é, o processo de especularidade, com I., neste caso, repetindo e interpretando o enunciado da criança e, mais tarde, T. repetindo a fala do adulto.

A forma que se manteve mais estável, ou mais frequente, nas situações interacionais em que se registrou o vocábulo em discussão, foi 'caiu'.

O maior número de ocorrências da forma 'caiu', assim como foi registrado com relação às formas do verbo 'cair' na fala de seus interlocutores, coincide com a maior frequência de enunciados na fase que segue o evento.

Deve-se ressaltar, também, que o uso de 'caiu' não está limitado à fase final, tendo ocorrido antes e durante o evento, parecendo ter a função de atrair a atenção de seu interlocutor para uma ação a ser produzida por ele mesmo. Esses usos de 'caiu' em outras fases da ação indicam ser a forma 'caiu' um objeto (lingüístico) usado em determinadas situações interacionais, não se tratando, até então, da forma do perfeito do verbo 'cair' que, para adultos falantes do português, ocorreria na fase completiva ou término de um deslocamento no eixo vertical.

A única ocorrência de uma forma progressiva foi registrada quando T. estava com 1;10.20, em uma sessão de gravação em 'audio-tape'. Essa forma foi interpretada como tendo a função de chamar a atenção de I. para um movimento recorrente e não para um movimento contínuo ou pro

gressivo no português. Esse uso por T. parece indicar mais uma recontextualização no uso do vocábulo: uma variação na forma relacionada a um aspecto recortável de eventos no mundo.

II. 2.1.5 No que se refere aos objetos envolvidos nas várias situações interacionais:

Como pode ser visto no quadro II anexo, a maioria dos objetos que se encontram nas situações de uso do vocábulo 'caiu', da fala de T., estava presente nas situações em que se registraram formas do verbo 'cair' por I., constituindo um sub-conjunto dos objetos envolvidos nas várias situações de uso de formas do verbo 'cair'.

Os dois objetos: 'brinquedos em cima da bandeja' e 'pica-pau', foram os únicos não comuns às situações em que T. e I. usaram o vocábulo agora em discussão e formas do verbo associável. Esses objetos foram registrados quando T. estava com 1;7.29 e 1;11.7, respectivamente. Portanto, várias sessões depois de ter ocorrido o primeiro uso do vocábulo na fala da criança (1;2.18).

II. 2.1.6. No que se refere ao tipo do deslocamento dos objetos:

Na fala dos interlocutores de T. registraram-se formas do verbo 'cair' para a referência a deslocamen-

tos de objetos no eixo vertical, tomando o nível do solo como ponto-de-referência, dentro do campo de atenção de T..

Formas do verbo 'cair' foram usadas, também, em referência à alteração da posição canônica dos objetos, com um deslocamento no eixo vertical sem deslocação livre no ar, em situações em que se usaria o verbo 'tombar' ou 'virar'. As instanciações (5) e (6) ilustram essas ocorrências:

(5)

T. põe um cubo em cima de ou
tro cubo que estava com a
abertura para cima. M. observa.
O cubo que T. colocara ,
tomba.

M: Caiu, Tia-
go.

T. mexe nos cubos com a mão
direita.

(VT-2/T.: 1;1.14)

(6)

T. pega um copinho e põe a
colher dentro. O copinho tom
ba.

Obs.: Caiu!

T. levanta o copo para pôr
a colher outra vez. O copi -
nho cai.

M: (.....)

Obs: É!

M: Vai cair.

Caiu.

Obs: Agora vai cair todo mundo, não é? Colher e Tiago, isto é, copo e Tiago.

T. olha para o colar do observador.

(AT/I.: 1;2.24)

O uso de formas do verbo 'cair' para a referência à modificação da posição canônica dos objetos também não tem relação com o fato dessa alteração ter sido consequência de uma ação de T. ou I..

'Caiu' também foi usado por T. em situações de deslocamento de um ou mais objetos no eixo vertical, assim como em situações de alteração na posição canônica dos objetos resultante de um movimento, sem deslocação livre no ar, no eixo vertical. Ou seja, em situações em que adultos falantes do português usariam o verbo 'cair', 'tombar' ou 'virar'.

Contudo, neste caso também se observa que nem todos os usos do vocábulo 'caiu' foram iguais aos usos do verbo 'cair' da fala dos interlocutores de T., durante todo o período abrangido por este estudo. Registrou-se um uso do vocábulo 'caiu', por exemplo, numa situação em que T. levantou os cubos e, ao ver um cubo que ficou no chão, olhou para sua mãe e disse 'caiu'. Note-se que, nesse caso não há nenhum deslocamento do objeto. Parece que T. recorta essa situação como 'associada' à situação estática final do jogo 'Construir-e-Derrubar cubos da torre', isto é, cubos no

chão. Para maior clareza, essa situação encontra-se abaixo:

(7)

mãine T.brinca com os cubos de encaixe. Olha para M.

T. levanta os cubos.
Um cubo fica no chão.

M: Oi! Hum?
Vai pôr, Tiago?
Vai guardar?

caiu T. olha para o cubo.

M: Caiu.
Obs.: Caiu.
M: Caiu, ficou um.
Obs: Tinha ficado no chão , não é?

(AT/T: 1;6.22)

Situação estática final resultante de um determinado movimento, tenha sido este observado ou não, parecer sido o tipo de correspondência entre as situações de 'Construir-e-Derrubar cubos da torre' e a situação abaixo:

(8)

T./Obs. brincam com a caixa de fósforo.

caiu T. olha para o ovo que está
sopo fora da galinha, no chão.
Desviam a atenção para o car
rinho.

Obs: O que caiu?

(AT/T: 1;7.5)

Em resumo, pode-se dividir esse período de desenvolvimento das expressões de relações espaciais em discussão, ou do vocábulo 'caiu', em três etapas, a saber: etapa 1.) T. participa das várias situações interacionais através de sua atenção voltada para os vários eventos ou ações sobre o mundo físico e através de sua própria atividade motora.

Cabe ao adulto uma participação verbal, além de motora.

Observe-se, por exemplo, no jogo denominado 'Construir-e-Derrubar cubos da torre', o interlocutor de T. construindo a torre e marcando linguisticamente as várias fases da atividade. A forma do perfeito do verbo 'cair' - 'caiu' - ocorre na fase completiva ou logo após a deslocação de um ou mais cubos no eixo vertical.

T., após observar a construção da torre e/ou auxiliar na sua confecção, tem como função na atividade a derrubada dos cubos.⁴

etapa 2.) Essa etapa se caracteriza pelo início da participação verbal de T. nas várias atividades conjuntas, ou por um início de produções de enunciados com o vocábulo 'caiu'. Esses usos iniciais, do vocábulo em discussão, são semelhantes aos usos de formas do verbo 'cair' por seus interlocutores. Semelhantes, por exemplo, no que diz respeito a: esquemas interacionais, tipo do deslocamento do objeto, agente do movimento do objeto, fase do evento e objetos envolvidos nas várias atividades.

Essas semelhanças indicam o domínio do conceito expresso linguisticamente por 'caiu' pela criança-sujeito

deste estudo?

Para tentar responder a essa questão, retome-se a emergência de 'caiu' no jogo, acima mencionado, 'Construir-e-Derrubar cubos da torre': nesta etapa, dá-se a emergência de 'caiu' nessa situação interacional, resultante de uma incorporação, por T., do papel até aqui (etapa 1.) desempenhado por I. (ver exemplo (1), como se verifica em (9), (10) e (11):

(9)

T. olha para B. que olha para uma torre que havia feito com os cubos. T. olha para a torre. B. esbarra na torre, derrubando-a.

caia T. olha para os cubos no chão.

T. pega um cubo.

(VT-6/T: 1;6.7)

(10)

T. olha para a torre que B. havia feito com os cubos. T.

caibê estende a mão para a torre.B.

põe a mão na torre. T. observa. B. empurra. T. olha para

Obs. (não foc.)

Obs.: Caiu.

(VT-6/T : 1;6.7)

Logo em seguida:

(11)

T. olha para os cubos. B. me

xe nos cubos, T. olha para B.
 que olha para os cubos. B. põe
 um cubo em cima de outro. T.
 caiu observa. T. olha para Obs.
 (não foc.).

T. olha para os cubos.

Obs.: Caiu, não
 é Tiago?

(VT-6/T.: 1;6.7)

Note-se que a interpretação, segundo a qual T. incorpora o papel do adulto, é baseada no fato de que sua emissão tanto ocorreu no mesmo esquema interacional como próximo à fase do esquema em que se dava a produção do adulto.

Quanto à forma lingüística, como foi visto em (II.2.1.4) as formas iniciais apenas se assemelham ao vocábulo 'caiu' (instanciações (9) e (10) acima).

Na instanciação (10) observa-se uma outra peculiaridade desta etapa: o adulto interpreta as formas produzidas por T. como 'caiu' e apresenta um uso especular (cf. De Lemos, 1982) do enunciado de T..

Essa especularidade da fala de I. e a instanciação (11) remetem à etapa três.

etapa 3.)⁵ Em (11), acima, T. apresenta um uso especular (ou especularidade diferida) da forma lingüística produzida por I. na situação que imediatamente a antecede.

(10) e (11) exemplificam, portanto, o processo de especularidade recíproca:

T.: incorpora o papel desempenhado pelo adulto;

I.: interpreta e 'repete' (uso especular) o enunciado de T. (de acordo com sua interpre-

tação);

T.: 'repete' (uso especular) a forma produzida pelo adulto.

A especularidade recíproca demonstra a construção desse objeto (lingüístico) no nível fonético-fonológico.

As formas se tornam foneticamente mais maduras, ou mais próximas à forma da fala do adulto, e se estabilizam: a forma 'caiu' se manteve estável nas sessões de gravação seguintes.

A 'estabilidade' da forma é uma garantia de que o significado desse vocábulo já está construído?

De acordo com Maia (1981), as formas fonéticas mais maduras tornam-se estáveis dentro de esquemas interacionais particulares, sendo que o processo de 'recontextualização' pode resultar em nova variação e instabilidade.

No caso do vocábulo 'caiu', essa maior semelhança fonética entre a fala de T. e a fala de seu interlocutor, coincide com uma outra característica desta terceira etapa: maior diferença contextual e funcional. Em outras palavras, esta é a etapa das 'recontextualizações' no uso do vocábulo.

Como exemplo de 'recontextualização', pode-se mencionar a instanciação (6) descrita em (II.2.1.6.), em que se observa T. estendendo o uso de 'caiu' a uma situação em que não houve deslocamento do objeto.

Em primeiro lugar, essa é uma contra-evidência empírica à hipótese de que o significado desse vocábulo já estivesse construído.

Em segundo lugar, o que dizer dessa super-exten

são no uso do vocábulo?

Mais do que um desvio em relação à linguagem do adulto, como seria o caso de acordo com a interpretação de E. Clark (1973), essa 'recontextualização' pode ser interpretada como um sintoma de que a criança está analisando aspectos da situação onde o vocábulo foi utilizado. A 'recontextualização' aponta para a não-análise anterior, pois, se essa análise já tivesse sido feita, a criança não erraria. Em outras palavras, a 'recontextualização' faz parte do processo ativo de construção de 'caiu' enquanto objeto lingüístico do ponto-de-vista semântico (ver a esse respeito, De Lemos, 1982).

II. 2.2. 'Fecha'

Esse vocábulo, associável ao verbo 'fechar' do português no uso adulto (ver considerações sobre a associação entre 'caiu' e o verbo 'cair' em II.2.1.) , foi registrado na fala de T. a partir de 1;5.10 em uma sessão de gravação em AT.

Os usos de formas do verbo 'fechar', da fala dos interlocutores de T., e do vocábulo 'fecha', da sua fala, encontram-se representados, respectivamente, nos quadros III e IV anexos.

A análise comparativa dos quadros mencionados será feita a seguir.

II. 2.2.1. No que se refere aos esquemas interacionais:

A emergência desse vocábulo na fala de T. se deu nos mesmos esquemas interacionais em que se registraram formas do verbo 'fechar' por seus interlocutores.

Observa-se, em um primeiro momento, o adulto marcando lingüisticamente os comportamentos da criança sobre os objetos ou seus próprios comportamentos dentro do campo de atenção da criança (ver etapa 1. de 'caiu'), como pode ser visto abaixo:

(12)

T. brinca de pôr e tirar a tampa da chaleira.⁶ M. observa. T. tenta pôr a tampa ao mesmo tempo que gira a chaleira.

M: Fechou!

Obs.: Fechou, não é bem?

Fechou!

(AT/I: 1;0.29)

Mais tarde, T. assumiu o papel do adulto, produzindo o vocábulo 'fecha' dentro de esquemas de interação semelhantes, ou seja, onde se observam os mesmos tipos de comportamentos sobre os mesmos objetos:

(13)

T. brinca com as panelinhas.

fesã

M: Fechar.

Mas essa tam

pa não dá. Mui
to grande. Pe-
ga outra, ô.
Essa aqui.

(AT/T: 1;9.22)

Dentre as situações interacionais em que se registrou o vocábulo 'fecha', três podem ser salientadas, por serem aquelas em que se deu a maior incidência do vocábulo. São atividades ritualizadas e recorrentes:

- tampar as panelinhas (como foi ilustrado em (12) e (13) acima);
- pôr ou tirar os bichinhos da casinha e fechar a porta em seguida;
- encaixar as barriquinhas.

'Recontextualizações' só foram registradas no final do período abrangido por este estudo - T. com 1;11.26 e 1;11.27. Esses usos de 'fecha' são assim interpretados não só por terem ocorrido em esquemas interacionais diferentes daqueles em que foram registradas formas do verbo 'fechar' por I., mas também por se observar, nessas situações, ações sobre os objetos que, para adultos falantes do português, não são referidas pelo verbo 'fechar'. Essas situações encontram-se ilustradas abaixo:

(14)

T. e M. brincam com o encaixi	xe do pato. <u>Pedindo para M.</u>
tira	<u>tirar o chapéu do pato. Pe -</u>
	<u>dindo para tirar as outras</u>
	<u>peças.</u>

fêsa No processo de remontagem, pe
de para M. pôr a última peça
(chapéu do pato).

(diário/1;11.26)

(15)

M. pega o bonequinho do ôni-
bus que havia caído atrás
do sofá.

manhê

fesã

M: Fechar
aqui? Você
não pôs direii
to, foi?
Obs.: Interess
sante esse u-
so de fe-
char...

M: Encaixa o bonequinho no
ônibus

M: Espera aĩ
que a mamãe
também não saa
be fechar dii
reito. Aĩ.
Pronto!

(AT/T: 1;11.27)

A afirmação feita, acima - a de não ser um uso
comum para falantes do português - é confirmado pela fala
de um dos observadores presentes, como pode ser notado. Apes
sar disso, M. aceitou a fala de T. e executou o movimento
sobre o objeto de acordo com sua interpretação. Esse fato

aponta para um ajustamento da linguagem de M., ou do adulto interlocutor, à linguagem da criança, assim como também foi observado com relação à 'caiu' em (II.2.1.3.).

Esses dois usos apontam para uma revisão das situações interacionais antes anotadas.

A que se referia T. quando produzia esses enunciados?

Esses usos de 'fecha' serão retomados a seguir, produzando-se responder à questão acima formulada.

II. 2.2.2. No que se refere à fase do evento: 'antes, 'durante' ou 'depois:

O verbo 'cair' foi usado predominantemente na fase final. Com o verbo 'fechar', ao contrário, foram registrados enunciados na fala de I. nas várias fases do evento: 'antes, 'durante' ou 'depois'.

Como pode ser visto no quadro III anexo, ocorreram 60 (sessenta) enunciados com formas do verbo 'fechar' na fase que antecede a ação, 6 (seis) enunciados durante e 80 (oitenta) logo após a execução da ação.

O primeiro enunciado de T. foi registrado como tendo ocorrido na fase anterior de sua própria ação. Esse uso de 'fecha', mais do que anunciando sua ação, pode ser interpretado como uma 'resposta' ao enunciado precedente do adulto:⁷

(16)

T. brinca com o caminhão.

M: A porta,
Tiago.

sa T. olha para Obs.

M: Fechar?

(AT/T: 1;5.10)

A palavra 'porta' emitida pelo adulto parece desencadear a forma 'sa' por T., que foi interpretada por I. como 'fechar', talvez por ser essa uma ação esperada, pelo adulto, sobre o objeto 'porta'.

O desencadear na fala de T. de uma outra forma lingüística pode ser interpretado como uma correspondência entre objetos lingüísticos: 'fechar' e 'porta', ou como um indício de coordenação entre esquemas lingüísticos em que aparecem formas associáveis na fala de I., em situações de interação em que ações são executadas sobre 'portas'.⁸

Note-se, por exemplo, o enunciado de T. com 1;8.2, registrado no diário por M.. Segundo a anotação feita, T. falou 'echápôta', ao mesmo tempo que fechava a porta do banheiro, enquanto sua mãe preparava seu banho. Apesar de não se poder dizer que se trata de um enunciado de dois vocábulos (ver observações em 'caiu' sobre os aspectos morfossintáticos dos vocábulos em questão), pode-se dizer que há uma relação entre os dois vocábulos, demonstrando um início de segmentação desse enunciados.

Os seguintes usos de T., que não seguem imediatamente um enunciado com o verbo 'fechar' de I., ocorreram na fase final da ação.

(17)

T. põe os bichinhos dentro da casinha. Olha para Obs. que
 fala com ele. Olha para B.que
 fecha a porta.

Vira a trave da porta, imitando B..Abre a porta. Põe um bichinho dentro.

Fecha a porta.
 Olha para Obs. tentando abrir a porta.

(AT/T: 1;6.22)

Os enunciados acima podem ser vistos, também, como uma incorporação da fala do adulto produzida, no período anterior, na mesma fase do evento, ou do esquema interacional descrito como 'fechar a porta da casinha depois de mexer nos bichinhos que se encontravam no seu interior' (cf. se encontra no quadro III, referente à fala de I.).

O fato de os enunciados de T. terem sido registrados em cada fase da atividade, não implica, até esse momento, que ele estivesse usando o vocábulo 'fecha' para se referir a essas fases da ação. Se a interpretação fosse essa, estar-se-ia afirmando que esse vocábulo já possuía, para T., um significado semelhante ao atribuído às formas do verbo 'fechar' por seus interlocutores, o que, como será visto até o final da análise de 'fecha', não parece ser verdadeiro.

II. 2.2.3. No que se refere ao 'agente' do movimento sobre o objeto: I. ou T.:

Tanto na fala de I. como na de T. ocorreram enunciados com formas do verbo 'fechar' ou com o vocábulo 'fecha' em situações interacionais em que a criança ou seu interlocutor agiam sobre os objetos.

Na fala dos interlocutores de T. predominaram enunciados usados em referência a comportamentos da criança sobre os objetos.

Assim como foi visto com 'caiu', a participação da criança nas várias atividades se fazia através de sua atenção, ação e marcação lingüística dos seus comportamentos ou dos comportamentos de T., segmentando as várias atividades em suas fases prospectiva, progressiva e completiva.

I. não marcou lingüisticamente somente suas próprias ações ou ações da criança. As marcações lingüísticas também ocorreram como comentários de figuras de livros ou de movimentos de bonecos (que abrem ou fecham os olhos conforme são postos em pé ou deitados) dentro do campo de atenção de T., como se encontra no quadro III:

(18)

Obs. brinca com T. de pôr os
bichinhos para dormir.

Obs.: O carnei
rinho também
vai fechar o
olho prá dor -

mir. E o Tia-
go? O Tiago
também vai
dormir, vai?

(AT/I: 2;0.8)

(19)

T./Obs. olham o livrinho.

Obs.: Ô o
miau com o
olho fechado.
Fechou! Fe-
chou o olho.
A lá. Fechou
o olho! É,
Tiago?

(AT/T: 1;11.11)

É importante salientar que os enunciados com formas do verbo 'fechar' por I., na fase que antecedia a ação a ser executada por T. (como marca de ação prospectiva), podem ser interpretados como 'atribuição de intenções' aos comportamentos da criança. Essa atribuição é feita a partir de comportamentos observáveis do sujeito, como o olhar - T. olha em direção ao objeto -, a direção do movimento da mão - T. estende a mão para o objeto - e, também, pelo próprio objeto que é passível de sofrer a ação referida por formas desse verbo. Isso porque, se T. se encontra na frente de uma bola, por exemplo, o olhar em direção a ela, o estender a mão, não são suficientes para o adulto lhe atribuir a intenção de 'fechar o objeto'.

Assim como foi observado na fala de I., na fala de T. também foram mais frequentes enunciados em situações interacionais em que ações foram executadas por ele próprio, usando formas que os adultos seus interlocutores produziram para se referirem a seu comportamento.

A maioria dos enunciados produzidos por T., antes que a ação fosse efetuada, foi interpretada como requisição de ação. Entretanto, não se pode afirmar que os primeiros enunciados tivessem a função de requisição ou de comentário dirigido ao adulto, principalmente no que diz respeito aos enunciados nessa fase da ação. O adulto é que atribui essas funções a esses enunciados, e é essa atribuição que determina suas respostas verbais ou motoras. A situação abaixo aponta para a validade dessa observação:

(20)

T. pega a caixa de talco.

afesa Tenta fechá-la.

M. fecha a caixa.

(AT/T: 1;9.17)

Mais tarde, parece haver uma tomada de consciência da eficácia comunicativa que M. atribuía a seus comportamentos, como pode ser visto abaixo:

(21)

T. traz M. para perto das panelinhas.

fesã

M: Fechar o
que?

fesa

M: O que você quer fechar?

A panela.

T. tampa as panelinhas.

Obs.: (.....)

M: Fechou?

(AT/T: 1;9.28)

O uso de um vocativo, como 'manhê' (produzido com um tom igual ao que se encontra na fala do adulto ou tom 4, como se vê em Gebara, 1984) introduzindo um tópico ou assinalando o início de um diálogo, confirma a observação acima:

(22)

T. com as panelinhas e o fogão.

manhê

fesã

M: Fecha, Tiago? Fecha você.

manhê

M: Hã?

fesã

M: Fecha você.

O Tiago fecha.

manhê

M: Hã?

fesã

Obs.: Ele quer que ela feche.

Obs.: É, é.

M. fecha.

M: Pronto.

(AT/T.: 1;9.28)

II. 2.2.4. No que se refere às formas lingüísticas:

O primeiro enunciado registrado na fala de T. foi com a forma 'fesô':

(23)

B. guarda o cartão na caixa
de fita.

B: Fechou!

fesô

fesô

M: Ele repe-
tiu duas ve-
zes, não é?

(AT/T: 1;4.7)

Deve-se sempre ter em mente que os dados coletados em gravações semanais ou mensais constituem um subconjunto das situações de interação criança-adulto (ver item I - metodologia); deve-se também considerar que esta é uma forma lingüística emergente na fala de T. em um período em que já se registram certos usos especulares com outros vocábulos que, nesse momento, já são mais produtivos.⁹ Assim, o fato da especularidade partir de T., e não de seu interlocutor, talvez possa ser explicado como dizendo respeito a uma forma lingüística "assimilável pelos sistemas de procedimentos lingüísticos de que já dispõe o sujeito" (cf. De Lemos 1982: 10).

A partir de 1;5.10 esse vocábulo, ou formas desses vocábulos, tornaram-se mais produtivas.

O seguinte enunciado de T. foi com a forma 'sa', já citado (ver exemplo (16)). Essa situação de interação será retomada aqui para facilitar a exposição:

(24)

T. brinca com o caminhão.

M: A porta, Tiago.
go.

sa T. olha para Obs.

M: Fechar? O que
você está
olhando prá Te-
la, hein?

Obs.: Que foi,
Tiago? Cadê o
caminhão? Cadê
a porta? Abre a
porta do cami-
nhão. Vamos a-
brir? Abriu!
Abriu, Tiago !
Vamos fechar. Fe
chou!¹⁰

M: Fechou!

T. com o caminhão.

Obs: E agora?
Abriu ou fechou?

so

Obs: Fechou, é ?
Que lindo!

isô

Obs: Isso!¹¹

(AT/T: 1;5.10)

A forma 'sa', pode-se dizer, é associável à sílaba final do infinitivo ou futuro do verbo 'fechar' da fala de adultos falantes do português.

A instancição (24) acima é ilustrativa da mutualidade do processo de especularidade:

I. repete a fala da criança (de acordo com a sua interpretação):

T: 'sa'

Ad: Fechar?

T. repete parte do enunciado precedente do adulto:

Ad: Abriu ou

Fechou?

T: 'so'

É importante salientar o uso seguinte dessa forma lingüística por T. na medida em que mostra a relação entre a sua fala e a fala de seu interlocutor na mesma fase do esquema de interação - 'fechar a porta da casinha'. Em outras palavras, demonstra a incorporação por T. da fala do adulto dentro da situação interacional:

Fala de I.:

(25)

Obs. traz a casinha e fala para T. abrir e ver o que tem dentro. T. abre e mexe nos bichinhos. Fecha.

M: Fechou? Ai,
tem coisa lá
dentro! O que
tem lá dentro?
Tem bichinho!

(AT/I: 1;6.22)

Fala de T. alguns momentos depois, ou especularidade diferenciada (já visto em (17) acima):

(26)

so T: põe os bichinhos dentro da
casinha.

aso Olha para Obs. que fala com
ele.

so

Olha para B. que fecha a porta da casinha.¹²

(AT/T: 1;6.22)

A partir de 1;8.3 foram registrados enunciados com formas cada vez mais próximas às produzidas pelo adulto nas mesmas fases da ação: 'fesã' e 'fêsa' na fase anterior e, 'fesô' na fase final. Essas formas são associáveis, respectivamente, ao infinitivo e futuro, imperativo e perfeito da fala de I.. As duas primeiras sendo interpretadas ora como requisição de ação ora como comentários.

'Fechou', por I.; na fase completiva também foi usado para se referir a seu próprio comportamento:

(27)

M. fecha a caixa.

T. observa.

M: Fechou!

(VT-2/I: 1;1.14)

Aliás, esse é um uso comum para falantes adultos do português e não a forma 'fechei' como se poderia pensar.¹³

A partir de 1;9.22 encontra-se, na fala de T., as duas formas 'fesã' e 'fesô' em uma mesma atividade em fases distintas, sem seguirem imediatamente um enunciado do adulto, como é o caso em (28) abaixo:

(28)

T. com as panelinhas e o fogão.

fesã

M: Quer fechar?

Engraçado, fora do fogão ele quer fechar tudo.

Obs: Ê, prá pôr no fogão tem que destapar e virar, não é?

fesã

fesô (provavelmente, T. fecha a panelinha)

M: Vamos ver se agora ele vai destapar.

(AT/T: 1;9.22)

A atribuição de intenções aos comportamentos lingüísticos da criança (como visto em II.2.2.3.) e a coordenação entre os esquemas lingüísticos, revelada nas recontextualizações no uso do vocábulo, parecem levar a uma recontextualização lingüística, ou a uma análise do vocábulo. Retome-se o exemplo (22) (discutido em 11.2.2.3) e note-se a não alteração do adulto - 'fecha'. Observe-se, também, no exemplo (28), a variação na forma lingüística em função da fase da ação confirmando o que foi visto acima: um início de segmentação lingüística ou o estabelecimento de relações entre as várias formas associáveis ao verbo 'fechar' da fala do adulto.

O uso dessas formas lingüísticas vai possibilitar a ampliação do diálogo:

(29)

T. brinca com as panelinhas
e o fogão.

M: Está quente,
te, Tiago?

fesã

M: Fechar.

Obs: Mamãe,
fechou, ma -
mãe tampou a
panelinha.

tã quente¹⁴ T. olha para Obs.

Obs: É.

fesô

Obs: Fechou,

não é? Fechou!

fesô T. olha para outro Obs.

Obs: Fechou.

(AT/T. 1;9.28)

T., assim, está fazendo uso do vocábulo para entrar em contacto com seus interlocutores, os quais, através de usos especulares, confirmam a eficácia de seu comportamento lingüístico, respondendo a ele.

II. 2.2.5. No que se refere aos objetos envolvidos nas várias situações interacionais:

As situações em que formas do verbo 'fechar' foram usadas por I., registradas no quadro III, abrangem uma variedade grande de objetos que têm em comum o fato de possuírem uma ou mais partes que, ao se juntarem, tornam inacessível um espaço total ou parcialmente delimitado pelo objeto.

Ao se comparar os quadros III e IV, verifica-se que de 1;5.10 a 1;10.20 encontra-se, no quadro referente à fala de T., um sub-conjunto dos objetos envolvidos nas ações referidas por formas do verbo 'fechar' por seus interlocutores,

Alguns enunciados com o vocábulo 'fecha' registrados nas últimas sessões de gravação, podem ser considerados extensões no uso do vocábulo, visto que ocorreram em situações que envolviam objetos não presentes no quadro III: 'quebra-cabeça' e 'ônibus com os bonequinhos'.

II. 2.2.6. No que se refere ao tipo do movimento efetuado sobre o objeto:

Quanto ao movimento produzido para a junção das partes dos objetos envolvidos nas várias situações de uso de formas do verbo 'fechar' por I. e do vocábulo 'fecha' por T., verifica-se, nos quadros III e IV, que estes podem ser: 'rosquear' uma das partes na outra, como no caso das latinhas; 'encaixar' uma parte na outra, como no caso da porta da casinha; 'encostar' uma parte na outra, como no caso do livro.

A ausência de um movimento específico demonstra que não é o tipo do movimento que está em questão. No que se refere à fala de T., isso se confirma pelas situações abaixo:

(30)

T. olha para a caixa de peças de jogo de xadrez, com metade fesã de sua tampa em cima. Olha para M.

T. desvia a atenção para a jã manta.

(AT/T: 1;8.3)

(31)

B/T põem os bichinhos no telhado da casinha.

fesô T. olha para a casinha fechada.

(AT/T: 1;9.1)

As situações acima revelam o uso por T. de uma forma lingüística produzida por seu interlocutor em esquemas de interação em que ações foram executadas por ele mesmo ou por I. sobre esses objetos.

Da observação das várias situações interacionais em que se registraram formas do verbo 'fechar' por I., e do vocábulo 'fecha' por T., pode ser levantada uma primeira característica: 'impedir o acesso a um espaço e/ou a objetos que se encontram nele, como , por exemplo, no esquema de interação em que a porta da casinha é fechada , obstruindo a comunicação com o espaço interno e/ou bichinhos.

Essa inacessibilidade a objetos muitas vezes coincidia com o encerramento de uma atividade. O 'fechar a casinha', mencionado acima, pode ser visto como a fase final de um jogo que consistia em 'pôr ou tirar os bichinhos da casinha e fechá-la em seguida'.

A terceira característica que pode ser apontada é a da constituição de um todo: ao tampar as panelinhas, ao encaixar as barriquinhas, ou ainda, ao encaixar as contatos do colar.

Note-se que está sendo dito que 'fecha' foi usado por T. em situações de interação que apresentam essas características. Isso não significa que o vocábulo tenha sido usado para se referir a elas.

Entretanto, inacessibilidade e/ou término de atividade e/ou constituição de um todo, talvez possam explicar as 'recontextualizações' no uso do vocábulo, citadas nos itens (II.2.2.1.) e (II.2.2.5.), exemplos (14) e

(15):

'fecha' enquanto a última peça era encaixada
no quebra-cabeça do pato e;

'fecha' enquanto o bonequinho era encaixado
no ônibus.

Nos dois casos, há um espaço que se torna ocupado e, portanto, inacessível. Um todo é constituído, pois a figura do pato se recompõe e o bonequinho é colocado em seu respectivo lugar. Essas ações coincidem com o encerrar da atividade de remontagem do quebra-cabeça e da atividade de encaixar o bonequinho no ônibus.¹⁵

Essa interpretação é encontrada em dicionários do português para o verbo 'fechar' como: impedir o acesso; unir as partes separadas; fazer cessar o funcionamento de; entre outros (Ferreira, s.d.).

Isso aponta para a indeterminação semântica da fala do adulto. O que equivale a dizer que as recontextualizações no uso do vocábulo pela criança, que resultam do estabelecimento de correspondências entre os vários esquemas interacionais linguísticos em que essas formas são usadas, e que muitas vezes são vistas como super-extensões no uso do vocábulo, podem ser consideradas como relacionadas às potencialidades de significação da fala do adulto.

II. 2.3. 'Abi'

O primeiro enunciado com o vocábulo 'abi', na fala de T., que não seguia imediatamente um enunciado do adulto, foi registrado em uma sessão de gravação em AT (T:1;6.1).¹⁶

As formas do verbo 'abrir', na fala dos interlocutores de T., e do vocábulo 'abi', na sua fala, encontram-se nos quadros V e VI anexos. Esses usos serão discutidos a seguir.

II. 2.3.1. No que se refere aos esquemas interacionais

Comparando-se os quadros V e VI, verifica-se que vários usos do vocábulo por T. ocorreram nos mesmos esquemas interacionais em que já haviam sido registrados enunciados com formas do verbo 'abrir' por seus interlocutores.

Esses enunciados com 'abi' foram usados em situações interacionais em que T. ou seu interlocutor 'abriam caixas e pegavam brinquedos dentro', 'abriam livros e olhavam as figuras', 'abriam a porta da casinha e brincavam com os bichinhos', 'agiam sobre os cubos', e outros.

Foram registradas algumas recontextualizações no uso de 'abi' que serão discutidas até o final da análise deste vocábulo.

II. 2.3.2. No que se refere à fase do evento: 'antes' ,
'durante' ou 'depois'.

Como pode ser visto nos quadros V e VI, predominam tanto na fala dos interlocutores de T. como na sua fala, enunciados com formas do verbo 'abrir', no primeiro caso, e, com o vocábulo 'abi', no segundo caso, na fase que antecede o evento.

Na fala de I. foram registrados 161 enunciados com formas do verbo acima mencionado. Desses 161 enunciados, 103 ocorreram na fase anterior, 13 durante e 45 enunciados na fase que segue imediatamente o evento.

Na fala de T., de um total de 90 enunciados com o vocábulo 'abi', 79 se deram na fase anterior, 6 durante e 45 na fase final.

Os primeiros enunciados registrados na fala de T., - 1;5.10 - e que não se encontram no quadro VI por motivos já expostos (cf. metodologia), são usos especulares do vocábulo e ocorreram no final da ação:

(32)

T. dirige-se ao caminhão.

M: Abre a porta!
Abre a porta do caminhão, Tiago.
Ói, abre!
Abriu! Abriu!

abiu T. brincando com as portinhas

do caminhão. Abre e fecha.

M: Abriu! Fe-
chou!

(AT/I: 1;5.10)

(33)

T. olha para os olhos da boneca que abrem e fecham, conforme a boneca é posta em pé ou deitada.

M: Como é o
olho do nenê?
Ô, o olho ,
aqui do nenê.
Fechou! E
assim,... a-
briu o olho ,
viu?

abíu

M: Abriu. E as
sim? Fechou !

abíu

M: Abriu. Abre
e fecha, vai...

abíu

M: Fechou o
olho do nenê.¹⁷

(AT/I: 1;5.10)

Exatamente como aconteceu com 'fecha', o proceso de especularidade é mútuo: T. repete parte do enunciado

precedente do adulto e este, por sua vez, repete o enunciado da criança, como se confirmasse a eficácia de seu comportamento lingüístico.

Os primeiros enunciados que não seguiam imediatamente um enunciado do adulto ocorreram na fase anterior e na fase final da ação em uma mesma sessão de gravação -
T: 1;6.1.:

(34)

T. força as bolinhas para dentro da caixa.

abí

Obs: Abí? Como
é que abre? Você
vai abrir?
Isso! Abriu!

(AT/T: 1;6.1)

No exemplo acima, observa-se mais uma vez, o adulto repetindo o enunciado precedente da criança.

As instanciações abaixo ilustram outras ocorrências do vocábulo em cada fase da ação:

fase anterior:

(35)

abí T. pega uma revistinha.

M: Vamos abrir
o livrinho?

T. estende a revista para M.
(olhando para a revista)

M. abre a revista.

T. estende a mão para pegá-la.

(VT-9/T: 1;9.11)

fase progressiva:

(36)

M. fecha a caixinha.

T. estende a mão.

M. põe a caixinha no chão.

ãbi T. abre um dos lados.

T. levanta e tenta tirar o

ônibus.

M: Abra.

(VT-8/T: 1;8.10)

fase final:

(37)

M/T mexem nos cubos.

M. ajuda T. a encaixar os

cubos.

T. desencaixa um cubo.

abíu

M: Esse aí es

tã errado, não

é Tiago?

T. desencaixa outro cubo.

(VT-7/T: 1;7.12)

II. 2.3.3. No que se refere ao 'agente' do movimento sobre o objeto: I. ou T.

As várias situações em que se encontra 'abrir' na fala de I., representadas no quadro V, revelam uma pred

minância no uso desse verbo com referência a ações executadas por T., ou que ocorreram dentro do seu campo de atenção, restringindo, assim, sua fala ao contexto perceptual imediato da criança.

A maioria dos enunciados de I. pode ser interpretada como atribuição de intenções aos comportamentos da criança. Isso se confirma ao se retomar II.2.3.2. onde se verifica que a maior incidência de enunciados ocorreu na fase que antecede a ação.

Assim como foi observado com relação a 'fecha', essas atribuições de intenções aos comportamentos da criança parecem depender das expectativas de I. com relação a ação a ser efetuada com cada objeto. É o que se infere ao se analisar determinadas situações interacionais em que as ações referidas por formas do verbo 'abrir', pelos adultos interlocutores, parecem ser as únicas possíveis com aqueles objetos, por exemplo: se T. está com a latinha fechada imediatamente o adulto lhe atribui a intenção de abri-la, mesmo que nenhum movimento tenha sido efetuado nesse sentido. Esse 'comportamento esperado' por I. pode ser observado mesmo nos esquemas de interação em que I. parece incentivar T. a executar determinadas ações:

(38)

T. fecha as latinhas.

M: E agora, Tia
go? Abre! Va-
mos abrir? Va
mos abrir, Tia
go? Dã a lati-

nha prá mamãe,
dá. E a mamãe?

T. vocaliza.

(AT/I: 1;1.5)

(39)

T. fecha as latinhas.

M: Vamos ver
o que ele vai
falar. Se ele
consegue abrir.¹⁸

M: Será que
você consegue
abrir, Tiago?
Hein? Abre!

T. olha para M. e lhe dá a la
tinha.

M: Ah! Dá prá
mamãe. Olhou
prá mamãe e
deu. Prá ma -
mãe abrir? É?

daε

M: Ah, ele
respondeu!

(AT/I: 1;1.5)

Observe-se nessa situação de interação o adulto interpretando o comportamento de T., ao dar o objeto para M., como uma compreensão de seu enunciado anterior.

Como também foi observado com 'fecha', os primeiros enunciados com 'abi', por T., na fase que antecede a

ação foram interpretados ora como requisição de ação ora como se a criança estivesse anunciando sua própria ação.

O que levaria o adulto a atribuir diferentes funções comunicativas a esses enunciados?

Uma resposta a essa questão seria, por exemplo, o contacto de olho. A partir de 1;7.12 vários enunciados foram produzidos em combinação com contacto de olho (I/T) e, em geral, I respondeu a esses enunciados como se T. estivesse requisitando sua ação:

(40)

T. observa a casinha.
 abí Tenta abrir a porta.
 apúsa

M: Abra, Tiago.

ãbi T. olha para M. (não foc.)
 M. mexe na tramelinha.
 T. observa.

M: Agora abra.

T. abre a porta da casinha.

(VT-7/1;7.12)

Uma outra pista possível que leva o adulto a dar uma ou outra interpretação aos enunciados da criança parece ser o uso de um vocativo - 'manhê' ou 'Beíísi' - que precederam enunciados com o vocábulo em questão. Assim como foi visto com 'fecha', nessas situações dialógicas T. esperava o adulto executar a ação:

(41)

B. fecha a porta da casinha.

abí

abí	<u>T. tenta abrir.</u>
	Não consegue.
Beiísi	<u>Olha para B.</u>
ãbi	B. abre.

(AT/T: 1;9.1)

Nessas situações, o adulto interpretou os enunciados da criança-sujeito deste estudo como 'requisição de ação'.

No exemplo (41) acima, nota-se, também, uma variação na forma lingüística que parece relacionada à função comunicativa que T. atribui a sua própria fala: 'abí' enquanto executa a ação, como comentário de sua própria ação, e 'ãbi' depois do vocativo, como 'requisição de ação'.

Pode-se dizer que essa é uma oposição que está sendo estabelecida entre as formas lingüísticas de acordo com a função comunicativa: requisição ou comentário dentro do diálogo. Isso não significa, entretanto, que se trata de uma oposição entre formas infinitivas ou futuras - 'abí' - e formas imperativas - 'ãbi'. Como será visto a seguir, em enunciados produzidos em um período que se segue a esse, ambas as formas foram usadas por T. como variantes (uma ou outra função comunicativa).

II. 2.3.4. No que se refere às formas lingüísticas

Os primeiros enunciados com o vocábulo agora analisado, não representados no quadro VI por seguirem imediatamente um enunciado do adulto, foram com a forma 'abíu'

na fase final da ação. Como já foi visto em II.2.3.2. (exemplo (32) e (33)), foram usos especulares a partir da forma lingüística - 'abriu' - produzida por I. na mesma situação interacional.

As primeiras formas que se encontram no quadro VI foram 'ãbi', 'abí' e 'abíu' em uma mesma sessão de gravação em duas situações interacionais em que, em um período anterior, já haviam sido registrados enunciados com formas semelhantes do verbo 'abrir' na fala dos interlocutores de T.

As formas 'ãbi', 'abí' e 'abíu' são associáveis, respectivamente, a 'abre', 'vamos abrir', 'abriu' e outras, da fala dos adultos, que ocorreram nas fases prospectiva, progressiva e completiva dos eventos.

A forma 'abíu', menos frequente na fala de T., só ocorreu na fase que se segue à ação. Entretanto, o fato de terem sido registrados enunciados com 'ãbi' e 'abí' também nessa fase da ação, até o final do período abrangido por este estudo, indica que essas formas não foram usadas por T. para se referir a cada uma das fases da ação. O contexto abaixo é ilustrativo de 'abí' logo após a execução do movimento sobre o objeto:

(42)

M/T. brincam com o pica-pau.

T. desencaixa a haste da base
de madeira.

abí Joga a haste, olhando para a
base.

Pega e observa. Olha para M.e

lhe estende a base. M. pega.

T. olha. M. arruma o brinquedo.

M: Você abriu,
não é?

T. observa.

(VT-11/T: 1;11.7)

As variações 'ãbi' e 'abí' ocorreram nas três fases da ação e foram ambas interpretadas por I., quando na fase anterior, tanto como requisição como comentário de ação a ser executada.

O exemplo (42) acima demonstra que a fase da ação em que o vocábulo é produzido por T. também é uma pista para o adulto atribuir diferentes funções comunicativas a sua fala: a mesma forma 'abí', já interpretada como 'requisição' e como 'comentário', nessa situação, tendo ocorrido em seguida à execução da ação, não recebeu qualquer uma das interpretações acima mencionadas.

II. 2.3.5. No que se refere aos objetos envolvidos nas várias situações interacionais.

Semelhante ao que foi registrado com 'fecha' e ao contrário do que foi observado com 'caiu', os usos do verbo 'abrir' por I. (quadro V) revelam uma certa dependência das características físicas dos objetos envolvidos na ação de abrir. Ou pelo menos, todos possuem características que para os adultos indicam a possibilidade de serem

'abertos': todos os objetos são compostos de uma ou mais partes que podem ser separadas total - por exemplo: lat_inhas, panelinhas e tampas, etc. - ou parcialmente - por exemplo: porta do armário, livro, caixa, etc...

As situações de uso do vocábulo 'abi' por T. envolviam objetos que possuíam as mesmas características físicas apontadas acima; e não poderia ser diferente, já que os mesmos objetos estavam presentes nos esquemas de interação em que foram registradas a fala de I. e/ou T.

Algumas extensões no uso do vocábulo envolvem objetos não presentes nas situações interacionais em que formas do verbo 'abrir', na fala do adulto, foram produzidas: 'chave', 'espelho' e 'pica-pau', como será apresentado e discutido a seguir.

Esses usos de 'abi' s_o ocorreram na fala de T. e foram imediatamente interpretados e aceitos pelo adulto.

II. 2.3.6. No que se refere ao tipo de movimento efetuado sobre o objeto.

Nos quadros referentes à fala de I. ou T. verifica-se, mais uma vez, a não existência de um movimento específico associável às formas do verbo 'abrir' ou ao vocábulo agora analisado.

O que dizer, então, do uso do vocábulo 'abi' por T.?

(43)

T. forçando as bolinhas para
dentro da caixa.

abí

Obs: Abi? Co-
mo é que abre?
Você vai abrir?

(AT/T: 1;6.1)

A que segmento dessa ação T. estava se referindo? Pôr a bolinha dentro da caixa? Forçar a entrada da bolinha na caixa fechada? Ao resultado da ação? Ao espaço que se quer tornar acessível? Ou T. assumiu a fala do adulto produzida no esquema de interação - 'abrir a caixa para pôr a bolinha dentro' - na mesma sessão de gravação (cf. quadro V), como um objeto lingüístico que faz parte desse esquema?

As extensões no uso do vocábulo, ilustradas abaixo, parecem indicar a última alternativa como a mais adequada para explicar 'abí' na fala da criança:

(44)

T. fecha o livro.

abíu

Desvia a atenção.

(AT/T: 1;6.1)

(45)

M/T. olham a revista.

M. fecha a revista.

âbi âbi

T. olha e estende a mão para

âbi

o telhado da casinha.

M: Abrir o que?

T. pega um molho de chaves em cima da casinha. Desvia a atenção.

(AT-7/T: 1;7.12)

(46)

T. olha para o espelho na parede.

abí Puxa-o.

(diário/T: 1;8.3)

(47)

T. empurra o ônibus. Pára na frente da casinha. Empurra o ônibus contra a casinha.

ãbi Tenta desviá-lo da casinha.

Mexe no ônibus.

(VT-8/T: 1;8.10)

(48)

T. abre a revista.

Olha as figuras.

abí abí Tenta virar uma página.

M. ajuda T. a virar a página.

(VT-8/T: 1;8.10)

(49)

T/M. mexem e nomeiam os bichinhos.

T. dá um bichinho para M.

M:Esse é a galinha.

gali

T. dá uma outra galinha para
M.

M: Galinha.

galila

abí Contacto de olho M/T. T. es-
tende a galinha para M.

M: Hã?

abí M. pega a galinha.¹⁹

M: Abrir a ga
linha? Como
é que vai a-
brir, Tiago?
Não dá. Não
dá para abrir.

T. olha para a galinha.
Olha e pega um bichinho no
chão.

(VT-10/T: 1;10.8)

Essas formas parecem ser incorporações por T. das formas produzidas por seus interlocutores em esquemas de interação anteriores onde ações foram efetuadas sobre os objetos envolvidos nas situações descritas. É o caso do exemplo (45) acima. Parece mais apropriado considerar-se esse uso do vocábulo não como uma extensão a partir da função do objeto, mas um uso do vocábulo relacionado a um objeto - 'chave' - que faz parte de um esquema de ação em que adultos falantes do português produzem formas do verbo 'abrir'.

A situação de número (49) merece ser salientada

da.

Como foi visto em II.2.1. (exemplo (8)). T. ha via brincado com uma galinha de botar ovo. Apesar de em (49) ter-se uma galinha de forma esquemática que em nada se assemelha à galinha que botava ovo, pode-se dizer que a palavra 'galinha' foi associada por T. ao vocábulo 'abi', ou seja, trata-se de uma outra coordenação entre esquemas lingüísticos, semelhante à observada em relação aos vocábulos 'fecha' e 'porta' discutidos em (II.2.2.)

Ao se observar o quadro V anexo, verifica-se que nas várias situações de uso de formas do verbo 'abrir' pre dominaram ações cujos objetivos podem ser definidos como 'tornar acessível' um espaço ou objetos localizados nesse espaço, possibilitando a realização de uma outra ação. É o que se encontra ilustrado abaixo:

(50)

T. com atenção no potinho de comida. Segura uma colher e a leva até o potinho. M. observa.

M: Você quer abrir o papã, Tiago? Vamos abrir o papã?

Contacto de olho.

T. olha para o potinho.

M. pega. T. observa.

M. começa a abrir.

M: Dã aqui. A mamãe vai

abrir.

M. começa a abrir.
T. observa. M. tira a tampa
e dá papã para T.

(VT-5/I: 1;5.13)

(51)

M/T. olham o livro.
T. segura o livro fechado e
olha para a capa.

M: Vamos abrir
o livro.

T. olha para a capa.

M: Abre o li -
vro, Tiago.

T. mostra o cachorro da capa.

(VT-10/I: 1;10.8).

Vários exemplos poderiam ser apresentados, todos tendo em comum a acessibilidade a objetos e espaços, que mesmo no caso de ações sobre livros e revistas tornavam acessíveis as figuras que possibilitavam o 'jogo de nomear', o qual inclui o 'mostrar' ou o 'apontar', como se vê em (51) acima.

Essas ações coincidiam com o início de uma outra atividade, seja a de nomear as figuras; a de recompor o objeto, como no caso da latinha; a de tirar ou pôr os bichinhos na casinha, etc...

Acessibilidade aos objetos e possibilidade de ser iniciada uma outra atividade podem ser explicativas de outras recontextualizações no uso do vocábulo, que envolvem

objetos diferentes dos objetos presentes nas situações interacionais em que I. produziu formas do verbo 'abrir' :

(52)

M/T brincam com o pica-pau.

manhê

T. estende o brinquedo para M.

abí

M: Abrir?

M. desencaixa a haste da base
de madeira.

(VT-11/T: 1;11.7)

(53)

T. com o encaixe do pato.

âbi

T. pede para M. tirar o chapéu do pato.

tíra

Pede para tirar as outras peças.

fêsa

Pede para colocar a última peça
(durante o processo de remontagem do quebra-cabeça).

(diário/1;11.26)

De tudo que foi visto, pode-se perguntar: qual é a possível significação do vocábulo 'abi' na fala de T.?

Os primeiros usos do vocábulo ocorreram nos mesmos esquemas interacionais em que os adultos produziram formas do verbo 'abrir'. Trata-se, nesse caso, de um objeto (lingüístico) que tem o mesmo estatuto dentro do esquema de interação de qualquer outro objeto (do mundo físico) presente.

Em seguida, o vocábulo foi usado em outras situações de interação, diferentes das iniciais: são as cha-

mas 'recontextualizações' no uso do vocábulo.

Essas 'recontextualizações' resultam do estabelecimento de correspondências entre as situações interacionais: são análises dos esquemas de interação anteriores em que o vocábulo foi usado.

Ao se observar as 'recontextualizações', no período abrangido por este estudo, verifica-se que estas se deram por estabelecimentos de correspondências variados:

- . relações entre objetos lingüísticos (ver 'abi' e 'galinha' em (49)).

- . relações entre objetos lingüísticos e não-lingüísticos (ver 'abi' e 'chave' em (45)).

- . relações entre objetivos: acessibilidade a objetos e/ou espaços;

- . possibilidade de ser iniciada uma outra atividade.

Esses vários tipos de correspondências, acrescentados, ainda, da variação de movimentos que são efetuados sobre os objetos em cada situação de interação, apontam para a indeterminação do significado desse vocábulo na fala de T.

II. 2.4. 'Tira'

O vocábulo a ser analisado pode ser associado (ver 'caiu') às formas do verbo 'tirar' como se encontra na fala dos adultos interlocutores de T. (cf. quadro VII) anexo. É o quarto vocábulo, dentre os vocábulos analisa -

dos, a emergir na fala de T. O primeiro enunciado ocorreu quando T. estava com 1;6.14 em uma sessão de gravação em AT.

Esse uso de 'tira' não se encontra no quadro VIII anexo, pois, como pode ser visto abaixo, a transcrição feita omitiu a fala dos interlocutores de T.:

(54)

B. põe uma tartaruga dentro
da blusa de T.

T. fica imóvel. Parece inco-
modado.

Obs. diz que vai tirar.

tiã T. responde.

Obs. tira.

B. põe de novo, na frente ,
por dentro da camisa.

(AT/T: ⁽²⁰⁾1;6.14)

Assim, só serão analisados os registros feitos a partir de 1;6.29.

Semelhanças e diferenças entre os usos do verbo 'tirar' e do vocábulo 'tira' encontram-se sintetizadas abaixo:

II. 2.4.1. No que se refere aos esquemas interacionais.

Ao contrário do percurso observado com 'caiu', 'fecha' e 'abi', o primeiro uso (registrado) de 'tira' por T. ou, pelo menos, o primeiro enunciado interpretado pelo

adulto como tal, ocorreu em um esquema de interação diferente daquele em que formas do verbo 'tirar' foram encontradas:

(55)

T. puxa o relógio do braço de
M.

ti

M: Tirar, não.
A mamãe não
pode tirar. Ele
falou...

Obs: É prá tirar, é?

T. vocaliza.

Obs: Ele segurou como se estivesse puxando.

M: É. Quis mandar tirar. Olha o da Tela. Que bonito o relógio da Tela!

(AT/T: 1;6.29)

Não se pode excluir, entretanto, a possibilidade de ter havido uma outra situação, talvez com sua irmã, semelhante a essa e não registrada. Além disso, deve-se considerar, também, o fato de os interlocutores de T. se referirem a relógio como 'tique-taque', e, assim, então, a

forma 'ti' usada por T., nessa situação, poderia ser vista como uma forma parcialmente semelhante ao nome dado, por I., ao objeto.

Os enunciados seguintes de T. - 1;7.22 e 1;9.22 - ocorreram em situações interacionais que o adulto, seu interlocutor, havia produzido formas do verbo 'tirar': 'desencaixar os cubos' e 'destampar as panelinhas'. Os demais enunciados ocorreram em situações interacionais diferentes daquelas em que os interlocutores de T. produziram formas do verbo associável.

II. 2.4.2. No que se refere à fase do evento: 'antes', 'durante' ou 'depois'.

No quadro VII, referente aos usos de formas do verbo 'tirar' na fala dos interlocutores de T., encontram-se 112 enunciados com formas desse verbo durante as situações interacionais gravadas. Desses 112 enunciados, 63 foram usados na fase anterior, 12 durante e 37 depois do evento.

De acordo com o quadro VIII, referente à fala de T., tem-se 20 situações com 33 enunciados com esse vocábulo, no período abrangido por este estudo. Desses 33 enunciados, 28 ocorreram na fase anterior, 2 durante e 3 na fase imediatamente seguinte ao evento.

Assim, tanto na fala de I. como na de T., predominam enunciados com formas do verbo 'tirar' e do vocábulo 'tira' na fase que antecede a ação.

Abaixo encontram-se ilustrados enunciados com o vocábulo 'tira', na fala de T., em cada fase da ação:

. fase anterior:

(56)

T. tenta desencaixar um pauzi-
nho do trem.

tía Olha para o trem onde B. mexe.

M: Tira? Não.

T. faz força para desencaixar.

M: Vamos arru-
mar.

Contacto de olho (M/T).

tía T. estende o trem para M. Olha
para o trem.

M: Tirar?

T. mexe no trem. M. segura.

T. puxa o pauzinho. M. tenta
tirar. M. tira. T. olha.

(VT-12/T: 2;0.18)

. fase progressiva .

(57)

T. brinca com o trem.

tía Puxa um vagão por um pauzi-
nho que está encaixado, sol-
tando o trem.

Bate o vagão no chão tentan-
do desencaixar o pauzinho. O
pauzinho sai. T. observa.

M: Que estória
é essa de tira?

(VT-12/T: 2;0.18)

Os três enunciados a seguir exemplificam todas as ocorrências do vocábulo, agora analisado, na fase com - pletiva:

(58)

T. tenta encaixar os cubos.

M. põe os cubos de boca para baixo na frente de T.

M: Vamos tirar tudo, Tiago? Fica mais fácil, ô.

T. olha para os cubos que M. desencaixara.

tirô

Estende as mãos para os cubos.

M: Tirou.
Obs: Tire tudo de uma vez.

T. pega um cubo.

M. põe um cubo junto com os outros.

M: Tire tudo, tudo, tudo, tudo.

T. olha para o cubo.

Tenta encaixar um cubo.

(VT-7: 1;7.12)

(59)

T. mexe nos cubos de encaixe.

aboí

M. o coloca de frente para a

câmera.

mais T. olha para M.

M: Mais. Ele quer que tire.

T. põe as mãos no cubo.

M. tira um cubo. T. olha para os cubos encaixados.

tirô M. tira outro cubo.

M: Tirou.

M: Tira você também.

Olha para os cubos encaixados.

T. tenta desencaixar um cubo.

(VT-7/T: 1;7.12)

(60)

T. com as barriguinhas. Tira uma de dentro da outra.

Obs: Está tirando tudo.

Desmancha para colocar uma sobre a outra.

tirô T. desencaixa uma barriguinha.

Obs: Tirou. Tirou, sim.

(AT/T: 1;10.12)

II. 2.4.3. No que se refere ao 'agente' do movimento sobre o objeto: I. ou T.

Na fala de I., enunciados com formas do verbo 'tirar' foram usados para se referirem as suas próprias ações no campo de atenção de T. ou para se referirem às ações da criança, em todas as fases citadas no item anterior. Esses enunciados ocorreram tanto para requisitar ação como comentar seus próprios comportamentos ou comportamentos da criança.

Dos vinte e oito enunciados por T., que ocorreram na fase anterior à ação, 27 foram interpretados por I. como requisição de ação, e a maioria desses enunciados foi precedida de um vocativo - T. chama sua mãe ou um dos observadores presentes. O que significa que T. está fazendo uso de uma estrutura dialógica construída anteriormente: introduzir o interlocutor e requisitar sua ação.

(61)

T. com as panelinhas e o fogão.

manhê tiã

M: Essa tampa
está difícil.

M. tira as tampas das panelinhas.

M: Pronto!

(AT/T: 1;9.22)

II. 2.4.4. No que se refere às formas lingüísticas.

A primeira forma registrada (ver item II.2.4.1) na fala de T. foi apenas parcialmente semelhante às formas do verbo 'tirar' usadas por seus interlocutores. Como já foi visto (exemplo (55)), T. produziu 'ti' ao mesmo tempo que puxava o relógio do braço de sua mãe. Pode-se dizer que o adulto interpretou essa forma como 'tira' pela semelhança mencionada e pelo tipo de ação que T. estava executando.

As outras formas foram mais próximas às formas produzidas por I: 'tira' (com as variações fonéticas: tía, tíla), 'tirã' (com as variações fonéticas: 'tiã' e 'tilã') e 'tirô'. As formas 'tira' e 'tirã', associáveis, respectivamente, ao imperativo e infinitivo/futuro, da fala do adulto, ocorreram nas fases prospectiva e progressiva. 'Tirô' só foi usada na fase final da ação e é associável ao perfeito do verbo 'tirar' encontrado na fala de I. nessa mesma fase da ação.

As situações que serão descritas abaixo são importantes para se observar a variação entre as formas 'tira' e 'tirã' na fala de T.:

(62)

T. com o colar de contas que
se encaixam.
(acabou de encaixar)

M: E agora?

tíla tíla

M: Vamos ti -

rar? Qual? Es
se?

tirá tirã

M: Tirar.Tudo?

(AT/T: 1;9.28)

(63)

M/T olham um livro.

tiã T. aponta para uma figura.

M: Tira?

tíla

M: Você quer
que o urso ti
ra a mão da
boca, não é?

M. abre o livro.

T. observa.

(VT-10/T: 1;10.8)

Nos dois casos - (62) e (63) - verifica-se que a variação nas formas ocorreu depois da emissão de I., ou seja, resultaram de ajustamentos à forma lingüística do adulto em sequências especulares.

O ajustamento à fala do adulto no que diz respeito às variações 'tíra' e 'tirã' não aconteceu com a forma 'tirô', como pode ser visto nos exemplos (58), (59) e (60). Isso parece apontar para um estabelecimento de relações entre as formas lingüísticas que são produzidas em cada fase da ação.

Com 1;11.27 nota-se a alternância na forma in-

dependentemente de enunciados do interlocutor:

(64)

T. com o ônibus e os bonequi
nhos.

tirá (M. conversa com Obs.)
manhê tira

M: Tira.

Obs: Porque é
a mamãe que
tira e o Tia-
go não tira?

M: Esse aqui
é pequeno, es
se é difícil.

Obs: Está ti-
rando.

M: Pronto!

(AT/T: 1;11.27)

Essa situação parece demonstrar que T. está fazendo uso das diferentes formas, não por uma correspondência entre formas imperativas e infinitivas da fala de seu interlocutor, mas como se tratando de uma regra discursiva: uma forma sendo usada para comentar sua própria ação e a necessidade do uso da outra forma ao se dirigir ao interlocutor.²¹

Como também foi observado com 'fêsa/fesã' e 'âbi/abí' analisados em (II.2.2.) e (II.2.3.), respectivamente, a atribuição de funções comunicativas aos enunciados de T. registrados na fase anterior independia da variação

na forma. Como já foi mencionado, somente um uso do vocábulo nessa fase da ação não foi interpretado como 'requisição de ação' (ver primeiro enunciado de T. no exemplo (64) acima).

II. 2.4.5. No que se refere aos objetos envolvidos nas várias situações interacionais.

Pode-se dizer que o vocábulo 'tira', na fala de T., não está restrito a comportamentos sobre objetos que estavam envolvidos nas situações interacionais em que se registraram formas do verbo 'tirar' na fala dos seus interlocutores. Isso porque, poucos objetos são comuns às situações de uso do verbo 'tirar' por I. e do vocábulo 'tira' por T. Exemplos desses objetos são: 'panela e tampa', 'ônibus com os bonequinhos', 'colar de contas encaixadas', 'trem' e 'pica-pau'.

Movimentos sobre 'colar de contas' e 'trem' foram registrados primeiro na fala de T. e só depois na fala de seu interlocutor.

Observe-se o quadro VIII e note-se a relação entre os objetos envolvidos em cada atividade:

- . suco dentro do copo;
- . relógio do braço do interlocutor;
- . barriquinhas encaixadas;
- . cubos encaixados;
- . vagões articulados formando um trem;
- . panelinhas tampadas;

. colar constituído de contas encaixadas; etc...

Pode-se dizer que esses objetos constituem um todo articulado que pode ser decomposto. Essa relação entre os objetos pode ser uma possível correspondência estabelecida por T. entre as várias situações interacionais explicando o uso do vocábulo 'tira', em sua fala, em situações que envolvem objetos diferentes dos presentes nas situações de uso do verbo 'tirar' pelo adulto.

II. 2.4.6. No que se refere ao tipo do movimento efetuado sobre o objeto:

A característica comum às situações que se encontram nos quadros VII e VIII, referentes à fala de I. e T., respectivamente, é a do uso do 'verbo 'tirar', no primeiro caso, e do vocábulo 'tira', no segundo caso, em situações onde ocorre mudança de posição de objetos.

Essa mudança de posição pode ser definida como a " retirada de um objeto do ponto de partida do movimento a ser executado", como ocorreu ao:

- . tirar um objeto que está dentro de outro, como aconteceu com os cubos de encaixe;
- . separar as partes de uma totalidade articulada, com a separação dos vagões do trem;
- . tirar um objeto de cima do outro: tampa da panela;
- . desencaixar a haste da base de madeira do brinquedo do pica-pau.

Note-se que formas do verbo 'tirar' ou o vocá-

bulo 'tira' foram usados com referência a movimentos diferentes sobre o pica-pau. Os adultos interlocutores de T. usaram enunciados com formas do verbo 'tirar' requisitando-lhe 'tirar a mão do brinquedo', enquanto T. usou como se encontra abaixo:

(65)

mãe tiã T. pega o pica-pau e o estende
para M.

M: Tira.

M. segura o brinquedo e desencaixa a haste da base de madeira. T. observa.

(VT-11/T: 1;11.7)

Na maioria das situações de uso do vocábulo em discussão, tem-se como resultado da ação a acessibilidade aos objetos que foram retirados do seu lugar-de-origem: uma outra possível correspondência entre as várias situações.

Na fala de I., encontra-se, também, como resultado da ação referida por formas do verbo 'tirar', a acessibilidade ao objeto tido como lugar-de-origem do movimento efetuado, como é o caso da instanciação abaixo:

(66)

T. olha para uma banana e olha
para M. que conversa com B.
B. começa a descascar a banana.

B: Vamos tirar
a casca, não é
Tiago?

T. observa. B. pega a banana.

T. olha para o chão. T. come
a banana.

(VT 5/I: 1;5.3)

Alguns usos, pode-se dizer que têm como objetivo o oposto do que está sendo dito até aqui. Na situação abaixo, por exemplo, o objetivo da ação descrita parece ser o de tornar inacessível o objeto que é movido:

(67)

T. irritado com o urso que B.
põe na sua frente.

Olha para M. (não foc.) Olha
para B.

M. pega o urso.

M: Tá. Vamos
tirar o urso,
então, não é?

T. olha para as frutas no chão.

(VT-5/I: 1;5.3)

Uma outra característica comum a todas as situações descritas acima e as que se encontram registradas no quadro VII é a mudança de posição de um objeto. Quando o comportamento que leva a esse movimento é referido por formas do verbo 'tirar', parece que se enfatiza o lugar-de-origem do movimento. O lugar-de-origem ou ponto-de-partida do movimento a ser efetuado é negado, não importando o destino desse mesmo movimento.

Pode-se imaginar várias situações interacionais (I/T) não abrangidas pelas gravações das quais se obteve o corpus analisado (ver metodologia) em que formas do verbo

'tirar' e do verbo 'pôr' foram usadas pelos interlocutores de T., como, por exemplo; 'tirar e pôr roupa'. Enquanto com 'tirar' salienta-se e nega-se o ponto-de-partida, com 'pôr' é salientado o ponto-de-chegada do movimento efetuado.

Observe-se o uso do vocábulo na fala de T. com
1;11.11:

(68)

T. pede mais suco.

mãe tirã

M: Tirar? Ah,
ele não quer
no copo grande,
quer no
pequeno.

Obs: Isso!

(AT/T: 1;11.11)

De acordo com a interpretação de sua mãe, poderia dizer-se que T. está se referindo a mudança de posição de um objeto - suco - negando o continente, ou copo grande, em outras palavras, o lugar de onde será tirado o suco.

Apesar de ser possível se estabelecer esse tipo de relação entre o vocábulo 'tira' usado em (68) e os usos de formas do verbo 'tirar' por I., o uso do vocábulo descrito acima soa estranho para adultos falantes do português (note-se a necessidade de M. em traduzir o desejo da criança para o observador).

Quais foram as possíveis correspondências estabelecidas entre as situações de interação em que foram re-

gistrados enunciados com o vocábulo 'tira'? Observou-se, em um primeiro momento, uma relação entre os objetos envolvidos nas várias situações. Em seguida observou-se: acessibilidade ao objeto que é tirado do seu lugar; mudança de posição e, ainda, negação do lugar de origem do movimento a ser efetuado.

É perfeitamente possível pensar-se que esses usos de 'tira' resultam do estabelecimento dessas correspondências (e, talvez, de outras não observadas) entre as situações do dia-a-dia em que ocorreram formas do verbo 'tirar' na fala de I. e foram incorporadas por T.

Entretanto, como foi visto, nem sempre esses aspectos acima mencionados explicam o uso de formas do verbo 'tirar' por adultos falantes do português.

II. 2.5. 'Fecha', 'Abi' e 'Tira'

Os vocábulos 'abi' e 'fecha' foram usados por T. em algumas situações interacionais que envolviam os mesmos objetos como, por exemplo, 'porta da casinha', e foram usados, ou pelo menos, assim interpretados por I., como se referindo a movimentos opostos sobre esses objetos.

'Abi' e 'tira' ocorreram em esquemas de interação onde se observa o mesmo tipo de movimento sobre os mesmos objetos; 'desencaixe dos cubos' (1;7.12) e 'desencaixe da haste da base de madeira do brinquedo do pica-pau' (1;11.7) (cf. encontram-se nos quadros VI e VIII anexos).

As observações acima estariam indicando que

'abi' e 'fecha', por um lado, estavam sendo considerados por T., no período abrangido por este estudo, como mantendo uma relação de antonímia e 'abi' e 'tira'; por outro lado, uma relação de sinonímia?

Os primeiros usos dos vocábulo 'fecha' e 'abi' (1;5.10 e 1;6.1, respectivamente) foram incorporações da fala do adulto produzida em esquemas interacionais precedentes. Já com 'tira' verificou-se o uso do vocábulo em situações interacionais diferentes das situações em que I. usou formas do verbo 'tirar' desde sua primeira ocorrência (T: 1;6.29).

Os primeiros enunciados se deram em situações de interação diferentes:

'fecha' brincando com a portinha do caminhão;

'abi' pondo bolinhas dentro da caixa;

'tira' tentando tirar o relógio do pulso do adulto.

No que diz respeito a 'abi' e 'fecha' ocorreram em um mesmo jogo - 'pôr e tirar bichinhos da casinha' - quando T. estava com 1;6.22. Pode-se dizer que 'abi' marca o ponto inicial do jogo e 'fecha' o ponto final. Entretanto, não ocorreram nessa sequência dentro de uma mesma instânciação: foram usados em repetições diferentes do jogo na mesma sessão de gravação.

Só a partir de 1;9.28 foram usados em dois momentos de uma mesma atividade:

(6())

T. brinca com o colar formado

de contas que se encaixam.

manhê

abí

M: Hum?

M: Abrir?

Obs: Você quer que abra, Tiago? Quer? Não pode ficar fechado?

M: Ele está tentando.

abí

Obs: Ah! Ele entregou prá Cecília, não é? Quer que a Cecília, abra? Ô. Abriu!

Obs: Vamos fechar?

abí

Obs: Hum, agora é prá mãe, não é?

Obs: Ele encaixou direitinho, não é?

Toma mais um prá você encaixar. Agora

é esse.

abí

Obs: Esse vo-
cê já pode
guardar. Já
abriu.

fesã (M.ri)

(AT/T: 1;9.28)

(70)

T. com as barriguinhas na mão.
M. pega mais. T. coloca uma
separado no chão.

manhê Olha para M.

M: Hum?

abí

abí Olha para Obs. Dã para Obs.

abí Olha para M.

Dã duas para M. e outra para
Obs.

fesã Coloca parte da barriguinha
em cima da outra.

fesã Depois de tentar fechar, dã
para M.

(AT/T: 1;9.28)

As instanciações acima parecem indicar o início do estabelecimento de relações entre os esquemas de interação em que antes ocorriam 'abi' ou 'fecha'. O inter-relacionamento que começa a se processar é mais claramente evidenciado no contexto abaixo:

(71)

Obs. com as barriguinhas,

Obs: Quer que eu feche.

feche

Obs: Tá. Feche. ²² Agora você abre esse. Abre. É duro , Tiago. Abriu! O Tiago abriu, não é? E estava bem fechado . Agora vou fechar esse. Abre esse. Bem fechado.

fesô abiu

Obs: Abriu. Corrigiu, não é?
(AT/T: 1;10.12) ²³

Quanto a 'abi' e 'tira', observam-se vários usos envolvendo os mesmos objetos, em uma mesma sessão de gravação, desde a idade de 1;7.12, como se vê abaixo:

(72)

T. mexe com os cubos de encaixe.

aboí

M. o coloca de frente para a câmara.

mais T. olha para M.

M: Mais. Ele quer que tire.

T. põe as mãos no cubo. M. tira um cubo. T. olha para os cubos encaixados.

tirô M. tira outro cubo.

T. olha para os cubos encaixados.

M: Tirou.

(VT-7/T: 1;7.12)

O enunciado com 'tirô' por T. ocorreu, em situações semelhantes, nessa mesma sessão de gravação, sempre depois de um enunciado do interlocutor com qualquer forma do verbo 'tirar', demonstrando uma relação entre duas formas lingüísticas: 'tire' da fala de I. e 'tirô' por T. O não ajustamento à forma produzida pelo adulto vem confirmar essa hipótese, ou seja, é indicativo do estabelecimento de relações entre essas formas que marcam diferentes fases da ação. A forma 'tirô' marca o final da ação com T. assumindo um papel antes desempenhado por I.

O interlocutor de T. quando se referia a sua própria ação de desencaixar cubos usava formas de 'abrir'. Em (73) abaixo, observa-se T. emitindo 'abiu' logo após ter desencaixado o cubo:

(73)

M/T. mexem nos cubos.

M. ajuda T. a encaixar os cubos.

abiu

T. desencaixa um cubo.

M: Esse aí es
tã errado, não
é Tiago?

T. desencaixa outro cubo.

(VT/T: 1;7.12)

Nas situações (74) e (75) a seguir, observa-se o uso dos vocábulos 'abi' e 'tira' que parecem uma requisicão para o adulto desencaixar a haste da base de madeira:

(74)

M/T. olham o pica-pau.

manhê abí

T. estende o brinquedo para M., olhando para o pica-pau.

M. pega o brinquedo.

T. observa.

M: Abrir?

M. tira a haste.

capô

T. olha para o brinquedo

(VT-11/T: 1;11.7)

(75)

M/T. com o pica-pau.

mãe tiã

T. pega o brinquedo e dá para M.

M: Tira?

M. tira a haste da base de madeira.

(VT-11/T: 1;11.7)

Deve-se considerar que o uso do verbo 'abrir' por adultos falantes do português neutraliza a relação entre os dois objetos ou as partes que o compõem, enquanto o verbo 'tirar' enfatiza e nega o ponto-de-partida, ou lugar-de-origem, do movimento do objeto.

Será que esses dois vocábulos estão sendo usadados como variantes por T.?

Em um registro no diário, feito por M., encontra-se que quando T. estava com 1;11.26 em uma situação interacional em que T. e M. brincavam com o quebra-cabeça do 'pato', T. usou 'abi' pedindo a sua mãe para tirar a primeira peça (chapéu do pato) e 'tira' para as outras peças. No processo de remontagem do quebra-cabeça, T. usou 'fecha' para pôr a última peça (chapéu do pato).

Assim: 'abi' foi usado no início da ação de desencaixar:

'tira' deu continuidade a ação e;

'fecha' encerrou a atividade'.

Aliás, a mesma sequência observada no jogo 'pôr e tirar bichinhos da casinha', talvez por um estabelecimento de correspondências entre essas situações. O que significa que 'abi' e 'tira' não estavam sendo usados como variantes, mas ocorreram em momentos diferentes do mesmo esquema interacional.

Esse início de inter-relação pode ser visto como uma etapa na construção desses vocábulos.

II. 2.6. 'Pega'

O quinto vocábulo, dentre os analisados, a emergir na fala de T. foi 'pega', registrado em uma sessão de gravação em AT, quando T. estava com 1;6.29. A partir dessa data até a idade de 1;11.11 foram registrados 47 enunciados em um total de 30 situações interacionais.

Esse vocábulo é associável (cf. foi visto sobre 'caiu') ao verbo 'pegar' do português no uso adulto. Os usos de formas do verbo 'pegar', por I., e do vocábulo 'pega', por T., que se encontram nos quadros IX e X anexos, respectivamente, serão discutidos a seguir.

II. 2.6.1. No que se refere aos esquemas interacionais.

Observando-se o quadro referente à fala dos interlocutores de T., verifica-se que enunciados com formas do verbo 'pegar' foram usados, na maioria das vezes, para requisitar a T. a ação que pode ser definida como 'tomar para si o objeto'.

Em geral, esses enunciados ocorreram em situações interacionais em que o adulto dá o objeto para a criança ao mesmo tempo que diz 'pega'. O contexto descrito abaixo é um exemplo desse esquema interacional:

(76)

M. mostra um chocalho para T.

M: Ô, Tiago o

chocalho!

Ó. Pega.

T. pega o chocalho.

(AT/T: 1;2.1)

Os primeiros enunciados com esse vocábulo, e até mesmo a maioria dos enunciados registrados na fala de T., durante o período abrangido por este estudo, ocorreram em esquemas de interação semelhantes. A diferença entre essas situações repousa no fato de T. ser, agora, o produtor de enunciados com esse vocábulo, enquanto 'requisita' ou 'pega o objeto'.

Os primeiros enunciados com esse vocábulo, e outros que se encontram no quadro X, foram interpretados por I. como uma requisição de T. para que o adulto agisse sobre os objetos:

(77)

T. dirige-se para o brinquedo.

Olha para M.

manhê pegã

M: Que é? Pegar o bichinho. Ele quer que a mamãe pegue o bichinho. A mamãe vai pegar. Tem que pegar assim. Ó. Ó. Assim é que pega, viu?

(AT/T: 1;6.29)

Em algumas situações, os enunciados de T. foram interpretados como se ele estivesse comentando sua própria

ação, ou ainda, como fala egocêntrica: o uso do vocábulo enquanto age sobre os objetos do mundo físico. O adulto transforma essa situação em situação comunicativa, completando o enunciado da criança:

(78)

pêga T. tenta tirar os carrinhos
 da caixa.
 Pega o carrinho.

M: Pegou.

(VT-9/T: 1;9.8)

Em outras situações, ainda, os enunciados de T. podem ser interpretados como uma requisição do objeto:

(79)

mãe T. olha para o trem que está
 na frente de sua mãe.

M: O que é?

mãe
 péca

M. empurra o trem para T.

(VT-11/T: 1;11.4)

Adultos falantes do português usariam, na situação descrita em (79), tanto formas do verbo 'dar' como formas do verbo 'pegar' (como, por exemplo: 'pegue para mim').

Pode-se dizer que T. está fazendo uso de uma forma incorporada da fala produzida por seus interlocutores em situações interacionais do tipo 'dar-e-pegar', podendo a criança ser vista como 'recipiente da ação'.

Recontextualizações no uso do vocábulo, em re

lação aos esquemas de interação em que formas do verbo 'pegar' foram registradas na fala de I. serão discutidas no item referente aos objetos envolvidos nessas situações.

II. 2.6.2. No que se refere à fase do evento: 'antes', 'durante' ou 'depois'.

Tanto na fala de I. como na de T., predominaram enunciados na fase que antecede a ação.

Como pode ser visto no quadro IX, foram registrados, na fala dos interlocutores de T., 247 enunciados com formas do verbo 'pegar' na fase anterior, 5 enunciados durante e 61 enunciados na fase que se segue ao evento.

Dos 47 enunciados da fala de I. que se encontram no quadro X, 45 foram usados na fase anterior, 1 durante e 1 na fase final.

Os primeiros enunciados ocorreram na fase anterior.

II. 2.6.3. No que se refere ao agente do movimento sobre o objeto: I. ou T.

Observando-se o quadro IX, verifica-se que o uso predominante de formas do verbo 'pegar' na fala de I. tinha como objetivo 'fazer T. pegar o objeto'. Esse uso foi incorporado por T.: quando ia pegar um objeto - com I. sendo ou não o intermediário - dizia 'pêga'.

A maioria dos enunciados com o vocábulo 'pêga' por T. ocorreu na fase anterior ao evento. Como já foi visto (II.2.6.1.), a maioria desses enunciados foi interpretada como requisição de ação ou requisição do objeto. Nesses casos, pode-se dizer que I. age sobre os objetos entregando-os a T. (recipiente da ação). Naquelas situações em que a criança parecia estar anunciando suas ações, ou situações de 'fala egocêntrica', T. agia diretamente sobre os objetos.

Na fala de I., também foram registrados enunciados que se referem as suas próprias ações e para comentar figuras de livros ou movimentos de bonecos, em que a ação de 'pegar' pode ser pressuposta ou representada:

(80)

M/T. olham o livro.

M: O que é
isso aqui, Ti
go? Sapato.
Fala: sa-pa-
to.

manhê

M: Hein?

abí (24)

M: O au-au pe
gou o sapato,
Tiago?

au-au

M: O au-au.

(AT/I: 1;9.22)

(81)

(ouve-se um barulho de choro
de boneca)

T. olha para Obs. que está
com a boneca.

Obs: Mais, não
é? Faz o nêne
chorar. O nêne
vai pegar o
Tiago, olha.
Vai, vai, vai,
vai... nhoc ,
nhoc... Pode ?
Pode ir o nenê
abraçar o Tia-
go? Faz o ne-
nê chorar.

T. pega na mão do Obs.

Obs: Olha, pe-
gou na minha
mão, ô, olha.
Pegou na mão
da Cecília ,
prã bater? Gos-
tou? Agora o
nenê vai pegar
o Tiago. Vai,
vai pegar...
pegoô!

(AT/I: 1;6.1)

II. 2.6.4. No que se refere às formas lingüísticas.

Os enunciados registrados na fala dos interlocutores de T., na maioria das vezes, foram do tipo 'pega', 'pegue', 'vai pegar', 'pegou' e 'vamos pegar'.

A forma predominante na fala de T. foi 'pega'.

Essa forma pode ser relacionada à forma do imperativo da fala do adulto, também uma das mais frequentes na fala de I.

A primeira variação na forma lingüística foi registrada com 1;7.12. Esse contexto encontra-se abaixo:

(82)

	T/M. fecham a casinha. T. olha	
(.....)	para a casinha apontando para	
	o lado direito.	
		M: Hein?
õta	T. olha para onde aponta.	
		M: Pegue lá.
	T. olha para M. (não foc).	
	Olha para onde M. aponta.	
	T. olha	M: O que você
		está vendo lá?
		Hum? Hein,
		Tiago?
pecã	<u>T. engatinha.</u> Pega um chavei	
	ro.	

(VT-7/T: 1;7.12)

A forma 'pecã' pode ser associada ao infinito

ou futuro do verbo 'pegar'.

A segunda variação, também quanto à forma lingüística, coincidente com a variação quanto à fase da ação, foi 'pegô', que pode ser vista a seguir:

(83)

T. com as panelinhas e o fogão.

pegô

M: Pegou? O que
você pegou?

papã

Obs: Ah! papã!
Então você pegou o papã. Is
so mesmo!

(AT/T: 1;9.28)

Como foi visto no item II.2.6.2 acima, registrou-se, na fala de T., apenas um enunciado na fase que se segue a ação. Isso significa que o contexto (83) acima, que pode ser visto como um jogo simbólico, ilustra a única ocorrência da forma 'pegô' na fala de T.

II. 2.6.5. No que se refere aos objetos envolvidos nas várias situações interacionais:

Comparando-se os quadros IX e X, constata-se que os objetos envolvidos nas situações de uso do vocábulo 'pega', da fala de T., constituíam um sub-conjunto dos

objetos que se encontram no quadro referente à fala dos seus interlocutores.

Fogem a esse sub-conjunto usos do vocábulo em situações interacionais que envolviam 'chaveiro' (1;7.12), 'revista' (1;8.10) e 'suco' (1;11.11).

Como foi mencionado em(II.2.6.1.) essas situações seriam recontextualizações no uso do vocábulo. A primeira delas já foi descrita em (82) acima: 'pecã' engatinhando em direção ao chaveiro. Considerando-se o enunciado anterior do adulto 'pegue lá', pode-se dizer que T. estabeleceu uma relação entre esse enunciado do adulto e a forma 'pega' já produzida em outras situações interacionais anunciando sua própria ação.

Os dois outros usos de 'pega' encontram-se a seguir:

(84)

T. olha para a revistinha na
mão de M.

M: Quedê lo
miau?

pêga T. estende a mão direita e pe-
ga a revista.

Segura-a com as duas mãos.

(VT-8/T: 1;8.10)

A situação descrita em (84) é particularmente interessante porque mostra a participação verbal de T. em uma estrutura em que antes estava presente a fala do adulto. Observando-se o período que antecede a emergência desse vocábulo na fala de T., verifica-se que essa

é uma construção constante na fala de I.: o adulto incentiva a criança a pegar o objeto e a pergunta: 'Quedê lo/la X?' ou 'Cadê X?' aparece dirigindo a atenção da criança para o objeto ou confirmando sua atenção sobre o objeto, como pode ser visto abaixo:

(85)

T. guarda os bichinhos na ca
sinha.

Obs: Está cha
mando a Bere-
nice, não é ?
Cadê o piu-
piu? Pega prá
eu ver. Cadê?
Aqui, ô, Tia-
go. Esse aqui
é o piu-piu?
Ih, fechou!
Fechou? A lá
o piu-piu. Ô.
Piu-piu, esse?

(AT/I: 1;6.22)²⁵

(86)

M/T. jogam bola. A bola vai
para o canto da sala.

M: Deixa eu ti
rar isso daqui.

Obs: Isso !

M: Vai pegar,

pega...

Obs: Corre,
Tiago.

M: Pega a bo-
la. Tiago. Jo-
ga prá mamãe,
joga. Aqui,
prá mamãe,
Tiago. Não!
Prá mamãe.
Vai pegar. Vai
pegar. Você
não vai pegar
mais? Quêê
la bola? Tá
aí.

T. com atenção no caminhão.

M: Vai pegar
a bola, Tiago.
Quis pegar o
caminhão.

M. pega a bola.

(AT/I: 1;5.10)

A outra situação que envolve um objeto diferen-
te daqueles que constam do quadro referente à fala do adul-
to é a que segue:

(87)

(T. chama M.)

pêga

M: Pega.

(T. chama M.)

pêga

Obs: Ele quer
pegar o suco
outra vez, não
ê?

M. dá suco para T.

(AT/T: 1;11.11)

É importante dizer que esta situação (87) tem como continuação a situação interacional descrita durante a análise do vocábulo 'tira' (exemplo (68)): M: põe no copo grande e T. diz 'tirã', o que é interpretado pelo adulto como negação do lugar em que se encontra o suco. Isso demonstra que uma espécie de relação está sendo estabelecida entre os dois vocábulos.

As possíveis relações entre esses vocábulos serão retomadas e discutidas a seguir.

Assim, pode-se dizer que diferentes correspondências foram estabelecidas nas três situações - (82), (85) e (86) - que foram tidas como recontextualizações no uso do vocábulo no que se refere aos objetos envolvidos nas várias situações.

A característica comum a todas essas situações é que o vocábulo 'pega' foi usado por T. na fase que antecede a ação que parece ter como objetivo 'fazer coincidir espacialmente a criança e o objeto'.

II. 2.6.6. No que se refere ao tipo do movimento efetuado sobre o objeto:

Como já foi dito desde o início desta análise, os comportamentos de T. observados nos esquemas de interação em que enunciados com 'pega' foram registrados podem ser definidos como obter o objeto através do movimento próprio ou do outro .

Das situações em que formas do verbo 'pegar' foram usadas pelos interlocutores de T., pode-se dizer que a ação referida por esses enunciados resulta em uma coincidência espacial sujeito/objeto, com a negação do lugar-de-origem do movimento do objeto. Ou seja, ao apanhar o objeto - comportamento referido por 'pega' - a direção do movimento é de um espaço não-sujeito para sujeito, havendo, portanto, uma negação do lugar em que se encontrava.

Na brincadeira de 'pegar o menino', registrada no quadro IX, o movimento referido por 'pega' pode ser melhor interpretado como 'tocar em', como pode ser visto abaixo:

(88)

M. faz cócegas no pé de T.

M: Ah! ha,
ha... eu vou
pegar o pé do
gordo. Eu vou
pegar.

(AT/T: 1;1.20)

Nesses contextos, formas do verbo 'pegar' se referiam ao contato estabelecido entre o emissor e o objeto (ou parte do corpo do sujeito tido como objeto).

O ponto em comum entre 'tocar em' e 'pegar' parece estar na coincidência espacial estabelecida entre sujeito e objeto.

Em todos os contextos registrados, observa-se que os enunciados com as formas do verbo 'pegar' neutralizam a relação entre os objetos envolvidos, ou entre o objeto e o seu lugar-de-origem, seja este bi ou tri-dimensional. O primeiro caso diz respeito àquelas situações em que as formas do verbo 'pegar', se referiam a movimentos que envolviam pegar um objeto no chão ou em cima de um outro. O segundo caso diz respeito às ações sobre objetos que mantinham uma relação do tipo CNTE/CDO:

(89)

T. tenta tirar o ônibus da caixa.

M. sacode a caixa para o ônibus sair.

M. vira a caixa para T. M: Pegue aqui.

B. pega a mão esquerda de T. e a leva para o ônibus.

M: Pega.

M. puxa um pouco para fora.

T. pega.

(VT-8/I: 1;8.10)

Um dos contextos predominantes na fala da criança-sujeito deste estudo foi interpretado como 'requi

sição do objeto', com T. fazendo uso da forma lingüística produzida pelo adulto para se dirigir ao seu comportamento sobre o objeto.

Mesmo nas situações consideradas 'recontextualizações' no uso de 'pega', observa-se T. mantendo o papel de recipiente da ação, seja pegando o objeto, como quando pegava o livro, ou enquanto requisitava suco. O que implica na unidirecionalidade do movimento do objeto: não-sujeito para sujeito, onde o sujeito é igual a T. Um enunciado registrado parece implicar na mudança de direção do movimento do objeto de T. para I.:

(90)

T/M. brincando de 'fazer papã'.

M. pede um pouco.

pêga

Obs. Pega.

T. dá papã para M.

M: Eu vou comer dentro da panela mesmo?

(AT/T: 1;10.20)

A mudança de direção parece implicar na mudança do papel desempenhado por T. e seu interlocutor dentro das situações interacionais. Enquanto em um primeiro momento o adulto desempenhava o papel de intermediário entre o objeto e a criança, na situação (90) acima, a criança desempenha o papel de intermediário entre o objeto e o adulto,

Esses usos são possíveis para o verbo 'pegar'

para adultos falantes do português:

'pega' dando um objeto para o interlocutor e,

'pega (para mim)' requisitando o objeto para o interlocutor.

Note-se, entretanto, a situação abaixo:

(91)

M. com o livro.

manhê

M: Hã?

pêga

M: Pega o que?

O livro?

pêga

M: Senta aqui.

Vem cá.

M/T. olham o livro.

Nomeiam as figuras.

(AT/T: 1;10.20)

O que T. está querendo dizer com esse enunciado?

Parece mais razoável dizer que esse vocábulo faz parte desse esquema interacional como um todo, isto é, faz parte do 'jogo de nomear figuras do livro'.

Outros usos do vocábulo, registrados em situações interacionais que se seguem a essa, no período estudado, podem ser interpretados da mesma forma .

Esses fatos demonstram a indeterminação da fala da criança.

II. 2.7. 'Tira' e 'Pega'.

Assim como foi registrado na fala dos seus interlocutores, na fala de T. ocorreram os vocábulos 'pega' e 'tira' em contextos onde são executados movimentos sobre objetos do tipo CNTE/CDO. Em algumas dessas situações, o movimento que parece estar sendo referido por 'pega' poderia ser associado ao movimento referido por 'tira', como se encontra ilustrado abaixo:

(92)

	T. tira um caminhão da caixa.	
	Olha para a câmera. Tenta pôr	
	a mão dentro da caixa.	
pêga	<u>Olha para a caixa.</u>	
	Tenta alcançar os carrinhos.	
	Pega um carrinho.	
	'	M. Pegou.
	'	
	'	
pêga	<u>Tenta tirar outros carrinhos.</u>	
		M: Pega.
	T. pega outro carrinho.	

(VT-9/T: 1;9.8)

À primeira vista, poder-se-ia dizer que o vocábulo 'pega' para T. tinha o mesmo significado do vocábulo 'tira', visto que estava sendo produzido ao mesmo tempo em que T. estava executando o movimento de tirar os carrinhos da caixa.

Nesse contexto - tirar carrinhos ou ônibus da caixa - só se registrou o uso de 'pega' e não o de 'tira'. Em outras situações, com outros objetos de tipo CNTE/CDO, só se registrou o uso de 'tira' e não o de 'pega', como, por exemplo, enquanto tirava um cubo de dentro do outro, tirava brinquedos da sacola, e outros que podem ser vistos no quadro XIII anexo.

Quando T. estava com 1;11.11, foi registrada uma situação onde ocorreu tanto 'pega' como 'tira', interpretados pelo adulto como tendo objetivos diferentes: (já discutido em II.2.4. e II.2.6, exemplos (68) e (87), respectivamente).

(93)

mãe pēga

M: Pega.

mãe pēga

Obs: Ele quer
pegar suco ou
tra vez, não
ē?

M. dá suco para T.

mãe tirã

M: Tirar? Ah!
Ele não quer
no copo gran-
de, quer no
pequeno.

Obs: Isso!

(AT/T: 1;11.11)

A interpretação do adulto foi feita levando em consideração o significado que atribuí aos verbos 'pegar' e 'tirar': o primeiro, neutralizando a relação entre o objeto e seu lugar-de-origem, ou ponto-de-partida, sendo tomado como ponto-de-referência o destino do movimento, ou '—> y'. O uso de 'tira', por outro lado, parece enfatizar essa relação, sendo tomado como ponto-de-referência o lugar de origem do objeto, ou 'de x —▷ y'.

Isso pode significar que T. está processando um estabelecimento de correspondências entre as várias situações de uso de 'pega' e as várias situações de uso de 'tira', que implicam em recortes diferentes da situação.

Pode-se mesmo hipotetizar que a interpretação feita pelo adulto enquanto 'atribuição de intenção' à fala da criança, deve interferir nesse processo, propiciando o estabelecimento de relações inter-lexicais, ou a construção do sub-sistema lexical.

II. 2.8. 'Põe'

O vocábulo agora analisado é relacionável (ver 'caiu') ao verbo 'pôr' da fala dos adultos interlocutores de T.

No quadro XI anexo, encontram-se os usos de formas do verbo 'pôr' na fala de I., durante as várias situações de interação registradas. No quadro XII podem ser vistas as dez sessões de gravação em que se registrou o uso do vocábulo 'põe', por T., desde 1;7.12. Esses usos de

formas do verbo 'pôr', por I., e do vocábulo 'põe', por T., serão discutidos a seguir.

II. 2.8.1. No que se refere aos esquemas interacionais:

O vocábulo 'põe' foi usado por T. nos mesmos esquemas de interação em que os adultos, seus interlocutores, produziram formas do verbo 'pôr'. Verifica-se, por exemplo, ao se observar os quadros XI e XII, enunciados com as formas relacionadas em situações interacionais onde I. ou T. 'punham bichinhos na casinha', 'encaixavam bonequinhos no ônibus' e outros que se encontram nos quadros mencionados.

Como tem sido visto com todos os vocábulos, também no caso de 'põe' observa-se em um primeiro momento o adulto participando verbalmente nas atividades conjuntas e, só em seguida, T. assumindo o papel e a forma lingüística produzida pelo interlocutor nessas atividades. Dá-se, então, uma transformação substancial: T. passa a ter uma atuação verbal, mudando seu status enquanto interlocutor do adulto.

É importante salientar que algumas ocorrências de 'põe' também se deram em esquemas de interação que ainda não haviam ocorrido na fala de I. Essas recontextualizações no uso do vocábulo, como será visto a seguir, são enunciados produzidos em situações interacionais que, apesar de envolverem objetos presentes em situações anteriores, envolvem movimentos diversos sobre esses mesmos objetos.

II. 2.8.2. No que se refere à fase do evento: 'antes' ,
'durante' ou 'depois':

Constam, no quadro XI, 251 enunciados com formas do verbo 'pôr': 198 na fase anterior, 29 durante e 24 na fase final do evento.

Assim como foi observado na fala de I., na de T. também foi predominante o uso do vocábulo na fase anterior à ação (28 enunciados). Registraram-se apenas 5 enunciados na fase progressiva e nenhum na final.

Os cinco primeiros enunciados de T. com 1;7.12, 1;8.10 e 1;9.11 - ocorreram todos na mesma fase - durante. Uma dessas ocorrências encontra-se abaixo:

(94)

apõe T. encaixando um bonequinho
no ônibus.

Encaixa. M. observa.

M: Isso!

(VT-8/T: 1;8.10)

Todos os enunciados se deram na fase anterior.

II. 2.8.3. No que se refere ao 'agente' do movimento sobre o objeto: I ou T.

Tanto na fala de I. como na de T. predominaram enunciados, com formas do verbo 'pôr' ou do vocábulo 'põe', em situações interacionais em que a criança executava ações sobre os objetos.

A maioria dos enunciados foi interpretada como tendo a função de requisitar ação a seu interlocutor:

I. requisita ação a T.: (130 enunciados):

(95)

M/T. encaixam bonequinhos no
ônibus.

M. empurra um bonequinho para

T.

M: Põe mais.

T. encaixa um bonequinho.

(VF-8/I: 1;8.10)

T. requisita ação a seu interlocutor (23 enunciados):

(96)

M/T. brincam com o encaixe.

põe

M: A perna.

Põe o Tiago
agora.

põe

M: Põe. Tia-
go.

põe

(choramingando)

M: Pronto.

Mamãe põe.

põe

M: Está lá já.

Obs: Não está
totalmente en-
caixado.

manhê

M: O que é?

põe

Obs: Então põe.

Mamãe põe.

M: Pronto.

(AT/T: 1;11.27)

Como pode ser visto no quadro XII, os primeiros enunciados registrados, da fala de T., foram interpretados por I. como comentários da própria ação. O adulto limitou-se a observar os comportamentos da criança, como se vê nos três primeiros enunciados da situação abaixo:

(97)

põe T. pega a cabine do caminhão

põe e tenta encaixá-la na rampa.

M: Hein?

põe Segura a cabine e olha para
o chão.

Põe a cabine no chão. Contac-
to de olho (M/T.)

T. pega um carrinho, olha e o
leva para a rampa.

põe Levanta-o. Contacto de olho.

M: Põe.

Contacto de olho. T. leva o
carrinho para o caminhão.

(VT-9/T. 1;9.11)

O primeiro enunciado produzido por T. na fase que antecede o evento (1;9.11) (quarto enunciado da situa-

ção descrita em (97), foi interpretada pelo adulto como comentário de ação em sua fase prospectiva. Nessa situação, observa-se que M. só produz uma forma especular quando há o estabelecimento de contacto de olho, isto é, quando a fala de T. é vista como tendo uma função comunicativa. A função da forma especular, por sua vez, é a de assentimento.

Somente com 1;10.8 ocorreu o primeiro uso de 'põe' respondido por I. como se T. estivesse requisitando sua ação:

(98)

T. brinca com o 'Mil-quadros'.
Segura uma pecinha e olha para
o brinquedo.

manhê põe Contacto de olho (M/T;)

T. leva a pecinha para o brinquedo.

M: Põe.

M. pega da mão de T.

M: Você quer
que a mamãe
põe, Tiago?
Mamãe vai
pôr.

M. encaixa a peça.

T. observa.

(VT-10/T: 1;10.3)

Como foi visto com os outros vocábulos, essa estrutura 'vocativo mais vocábulo', era usada para requisit

tar ação a seu interlocutor. Na situação (98) descrita acima, entretanto, o adulto é que atribui essa função comunicativa ao enunciado da criança. Note-se que a interpretação do adulto parece não estar mais levando tanto em conta o não-verbal, visto que os movimentos feitos por T. - levando a pecinha para o brinquedo - parecem indicar que ele está comentando a própria ação que está para efetuar.

Assim, a ordem de ocorrência desse vocábulo na fala de T., de acordo com o quadro XII, foi: primeiramente enunciados restritos a uma fase do evento - durante - interpretados por I. como referentes a seus próprios comportamentos; em seguida, enunciados em outra fase - antes - também vistos como 'fala egocêntrica' ou uso cognitivo do vocábulo' e; finalmente, enunciados interpretados como tendo a função de requisitar ação a seu interlocutor.

Enquanto com os outros vocábulos já analisados os primeiros enunciados foram formas especulares imediatas, com o vocábulo 'põe' pode-se dizer que se trata de uma especificidade diferida.

Uma outra peculiaridade deste vocábulo é que também não se observou a especificidade de I. enquanto T. não o estabeleceu como interlocutor (ver exemplos (94) e (97), o que não ocorreu com os outros vocábulos.

II. 2.8.4. No que se refere às formas linguísticas:

Na fala dos interlocutores de T. predominam as formas imperativas - 'põe' - seguidas de enunciados com

formas do infinitivo - 'vamos pôr'. As outras formas foram em número bastante restrito.

Na fala da criança, registrou-se uma única variação na forma do vocábulo. De acordo com o quadro XII, T. falou 'ponha' quando estava com 2;0.8. Essa forma pode ser associada a 'ponha' do português no uso adulto que ocorreu algumas vezes na fala de I.

Em todas as outras situações interacionais 'põe' foi a forma registrada, não sofrendo variação tanto com respeito a fase do evento como em relação à função do enunciado. Essa forma é associável ao imperativo da fala de I., usado, em geral, durante as situações interacionais em que o adulto requisita uma ação a T. ou dirige a sua atividade.

II. 2.8.5. No que se refere aos objetos envolvidos nas várias situações interacionais:

No que diz respeito aos objetos presentes nas situações de interação em que se registrou o vocábulo 'põe', encontra-se, no quadro referente à fala de T., um sub-conjunto dos objetos presentes na fala de I., como, por exemplo, 'bichinhos e casinha', 'bonequinhos e ônibus', 'carriinhos e jamanta', 'panelinhas e fogão', 'quebra-cabeça' e 'barriquinhas'.

Enunciados para se referir a movimentos sobre esses objetos ocorreram na fala de I. sempre em um período anterior relativamente aos enunciados de T., como já foi mencionado em (II.2.8.1).

II. 2.8.6. No que se refere ao tipo de movimento efetuado sobre o objeto.

Como pode ser constatado no quadro XI, as ações referidas por formas do verbo 'pôr' envolviam uma grande variedade de objetos e, em todas as situações foram estabelecidos diversos tipos de relações entre esses objetos. Observa-se, por exemplo, na fala de I., 'pôr' para a referência a 'pôr um objeto dentro de outro', que é uma relação do tipo CNTE/CDO:

(99)

M/T. colocam os bichinhos dentro da casinha.

T. olha para Obs. (não foc).

Obs: Põe lá.

T. pega e põe os bichinhos dentro da casinha.

(VT-10/I: 1;10.8)

Esse contexto representa uma ação que resulta na relação CNTE/CDO que parece relacionada ao lugar canônico do objeto CDO, ou seja, o lugar canônico dos bichinhos é dentro da casinha.

As formas do verbo 'pôr' também ocorreram para a referência à relação CNTE/CDO estabelecida durante a atividade:

(100)

T. com o piu-piu.

Obs. mostra um cubo.

Obs: Põe o piu-piu.

Obs: Põe o
piu-piu. Põe
nesse, ô.

T. pega outro cubo. Põe o
cubo de boca para cima e
põe o pica-pau dentro do
cubo.

(VT-6/I: 1;6.7)

Um outro tipo de relação estabelecida foi
'pôr em cima de':

(101)

M. pega um cubo e o coloca na
torre.

M: A mamãe
vai pôr aqui,
ô.

T. acompanha com o olhar.

(VT-2/I: 1;1.14)

(102)

T. olha e pega um bichinho no
chão.

Obs: Põe o
Tiago. Põe,
Tiago. Eu
quero ver
você pôr.

T. olha para Obs. (não foc.)
e passa o bichinho da mão
esquerda para a mão direita.

M: Põe, Tiago.

Obs: Põe.

T. põe no telhado.

(VT-9/I: 1;9.11)

As instanciações (99), (100), (101) e (102) acima mostram diferentes relações entre os mesmos objetos em situações em que se encontram formas do verbo 'pôr'. Ou seja, 'pôr dentro de' e 'pôr em cima de' (em (100) e (101) com os cubos e em (99) e (102) com os bichinhos e a casinha).

Os exemplos que envolvem os cubos de encaixe são particularmente importantes no que diz respeito ao lugar canônico. Isso porque, enquanto em uma situação pode-se dizer que o lugar canônico de um cubo é dentro do outro, em outra situação o 'lugar canônico' desse cubo pode ser definido como 'em cima de'. O que leva a se pensar em lugar canônico como determinado pela atividade em curso, ou pelas regras de um jogo de natureza social (ver Camaioni, 1982). Em outras palavras, as ações sobre os objetos e as relações que são estabelecidas entre eles adquirem um significado social, como, por exemplo, 'põe para ver a bailarina dançar' significa 'põe em cima', 'põe para guardar a bailarina', significa 'põe dentro' (ver situações que envolvem a caixinha de música, no quadro XII).

No quadro XI, encontram-se, também, ações do tipo 'pôr ao lado de' e 'pôr embaixo de'. Enunciados nesses contextos foram em número bem mais restritos do que os descritos acima.

Um outro tipo de movimento e de relação entre os objetos foi o estabelecimento de contato entre um ob-

jeto e parte do corpo do sujeito tomado como objeto:

(103)

T/B/Obs. com atenção voltada
para o telefone.

Obs. leva o fone até o ouvi-
do de T. que olha para o apa-
relho.

Obs: Ô, Tiago.

Põe assim,ô.

B. põe o fone no aparelho.

T. observa.

(VT-6/I: 1;6.7)

Comparando-se os quadros XI e XII, verifica-se que o vocábulo 'põe' ocorreu em situações em que se observam apenas alguns dos movimentos observados na fala de seus interlocutores: 'pôr dentro de' e 'pôr em cima de'. No caso, por exemplo, dos bichinhos e da casinha, bonequinhos e ônibus, cubos de encaixe e, barriquinhas, 'põe' só foi usado quando um objeto era posto dentro do outro, constituindo uma relação do tipo CNTE/CDO.

Na verdade, não se trata de usos do vocábulo com relação a apenas alguns tipos de movimentos e sim do uso do vocábulo em um sub-grupo dos jogos sociais em que os adultos produziram formas do verbo 'pôr', isto é, o vocábulo 'põe' está restrito a um uso social com cada objeto.

A situação abaixo foi tida como uma recontextualização no uso do vocábulo (já descrito em (97))-:

(104)

(104)

T. pega a cabine do caminhão
 põe põe e tenta encaixá-la na rampa
inferior da carroceria.

põe Segura a cabine e olha para
o chão.

Põe a cabine no chão.

(VT-9/T: 1;9.11)

Nessa situação, o vocábulo 'põe' parecia se referir a 'união das partes de uma totalidade articulada'. Em outras palavras, pode-se dizer que essa ação teria como resultado a reconstituição do estado cacônico do objeto.

Note-se, entretanto, a seguinte situação em que se observa a fala de I. um pouco antes da situação descrita em (104), na mesma sessão de gravação (T: 1;9.11):

(105)

T. tenta colocar um carrinho
 na rampa da jamanta.

M. bate a mão na rampa superior.

M: Põe em cima.

Aqui, Tiago.

Mais fácil.

T. tenta colocar o carrinho
 na rampa inferior.

(VT-9/I: 1;9.11)

O uso de 'põe' por T., em (104), mais do que se referindo à reconstituição do objeto pode ser visto co-

mo sendo um vocábulo que é parte da situação interacional que envolve a 'cabine articulada ã carroceria da jamanta sobre a qual outras ações são efetuadas'.

Assim, pode-se dizer que nos contextos de interação social, onde surge um significado social, está presente, inicialmente, a linguagem do adulto e, mais tarde, os vocábulos na fala da criança²⁶, como se definissem essas ações sociais.

II. 2.9. 'Tira' e 'Põe'.

Alguns usos dos vocábulos 'põe e tira' ocorreram em situações interacionais que envolviam os mesmos objetos.

A análise dessas situações pode auxiliar a se encontrar que tipo de relação era estabelecida por T. entre esses vocábulos.

A primeira dessas situações pode ser definida como 'encaixar e desencaixar cubos de encaixe'.

O uso de 'tira', ou de uma forma associável, nessa atividade (T: 1;7.12) encontra-se no ítem II.2.5 acima (exemplo (72)). Como foi visto, 'tirô' nessa situação deu-se por uma associação entre objetos lingüísticos: 'tire' da fala de I. como marca de ação prospectiva e 'tirô' por T. como marca de fase completiva.

'Põe' (T: 1;11.11) ocorreu quando T. encaixava os cubos. Uso também feito por I., de formas do verbo 'pôr', para se referir aos comportamentos da criança so

bre esses objetos:

(106)

T. brinca com os cubos.

põe

Obs: Hã?

põe

Obs: Põe, é.

Obs. encaixa o cubo.

Ele está pedindo
do prá Cecília
pôr porque esse
se é muito
grande e não
cabe.

põe

(AT/T: 1;11.11)

Considerando-se o uso de 'abi' na situação descrita no ítem (II.2.5.) com esses mesmos objetos, parece mais razoável dizer que uma relação pode ser estabelecida entre os vocábulos 'põe' e 'abi'.

Uma outra situação é a que envolve ações sobre 'panela , tampa e fogão':

(107)

T. com as panelinhas e o fogão.

manhê tía

M. tira a tampa.

M: Essa tampa
está difícil.
Pronto!

iso

M: E agora?

Que bonito!

fesã

M: Quer fe-

char?

(AT/T: 1;9.22)

(108)

T. com as panelinhas e o fo-
gão.

papã

põe

M: Põe.

Obs: Põe o

que, Tiago?

O que vai

pôr?

M: A comida.

(AT/T: 1;9.28)

Se na situação de 'encaixar e desencaixar cubos' observou-se uma possível relação entre 'abi' e 'põe', na situação (107) acima pode-se estabelecer uma relação entre 'tira' e 'fecha'. O vocábulo 'põe' parece se referir ao jogo simbólico: 'fazer papã' como era referido por I.:

(109)

T. brinca com as panelinhas e
o fogão.

fogão

M: Fogão, é.

Põe a panela

no fogão, põe.
 Vai fazer papã,
 Tiago?
 (M/Obs. conver
 sam)

(AT/I: 1;9.22)

A terceira situação em que foram registrados os
 vocábulos 'põe' e 'tira' foi aquela que envolve as barriqui
 nhas:

(110)

T. com as barriquinhas.
 Tira uma de dentro da outra.
 Desmancha as barriquinhas pa
 ra colocar uma sobre a outra.

Obs: Está ti -
 rando tudo.

tirô

Obs: Tirou. Ti
 rou sim.

(AT/T: 1;10.12)

(111)

T. com as barriquinhas.

ponha

M: Hein?

ponha

M: Ponha o que?
 Que que você
 quer? Que que
 você quer?

ponha²⁷

M: Onde é que
está a outra
coisinha...on
de que está a
barriquinha
rosa?

M. encaixa as barriquinhas.

(AT/T: 2;0.8)

Observe-se outras situações em que ocorreram
ações sobre barriquinhas:

(112)

T. com as barriquinhas.

fesã

Obs: Fechar?
Vamos fechar,
então. Você
quer que eu
feche? O Tia-
go fecha esse.
Ou não? O Tia-
go fecha. E
eu fecho. Olha,
Tiago. Ô. Fe-
chou!

Obs. encaixa as barriquinhas.

fesou

(AT/T: 1;10.12)

(113)

T. com as barriquinhas.

T. vocaliza.

B. desencaixa as barriquinhas.

M: Que que a
Berenice es-
tá fazendo,
hein Tiago?

abiu

R: Abriu. Ago-
ra todas es-
tão abertas,
não é Tiago?
A verde, a
vermelha, a
azul...

(AT/T: 2;0.8)

Na mesma sessão de gravação em que se observou o uso de 'tira' na fala de T., registrou-se o uso de 'fecha', e na mesma situação em que foi registrado o uso de 'põe' ocorreu 'abi': 'fecha' parece reverter as ações de 'tira' e 'abi' parece reverter as ações de 'põe'.

Assim, parece que a relação entre 'põe' e 'tira' passava pela relação entre 'abi' e 'fecha'.

Em uma situação já descrita no ítem II.2.5 (diário:1;11.26), observou-se o uso de 'abi' marcando a fase inicial da atividade de encaixar as peças, 'tira' na fase progressiva e 'fecha' marcando o final, no processo de remontagem do quebra-cabeça. Da mesma forma que com a

casinha e os bichinhos, verifica-se o uso de 'abi' na fase inicial, ou abrindo a porta da casinha, 'põe' durante a atividade de pôr os bonequinhos dentro da casinha, ou fase progressiva, e 'fecha' marcando o final da atividade.

Isso parece indicar que a relação entre os vocábulos 'põe' e 'tira' passa primeiro por uma relação de ordenação que envolve também os vocábulos 'abi' e 'fecha'. Desses usos dos vocábulos T. deverá chegar ao uso do adulto: 'tira' (ou formas do verbo 'tirar') tomando como ponto-de-referência o ponto-de-partida do movimento a ser efetuado, ou $x \rightarrow y$, e 'põe' (ou formas do verbo 'pôr') tomando como ponto-de-referência o destino do movimento do objeto, ou $x \leftarrow y$.

II. 2.10. 'Coôca'

O sexto vocábulo a emergir na fala de T., foi 'coôca' associável (ver 'caiu') ao verbo 'colocar' do português no uso adulto. Esse vocábulo teve seu primeiro uso registrado quando T. estava com 1;8.10, em uma sessão de gravação em VT.

Nos quadros XIII e XIV anexos, podem ser observados os usos de formas do verbo 'colocar' e do vocábulo 'coôca' na fala de I. e de T. respectivamente.

II. 2.10.1. No que se refere aos esquemas interacionais.

Como se encontra no quadro XIV, o primeiro uso de 'coõca' ocorreu durante a atividade 'pôr os bichinhos no telhado da casinha e observar sua queda posterior'. Com 'caiu' (item 1.) observou-se a estruturação dessa atividade: a partir da queda accidental do bichinho e da emissão de 'caiu' por T., criou-se uma brincadeira ritualizada. Essa brincadeira, por sua vez, ritualizou a linguagem, visto que nessa primeira fase 'pôr os bichinhos no telhado da casinha' só foi observado o uso de 'coõca' e não de 'põe' , por exemplo (a relação entre os vocábulos 'põe' e 'coõca' será feita a seguir).

Assim, a linguagem estruturou essa atividade que se tornou matriz interacional de 'coõca'.

Como pode ser visto no quadro XIV, o uso de 'coõca' na fala de T. ocorreu depois do uso de formas do verbo 'colocar' por I.:

Fala de I:

(114)

T. pega um bichinho no chão e olha para o bichinho que está caindo do telhado da casinha.

B: Coloca.

T. põe o bichinho no telhado da casinha.

(VT-8/I: 1;8.10)

Fala de T., momentos depois:

(115)

T. leva um bichinho para o telhado da casinha.

coõca Empurra-o para o ponto mais
alto.

Olha para o bichinho que cai.

(VT-8/T: 1;8.10)

Nessa mesma sessão de gravação (VT-8/T: 1;8.10), entretanto, já se observam enunciados com esse vocábulo em esquemas interacionais diferentes dos observados, até esse momento, na fala dos seus interlocutores: 'coõca' foi usado por T. enquanto 'punha o ônibus dentro da caixa'. Essa foi a primeira 'recontextualização' registrada, ou seja, primeiro uso de 'coõca' em situação não abrangida pelo conjunto de situações em que se observaram formas do verbo 'colocar' por I.

II. 2.10.2. No que se refere à fase do evento: 'antes,
'durante' ou 'depois'.

Nos quadros XIII e XIV, observa-se que a maioria dos enunciados com formas do verbo 'colocar' por I. ou com o vocábulo 'coõca' por T., ocorreu antes do evento.

Na fala dos interlocutores de T., foram registrados 54 enunciados em um total de 12 sessões de gravação. Desses 54 enunciados, 38 ocorreram na fase anterior, 10 durante e 6 na fase que segue o evento.

Os 50 enunciados com o vocábulo 'coõca' por T. foram registrados como tendo ocorrido: 37 antes, 11 durante e 2 depois do evento.

Os onze primeiros enunciados da fala de T.

foram registrados antes ou durante o evento. Entretanto, parece mais razoável afirmar-se que esses enunciados foram usados na primeira fase de um jogo: pôr os bichinhos no telhado da casinha , que finaliza com a queda desses mesmos bichinhos.

Assim podem ser vistos todos os outros es quemas de interação em que foram usados enunciados com 'coôca'.

Dessa forma, todos os 50 enunciados com o vo cábulo 'coôca' agora analisado, registrados no período abrangido por este estudo, pode-se dizer, ocorreram na primeira fase de uma determinada atividade.

II. 2.10.3. No que se refere ao 'agente' do movimento sobre o objeto.

Na fala de T., enunciados com formas do verbo 'colocar' foram usados mais frequentemente para requisitar ação a T.

Alguns dos enunciados que ocorreram durante a ação parecem muito mais dirigidos a um objetivo não atingido do que comentários de ações, como está ilustrado abaixo:

(116)

T. olha para o bichinho que	M: Vamos colo <u>o</u>
segura em cima do telhado	car? Coloca.
da casinha.	
M. vira a casinha para T.	

coóca T. segura o bichinhó no telhado.
 T. olha para os bichinhos no
 chão.
 T. tira o bichinho da casinha.

(VT-8/I: 1;8.10)

Na situação acima, a fala de I. ocorreu quando T. estava segurando o bichinho no telhado da casinha. O segundo enunciado revela que o objetivo da ação só seria atingido se T. soltasse o bichinho. Isso indica que também na fala de I. formas do verbo 'colocar' se referiam a primeira fase de uma atividade.

A maioria dos enunciados da fala de T., mesmo quando acompanhados de contacto-de-olho, foi interpretada por I. como comentário da ação que estava para executar. O adulto, em geral, respondeu repetindo o enunciado, confirmando, assim, a fala da criança, ou simplesmente observando seu comportamento:

(117)

coóca T. pega um bichinho e olha
 para a casinha.
 Olha para M. (não foc.)
 Olha para a casinha e põe
 o bichinho no telhado.
 Olha para M. (não foc.).

(VT-8/T: 1;8.10)

O primeiro enunciado interpretável como requisição de ação é bastante interessante porque mostra T. requisitando a sua mãe uma participação na atividade. Sua fala pode ser vista como uma resposta aos enunciados de

M:

(118)

T. anda em direção ã M.
 Pãra e olha para a casinha.
 B. põe os bichinhos no telha-
 do.

M: O que você
 quer? Hum? O
 que você quer?

T. pega na mão de M.
 Olha para M. (não foc.)
 Olha para a casinha e puxa

M.
 M/T andam em direção ã casi-
 nha.

M: Hum? O que
 você quer?

coõca

T. senta perto da casinha. T.
 olha para M. (não foc.) e
 olha para a casinha.

M: Vamos colo-
 car?

M. põe um bichinho no telha-
 do da casinha.
 T. observa.

(VT-8/T: 1;8.10)

O uso de 'coõca', por T., nessa situação pode ser visto como 'rotulando a atividade', ou 'requisitando o início da atividade como um todo': 'coõca' é igual a 'vamos dar início ao jogo de pôr os bichinhos no telhado da casinha e observar sua queda'. Um 'rótulo' aceito pelo a -

dulto que imediatamente responde à fala de T. pondo um bichinho no telhado da casinha.

A partir de 2;0.18 todos os enunciados da criança foram interpretados como tendo a função comunicativa de requisitar ação ao interlocutor.

II. 2.10.4. No que se refere às formas lingüísticas.

Como pode ser notado no quadro XIII, predominaram na fala dos interlocutores de T. enunciados do tipo 'coloca', 'vai colocar', 'vamos colocar'. Essas formas foram usadas, na maioria das vezes, para requisitar ação a T. ou atribuir intenção aos comportamentos da criança.

A forma predominante na fala de T. foi 'coôca'.

O primeiro enunciado registrado, não representado no quadro XIV por motivos já expostos (ver metodologia), encontra-se abaixo:

(119)

T/B. brincam de pôr os bichinhos dentro da casinha.

B: Coca, coca,
coca bichinho.

côca

B: Coca, coca...

(AT/I: 1;6.22)

O que é interessante nessa situação (além da especularidade de T. repetindo parte do enunciado produzido por I.) é a forma do enunciado de B. Parece uma tentativa

de I. em ajustar sua fala a da criança, como se essa forma correspondesse à fala de T.⁽²⁸⁾ e, talvez, assim, fosse mais fácil de ser compreendida por ele (ver metodologia).

Por outro lado, a fala de I. demonstra a ritualização da forma lingüística em uma atividade ritualizada. Essa ritualização da forma lingüística também se encontra na fala de T.; note-se, por exemplo, a ausência de variação na forma do vocábulo em qualquer uma das fases da ação ou interpretável com qualquer uma das funções mencionadas, nos dezenove primeiros usos.

A primeira e única variação ocorreu quando T. estava com 2;0.1 - 'coocã' - interpretada por I. como 'requisição de ação'. Depois disso, houve novamente uma fixação na forma 'coõca'.

Essas duas formas - 'coõca' e 'coocã' - podem ser associadas às formas do imperativo e infinitivo do verbo 'colocar', encontradas na fala de I.

Como também foi observado com os outros vocábulos, a mesma forma 'coõca', relacionável ao infinitivo, foi interpretada por I. tanto como comentário de sua própria ação como requisição de ação. Esse fato indica que a interpretação do adulto não é feita com base na forma lingüística, mas deve-se fazer, também, com base em outros aspectos do esquema de interação (ver Mayrink-Sabinson 1981, já citada em 'caiu').

II. 2.10.5. No que se refere aos objetos envolvidos nas várias situações interacionais.

As dezesseis primeiras situações de uso de 'coõca' por T. envolviam os mesmos objetos 'bichinho e casinha'.

Esses objetos e 'ônibus e caixa' foram os únicos comuns tanto aos usos de formas do verbo 'colocar' como aos usos do vocábulo 'coõca'.

Convém salientar, entretanto, que com o 'ônibus e a caixa' primeiro registrou-se a fala de T. e só em seguida a fala de I.

II. 2.10.6. No que se refere ao tipo do movimento efetuado sobre o objeto.

Com os objetos registrados no quadro XIII, referente à fala dos interlocutores de T., foram realizadas várias ações diferentes, como, por exemplo, 'pôr dentro de', 'pôr em cima de', 'tampar', 'encaixar', etc.

Em algumas das situações interacionais observa-se que as ações referidas por esses enunciados resultaram na reconstituição do estado canônico do objeto. É o que se vê abaixo:

(120)

T. mexe no caminhão. M. observa.

va.

T. olha para Obs. (não foc.).

M: Vamos colocar aqui, ô.

car aqui, ô.

M. levanta a carroceria e pega

ga a chave da mão de T. para encaixar na carroceria.

M: Coloque aqui.

T. observa. T. olha para Obs.
(não foc.)

(VT-9/T: 1;9.11)

Com alguns dos objetos que se encontram no quadro XIII, apenas um tipo de ação foi referida por formas do verbo 'colocar', como aconteceu, por exemplo, com os 'cubos de encaixe': os enunciados foram usados com referência a 'pôr dentro de'. Já com os 'bichinhos e a casinha', registraram-se formas desse verbo tanto para 'pôr os bichinhos dentro da casinha' que resultou na relação CNTE/CDO, como para 'pôr os bichinhos no telhado da casinha', ou seja, 'pôr em cima de'.

Assim, o verbo 'colocar', ou melhor as formas desse verbo, como foram registradas, ocorreram na fala dos interlocutores de T. para se referirem à mudança de posição dos objetos em que o ponto-de-referência parece ser o destino do movimento.

Na fala de T., como foi observado no item II. 2.10.5, os dezesseis primeiros contextos de 'coôca' envolviam os mesmos objetos: 'bichinhos e casinha'. Com esses objetos observam-se dois tipos de movimentos, assim como também foi visto na fala de I.: 'pôr em cima' e 'pôr dentro'.

Esses dois tipos de movimentos, na verdade, eram parte de dois jogos sociais convencionais, construí

dos a partir da interação social 'criança-interlocutores'. Não são os objetos e os tipos de movimentos eram parte dos jogos como também a forma 'coôca' de T. ou 'coloca' de seu interlocutor (M. ou irmã) (retome-se o exemplo (118) em que se observa o vocábulo rotulando o jogo).

Pode-se mesmo dizer que a forma do jogo é tão rígida que o vocábulo se tornou ritualizado: note-se a não variação na forma do vocábulo nessas situações de jogos na fala de T. e a pouca variação na forma lingüística da fala de B. (interlocutor básico nas situações mencionadas, como pode ser visto no quadro XIII).

II. 2.11. 'Põe' e 'Coôca'.

Um aspecto a ser salientado dos usos desses vocábulos é o de terem se originado em esquemas de interação diferentes:

- . 'põe' em 'pôr os bichinhos dentro da casinha' (T: 1;7.12)
- e,
- . 'coôca' em 'pôr os bichinhos no telhado da casinha e observar sua queda posterior'.

Ambos foram incorporados da fala do interlocutor em cada um dos jogos mencionados.

Na mesma sessão de gravação em que se registrou o uso de 'coôca' acima, ocorreram enunciados com esse vocábulo durante atividades em que I. e T. punham bichinhos dentro da casinha.

Apesar de ambos os vocábulos terem sido usados

nesse mesmo jogo nada indica que qualquer tipo de relação estivesse sendo estabelecida entre elas, mesmo porque foi o uso de uma forma do verbo 'colocar' por I., nessa situação, que propiciou a T. o uso de 'coóca', como uma forma especular, na situação em que antes havia usado 'põe'.

Isso parece indicar que esses dois vocábulo são objetos (lingüísticos) pertencentes a determinados esquemas interacionais ou usados em situações de interação específicas.

II. 2.12. 'Descê'

O primeiro uso desse vocábulo foi registrado na sessão de gravação em AT quando T. estava com 1;9.16.

Na fala dos adultos interlocutores de T. formas do verbo 'descer', associável à 'descê' (ver 'caiu'), ocorreram também algum tempo depois que os outros vocábulo já analisados, como pode ser visto da comparação entre o quadro XV e os outros quadros (onde se encontram registrados os outros vocábulo).

No quadro XVI encontram-se os usos de 'descê' por T. que serão discutidos à seguir:

II. 2.12.1 No que se refere aos esquemas interacionais:

Os primeiros usos do vocábulo 'descê', na fala

de T., ocorreram em situações interacionais diferentes das situações em que já haviam sido registrados enunciados com formas do verbo 'descer' na fala dos seus interlocutores. Esta é, portanto, a primeira diferença a se apontar entre a fala de I. e a de T. (ver metodologia).

Esses três primeiros esquemas interacionais podem ser descritos como 'sair do colo de M.', 'observar a queda do bichinho que havia sido colocado no telhado da casinha' e 'observar a descida do bonequinho no escorregador'.

II. 2.12.2. No que se refere à fase do deslocamento do objeto: 'antes, 'durante' ou 'depois'.

De acordo com o quadro XV, foram registrados 49 enunciados com formas do verbo 'descer' na fala de I. Desses 49 enunciados, 27 ocorreram na fase anterior, 16 durante e 6 na fase final.

Na fala de T., dos 22 enunciados que se encontram no quadro XVI, 4 ocorreram antes, 6 durante e 12 na fase final.

Aqui encontra-se, portanto, uma outra diferença entre os usos de formas do verbo 'descer' por I. e do vocábulo 'descê' por T.: o adulto procurando chamar ou manter a atenção de T. no movimento a ser efetuado e T., por sua vez, anunciando o final do movimento do objeto observado por ambos.

Na primeira sessão de gravação foram registrados dois enunciados com esse vocábulo na fase anterior ao

evento. Em seguida, houve uma fixação de enunciados na fase final. Os dois enunciados registrados na fase anterior estavam relacionados ao seu próprio movimento, saindo do colo de sua mãe, ou seja, anunciavam o seu desejo.

II. 2.12.3. No que se refere ao 'agente' do movimento sobre o objeto: I. ou T.

É importante que seja salientado que os enunciados com formas do verbo 'descer' se referiam ao movimento dos objetos e não a seus próprios comportamentos sobre os objetos.

Na verdade, a maioria dos enunciados ocorreu em situações em que I. e T. apenas observam o deslocamento do objeto, ou seja, os enunciados de I. enfatizam o percurso do movimento do objeto.

Nesses contextos, os enunciados usados como 'requisição de ação' pareciam mais uma requisição para que a criança-sujeito deste estudo posicionasse o objeto de modo a possibilitar o deslocamento do mesmo, através de formas perifrásticas do tipo 'faz descer', como pode ser visto abaixo:

(121)

T. com o carrinho.

M. passa a mão na perna de T.

M. Faz o carrinho descer.

T. empurra o carrinho na perna.

(VT-12/T: 2;0.18)

Ao se observar o quadro XVI, verifica-se, também, uma maior frequência de enunciados, por T., em situações interacionais em que ele observava o deslocamento do objeto.

Apenas alguns usos foram registrados em situações onde o deslocamento se deu por ação de I. ou T.:

(122)

descendo T. empurra um carrinho na sua
perna em direção ao chão.

M: Está des -
cendo?

Põe o carrinho na outra perna.

(VT-11/T: 1;11.7)

II. 2.12.4. No que se refere às formas lingüísticas

A maioria dos enunciados registrados na fase anterior ao deslocamento do objeto, na fala de I., foi do tipo 'faz descer', 'vai descer', 'deixa descer'. Os enunciados registrados durante o deslocamento foram quase todos na forma do gerúndio do verbo 'descer' - 'descendo'. O perfeito - 'desceu' - foi a forma predominante no final do movimento.

Quando T. estava com 1;11.7 (VT-11) ocorreram as primeiras formas do verbo 'descer', por I., nas três fases de uma mesma atividade, como encontra-se ilustrado a seguir:

(123)

T. olha para o pica-pau.

Obs: A Cecília quer ver o pas_sarinho descer.

T. olha para Obs. que senta na frente e lhe dá o pica-pau.

Obs: O passari_nho vai descer?

Obs. põe o brinquedo no chão.

T. Observa.

Obs: Quer ver o passarinho descer?

O pica-pau começa a descer.

Obs: Está descendo.

T. observa.

O pica-pau atinge a base.

Obs: Desceu!

desceu T. olha para Obs. e aponta com a mão direita.

Obs: É.

(VT-11/I: 1;11.7)

Dentre todos os vocábulo^s analisados este foi o que apresentou maior incidência da forma do gerúndio na fala de I., tornando o percurso do movimento observável.

O primeiro enunciado com esse vocábulo na fala de T. foi com a forma 'desce'. Essa forma foi registrada apenas nos dois primeiros enunciados, em uma mesma si-

tuação interacional. Por se tratar de uma sessão de gravação em AT que, como já foi salientado, leva a se perder alguns aspectos do contexto (ver metodologia), esses enunciados foram interpretados como marca de ação prospectiva de sua própria ação, através do enunciado-resposta do adulto.

Essa forma - 'desce' - é relacionável ao imperativo do verbo 'descer', da fala dos interlocutores de T.

As outras formas - 'desceu', 'discê' e 'descê' - com acento recaindo na última sílaba, são relacionáveis ao perfeito da fala de adultos falantes do português, como foi registrado na fala de I., na mesma fase posterior ao deslocamento do objeto.

'Descê' também ocorreu enquanto T. observava o deslocamento do objeto, ou seja, na fase progressiva:

(124)

M/T. olham o pica-pau que des-
descê ce na haste.

M: Descendo.

(VT-11/T: 1;11.7)

O fato de T. usar a mesma forma - 'descê' - tanto durante o deslocamento do objeto como no final do movimento, leva a se dizer que essa forma lingüística ainda não havia sido analisada pela criança.

Esse processo de análise parece ser facilitado pela fala dos adultos interlocutores, que, como se encontra em (124) acima, apresenta uma especularidade diferente da observada com os outros vocábulos: M. confirma o enunciado da criança (como já foi visto, uma função da especularidade) devolvendo a forma que, pode-se dizer, deixa mais evi-

dente o movimento do objeto que está sendo observado.

O enunciado seguinte de T., nessa fase da ação, com os mesmos objetos, na mesma sessão de gravação, foi com a forma 'descendo', bastante relacionável à forma do gerúndio da fala do seu interlocutor. Essa situação encontra-se abaixo:

(125)

M/T/Obs. observam o pica-pau
que desce na haste.

descendo T. olha o pica-pau descendo
na haste.

M. Descendo.

T. olha para Obs.(não foc.)

(VT-11/T: 1;11.7)

(124) e (125) parecem revelar a aproximação da forma do vocábulo na fala da criança à forma do uso adulto correspondente a cada fase da ação.

Essa aproximação, nesse caso, ocorreu a partir do enunciado-resposta do adulto para se referir a um mesmo movimento observado por ambos (I. e T.).

Em outras palavras, pode-se dizer, que o sub-sistema aspectual já está sendo construído, o que também foi visto com os outros vocábulos (ver não ajustamento de T, à fala do adulto, em função da fase da ação com 'tire' de I. e 'tirô' de T. na instanciação (57), no ítem II.2.4.).

A construção desse sub-sistema é confirmada quando se verifica a extensão da forma do gerúndio para uma outra situação de interação (T: 2;0.18):

(126)

descendo T. empurra um carrinho na per-
na.

M: Está descendo.

desceu T. leva o carrinho até o chão.

M: Desceu!

(VT-12/T: 2;0.18)

II. 2.12.5. No que se refere aos objetos envolvidos nas
várias situações interacionais.

No quadro XV, referente à fala dos interlocutores de T., encontram-se enunciados com formas do verbo 'descer' em situações que envolviam os objetos: carrinho e jamanta, carrinho e sua perna ou perna de T., pica-pau e cubos-de-encaixe.

O primeiro uso do vocábulo 'descê', por T., ocorreu com um objeto que não consta da relação acima.

Como pode ser visto no quadro XVI, 'descê' foi usado por T. em uma situação interacional que envolvia seu próprio deslocamento saindo do colo de M. Em outras palavras, T. é o objeto do movimento.

Essa diferença, com relação as situações de uso da fala do adulto registradas, é justificada ao se pensar em situações de vida diária, não abrangidas no corpus analisado, em que formas do verbo 'descer' por I., possam ter ocorrido para se referir ao deslocamento de T., como,

por exemplo, 'descer do colo'.

As situações seguintes também envolviam objetos diferentes dos acima mencionados. Foram eles: bichinhos e casinhas e bonequinho no escorregador. (A relação entre esses objetos será discutida a seguir).

Em resumo, da comparação entre os quadros XV e XVI, verifica-se que alguns objetos presentes no segundo quadro fogem ao conjunto dos objetos que se encontram no primeiro.

II. 2.12.6. No que se refere ao tipo de deslocamento do objeto.

As formas do verbo 'descer' da fala de I. e do vocábulo 'descê' da fala de T. ocorreram em situações interacionais em que se observam deslocamentos de objetos no eixo vertical, na direção 'para baixo'.

O objeto móvel se deslocava em um suporte estático que constituía o eixo vertical, por exemplo: a rampa da carroceria da jamanta, a haste do brinquedo do pica-pau, propiciando um movimento observável do objeto.

Nas situações que I. ou T. movimentavam o objeto sobre suas pernas, sendo estas, portanto, tomadas como suportes, o objeto se deslocava da coxa para o pé, como se a direção do movimento fosse visto a partir da posição vertical do sujeito, onde a cabeça é tomada como o ponto mais alto e o pé o mais baixo.

Os outros vocábulos já analisados, como foi

visto, envolvem a noção de ponto-de-referência: o ponto-de-partida do movimento a ser efetuado ou o ponto-de-chegada são enfatizados.

A emergência do vocábulo 'descê' na fala de T., pode-se dizer, implica na construção de uma nova noção espacial: a noção de eixo.

O primeiro uso do vocábulo 'descê' por T. ocorreu em uma situação em que ele próprio é o objeto do movimento e a sua localização é tomada como 'lugar de referência'.

Em outras palavras, T. toma como ponto-de-referência o seu próprio corpo, fazendo uso, portanto, de uma noção que já estava sendo construída com os outros vocábulos. A noção de 'eixo', por sua vez, está sendo construída a partir de seu próprio movimento.

II. 2.13. 'Caiu' e 'Descê'.

Durante a análise desses dois vocábulos, pode ser observado que ambos foram usados em uma mesma atividade.

Quando T. estava com 1;8.10 e 1;9.11 foi registrado o vocábulo 'caiu' no final da queda do bichinho do telhado da casinha (cf. quadro II). Na sessão de gravação em que T. estava com 1;10.8, 'descê' ocorreu nessa mesma atividade e, também, no término da ação, como pode ser visto abaixo:

(127)

T. põe um bichinho no telhado
da casinha.

O bichinho escorrega e cai.T.
observa.

desceu Olha para a câmera, segurando
o bichinho.

M: Desceu.

(VT-10/T: 1;10.8)

Essa foi a única situação interacional em que se registrou tanto o uso de 'caiu' como de 'descê'.

O uso desses dois vocábulo na mesma fase de um jogo - 'pôr bichinhos no telhado da casinha e observar sua queda posterior' - pode significar que estavam sendo vistos por T. como mantendo uma relação de sinonímia?

Tendo em vista a análise de 'descê', no item anterior, deve-se considerar que o uso desses vocábulo implicam em recortes diferentes dessas situações: 'descê' o percurso do objeto e 'caiu' o estado final resultante (ver instanciação (7), em 'caiu' em que se observa a primeira recontextualização no uso do vocábulo).

Isso significa que o uso desses vocábulo em uma mesma atividade lúdica representa uma construção de relações entre esses elementos lexicais.

II. 2.14. 'Subí'.

Até a emergência de 'descê' na fala de T., to

dos os vocábulos envolviam a noção de ponto-de-referência. 'Descê' foi o primeiro vocábulo que envolve a noção de 'eixo'. É interessante notar que o seguinte enunciado a emergir na fala de T. - 'subí' - também envolve 'eixo', como se rã visto a seguir.

O vocábulo 'subí' foi registrado seis dias depois do vocábulo 'descê' em uma sessão de gravação em AT (1;9.22).

Este foi o último dos vocábulos estudados a emergir na fala de T., no período abrangido por este estudo. Esse vocábulo pode ser associado (ver 'caiu') ao verbo 'subir' da fala de seus interlocutores.

Os usos desse vocábulo na fala de T. e do verbo 'subir' na fala de I., analisados abaixo, encontram-se representados nos quadros XVII e XVIII, respectivamente.

II. 2.14.1. No que se refere aos esquemas interacionais.

Comparando-se os quadros XVII e XVIII acima mencionados, verifica-se que o vocábulo 'subí' por T. ocorreu, desde o seu primeiro uso, em um esquema interacional - 'sentar no colo de M.' - em que já haviam sido registrados vários enunciados com formas do verbo 'subir' na fala de seus interlocutores.

Apenas um uso de 'subí', por T., (1;10.26) não foi encontrado no quadro referente à fala de I. Segundo a notação feita no diário, por M., T. falou 'ta subindo' enquanto subia na esteira ligeiramente inclinada, na praia.

Essa situação pode ser vista como uma recontextualização no uso do vocábulo.

II. 2.14.2. No que se refere à fase do deslocamento do objeto: 'antes, 'durante' ou 'depois'.

Tanto na fala de I. como na de T. ocorreram mais enunciados na fase anterior ao deslocamento referido por formas do verbo 'subir' ou pelo vocábulo 'subí' do que nas outras fases.

Na fala dos interlocutores de T., de 28 enunciados registrados no período estudado, 21 ocorreram antes, 2 durante e 5 na fase final do movimento.

De acordo com o quadro XVIII, foram registrados 5 enunciados na fala de T., todos em sessão de gravação em AT, com formas de 'subí', durante três sessões de gravação.

Desses 5 enunciados, 3 foram usados na fase anterior, 1 durante e 1 no final do deslocamento.

A ordem de emergência desses enunciados foi primeiro na fase anterior, em seguida, na fase final e, por último, durante o movimento.

II. 2.14.3. No que se refere ao 'agente' do movimento sobre o objeto: I. ou T.

Os interlocutores de T. usaram formas do ver

bo 'subir' para se referirem à mudança de posição de T. e de objetos variados, seja por sua própria ação ou por ação da criança.

De tudo que se encontra no quadro XVIII, a característica mais relevante é que esse vocábulo - 'subí' - só ocorreu na fala de T. em situações em que ele próprio se deslocava. Ou seja, em que T. é o objeto do movimento.

II. 2.14.4. No que se refere às formas lingüísticas.

(128)

T. com as panelinhas.

ai ai

Obs: O que,
bem?

subí

M: Mais o
que?

Obs: Mais o
que? O que
será?

M: Subir! É.
É.

Obs: Subir.

Sentar no co
lo é subir.²⁹

M: Você subiu.

(AT/T: 1;9.22)

(129)

Na praia, T. sobe e desce na
esteira ligeiramente inclinada.

ta subindo

(diário/T: 1;10.26)

(130)

T/M. olham um livro.
T. senta no colo de M.

M: Hein?

subiu

M: Subiu. É, o
Tiago subiu
prá ver o li-
vro. Que gra-
cinha!

(AT/T: 1;9.28)

(128), (129) e (130) ilustram as formas do
vocábulo 'subí' na fala de T. em cada uma das fases da
ação.

Essas formas parecem associáveis às registra-
das na fala de I.:

'subí' - fase anterior - é relacionável ao enunciado do
adulto 'vai subir' ou 'quer subir';

'subindo' - fase progressiva - é relacionável ao gerúndio
'subindo';

'subiu' - fase completiva - é relacionável ao perfeito 'su-
biu'.

A interpretação de 'subí' e 'subiu' é confirma-
da pelas respostas dos interlocutores de T. para cada um

dos enunciados da criança (cf. (128) e (130)).³⁰

Assim, pode-se dizer que a variação nas formas do vocábulo, em cada uma das fases do deslocamento do objeto (formas essas mais próximas das registradas na fala de I.) ocorreu muito mais rapidamente do que foi observado com todos os outros vocábulos que emergiram bem antes na fala de T., demonstrando a utilização do sub-sistema aspectual que já se começa a observar com os outros vocábulos, quando se deu a emergência de 'subí' na fala de T.

II. 2.14.5. No que se refere aos objetos envolvidos nas várias situações interacionais.

Como já foi mencionado, uma das características mais relevantes dos usos do vocábulo 'subí', por T., foi o fato de se restringirem a situações em que foi o próprio T. quem se deslocou no espaço.

Na fala dos interlocutores de T. enunciados com formas do verbo 'subir' ocorreram tanto em situações interacionais em que se observou o deslocamento de T., como também, em situações interacionais que envolveram outros objetos, como por exemplo, 'bichinho e casinha', 'pica-pau', 'carrinho', etc.

II. 2.14.6. No que se refere ao tipo do deslocamento do objeto.

Do que foi visto acima, pode-se dizer que formas do verbo 'subir' foram usadas pelos interlocutores de T. para se referirem aos deslocamentos de T. ou de outros objetos no eixo vertical, na direção 'para cima'.

Em todas as situações de uso do vocábulo 'subí' por T., observa-se o deslocamento dele próprio no eixo vertical, na direção 'para cima', levando-se a se hipotetizar a construção da noção de eixo, já iniciada com o vocábulo 'descê', a partir de seu próprio movimento e das formas lingüísticas incorporadas da fala de seus interlocutores nas situações interacionais.

II. 2.15. 'Descê e 'Subí'.

Adultos falantes do português usam os verbos 'subir' e 'descer' para se referirem ao deslocamento de objetos no eixo vertical, em direções opostas, ou seja, na direção 'para cima' e 'para baixo', respectivamente, sendo, portanto, considerados antônimos.

Os interlocutores de T. usaram formas desses verbos em situações que envolviam um mesmo objeto (entre outras), como é o caso do brinquedo do pica-pau. Nas atividades com esse objeto, enunciados com formas de 'subir' se referiam ao movimento do pica-pau da base para o topo da haste enquanto formas de 'descer' foram usadas para se referir ao movimento na direção oposta. Note-se que, nessa situação, não apareceu o uso de 'caiu', mostrando que este não é usado para se referir ao percurso do movimento

do objeto mas a uma mudança de posição que parece ter apenas dois polos: ponto inicial ou final (ou estado inicial e resultante).

No caso de 'descê' e 'subí' da fala de T., entretanto, não se pode afirmar que os dois vocábulos estejam em oposição.

Isso porque, apesar de T. usar 'descê' apenas em situações em que ocorria o deslocamento do objeto no eixo vertical, na direção 'para baixo' e 'subí' quando o objeto se deslocava no eixo vertical na direção 'para cima', ambos estão relacionados a esquemas de interação diferentes.

'Descê' ocorreu em esquemas de interação que envolviam um conjunto amplo de objetos, incluindo seu próprio deslocamento. 'Subí' só foi registrado quando ele próprio se deslocava.

Os usos de T. - para sentar ou sair do colo de sua mãe - levam a se pensar em uma relação que está começando a ser estabelecida entre esses vocábulos, ou pelo menos, essas situações podem ser consideradas como favoráveis para que isso ocorra.

Esses dois vocábulos envolvem uma nova noção espacial - eixo - que não fazia parte das estruturas já construídas, ou em construção, com os outros vocábulos, que, por seu lado, envolvem a noção de ponto-de-referência, (note-se, por exemplo, a neutralização de eixo com 'põe').

A construção da noção de 'eixo', como já foi dito, parece ter tido início em situações em que T. é o

objeto do movimento. É de 'descer' e 'subir' de objetos e dos usos das formas lingüísticas incorporadas da fala do adulto, nas situações interacionais, que se dá a construção dessa noção.

Com o estabelecimento de correspondências entre essas situações de uso e entre as formas lingüísticas - 'descê' e 'subí' - T. chegará a noção de direção do movimento dos objetos - 'para cima' e 'para baixo' - no eixo vertical.

Em outras palavras, esses vocábulos estão sendo usados, ainda, como procedimentos comunicativos e cognitivos justapostos (ver De Lemos, 1982). Entretanto, não se pode deixar de considerar a construção do sub-sistema aspectual que já começa a se evidenciar e que indica uma relação, possivelmente estabelecida por T., entre todos esses vocábulos.

NOTAS DO CAPÍTULO II

1. Este estudo é parte de uma pesquisa mais ampla do Departamento de Linguística, do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, intitulado "Relações entre desenvolvimento cognitivo e desenvolvimento pré-linguístico e linguístico em crianças brasileiras". Desse modo, a metodologia e as técnicas utilizadas são as mesmas adotadas no estudo acima referido.

2. 'Recontextualização', neste estudo, está sendo usado para se referir a mesma etapa na construção das categorias e estruturas linguísticas, denominada 'decontextualização' por De Lemos (1982). A mudança na terminologia se deve ao fato de não se tratar de 'tirar do contexto', como poderia ser interpretado o termo 'decontextualização' em sua acepção comum, e sim do uso do vocábulo em outros esquemas interacionais diferentes dos iniciais (ver De Lemos: op. cit.)

3. No estudo de Gebara (1984) sobre o processo de construção do sistema intonacional, com dados da fala desse mesmo sujeito, encontra-se que o adulto tende a reconhecer e a interpretar o contorno intonacional que acompanha as formas iniciais, que se assemelham a palavra, como similares ao padrão intonacional do uso adulto.

4. Em De Lemos (1977), tem-se um estudo pormenorizado dos

papéis desempenhados por T. e seu interlocutor no jogo denominado 'Construir-e-Derrubar', no período de 13 a 15 meses, e da transformação desse jogo social sem atuação verbal de T. em jogo verbal. Essa transformação pode ser relacionada às fases 1 e 2 discutidas neste estudo.

5. No mesmo estudo de Gebara mencionado em (3) acima, encontram-se três estágios de desenvolvimento do sistema intonacional: 1º estágio (1;0 - 1;4), em que se observam algumas formas lingüísticas que se assemelham as palavras da fala do adulto. Essas formas apresentam o padrão de entonação que acompanha as formas relacionáveis à fala do interlocutor; 2º estágio (1;4 - 1;7), caracterizado pelo que a autora chamou de 'primeiro sistema intonacional reconhecível'. A distribuição dos contornos intonacionais parece estar relacionada a certas regras dialógicas (ver, por exemplo, a distribuição dos tons 1 e 2); e 3º estágio (1;7 - 2;0), em que há uma recontextualização dos padrões intonacionais: o sistema estabelecido no segundo estágio se combina com outros enunciados e é usado em contextos diferentes dos iniciais. Nesse estágio, ou recontextualização, observa-se também uma super-extensão, como é o caso, por exemplo, do tom 6 que passa a ocupar os lugares em que antes ocorriam os tons, 1, 2, 3 e 5.
6. Nessa atividade - tampar as panelinhas - observa-se T. fazendo um uso social dos objetos, ou seja, trata-se

- de um comportamento, também aprendido em situações interacionais que envolviam esses mesmos objetos.
7. Essa situação de interação será retomada a seguir.
 8. Sobre a coordenação de esquemas lingüísticos, encontra-se, no estudo de Griffith, intitulado 'A door to verbs', o uso da palavra 'door' pela criança para a referência a ação de abrir sobre qualquer objeto.
 9. Ver Gêbara (op. cit.) sobre as outras formas lingüísticas presentes na fala de T. no período considerado.
 10. Provavelmente, como é comum na interação principalmente de Obs. com a criança, a fala de Obs. nessa situação equivale a 'irradiar o contexto'; fazer acompanhar suas ações de verbalizações sobre elas.
 11. Note-se a especularidade do adulto-observador de uma outra forma lingüística - 'isso' - que foge ao âmbito deste trabalho.
 12. Sobre a simultaneidade e resposta de I. ver metodologia (gravações em AT ou anotações no caderno).
 13. Pode-se dizer que 'fechou', na fala de adultos falantes do português para se referir ao final de sua própria ação, é usado para enfatizar o completamento do evento.

14. No exemplo (29) encontra-se uma forma especular na fala de T. - 'tã quente' - (ver primeiro enunciado de M. e segundo enunciado de T.). Essa forma lingüística não havia sido registrada em sua fala até esse momento.
15. Como se trata de uma gravação em AT não se pode afirmar que esse foi o último bonequinho encaixado.
16. Ver observação anterior (metodologia).
17. Observe-se, nessa situação de interação (exemplo (33)), o uso de 'abrir' e 'fechar' por I. dentro da mesma situação. Esses usos serão retomados a seguir.
18. A expectativa do adulto em (39) com relação à fala de T. parece demonstrar que alguma forma lingüística possível de ser produzida nessa situação já ocorreu em algum momento.
19. Trata-se de um bichinho de madeira com a forma de uma galinha esquematizada.
20. Trata-se de uma anotação no caderno, feita por um dos observadores presentes na sessão de gravação. Isso justifica a não transcrição da fala do adulto.
21. Ver o uso dos tons 1 e 2 em Gebara (1984) já mencionados em 'caiu'.

22. É interessante observar a especularidade de T. da forma do adulto - 'feche' - e, em seguida, o adulto não flexionando sua forma, apresentando um outro uso especular: 'Tã! Feche'.
23. Ver 'metodologia' sobre gravações em 'AT'.
24. Tem-se, nessa situação, um outro uso de 'abi' em uma situação de interação em que T. e I. agem sobre livros (ver 'abi' em II.2.3.).
25. Ver metodologia sobre gravações em AT.
26. Segundo Camaioni (1982) : "The fact that the adult repeatedly produces certain standard actions or attention formats allows the child both to interpret the adult's actions and signals starting from the position (privileges of occurrence) they occupy in the routine sequence, and to himself reproduce the same actions and signals inside the sequence (....)".
Camaioni, op. cit. 5.
27. A forma 'ponha', registrada pela primeira e única vez nessa situação, pode ser relacionada a 'ponha' da fala de I. em algumas outras situações de gravação.
28. Essa tentativa de I. em ajustar sua fala a fala da criança aponta para a possibilidade desse vocábulo já ter ocorrido, na fala de T., em outras situações de

sua vida diária.

29. Na instanciação (128) vê-se o observador traduzindo a fala de T: 'sentar no colo é subir'.
30. Quanto à resposta dada à outra forma, se houve, na da se pode dizer, por limitações do próprio registro (ver metodologia).

CAPÍTULO III

Conclusões

Como se encontra na introdução, procurou-se sustentação para as explicações do processo de aquisição das expressões de relações espaciais, que constituem o 'corpus' deste estudo, na proposta socio-interacionista de aquisição e desenvolvimento da linguagem.

Essa proposta foi assumida em contraposição às hipóteses perceptualista e cognitivista, vistas, no início, como possibilidades alternativas de explicação para a emergência das expressões de relações espaciais.

Para essas duas últimas hipóteses mencionadas, o processo de construção das noções espaciais precede a emergência da linguagem e este, por sua vez, limita-se a etiquetar um conhecimento pré-existente perfeitamente reconhecido independentemente da própria linguagem.

Para a proposta socio-interacionista, entretanto, é através da linguagem que o sujeito age sobre o mundo físico e social e, dessa forma, se constitui e o constitui. Nesse sentido, a linguagem é vista como uma das formas constitutivas e configuradoras de conhecimento e sua emergência é vista como resultado de uma construção conjunta da criança e de seus interlocutores, em situações interacionais.

Das atividades cognitiva e comunicativa o sujeito passará à ação sobre a própria linguagem: o sujeito é ativo e a linguagem é também objeto de sua ação.

A adoção dessa proposta implicou em uma focalização nos processos pelos quais a criança adquire a linguagem e trouxe, como consequência, uma reavaliação dos significados atribuídos às primeiras expressões linguísticas emergentes.

Tendo em vista a necessidade de se considerar a continuidade entre o desenvolvimento pré-linguístico e o desenvolvimento linguístico, foram analisadas as situações de interação entre a criança-sujeito deste estudo e seus interlocutores privilegiados - principalmente a mãe e a irmã - desde um período que antecedeu a emergência dos vocábulos analisados na fala da criança.

Nesse período (a análise se iniciou com 0;11 e o primeiro vocábulo foi registrado com 1;5), foram observadas várias situações de interação entre a criança e seus interlocutores.

Nessas situações de interação, registraram-se na fala dos interlocutores de T. formas da linguagem adulta associáveis aos vocábulos que, em seguida, foram produzidos por ele.

A contribuição do adulto e da criança era, então, assimétrica no que diz respeito às produções verbais. T. participava agindo sobre os objetos e/ou com sua atenção voltada para as suas próprias ações, para as ações do adulto ou para as atividades conjuntas.

Nessa construção conjunta, um dos papéis do interlocutor é o de interpretar as ações da criança. O adulto-interlocutor se ajusta à produção motora da criança: interpreta suas ações, atribui-lhe intenções, papéis .

Doa sentido a sua atividade.

Ao interpretar e atribuir intenções aos comportamentos da criança, o adulto não o faz somente a partir do conhecimento que tem da própria criança ou daquilo que atribui como sendo ela capaz de fazer. Há de se considerar a sua representação do mundo, que nas situações interacionais registradas e analisadas, pode ser entendida como a matriz socio-cultural de suas atividades.

Com essa atividade interpretativa, o adulto-interlocutor provê a criança com um material lingüístico que, por ela, vai ser apropriado.

Por volta de 1;5, observou-se T. agindo sobre o mundo, e sobre o outro através da linguagem: o material lingüístico provido pelo interlocutor, já incorporado a sua atividade motora.

O momento da incorporação das formas lingüísticas, antes produzidas pelo adulto nas situações de interação, pode ser visto como um dos momentos de simetria da estrutura comunicativa. Ou seja, 'o momento em que ambos os parceiros - criança e interlocutor - constituem um objeto de permuta em objeto de conhecimento' (Lier, 1983).

Nas atividades conjuntas, que precederam a emergência desses vocábulos na fala de T., pode-se dizer que a linguagem de seu interlocutor implicou em recortes da situação. Ao produzir enunciados que se assemelhavam, pelo menos em parte, aos enunciados do adulto, em um subconjunto das situações de interação, T. demonstrou reconhecê-las.

Nessas situações, produziu-se a mesma sequên -

cia de ações sobre os mesmos objetos. T. reconheceu essas atividades assim como também reconheceu e fez uso do 'objeto lingüístico' que as acompanhavam.

Não é possível afirmar que os vocábulos usados por T. se referiam a um ou outro aspecto da situação, mas pode-se pensar a situação como um todo enquanto unidade sobre a qual a criança estava atuando: unidades interacionais onde se articulam objetos do mundo físico, objetos sociais e lingüísticos. As formas lingüísticas produzidas por T. podem ser vistas como procedimentos comunicativos sincréticos, isto é, não podem ser analisados em termos semânticos ou mesmo pragmáticos.

Os enunciados da criança, ao evidenciarem estabelecimentos de correspondências entre as situações - situações antes instauradas pelo adulto e, agora, também pela criança - e correspondências entre a linguagem e os objetos ou eventos do mundo, podem ser vistos como 'atividades cognitivas'.

O adulto reage a esses enunciados, atribuindo e reconhecendo o papel assumido pela criança, como ficou evidenciado nas sequências especulares: o adulto-interlocutor 'imitava' os enunciados de T., essa é, portanto, uma das formas de garantir a eficácia lingüística desses comportamentos.

Seguiu-se ao processo de 'incorporação' ou de uso do vocábulo em um sub-conjunto das situações usadas pelo adulto, o uso do vocábulo em situações interacionais que diferiam em um ou mais aspectos das situações em que os vocábulos se originaram: a criança assume o papel a ela atribuído pelo adulto em um sub-conjunto das situações, e, depois,

em situações diversas.

A esse uso do vocábulo em situações diversas denomina-se 'decontextualização' (De Lemos, 1982) ou 'recontextualização', que foi neste trabalho adotado (ver nota (2), capítulo II) na ausência de um termo melhor. O termo 'recontextualização' mostra-se ainda inadequado, já que deriva do termo 'contexto' que pode ser tomado como algo circunstante à linguagem. Segundo a proposta assumida neste trabalho, a interação e a linguagem recortam o contínuo físico e social e, dessa forma, instauram as situações.

A 'recontextualização' aponta para um distanciamento entre o vocábulo e o esquema interacional que antes o acompanhava, ao mesmo tempo que aponta para um estabelecimento de correspondências entre situações várias.

Note-se, entretanto, que não se trata de correspondências entre uma situação original vista como um elemento prototípico e situações que se aproximam ou se distanciam dele. Falar em um núcleo de significado implica em assumir-se uma análise já processada da situação original e do vocábulo que a ela 'pertencia'.

As correspondências são estabelecidas entre situações tomadas de forma global. A saída de um vocábulo da situação em que se originou, evidencia o início de um processo de análise das situações anteriores.

Como foi visto no decorrer deste trabalho, as 'recontextualizações' abrangem os 'erros' e os 'acertos'.

A análise dos chamados 'erros', assim consi-

derados do ponto de vista do adulto e não do aprendiz , mais do que os 'acertos', mostrou-se relevante pois, mais do que simples desvios em relação à linguagem do adulto, como na interpretação de E. Clark (1973), apontaram para o estatuto desses vocábulos como formas lingüísticas não-analisadas anteriormente. Tem-se, assim, contra-evidência às hipóteses perceptualista e cognitivista mencionadas, que operam com noções espaciais dadas ou já construídas pelo falante. Ora, se assim fosse, a criança não erraria.

Neste trabalho, os 'erros' foram vistos como sintomas do processo ativo de construção dos vocábulos enquanto objetos lingüísticos do ponto de vista semântico (De Lemos, 1982).

Os 'erros' foram, também, as melhores pistas para se entender que aspectos da situação a criança estava configurando com o uso de determinado vocábulo. Através dos 'erros', pode-se perceber que a criança não usa o vocábulo para se referir a um determinado aspecto ou segmento da situação. Isso é evidenciado no estabelecimento de correspondências múltiplas e diversas.

Confirma-se, assim, uma das afirmações feitas: a análise dos dados em uma perspectiva socio-interacionista leva à reavaliação dos significados atribuídos a esses vocábulos emergentes nos períodos iniciais de aquisição de linguagem.

No início, a criança atua sobre procedimentos comunicativos e cognitivos não-analisados, isto é , não relacionados entre si, justapostos.

A tomada de consciência da eficácia comunicativa de seus enunciados, evidenciada nas chamadas 'recontextualizações', permite à criança decentralizar-se dessa função da linguagem. Isso representa um passo em direção à tomada de consciência dos objetos lingüísticos como tais.

A criança, então, passa a atuar sobre esses objetos, coordenando-os, relacionando-os e construindo sub-sistemas (De Lemos, 1983).

Neste trabalho, observou-se o início da construção dos sub-sistemas aspectual e inter-lexical.

Inicialmente, registrou-se a flexão aspectual, com variações na forma do vocábulo de acordo com a fase da ação e, mesmo, de aspectos discursivos, como, por exemplo, a introdução do tópico, ou o estabelecimento de um interlocutor (ver Gebara, 1984, sobre o uso da intonação, pelo mesmo sujeito).

É interessante ressaltar que, o caminho percorrido por cada vocábulo diferiu dependendo da fase da ação em que foi primeiramente incorporado ao esquema de interação. Assim, os vocábulos que foram incorporados na fase completiva foram usados, inicialmente, com a flexão correspondente às formas perfectivas do português na linguagem do adulto, tendo, em seguida, variações na forma, conforme iam sendo 'recontextualizados' para outras fases da ação. Já os vocábulos que entraram pela fase progressiva da ação, percorriam o caminho inverso.

Aos usos dos vocábulos que indicavam o início de correspondências entre eles, sucederam-se ocorrências

em situações interacionais diferentes como procedimentos comunicativos isolados. As relações estavam sendo estabelecidas a partir dos esquemas de interação, ou das atividades em que todos os vocábulos foram usados; o sub-sistema de relações inter-lexicais parece passar por uma organização entre os vários vocábulos no interior da situação interacional, como foi o caso, por exemplo, entre os vocábulos 'abi', 'põe', 'tira' e 'fecha', que foram usados nas diversas fases de uma mesma atividade.

O que se observou na fala de T., portanto, é o início das relações entre os vocábulos. Essas formas lingüísticas podem ser vistas como procedimentos justapostos parcialmente analisados. (De Lemos, 1982). Sua análise terá continuidade e será sujeita a novas reestruturações e reconfigurações conforme novas expressões emergirem na fala da criança.

Saliente-se que, em estudos que abrangem um período de desenvolvimento da linguagem bem posterior a este, encontram-se certos usos de vocábulos (muitas vezes 'desviantes' em relação à linguagem do adulto) com seus significados ainda em construção. Pode-se mencionar o estudo de Figueira (1977), sobre a linguagem de uma criança no período de 2;8 à 3;10, em que se observa, entre várias trocas lexicais, o uso de 'fechar' por 'abrir', demonstrando, segundo a autora, 'uma tendência em não diferenciar membros opostos de um par' (op. cit.: 371), tendência essa representativa de uma outra etapa de sistematização de expressões lingüísticas.

Ao mesmo tempo em que se dá a construção dos

significados desses vocábulos na fala da criança, pode-se dizer, opera-se a construção das noções espaciais, por eles constituídas e configuradas. Tanto a ação como a comunicação devem ser vistos como fatores interagentes no processo de construção dessas noções.

O adulto e, em seguida, a criança agem sobre os objetos do mundo físico e sobre o outro através de comportamentos motores e da linguagem. As ações sobre os objetos do mundo físico permitem o estabelecimento de relações entre esses mesmos objetos e entre eles e suas ações (ou do parceiro). As ações sobre o outro permitem a construção de pressuposições sobre a atenção e o conhecimento do interlocutor. Da interação entre esses dois fatores, dar-se-á a construção, pela criança, de noções como 'lugar', 'pontos-de-referência', 'direção dos movimentos dos objetos' e 'eixos'.

O processo de construção das noções espaciais também terá continuidade e se reestruturará a cada nova sistematização da linguagem.

BIBLIOGRAFIA

- Anderson, J. (1968) "Ergative and nominative in English".
J. Ling., 4, (1 - 32).
 (1971) The grammar for case. Cambridge:
 Cambridge University Press.
- Antinucci, F. and D. Parisi (1973) "Early language
 acquisition: A model and some data". In C.A.
 Ferguson & D.I. Slobin (Orgs.) Studies of
child language development. New York: Holt,
 Rinehart and Wiston, (607 - 618).
- Bever, T.G. (1970) "The Cognitive Basis for Linguistic
 Structures". In J.R. Hayes (Org.) Cognition
and The Development of Language. New York:
 John Wiley & Sons, (279 - 352).
- Bierwisch, M. (1967) "Some semantic universals of German
 adjectives". F.L., 3, (1 - 36).
- Bloom, L. (1973) One word at a time. Haia: Mouton.
- Braine, M. (1971) "The Ontogeny of English Phrase
 Structure: The first phase". In Aaron Bar-
 Adon & Werner F. Leopold (Orgs.) Child
Language - A Book of Readings. Englewood
 Cliffs, N.J.: Prentice Hall, (242 - 262).

- Brown, R. (1973) A First Language - The Early Stages. London: George Allen & Unwin Ltd.
- Bruner, J.B. (1975) "The Ontogenesis of Speech Acts". Journal of Child Language, 2, (1 - 19).
- Camaioni, L. (1980) La prima infanzia. Bologna: Mulino.
- (1982) "From pre-linguistic interaction schemata to language acquisition: which continuity?". Comunicação apresentada no 10º Congresso Internacional de Sociologia: Cidade do México.
- Chafe, W.L. (1970) Meaning and The Structure of Language. Chicago: Chicago University Press.
- Clark, E. (1972) "Some perceptual factors in the acquisition of locative terms by young children". In Papers from the English Regional Meeting, Chicago Linguistic Society, (431 - 439).
- (1973) "What's in a word? On the child's acquisition of semantics in his first language". In T. E. Moore (Org.) Cognitive Development and The Acquisition of Language. New York: Academic Press, (65 - 110).
- (1975) "Knowledge, Context and Strategy in the Acquisition of Meaning". In D.P. Dato (Org.) Georgetown University Round Table on Languages and Linguistics. Washington: Georgetown

University Press, (77 - 98).

Clark, H. (1973) "Space, Time, Semantics and the Child". In T.E. Moore (Org.) Cognitive Development and The Acquisition of Language. New York:Academic Press, (27 - 63).

De Lemos, C.T.G. (1975) The use of 'ser' and 'estar' with particular reference to child language acquisition. Tese de doutoramento, Universidade de Edimburgo.

(1977) "Jogos demonstrativos da Estrutura de Eventos no período pré-lingüístico: seu estatuto como pré-requisito do desenvolvimento da linguagem". Comunicação apresentada no III Encontro Nacional de Lingüística - PUC, Rio de Janeiro.

(1982) "Sobre Aquisição de Linguagem e seu Dilema (Pecado) Original". Boletim da ABRALIM , 3, (97 - 126).

(1983) "Teorias da diferença e teorias do déficit: reflexões sobre programas de intervenção na pré-escola e na alfabetização". Apresentado no Encontro Multidisciplinar sobre Alfabetização, PUC - São Paulo.

(em preparação) A Construção da Linguagem pela Criança .

- De Lemos, C.T.G. e E.A.M., Maia. (1983) O papel da imitação na transição da pré-linguagem para a língua - gem. Projeto de pesquisa enviado para o Setor de Cooperação Internacional do CNPq.
- Edwards, D. (1973) "Sensory-motor intelligence and semantic relation in early child grammar". Cognition, 2 (4), (395 - 434).
- Farwell, C.B. (1977) "The Primacy of Goal in the Child's Description of Motion and Location". Papers and Reports on Child Language Development, 13 (126 - 133).
- Ferreira, A.B. de H. (s.d.) Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro. Nova Fronteira.
- Figueira, R.A. (1977) "Áreas de Dificuldade na Aquisição do Léxico: Exame do 'Corpus' de um (1) Sujeito (2;8 a 3;10)". Comunicação apresentada no II Encontro Nacional de Linguística, Rio de Janeiro.
- Fillmore, C.J. (1968) "The case for case". In E. Bach and R.T. Harms (Orgs.) Universals in Linguistic Theory. New York: Holt Rinehart and Wiston, (1 - 90).
- (1971) "Santa Cruz Lectures on Deixis", Indiana University Linguistics Club.

- Galmiche, M. (1975) Sémantique Générative. Paris; Larousse.
- Gebara, E.S. (1984) Intonational and the development of dialogue processes in Brazilian Portuguese. Tese de doutoramento, School of African and Oriental Studies, Londres.
- Gopnik, A. (1977) "The development of non-nominal expressions in one to two years old". Cópia mimeografada.
- Griffiths, P.D. (1977) "A 'door' to verbs". Cópia mimeografada.
- Gillaume, P. (1927) "Les débuts de la phrase dans le langage de l'enfant". Journal de Psychologie, 24, (1 - 25).
- Halliday, M.A.K. (1967) "Notes on transitivity and theme in English" J. Ling., 3, (37 - 81), (199 - 244).
- (1968) "Notes of transitivity and theme in English". J. Ling., 4. (178 - 215).
- (1970) "Language structure and Language Function". In J. Lyons (Org.) New Horizons in Linguistic. Harmondsworth, Penguin, (140-165).
- Katz, J. and J.A. Fodor (1963) "The Structure of a Semantic Theory". Language, 39 (2), (170 - 210).

- Lier, M.F. de A. (1983) A Constituição do Interlocutor Vocal. Dissertação de Mestrado, PUCSP.
- Macrae, A. J. (1975) "Movement and location in the acquisition of deitic verbs". Cópia mimeografada.
- Maia, E.A. da M. (1981) "Semantico-pragmatic factors in the acquisition of Phonology". Comunicação apresentada no L.S.A. Annual Meeting, New York.
- Mayrink, M.L.T. (1975) Um estudo do período inicial da aquisição do Português. Dissertação de Mestrado, UNICAMP.
- Mayrink-Sabinson, M.L.T. (1981) A Study of Mother-Child Interaction with Language Learning Children: Context and Maternal Interpretation. Tese de doutoramento, State University of New York, Buffalo.
- Pereira, M.C.C. (1977) Aspectos Semânticos na Aquisição de Preposições por uma Criança Brasileira. Dissertação de Mestrado, PUCSP.
- Piaget, J. (1975) A Construção do Real na Criança. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

- Ross, J.R. (1970) "On declarative sentences". In R.A. Jacobs and P.S. Rosenbawn (Orgs.) Reading in English Transformational Grammar. Waltham, Mass: Ginn, (222 - 272).
- Slobin, D.I. (1973) "Cognitive Pre-requisites for The Development of Grammar". In C.A. Ferguson & D.I. Slobin (Orgs.) Studies of Child Language Development. New York: Holt, Rinehart & Wiston, (175 - 225).
- Volterra, V., E. Bates, L. Benigni, I. Brotherton, L. Camaioni (1977) "Le prime parole". Istituto di Psicologia. CNR.

ERRATA

Página 36, 4º parágrafo, em lugar de "...só mais tarde, encontram-se enunciados...", leia-se "...só mais tarde, encontrarem-se enunciados...";

Página 79, 3º parágrafo, em lugar de "...a participação da criança nas várias...", leia-se "...a participação do adulto nas várias...";

Página 80, 1º parágrafo, em lugar de "...Retome-se o exemplo (22) (discutido em II.2.2.3) e note-se a não alteração do adulto - 'fecha'...", leia-se "...Retome-se o exemplo (22) (discutido em II.2.2.3) e note-se a não alteração da forma do vocábulo na fala de I. - 'fêch' - em função do enunciado do adulto - 'fecha'...";

Página 175, 3º parágrafo, em lugar de "Na fala de I., enunciados...", leia-se "Na fala de I., enunciados...";

Página 182, 5º parágrafo, em lugar de "...nada indica que qualquer tipo de relação estivesse sendo estabelecida entre elas...", leia-se "...nada indica que qualquer tipo de relação estivesse sendo estabelecida entre eles...";

Acrescentar na Bibliografia:

Leech, G. (1969) Towards Semantic Description of English. Londres: Longman.

APÊNDICE

PRIMEIRAS MANIFESTAÇÕES DE
EXPRESSÕES DE RELAÇÕES ESPA
CIAIS NA AQUISIÇÃO DO PORTU
GUÊS COMO PRIMEIRA LÍNGUA.

por

Célia Regina Carneiro

Campinas

1984

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

ÍNDICE DO APÊNDICE

QUADRO I -	Situações de uso do verbo 'Cair' na fala dos interlocutores de T.	1
QUADRO II -	Situações de uso de 'Caiu' na fala de T.	20
QUADRO III -	Situações de uso do verbo 'fechar' na fala dos interlocutores de T. ..	28
QUADRO IV -	Situações de uso de 'Fecha' na fa- la de T.	39
QUADRO V -	Situações de uso do verbo 'Abrir' na fala dos interlocutores de T. ..	44
QUADRO VI -	Situações de uso de 'Abi' na fala de T.	56
QUADRO VII -	Situações de uso do verbo 'Tirar' na fala dos interlocutores de T.	65
QUADRO VIII -	Situações de uso do verbo 'Tira' na na fala de T.	76
QUADRO IX -	Situações de uso do verbo 'Pegar' na fala dos interlocutores de T. ..	80
QUADRO X -	Situações de uso de 'Pega' na fala de T.	108
QUADRO XI -	Situações de uso do verbo 'Pôr' na fala dos interlocutores de T.	114
QUADRO XII -	Situações de uso de 'Põe' na fala de T.	138
QUADRO XIII -	Situações de uso do verbo 'Colocar' na fala dos interlocutores de T. ..	141

QUADRO XIV -	Situações de uso do 'Coôca' na fala de T.	147
QUADRO XV -	Situações de uso do verbo 'Descer' na fala dos interlocutores de T. ...	154
QUADRO XVI -	Situações de uso do 'Descê' na fala de T.	159
QUADRO XVII -	Situações de uso do verbo 'Subir' na fala dos interlocutores de T.	162
QUADRO XVIII -	Situações de uso de 'Subí' na fala de T.	166

Quadro I - Situações de uso do verbo 'Cair' na fala dos interlocutores de T.

1

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo	
			A		Du		De
			Req.	Ñ-Req.			
0;11.29 VT-1	blocos de madeira/caixa.	T. levanta a caixa. Os blocos caem. Ma/Obs. olham. T. pega a caixa. T. olha.				X X X X X	'Caiu'. 'Caiu'. 'Caiu...' 'Caiu' 'Caiu...'
	caixa de brinquedos.	T. levanta a caixa. Os brinquedos caem. Obs. e Ma.olham.				X X X	'Caiu...' 'Caiu'. 'Caiu...'
1;0.22 AT	nariz do palhaço.	B. põe o nariz no palhaço. T. observa. Cai o nariz. Obs. olham.				X	'...caiu...'
	T.	T. joga bola com B. T. olha para Obs. M. observa. T. olha para M.				X X	'Quase caiu'. '...caiu...'
	brinquedos da bolsa	T. olha para B. que brinca com o palhaço. Caem os brinquedos da bol-			X	X	'...caindo...' '...deixou cair...'

(cont.)

Quadro I - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo	
			A		Du		De
			Req.	Ñ-Req.			
1;0.22 AT (cont.)	brinquedos da bolsa.	<u>sa.</u> Obs. olha.					
1;1.14 VT-2	cubos de encaixe.	M. faz a torre T. observa. <u>T. leva um cubo para a torre.</u> <u>Derruba um cubo.</u> M. observa.				X	'Caiu'
		M. põe um cubo na torre. <u>T. vira o cubo.</u> <u>O cubo cai.</u> T/M. observa.				X	'Caiu'
		<u>T. põe um cubo na torre.</u> O cubo tomba. M. observa.				X	'Caiu...'
		M. põe um cubo na torre. T. tenta pegar. Derruba dois cubos. M. observa.				X	'Caiu'

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação				Formas do verbo
			A		Du	De	
			Rec.	Ñ-Rec			
1;1.14 VT-2 (cont.)	bola	M. põe a bola na cabeça de T. <u>A bola cai.</u>				X	'Caiu'.
	mamadeira/ cubos de encaixe	M. põe a mamadeira em cima do cubo. T. <u>estende a mão.</u> M. <u>segura a mamadeira.</u> T. <u>põe em cima do cubo.</u>		X			'...quase cai'. 'Cai,...'.
	bolo	T. come. M. <u>pega um pedaço de bolo no chão.</u>				X	'Caiu'.
1;1.20 AT	cadeira/ mesa	A cadeirinha está em cima da mesa. T. <u>põe uma pulseira na cadeira.</u> <u>A cadeira cai.</u> Obs. olha.				X	'Caiu,...?'
1;2.14 VT-3	brinquedos.	M. segura vários brinquedinhos. T. <u>bate a mão, der-</u>				X	'Caiu.' (cont.)

Quadro I - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo	
			A		Du		De
			Req.	N-Req			
1;2.14 VT-3 (cont.)	brinquedos.	<u>rubando-os</u>					
		M. com os brinquedinhos. <u>Caem</u> . T. observa.				X	'...caiu'.
1;2.18 AT	bo-ônibus.	<u>T. tenta encaixar o bonequinho no ônibus.</u>				X	'Caiu!'
		Olha para M. O bonequinho cai				X	'Caiu...'
1;2.24 AT	copo/colher	<u>T. põe a colher dentro do copo. O copo cai. Obs.</u>	X			X	'Caiu'
		olha. <u>T. levanta o copo. Cai novamente. Obs.</u> e M. olham.				X	'Vai cair'. 'Caiu'.
1;3.0 AT	argola/pino/cabeça do palhaço.	<u>T. põe a argola no pino e a cabeça do palhaço em cima. Cai. Obs.</u> olha.				X	'...caiu'.

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo	
			A		Du		De
			Reg.	Ñ-Reg.			
1;3.0 AT (cont.)	cabeça do palhaço.	T. tenta encaixar a cabeça do palhaço. <u>A cabeça cai.</u> Obs. e M. olham.				X X '...caiu'. '...caiu'.	
	bolinha	<u>T. com a bolinha.</u> M. observa. T/M. jogam bola.			X	'...caiu...'	
	tampinha/argola.	<u>T. joga a tampinha no orifício da argola.</u> M. observa.			X	'...caiu'.	
	relógio/argola.	<u>T. tenta pôr o relógio no orifício da argola.</u> Obs. olha.			X	'...caiu'.	
	T.	<u>T. começa a levantar.</u> Obs. olha.	X X			'...vai cair,...' 'Vai cair...'	
1;3.14 AT	trem	M/T. brincam com o trem. <u>Tomba um vagão.</u>			X	'Caiu...'	

Quadro I - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo	
			A		Du		De
			Req.	N-Req.			
1;3.24 VT-4	cubos de encaixe.	<u>T. estende a mão para o cubo mais alto da torre. Deruba-o. M. pega. T. olha para o cubo. Olha para o disco. T. engatinha. Esbarra na torre que cai. M. observa.</u>				X	'Caiu'.
						X	'Caiu'.
						X	'Caiu!...'
	bo-ônibus	<u>T. solta um bonequinho em cima do caminhão. Cai. M. observa.</u>				X	'Caiu'.
	cinzeiro	<u>T. solta o cinzeiro que cai no chão. M. observa.</u>				X	'Caiu'.
						X	'Caiu'.
1;4.7 AT	garrafa	<u>M/T observam a garrafa que tomba.</u>				X	'Caiu...'
						X	'Caiu'.

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação				Formas do verbo	
			A		Du	De		
			Req.	N-Req.				
1;4.7 AT (cont.)	T.	B. põe a conga em T. que cai para trás.					X	'Caiu'.
1;5.3 VT-5	cubos de encaixe.	T. põe um cubo com a abertura para cima. <u>Leva outro cubo para pôr em cima.</u> M. observa. O cubo encaixa.		X				'Cai...'
		T. leva um cubo para dentro de um cubo maior. M. observa.		X				'Cai...'
	laranja/cesta	T. põe as laranjas na cesta. <u>Uma cai para fora.</u> M. observa.					X	'Caiu'.
1;5.18 AT	T.	T. brinca de 'bater o côco' com Obs. <u>T. cai.</u>					X	'Caiu'.
	jamanta/caminhão	T. com a jamanta. <u>T. faz o</u>						(cont.)

Quadro I - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo	
			A		Du		De
			Req.	Ñ-Req.			
1;5.18 AT (cont.)	jamanta/ caminhão	<u>caminhão des-</u> <u>cer na rampa</u> <u>da jamanta.</u> Cai.		X			'Vai cair'.
		Obs. olha.		X		X	'Vai cair' 'Caiu'.
	M. mostra para T. o carrinho que vai descer na rampa da ja- manta. O carri- nho cai.					X	'Caiu'.
		X					'Faz...cair...'
		X			X	'Faz...cair.'	
		X			X	'Caiu'.	
		X			X	'Caiu'.	
		T. com o is- queiro. M. mostra o car- rinho na rampa da jamanta.					'...vai cair...'
1;6.7 VT-6	telefone/ cubo de encaixe.	T. estende a mão para pe- gar o telefo- ne em cima do cubo. O telefo- ne cai. Obs. olha.				X	'Caiu'.
						X	'...caiu?'
	cubo de encaixe	T. pega um cubo e o joga no chão. Obs.		X			'...vai cair...'

(cont.)

Quadro I - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo	
			A		Du		De
			Req.	Ñ-Req.			
1;6.7 VT-6 (cont.)	cubo de encaixe	olha. T. olha para o cubo.					
1;6.29 AT	T.	T/M. jogam bola. T. com um 'galo' na cabeça. M/Obs. comentam.				X X '...caiu,...?' 'Caiu.'	
		T. cai. Obs. comenta.				X 'Caiu'.	
	bichinho	M. põe bichinho na perna de T. O bichinho cai.				X 'Caiu'.	
1;7.5 AT	boneca	B. derruba a boneca. T. observa.	X	X		'...vai cair...' '...vai cair...'	
		Obs. fala para T. 'dar papã para a boneca'. T. observa. A boneca cai.				X 'Caiu'	
1;8.3 AT	carrinho	Cai um carrinho. M/T. observam.				X 'Caiu'.	

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo		
			A		Du		De	
			Req.	N-Req.				
1;8.10 VT-8	bichinho/ casinha.	B. põe bichinho no telhado da casinha. T. observa. <u>B. empurra.</u> O bichinho cai.		X			'Caiu'.	
		B. põe no telhado. T. observa. <u>O bichinho cai.</u>				X	'Caiu'	
		T. põe no telhado. B. empurra para cima. T. observa. <u>O bichinho cai.</u>					X	'Caiu'.
		T. segura um bichinho no telhado. <u>O bichinho cai.</u> M. observa.					X	'Caiu'.
		B. põe no telhado. <u>O bichinho cai.</u> T. observa.					X	'Caiu'.
		<u>T. empurra um</u>						

(cont.)

Quadro I - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo		
			A Reg	Ñ-Reg	Du		De	
1;8.10 VT-8 (cont.)	bichinho/ casinha	<u>bichinho que estava no telhado.</u> B. observa.				X	'Caiu'.	
		T. quer pegar os bichinhos. B. não deixa. <u>B. põe no telhado.</u> T/M. observam.		X				'Cai...'
		T. quer derrubar um bichinho. <u>B. derruba.</u>				X		'Caiu...'
		B. põe a vaquinha no telhado. <u>Cai.</u> T. observa.				X		'Caiu'
		<u>B. põe o porquinho no telhado.</u> T. olha para M. T. empurra o porquinho.		X				'...caiu'.
		B. põe os bichinhos no te-						
								(cont.)

Quadro I - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo
			A	Du	De	
			Req.	Ñ-Req.		
1;8.10 VT-8 (cont.)	bichinho/ casinha	lhado. T. olha os bichinhos no chão. <u>B. derruba.</u>				X 'Caiu'.
	ônibus	<u>M. segura o ônibus e começa a tombá-lo.</u> T. observa.		X X	X X X X	X 'vai cair...' 'Vai cair...' 'Cai' 'Cai' 'Cai' 'Cai' X 'Caiu'.
1;9.11 VT-9	bichinho/ casinha	<u>M. põe um bichinho na parte inclinada do telhado.</u> T. observa. M. põe outro bichinho no telhado. T. observa. <u>O bichinho cai.</u>		X X X X		'Vai cair' 'Cai' 'Cai' 'Cai' 'Cai' X 'Caiu' X 'Caiu'.
		<u>M. empurra os bichinhos que estão no telhado.</u> T. mexe na porta da casinha. T. olha os	X X			X 'Vai cair' 'Vai cair' X 'Caiu'.

Quadro I - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo	
			A	Du	De		
			Reg.	Ñ-Reg.			
1;9.11 VT-9 (cont.)	bichinho/ casinha	<u>bichinhos que caíram.</u>					
		T. desliza um bichinho no telhado. <u>Segura-o e olha para Obs. M. observa. T.põe na parte mais alta do telhado. M. observa M. põe um bichinho. T. deruba os dois. Obs. olha.</u>	X			'...cair'	
			X			'Vai cair'	
			X			'Cai'	
			X			'Cai'	
			X			'Cai'	
			X			'Cai'	
					X	'Caiu'	
		<u>T. segura o bichinho no telhado. Obs. olha. T. solta o bichinho que cai.</u>	X			'Vai cair,...?'	
			X			'Vai cair...'	
		T. põe um bichinho no telhado. <u>O bichinho cai. M. observa.</u>				X	'Caiu'

Quadro I - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo	
			A	Du	De		
			Reg.	N-Reg.			
1;9.11 VT-9 (cont.)	bichinho/ casinha	T. põe no te- lhado. <u>O bichi- nho cai.</u> M.				X	'Caiu'
						X	'Caiu'
	bichinho	T. pega um bi- chinho da mão de M. e <u>joga</u> <u>no chão.</u>				X	'Caiu'
	carrinho/ caminhão	<u>Cai um carri- nho do cami- nhão.</u> M/T. observam.				X	'Caiu'.
1;9.16 AT	carta/ tampa da cai- xa.	M. dá a carta para T. pôr na caixa. T. põe. <u>A carta</u> <u>cai.</u>				X	'Caiu'.
1;9.22 AT	bola	<u>Obs. mostra a</u> <u>bola para T.</u>		X			'...vai cair'.
	tampa da panela	T. tampando a panelinha. <u>A</u> <u>tampa cai.</u> M. observa.				X	'...caiu'.
	roda do carrinho	T. com o carri					

(cont.)

Quadro I Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo	
			A		Du		De
			Reg.	N. Reg.			
1;9.22 AT (cont.)	roda do carrinho	nho. <u>Cai o carrinho.</u>				X	'...caiu,...?'
1;9.28 AT	contas do colar.	M. desencaixa as contas. <u>Uma pula fora.</u> T. ri.				X	'Caiu?'
1;10.8 VT-10	bichinhos	M. põe os bichinhos em pê. T. mexe. <u>Os bichinhos caem.</u> Obs. olha.				X	'Caiu?'
		<u>Cai um bichinho que estava em pê.</u> T/M. observam.				X	'Caiu...'
		T. olha para os bichinhos que caíram. <u>T. pega um bichinho.</u> Obs. olha.				X	'Caiu...?'
		<u>T. estende um bichinho que havia caído para</u> Obs.				X	'Caiu...'

Quadro I - Continuação.

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação				Formas do verbo
			A		Du	De	
			Req.	Ñ Req.			
1;10.12 AT	barriqui- nhas.	T. com as bar- riquinhas. Obs. olha. <u>Caem.</u>				X	'Caiu...?'
						X	'Caiu'
	bo-ônibus	T. mexe nos bo- nequinhos. Obs. olha. <u>Caem.</u>				X	'Caíram...'
1;10.20 AT	paneli- nhas/ fogão.	T. brinca com as panelinhas e o fogão. <u>As panelinhas caem.</u> Obs/M. olham.				X	'...estava caído...?'
						X	'Caiu?'
						X	'Caiu...?'
	bichinho/ telhado da casi- nha	T. põe bichi- nho no telhado. Obs/M. olham. <u>O bichinho cai.</u>				X	'...caiu...'
					X	'...caiu...'	
		<u>Obs. mostra o bichinho no telhado.</u> T. observa.		X			'Não vai cair...?'
1;10.30 AT	bonequi- nhos.	M/T. brincam com os bonequi- nhos. Obs/B. olham.				X	'Caiu'
						X	'Caiu'
						X	'Caiu'

Quadro I - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação				Formas do verbo
			A Req.	Ñ-Req.	Du	De	
1;10.30 AT (cont.)	bonequi- nhos	T/B. brincam com os bonequi- nhos.				X	'...caiu'
		T/B. brincam com os bonequi- nhos. M. obser- va. <u>Os bonequi- nhos caem,</u>				X	'Caiu'
						X	'Caiu'
						X	'Caiu'
						X	'Caiu'
	carrinho	T/B. brincam com o carrinho. <u>O carrinho cai</u>		X			'...vai cair...'
				X			'vai cair...'
				X			'...vai cair'.
		T. com o carri- nho. Obs. e B. olham. <u>O carri- nho cai.</u>		X			'Vai cair.'
				X			'Vai cair...'
1;11.7 VT-11	trem	T. puxa o trem. <u>O trem vira.</u>				X	'Caiu'
		M. arruma. T. observa.					

Quadro I - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo	
			A	Du	De		
			Req.	N-Req.			
1;11.11 AT	bo-ônibus	T. com o ôni- bus e os bone- quinhos. M. observa. <u>Cai</u> <u>um bonequinho</u> <u>do ônibus.</u>				X	'...caiu...'
	piu-piu	T. pisa no piu-piu. Obs. olha.				X	'...caído'.
	pica-pau	<u>T. empurra o</u> <u>pica-pau na</u> <u>haste.</u> M. observa.		X			'...cai,...'
	calça do T.	T. fala com Obs. e M. da escola. <u>A cal-</u> <u>ça de T. come-</u> <u>ça a cair.</u>				X	'Está caindo...'
1;11.27	bo-ôni- bus	M/T. põem os bonequinhos no ônibus. <u>Um</u> <u>bonequinho cai.</u>				X	'Caiu'
						X	'Caiu'
2;0.8 AT	boneco	T. dá biscoi- to para o bo- neco. Obs/M				X	'Caiu...'

(cont.)

Quadro I - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo
			A	Du	De	
			Req.	N-Req.		
2;0.8 AT (cont.)	boneco	olham.O boneco <u>cai.</u>				X 'caiu'
	caminhão	T. com o cami- nhão.O caminhão <u>tomba.</u> B. obser va.				X '...caiu'.
2;0.18 VT-12	bichinhos/ caminhão	B/T. brincam com o caminhão. Os bichinhos estão em cima do caminhão. B. <u>vira o ca- minhão deixan- do cair os bi- chinhos.</u> T. observa.		X		'...vai cair...?' X 'Caiu'.

Quadro II - Situações de uso de 'Caiu' na fala de T.

Idade	Objeto	Movimento	Fases do Evento			Formas do vocábulo	
			A		Du		De
			Req.	N-Req.			
1;2.18 AT	bo-ônibus	T. tira o bonequinho do ônibus. O bonequinho cai. M. observa.				X [p _i w d]	
1;6.1 AT	bolinhas	T. tenta colocar na caixa. Obs/M. olham. <u>Uma bolinha cai.</u>				X caiu X caiu	
observação do caderno	caixa	<u>A caixa tomba.</u> T. observa.				X caiu	
1;6.7 VT-6	cubos de encaixe	<u>B. esbarra na torre e derruba os cubos.</u> T. observa.				X caia	
		T. tenta encaixar um cubo maior em um menor. <u>Olha para os cubos da torre que haviam caído.</u>				X caiuéti	
		<u>B. faz a torre.</u> <u>T. estende a mão.</u>		X		caibê	

(cont.)

Quadro II - continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases do Evento			Formas do vocábulo	
			A		Du		De
			Req.	Ñ-Req.			
1;6.7 VT-6 (cont.)	cubos de encaixe	B. derruba.					
		T. olha para os cubos. B. começa a reconstruir a torre.				X	caiu
		B. faz a torre. T. derruba.				X	caiu
		B. faz a torre. Cubos caem. T. observa.				X	caiu
1;6.22 AT	cubos de encaixe	T. observa um cubo que ficou no chão ao levantar os cubos encaixados.	<i>(Nota 1: A não marcação da fase se se justificou por não ter ocorrido um deslocamento do objeto, como se deu nos outros casos.)</i>			caiu (1)	
	bloco de madeira	T. joga um bloco de madeira na caixa. Pega-o				X X	caiu caiu
1;7.5 AT	ovo da galinha	T. olha o ovo da galinha no chão.	<i>(ver nota 1)</i>			caiu	

Quadro II - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases do Evento				Formas do vocábulo
			A		Du	De	
			Req	Ñ Req			
1;7.12 VT-7	bichinho	M. põe em pé. <u>O bichinho cai.</u> T. observa.				X	caiu
		M. põe um bichinho dentro de um cubo. T. pega e <u>joga</u> no chão.				X	caiu
1;7.29 AT	brinquedos da bandeja	T. vira a bandeja com os brinquedos. <u>Os brinquedos caem.</u>				X	calú
1;8.3 AT	carrinho e posto de gasolina.	T. põe o carrinho no posto. <u>O carrinho tomba.</u>				X	caiu
						X	caiu
1;8.10 VT-8	bichinho do telhado da casinha	B. põe um bichinho no telhado. <u>O bichinho cai.</u> T. olha.				X	caiu
		T. põe o bichinho no telhado. Observa-o escorregar e <u>cair.</u>				X	caiu

Idade	Objeto	Movimento	Fases do Evento			Formas do vocábulo	
			A		Du		De
			Req.	Ñ-Req.			
1;8.10 VT-8 (cont.)	bichinho do telhado da casinha	B. põe um bichinho no telhado.					
		T. observa escorregar e <u>cair</u> .				X	caiu
		B. põe no telhado e empurra.					
		T. observa escorregar e <u>cair</u> .			X		caiu
						X	caiu
		B. empurra um bichinho do telhado.					
		T. observa no <u>chão</u> .					X
B. põe no telhado.							
T. observa escorregar e <u>cair</u> .						X	caiu
B. põe no telhado. O bichinho começa a escorregar. T. empurra.						X	caiu
B. põe no telhado. O bichinho <u>cai</u> .						X	caiu

(cont.)

Quadro II - continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases do Evento				Formas do vocábulo
			A		Du	De	
			Req.	Ñ-Req.			
1;8.10 VT-8 (cont.)	bichinho do telha- do da ca- sinha	T. observa.					
		M. põe bichinho no telhado e <u>empurra.</u> T. observa.				X	caiu
		Um bichinho, que estava no telha- do, <u>cai.</u> T. observa.				X	caiu
		B. esbarra nos <u>bichinhos do</u> <u>telhado, derru-</u> <u>bando-os.</u> T. observa.				X	caiu
	casinha	B. levanta a ca- sinha e <u>começa</u> <u>a abrí-la.</u> T. observa. T. põe um bichi- nho no telhado.		X			cai
	bichinho do telha-	T. põe um bichi- nho no telhado.					

(cont.)

Quadro II - continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases do Evento			Formas do vocábulo	
			A		Du		De
			Req.	Ñ-Req.			
1;8.10 VT-8 (cont.)	do da ca sinha.	<u>O bichinho cai.</u>				X	caiu
						X	caiu
						X	vacaiu
		B. põe no telha do. <u>T. derruba.</u>				X	caiu
		B. põe no telha do. T. tenta derru- bar. <u>B. derruba. T.</u> observa.				X	caiu
		B. segura dois bichinhos e <u>um</u> <u>outro cai do</u> <u>telhado.</u> T. observa.				X	caiu
	bonequi- nho.	B. põe os bone quinhos em pé. <u>Não param. T.</u> observa.				X	caiu
		<u>T. bate a mão</u> <u>nos bonequi-</u> <u>nhos que M. en-</u> <u>fileirara.</u>				X	caiu

Idade	Objeto	Movimento	Fases do Evento			Formas do vocábulo	
			A		Du		De
			Reg.	Ñ-Reg.			
1;8.10 VT-8 (cont.)	bo-ônibus	M. vira o ônibus derrubando os bonequinhos. T. observa.				X caiu	
1;9.11 VT-9	bichinho	T. segura um bichinho. Solta-o. O bichinho tomba.		X			caiu
	bichinho do telhado da casa.	T. põe no telhado. O bichinho cai.				X	caiu
1;9.16 AT	figurinha	T. pega. Cai de sua mão.				X	caiu
1;9.22 AT	panelinha e fogão.	T. põe as panelinhas no fogão. Cai uma panelinha.				X	caiu
1;10.12 AT	barriquinhas.	T. com a barriquinhas. Caem.				X	caiu
						X	caiu
1:10.20 AT	panelinha e fogão.	T. põe as panelinhas no fogão. Não param. (caem toda vez que T. põe em cima do fogão).				X	taíndo
						X	taníndo
						X	oni caníndo
						X	caíndo

Quadro III - Situações de uso do verbo 'Fechar' na fala dos interlocutores de T. 28

Idade	Objeto	Movimento	Fases da Ação			Formas do verbo	
			A		Du		De
			Req.	Ñ-Req.			
1;0.29 AT	porta da sala.	T. observa M. <u>que vai fechar a porta.</u> Obs. comenta.		X			'...vai fechar...'
		porta do armário	T. chora porque M. fecha a porta do armário. Obs. comenta.	X			
	tampa da chaleira.	T. põe a tampa na chaleira. Obs e M. olham.				X	'...fechar...'
		T. põe a tampa na chaleira. Obs / M. olham				X	'Fechou'
						X	'Fechou...?'
						X	'Fechou'.
1;1.5 AT	latinha	T. pega a latinha. M. observa.		X			'Vai fechar...?'
			X				'Fecha...'
			X			X	'Fecha' 'Fechou'.
	T. fecha a latinha. Obs. e M. olham				X	'...fechou...'	
					X	'Fechou'	
					X	'Fechou'	

Quadro III - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação				Formas do verbo
			A		Du	De	
			Reg.	N-Reg.			
1;1.14 VT-2	latinha	T. mexe na <u>latinha com as duas mãos</u> . M. observa. T. <u>fecha</u> .		X			'...quer fechar' 'Fechou' 'Fechou,...?'
	zíper da sacola.	M. guarda a <u>madeira na sacola</u> . <u>Fecha o zíper</u> . T. observa.			X		'Fechar'.
	caixa de blocos de madeira.	M. <u>pega a caixa</u> . T. observa. M. <u>põe a tampa na caixa</u> . T. <u>pega a tampa</u> . M. <u>fecha a caixa com T. segurando a tampa</u> . M. <u>arruma a tampa na caixa</u> .		X X X		X X X	'Vamos fechar...?' 'Vamos fechar?' 'Vamos fechar'. 'Fechou' 'Fechou' 'Não fechou'. 'Fechou'.
1;1.20 AT	janela	T/M. (início de gravação). M. dirige-se para a janela.		X			'...vou fechar...'
1;2.24 AT	tampa/panela	T. <u>põe a tampa na panela</u> . M. observa.		X			'...quer fechar?'

Quadro III - continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da Ação			Formas do verbo	
			A		Du		De
			Req.	N-Req.			
1;4.7 AT	garrafa	M. pega a garrafa para fechar.		X			'vamos fechar?'
		T. observa. T. reclama porque M. fecha a garrafa.		X			'...vai fechar'
						X	'Fechou'.
						X	'...fechou'
						X	'...não queria fechar?'
						X	'...fechou'.
	caixa de fita.	B. fecha. T. observa.				X	'Fechou'.
1;5.10 AT	porta do caminhão	T. brinca com a porta do caminhão. Obs. e M. olham.		X			'Vamos fechar'
						X	'Fechou'
						X	'Fechou'
						X	'Fechou?'
						X	'Fechou'.
	olho da boneca.	T. olha para os olhos da boneca que abrem e fecham. M. observa.				X	'...fecha...'
					X	'Fechou'	
					X	'Fechou'	
				X			'...fecha'
						X	'Fechou'.
1;6.1 AT	gravador	T. perto do gravador. M. fecha o gravador.		X			'Fechar'
	livro.	M/T. olham o livro.		X			'Vamos fechar,...?'

(cont.)

Quadro III - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo	
			A		Du		De
			Req.	Ñ-Req.			
1;6.1 AT (cont.)	livro.	M. fecha o livro.		X			'Fechar'
				X			'Fechar'.
	bússola.	T. pega a bússola.		X			'...vai fechar?'
		Obs. olha.		X			'Vai fechar...?'
	caixa.	T. mexe na caixa.		X			'...fechar...'
	M/Obs. Olham.				X	'Fechou...?'	
	T. guarda a bolinha na caixa.		X			'...vamos fechar'	
	Fecha a caixa.				X	'Fechou'	
	M/Obs. olham				X	'Fechou'.	
	Obs./T. guardam as bolinhas na caixa.		X			'...vai fechar?'	
1;6.22 AT	porta da casinha	T. abre a casinha e mexe nos bichinhos. Fecha a porta. M. observa.				X	'Fechou?'
	bichinho/casinha.	B/T. guardam os bichinhos na casinha. Obs. olha.				X	'Fechou'
		T. vocaliza para B. ten-					

(cont.)

Quadro III - continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação				Formas do verbo	
			A		Du	De		
			Req.	N-Req.				
1;6.29 AT (cont.)	porta da sala	Obs. olham.						
1;7.12 VT-7	sapato	M. termina de pôr o sapato em		X			'Vou fechar'	
		T. T. observa. T. mexe no telefone.		X			'Vamos fechar...?'	
	porta da casinha.	T. tenta abrir a porta <u>mas acaba fechando</u> . M. observa.			X			'...quer fechar?'
		T. empurra a porta para fechar. Mexe no trinco.	X					'Fecha'
		M. observa.	X					'Fecha'
		T. fecha uma porta. M. observa.				X		'Fechou?'
T. guarda os bichinhos. M. observa. T. fecha uma porta. M. observa. M. fecha			X				'...vamos fechar?'	
		X				X	'Fecha...' 'Fechou'.	

Quadro III - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo	
			A		Du		De
			Req	Ñ-Req			
1;7.12 VT-7 (cont.)	porta da casinha	T. tenta abrir a porta <u>mas</u> <u>acaba fechando</u> <u>mais</u> . M. obser- va.				X	'Fechou'
1;7.21 AT	caixinha de músi- ca.	T. mexe na cai- <u>xinha</u> . Obs./M. olham.		X			'Vai fechar?'
				X			'...quer fechar'.
1;8.3 AT	caixa de peças de jogo de xadrez.	T. olha o livro. Obs. com a cai- <u>xa</u> .		X			'...vai fechar'.
				X			'Pode fechar?'
1;8.10 VT-8	porta da casinha.	T. guarda os bichinhos. <u>B.</u> <u>fecha as portas</u> . T. observa.		X		X	'...fechar'
						X	'Fechou'
		<u>B. fecha a por- ta</u> . T. observa.				X	'Fechou'
1;9.11 VT-9	porta da casinha	M/T. guardam os bichinhos. <u>M. aponta para</u> <u>a casinha</u> . T. fecha. <u>M. fe- cha a outra</u> . M.	X			X	'...fecha'
							'Fechar'.

(cont.)

Quadro III - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo	
			A		Du		De
			Req.	Ñ-Req.			
1;9.11 VT-9 (cont.)	porta da casinha.	fecha o trinco. T. observa.					
		T. fecha as duas portinhas da casinha. M. observa. T. põe bichinho no telhado. A casinha tomba ficando com as portas abertas.		X		X	'Está fechando...' '...quer fechar?'
1;9.16 AT	porta da sala.	T. fecha a porta. B. observa. T. pega um livro.				X	'Fechou'
		T. com uma revista. B. observa.	X				'Vai fechar...'
	caixa de cartas.	T. pega as cartas. M. observa.	X	X			'...fecha...' '...quer fechar...'
		T. fecha a caixa e dá para B. M. observa.	X			X	'Fechou'

Quadro III - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo	
			A		Du		De
			Req.	N-Req.			
1;9.28 AT	colar de contas.	T. dá o colar para Obs. encai- xar. Obs. encai- xa.		X		'Vamos fechar'	
		T. tem dificul- dade para encai- xar as contas. M. ajuda.			X	'...fechou'	
					X	'...fechou...'	
		T. com o colar de contas. M/ Obs. Olham.	X	X		'...quer fechar'	
			X		'...quer fechar?'		
				X	'...fechou...'		
	barriqui- nha	T. com as barri- quinhas. Obs. Olha.		X		'...sabe fechar...?'	
1;10.12 AT	barriqui- nhas.	T. com as barri- quinhas. Obs. Olha.			X	'Está fechando...?'	
					X	'Fechou?'	
		Obs. desencaixa as barriquinhas. Dá para T. T. encaixa. M. observa.	X			'Fecha'	
				X	'Fechou'		
				X	'...fechou'		
				X	'...fechou...'		

(cont.)

Quadro III - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação				Formas do verbo
			A		Du	De	
			Reg.	N-Reg.			
1;10.12 AT (cont.)	barriqui- nha					X	'Fechou...?'
						X	'...fechou...'
					X	'Fechou'	
					X	'...fechou'	
					X	'...fechou?'	
		<u>T. encaixa as barriguinhas.</u> Obs. olha.				X	'Fechou'
						X	'Fechou?'
	olho de T.	M. pergunta do olho. <u>T. fecha.</u>				X	'Fechou...'
	barriqui- nhas.	<u>T. dá para Obs.</u>	X				'quer...feche?'
		<u>Obs. encaixa as barriguinhas.</u> T. observa.		X			'Fechou'
				X			'...vou fechar...'
1;10.20 AT	paneli- nhas	<u>T. brinca com o fogão e as panelinhas.</u> Obs.	X				'Fechar...'
		olha.	X				'Vai fechar...?'
1;11.11 AT	figura do livro.	T/Obs. olham o livro.				X	'...fechado'
		<u>Obs. descreve a figura.</u> (olho do gato).				X	'Fechou'
						X	'Fechou...'
						X	'Fechou...?'

Quadro III - continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo	
			A		Du		De
			Req.	Rec.			
2;0.3 AT	porta	T. com o ônibus. Obs. <u>fecha</u> a porta para não passar.				X X '...fechei' 'Fechei...'	
2;0.8 AT	barriquinhas	Obs. <u>desencaixa</u> . T. observa.Obs. <u>encaixa</u> .		X		'Vou fechar'	
		<u>T. encaixa</u> . M. observa.			X	X X X X '...fechou' 'Está fechando?' 'Fechou' '...fechou' 'Fechou'	
	olho da boneca.	<u>M. deita a boneca</u> . T/Obs. olham os olhos da boneca que abrem e <u>fecham</u> .		X		X X X '...vai fechar...! 'Fechou' 'Fechou' 'Fechou...'	
		olhos dos bichinhos.	Obs. e T. brincam de pôr os bichinhos para dormir.		X		'...vai fechar...'
				X		'...não fechou...'	
2;0.20 AT	porta do carrinho.	<u>T. com o carrinho</u> . Obs. olha.				X '...fechou...?'	

Quadro IV - Situações de uso de 'Fecha' na fala de T.

Idade	Objeto	Movimento	Fases da Ação				Formas do vocábulo
			A		Du	De	
			Req.	N-Req.			
1;5.10 AT	porta do caminhão	T. <u>brinca com a porta do caminhão</u> . Olha para Obs. M/T observam. <u>Abre e fecha</u> . Obs. <u>pergunta se abriu ou fechou</u> . T. responde.		X		X	sa so
1;6.22 AT	porta da casinha	T. guarda os bichinhos na casinha. <u>B.fecha a porta</u> . T. observa. Abre a porta. Guarda um brinquedo. <u>Fecha a porta</u> .				X X X	so asô so
		<u>T. fecha a porta</u> . Obs. olha.				X	so
1;8.2 (diário)	porta do banheiro	T. <u>fechando a porta do banheiro</u> .				X	esápóta
1;8.3 AT	caixa de jogo de xadrez	T. <u>observa a caixa semi-fechada</u> . Olha				X	fesã

(cont.)

Quadro IV - continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da Ação			Formas do vocábulo	
			A		Du		De
			Reg.	Ñ-Reg.			
1;8.3 AT (cont.)	caixa de jogo de xadrez	para M. Desvia a atenção.					
1;8.7 AT	caixinha de músi- ca	<u>T. com a caixa.</u>	X			fesã	
		M. observa. <u>M.</u>	X			fesã	
		<u>fecha.</u>	X			afesã	
1;9.1 AT	porta da casinha	<u>T. observa a</u> <u>porta fechada.</u>				X fesô	
1;9.17 AT	caixa de talco	<u>T. tenta fechar</u> M. fecha.				X afesã	
1;9.22 AT	panela/ tampa	<u>T. põe uma tam-</u> <u>pa na panela.</u> M/Obs. olham.				X fesô	
		<u>T. põe uma tam-</u> <u>pa muito grande</u> <u>para a panela.</u> M. observa.		X		fesã	
		<u>T. tampa as pa-</u> <u>nelas. M/Obs.</u> olham.		X X		fesã fesã	
					X	fesô	
1;9.28 AT	panela / tampa	<u>T. puxa M. per-</u> <u>to das paneli-</u> <u>nhas. T. põe</u> <u>as tampas nas</u>		X X X		fesã fesã fesã X fesô	

(cont.)

Quadro IV - continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da Ação			Formas do vocábulo		
			A		Du		De	
			Req.	N. Req.				
1;9.28 AT	panela / tampa	<u>panelinhas. M/</u> Obs. olham.				X	fesô	
						X	fesô	
						X	fesô	
		<u>M. tampa as pa-</u> <u>nelinhas. T/</u> Obs. olham. T. tampa.	X					fesã
						X		fesô
				X		X		fesô
		<u>M. tampa as pa-</u> <u>nelinhas. T/Obs.</u> olham.	X					fesã
			X					fesã
			X					fesã
	colar de contas.	<u>T. encaixa e</u> <u>desencaixa as</u> <u>contas.</u> M/Obs. olham.		X				fesã
M. encaixa. T/ Obs. olham.		X					fesã	
barriqui- nas.	<u>T. põe uma bar-</u> <u>riquinha em ci-</u> <u>ma da outra.</u> <u>Dã prá M. fe-</u> <u>char.</u>				X		fesô	
		X					fesã	

Quadro IV - continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da Ação			Formas do vocábulo	
			A		Du		De
			Reg.	Ñ-Reg.			
1;10.8 VT-10	porta da casinha.	<u>T. estende a mão para a porta da casinha.</u> T. fecha.		X			fesã
1;10.12 AT	barriquinhas.	<u>T. dá para fechar.</u> Obs. <u>devolve encaixado para abrir.</u>	X				fesã fesãdu
		<u>Obs. encaixa.</u> T. observa.				X	fesô
1;10.20 AT	panelas, tampas e fogão.	<u>M. tampa.</u> T. observa.	X				fisã
		<u>M. tampa.</u> T. observa.	X				fisã
		<u>M. tampa.</u> T. observa.	X				fisã
	porta da casinha	T. tira todos bichinhos. M. observa. <u>M. fecha.</u> T. observa.	X				fesã fesã
		<u>M. fecha.</u> T. observa.	X				fesã fesã
			X				fesã

Quadro V - Situações de uso do verbo 'Abrir' na fala dos interlocutores de T. 44

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo	
			A		Du		De
			Req	Ñ-Req			
1;0.22 AT	bolsa	T. quer pôr as latinhas na bolsa. B. abre. Obs. acompanha.			X	'...está abrindo...'	
1;0.29 AT	porta do armário	T/M/Obs. perto do armário. T. bate na porta.		X		'...vai abrir...?'	
				X		'Vai abrir...?'	
				X		'...vai abrir...?'	
			X			'Abre...'	
		X			'Abre.'		
		X			'Abre.'		
		T. abre a porta. Obs. acompanha.			X	'...abriu...'	
					X	'...abriu...'	
					X	'Abriu...?'	
		B. ajuda T. a abrir a porta. M. observa.			X	'Abriu.'	
1;1.5 AT	latinha	T. fecha a latinha. M. observa.	X			'...abrir.'	
			X			'...abrir...?'	
		T. dá a latinha para M.	X		X	'Abre.'	
				X		'...abrir?'	
		T. fecha a latinha. M. observa	X			'...abre.'	
			X			'Vamos abrir.'	
			X			'Vamos abrir.'	

Quadro V. Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da Ação			Formas do verbo	
			A		Du		De
			Reg.	N-Reg.			
1;1.14 VT-2	latinha	M. <u>tenta pegar</u> a <u>latinha de</u> T. M. <u>abre.</u> T. observa.		X		'vamos abrir...?'	
					X	'Abriu.'	
1;1.20 AT	cesta	T. <u>com a ces-</u> <u>tinha.</u> M. observa.	X			'Vamos abrir...'	
			X			'Vamos abrir...?'	
	boca de T.	T. <u>boceja.</u> M. observa.			X	'...abrir...?'	
		B. <u>dá pastel</u> para T. T. <u>abre a boca.</u> M. observa.			X	'...abre...'	
1;2.24 AT	paneli- nha	T. <u>tenta abrir</u> a <u>panelinha.</u> M. <u>abre.</u>		X		'...vai abrir...'	
					X	'...abriu?'	
					X	'...abri...'	
1;3.24 VT-4	cubos de encaixe.	M. <u>pega os cu-</u> <u>bos.</u> T. com atenção no <u>dis-</u> <u>co.</u>		X		'Vamos abrir?'	
1;4.27 AT	boca de T.	B. <u>dá pão para</u> T. <u>que abre</u> a boca. Obs. olha.			X	'...abriu...'	

Quadro V- continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da Ação			Formas do verbo	
			A		Du		De
			Req.	Ñ-Req.			
1;5.10 AT	porta do caminhão	<u>T. dirige-se</u>	X				'Abre...'
		<u>ao caminhão.</u>	X				'Abre.'
		M. observa. T.	X				'Abre...'
		<u>abre e fecha</u>	X				'Abre.'
		a porta do ca- minhão.	X			X	'Abriu.'
					X	'Abriu.'	
					X	'Abriu.'	
	T. brinca com o caminhão. M. observa.	X					'Abre...'
		X					'Vamos abrir?'
					X		'Abriu.'
				X		'Abriu...'	
olho da boneca.	T. olha para os olhos da boneca que abrem e fecham. M. observa.				X		'...abre...'
					X		'...abriu...?'
carroce- ria do caminhão.	T. quer pôr a bola na carro- ceria do cami- nhão. M. observa.	X					'...abrir,...?'
1;5.3 VT-5	potinho de comi- da	T. segura uma colher e a le- va até o poti-		X			'...abrir...?'
				X			Vamos abrir...?'

(cont.)

Quadro V- Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da Ação			Formas do verbo		
			A		Du		De	
			Reg.	Ñ-Reg.				
1;5.3 VT-5 (cont,)	potinho de comida	<u>nho.</u> M. começa a abrir.				X	'...vai abrir.'	
	cubos de encaixe.	<u>M. pega os cubos.</u> T. observa. M. tira um cubo de dentro do outro. T. observa.		X			'...vamos abrir?'	
1;6.1 AT	caixa.	<u>T. guarda as bolinhas.</u> <u>Deixa uma para fora.</u> M. observa.	X				'...abrir.'	
		<u>Deixa uma para fora.</u> M. observa.	X				'Abre.'	
	livro	<u>T. tenta guardar as bolinhas com a caixa fechada.</u> Obs. olha.						'...abrir.'
		<u>T. tenta guardar as bolinhas com a caixa fechada.</u> Obs. olha.	X					'...abrir.'
livro	<u>M. mostra o livro para T.</u> Folheiam.			X			'Vamos abrir.'	
	<u>T. tenta abrir o livro.</u> M. observa.	X					'Vamos abrir.'	
		<u>T. tenta abrir o livro.</u> M. observa.	X				'Abre.'	
		<u>T. tenta abrir o livro.</u> M. observa.	X				'Abre.'	

Quadro V- Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação				Formas do verbo
			A		Du	De	
			Req.	Ñ-Req.			
1;6.1 AT (cont.)	caixa	<u>Obs. dá bolinha para T. guardar.</u>	X				'...abrir...'
			X				'...abrir...'
			X				'...abre...?'
			X				'...abre...?'
			X				'Vamos abrir?'
					X		'Está abrindo.'
						X	'abriu,...'
1;6.7 VT-6	saquinho	<u>B. começa a abrir. T. observa. T. segura enquanto B. abre.</u>					
					X		'Abre.'
					X		'Abre.'
	caixa.	<u>Obs. pega uma caixa. T.olha para B. T.olha para Obs. T. tenta abrir.</u>	X				'Vamos abrir?'
			X				'Vamos abrir...?'
		<u>Obs. senta perto de T.B.tenta abrir.T./Obs. olham. B/T tentam abrir.</u>			X		'...abre?'
				X			'Vamos abrir...?'
				X			'...vai abrir.'
				X			'...quer abrir?'
				X			'Quer abrir?'
1;6.22 AT	porta da casinha.	<u>Obs. traz a casinha. T. dirige-se para</u>	X				'...abrir...'
			X				'...abrir...'

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo		
			A		Du		De	
			Req.	N-Req.				
1:6.22 AT (cont.)	porta da casinha.	<u>a casinha.</u>						
		<u>T/B. guardam os bichinhos na casinha.</u>	X				'Abre.'	
		<u>B. fecha a porta. T/Obs. olham.</u>	X	X			'...quer abrir...?'	
			X				'...abre.'	
			X				'...abrir.'	
						X	'Abriu.'	
		<u>T. tenta abrir. Chama B. M. observa.</u>			X			'...abrir...?'
		<u>T. procura o piu-piu. Obs. olha. T. abre a porta. T. fecha e abre.</u>	X		X			'...abre...'
							X	'Abre...'
							X	'...abriu.'
					X	'Abriu.'		
					X	'Abriu.'		
		<u>T. abre e fecha a porta. Obs. olha.</u>				X	'Abriu.'	
		<u>T. abre e fecha a porta da casinha.</u>				X	'...abriu.'	
						X	'Abriu.'	

Quadro V - continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do Verbo		
			A		Du		De	
			Req	N-Req				
1;6.29 AT	porta da sala.	T. aponta para a porta que Marc. acabara de fechar.		X			'Abrir...?'	
1;7.12 VT-7	porta da casinha.	M. abre uma porta. T. observa.			X		'Vamos abrir...?'	
		M. abre uma porta. T. observa. T. tenta abrir. M. observa. M. ajuda. T. abre.	X		X		'Vamos abrir...' 'Abre...' 'Abre.'	
		T. abre uma porta. M. observa.				X		'Abriu.'
							X	
1;7.21 AT	boneca.	M. mostra o olho da boneca que abre e fecha. T. observa.				X	'Abriu.'	
						X	'Abriu.'	
1;8.3 AT	livro.	Obs. mostra o livro para T.	X				'Vamos abrir...'	
	porta da sala.	M. sai da sala. T/Obs. acompa-	X				'...abrir...'	

(cont.)

Quadro V - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo	
			A		Du		De
			Req	Ñ-Req			
1;8.3 AT (cont.)	porta da sala	nham com o olhar					
1;8.10 VT-8	porta da casinha	<u>M. abre a porta.</u> T. observa.			X	'Vamos abrir...'	
		T. <u>abre.</u> B. observa.				X	'Abriu'.
	caixinha.	<u>M. começa a abrir.</u> T. Observa.			X	'Vamos abrir?'	
	revista.	T. <u>olha a capa.</u> M. observa.	X			'Abre'	
1;9.11 VT-9	porta (figura)	M/T olham a revista. <u>M. mostra a figura.</u>				X	'Abriu...'
	porta da casinha.	<u>M. abre a porta.</u> T. observa			X		'Abrir...'
		T. <u>fecha.</u> M. observa. T. <u>com os bichinhos.</u>	X				'Abre...'
1;9.16 AT	revista	<u>M. traz a revista e põe T.</u>	X				'Abre'
				X			'...não quer abrir?'

(cont.)

Quadro V- Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo
			A	Du	De	
			Req. N-Req.			
1;9.16 AT (cont.)	revista.	no colo.	X			'Abre.'
		<u>T. pega a revista.</u> M.	X			'Abre.'
		observa.	X			'Vamos abrir.'
			X			'Abra.'
		<u>B. mostra as figuras para</u> T. M. observa.			X	'...está abrindo...?'
porta.	<u>B. mostra a porta que abriu.</u>				X	'...abriu.'
					X	'Abriu.'
	M/T. observam.				X	'...abriu.'
1;9.22 AT	livro.	<u>T. olhando o livro</u> com M.	X			'Abre.'
1;9.28 AT	panelas.	<u>T. fecha as panelinhas.</u> Obs. olha.	X			'Abre...'
	contas do colar.	<u>T. virando as contas.</u> M. observa.		X		'Vai abrir.'
			X			'...abrir.'
panela	<u>T. fecha.</u> Obs. olha.		X			'...vai abrir...?'
				X		'Vai abrir?'
1;10.8. VT-10	livro.	<u>T/M. olham o livro.</u> T.abre. M. observa.		X		'Abre.'
				X		'Vamos abrir...'

Quadro V - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo	
			A		Du		De
			Req.	N-Req.			
1;10.8 VT-10 (cont.)	livro	<u>T/M. olham a capa.</u>	X				'Vamos abrir...'
	porta da casinha	<u>M. mexe no trinco. T. observa.</u>		X			'Vamos abrir.'
1;10.12 AT	barricadinhas.	<u>Obs. fecha e dá para T.</u>	X				'...abre...'
			X				'Abre.'
						X	'Abriu.'
			X			X	'...abriu...?'
							'Abre.'
		<u>T. fecha. M. observa.</u>		X			'...vai abrir?'
						X	'Abriu.'
						X	'...abriu.'
		<u>T. dá para Obs.</u>		X			'...abra?'
				X			'Abro?'
				X			'...abriu.'
		<u>T. pede. Obs. fecha. Obs. dá para T.</u>	X			X	'Abriu.'
			X				'...abrir.'
			X				'...abrir.'
1;10.30 AT	bonecos.	<u>T/B. brincam com os bonequinhos. M. observa. T. dá para M.</u>					'...quer abrir...'
	porta da casinha.	<u>T/B com a casinha.</u>	X				'Abre...'
				X			'Vamos abrir...' (cont.)

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo	
			A		Du		De
			Req.	Ñ-Req.			
1;10.30 AT (cont.)	porta da casinha.	M. observa.		X			'Vamos abrir...?'
1;11.7 VT-11	porta da sala.	<u>T. olha para</u> <u>Obs. que abre a porta.</u> M. observa.				X	'...abriu...' '...abriu?'
1;11.11 AT	lancheira.	<u>T. tenta abrir a lancheira</u> com o pé em cima. M. observa.		X			'...quer abrir...'
2;0.8 AT	olhos dos bichinhos.	<u>T/Obs/M brincam de pôr os bichinhos para dormir.</u>				X	'Abriu...' '...abriu...?'
		Obs. encaixa e chama T. <u>Obs. desencaixa e observa.</u>	X			X	'Abriu' '...abrir.'
	barriquinhas.	<u>T. encaixa e desencaixa.</u> M. observa.				X	'...abriu.'

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo	
			A		Du		De
			Req.	Ñ-Req.			
2;0.18 VT-12	livro.	T. <u>tenta virar</u> <u>uma página.</u> Obs. olha. T. <u>abre.</u>		X		'...abrir...?' 'Abriu.'	
2;0.20 AT	porta do carrinho.	T. <u>com o car-</u> <u>rinho.</u> M. observa.	X X X			'...abre...?' '...abre?' '...abre...'	

Quadro VI - Situações de uso de 'Abi' na fala de T.

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do vocábulo	
			A		Du		De
			Req.	Ñ-Req.			
1;6.1 AT	caixa/ bolinha	<u>T. força as bo-</u> <u>linhas para</u> <u>dentro da cai-</u> <u>xa.</u> Obs.olha.		X			abí
		<u>T. quer tirar</u> <u>uma bolinha da</u> <u>caixa que aca-</u> <u>bara de fechar.</u> Obs. olha.		X			abí
	livro	<u>T. fecha o li-</u> <u>vro.</u> Desvia a atenção.				X	abiu
1;6.22 AT	porta da casinha	(<u>ouve-se o ba-</u> <u>ruído da por-</u> <u>ta ao mesmo</u> tempo que a voz de T.)			X		ãbi
		<u>T. tenta abrir.</u> Obs. olha.		X			ãbi ãbi
1;7.12 VT-7	chave	<u>T. estende a</u> <u>mão para a casi-</u> <u>nha.</u>		X			ãbi
		M. observa. T. pega uma chave em cima da ca+		X			ãbi

(cont.)

Quadro VI - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do vocábulo	
			A		Du		De
			Req	Ñ-Pec			
1;7.12 VT-7 (cont.)	chave	sinha.					
	cubos de encaixe	<u>T. desencaixa um cubo.</u> M. observa.				X	abiu
		M/T. encaixam cubos. <u>T. estende as duas mãos para os cubos.</u> M. desencaixa depois de várias tentativas de T.		X			
				X			âbi
1;7.27 AT	caixa de jogo de xadrez.	T. com a caixa. <u>Olha para M.</u> Olha para Marc. <u>Olha para a caixa.</u> T. abre.	X X				âbi âbi âbi âbi
	saquinho com brinquedos.	M. traz para T. <u>M. dá para T. pegar os brinquedos.</u>	X				abí
1;8.3 (diário)	espelho	<u>T. olha e puxa o espelho da parede.</u>			X		abí

Quadro VI - continuação.

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do vocábulo	
			A		Du		De
			Req.	N-Req.			
1;8.10 VT-8	caixa	<u>T. abre um dos lados.</u> M. <u>obser</u> va.			X	ãbi	
	porta da casinha.	<u>T. mexe no trinco.</u> B. <u>ob</u> serva. B. mexe na casinha. <u>T</u> <u>chega mais per</u> to. B. <u>abre a</u> <u>porta.</u>		X		ãbi	
			X			ãbi	
		X				ãbi	
		X				ãbi	
		<u>T. mexe no trinco.</u> B. <u>ob</u> serva.		X		ãbi	
				X		oabíja	
		<u>T. mexe no trinco.</u> <u>Puxa</u> a porta.			X	ãbi	
	<u>T. olha e pu</u> xa o trinco. B. <u>ob</u> serva.			X	ãbi		
	<u>T. tenta abrir</u> <u>outra porta.</u>			X	ãbi		
	<u>T. empurra o</u> <u>ônibus contra</u> a casinha que						

(cont.)

Quadro VI-Continuação.

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação				Formas do vocábulo	
			A		Du	De		
			Req.	Ñ-Req.				
1;8.10 VT-8 (cont.)	porta da casinha.	<u>está com a</u> <u>porta fechada.</u>	X				âbi	
		página do livro.	<u>T. tenta virar</u> <u>a página. M.</u>		X			âbi
			ajuda T.		X			âbi
						X		
1;8.17 AT	caixa de música.	<u>T. com a cai-</u> <u>xinha. M.ob-</u> <u>serva.</u>	X				âbi	
1;9.1 AT	porta da casinha.	T. tenta abrir	X				âbi	
		a porta. <u>Olha</u>	X				âbi	
		<u>para Obs. B.</u>						
		<u>abre. T.</u>			X		âbi	
		observa.			X		âbi	
		<u>B.fecha. T.</u>						
observa.		X				abí		
			X			abí		
		T. tenta abrir						
		Não consegue.						
		<u>Chama B. B.</u>	X.				abí	
		abre.						
1;9.11 VT-9	revista	<u>T. pega a re-</u> <u>vista. M.</u>	X				âbi	

(cont.)

Quadro VI-Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação				Formas do vocábulo
			A		Du	De	
			Req.	Ñ-Req.			
1;9.11 VT-9 (cont.)	revista.	observa. T. dá para M.	X				ãbi
1;9.16 AT	revista	<u>T. com a re-</u> <u>vista.</u> M. obser va. Olham e no- meiam as figu- ras.		X			abí
	caixa de cartas.	<u>T. com a caixa.</u> B. abre.	X X				abí abí
1;9.22 AT	saquinho	Obs. mostra o saquinho. <u>T.</u> <u>chama M.</u>	X				abí
	livro.	<u>T. chama M.</u> M/T. olham o livro.	X X				abí abí
1;9.28 AT	contas de colar.	T. com o colar. <u>Chama M. T. dá</u> <u>para Obs.</u> Obs. abre e fecha. <u>T. dá para M.</u> T. encaixa.	X X X X X				abí abí abí abí abí
		<u>T. com o colar.</u> M/Obs. olham.		X			abí

Quadro VI-Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do vocábulo	
			A		Du		De
			Reg.	Ñ-Reg.			
1;9.28 AT (cont.)	contas do colar	<u>T. com o co-</u> <u>lar.</u> M/Obs. olham.		X		abí	
	barriqui nhas.	T. com as bar- riquinhas. <u>Cha-</u> <u>ma M. Chama Obs.</u> (dá para M. e Obs.) M. encai xa. T. fecha. <u>Dá para M. En-</u> <u>caixa. Olha</u> <u>para M. Olha</u> <u>para Obs. M.</u> abre.	X X X X X X			abí abí abí (pede para abrir) abí (pede para abrir)	
1;10.8 VT-10	livro	<u>T. olha para o</u> <u>livro.</u> T. no colo de M.	X			âbi	
	bichinho	<u>T. pega o bi-</u> <u>chinho.</u> M. não entende.	X			âbi	
		<u>T. dá o bichi-</u> <u>nho para M.</u> (galinha)	X X X			abí abí abí	
	porta da casinha	<u>T. mexe no</u> <u>trinco.</u> M.		X		abí	

(cont.)

Quadro VI - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do vocábulo	
			A		Du		De
			Req.	Ñ-Req.			
1;10.8 VT-10 (cont.)	porta da casinha	observa.					
		T. tira a mão da porta. <u>Olha</u> <u>para M. Olha</u> <u>para a casinha.</u>	X X X X X X				abí abí abí abí abí abí
		M. mexe no trinco. T. abre.					
		<u>T. esbarra na</u> <u>porta, fechan-</u> <u>do-a. M. abre.</u>	X				abí
1;10.12 AT	barriqui- nhas.	<u>T. desencaixa.</u> M/Obs. olham.				X	abiu
1;10.20 AT	porta da casinha.	<u>T. prende a</u> <u>mão na porta.</u>	X				ãbi
		<u>Chama M.</u>	X				ãbi
1;10.30 AT	bonequi- nho	T/B. brincam com os bone- quinhos. T. <u>cha-</u>					
		<u>ma M. para ti-</u> <u>rar a capinha</u> <u>do bonequinho.</u>	X				abí
			X				abí

Quadro VI - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do vocábulo
			A	Du	De	
			Reg.	N-Reg.		
1;11.7 VT-11	livro	<u>M/T. olham o</u> <u>livro. M.abre.</u>	X			abí
	pica-pau	<u>T. dá para M.</u> M. desencaixa a haste da ba- se.	X			abí
		<u>T. desencaixa</u> <u>a haste da ba-</u> <u>se.</u>			X	abí
1;11.11 AT	livro	Obs. traz o <u>li</u> <u>vro. T. pega.</u> M. observa.	X			abí
1;11.26 AT	livro	Obs. traz o livro. <u>T. pega</u> <u>e dá para M.</u>	X			abí
1;11.26 (diário)	encaixe do sol- dado.	<u>T. pede para</u> <u>M. tirar a</u> <u>primeira peça.</u>	X			abí
	encaixe do pato.	<u>T. pede para</u> <u>M. tirar a</u> <u>primeira peça.</u>	X			abí
1;11.27 AT	encaixe do pato.	<u>T. chama M. M</u> <u>desencaixa.</u>	X			abí

Quadro VII - Situações de uso do verbo 'Tirar' na fala dos interlocutores de T.

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação				Formas do verbo
			A		Du	De	
			Req.	Ñ-Req.			
0;11.29 VT-1	cubos de encaixe	T. <u>tenta desencaixar</u> . Ma /Obs. olham. T. <u>desencaixa</u> .		X			'...quer tirar...' 'Tirou.' 'Tirou.'
		T. <u>mexe nos cubos</u> . Ma obser <u>va</u> .	X				'Tira...'
		Ma <u>desencaixa</u> . T. observa.			X		'...tira...'
1;0.29 AT	chupeta/ saquinho	M. chama T. pa <u>ra</u> pegar a chu <u>pet</u> a.		X			'Vamos tirar...?'
				X			'Vamos tirar...?'
	meia do pê de T.	M. chama T. pa <u>ra</u> tirar a <u>meia</u> . M. tira. T. observa.		X			'Vamos tirar...'
				X			'Vamos tirar...?'
	tampa da chaleira	T. <u>quer tirar</u> . M. observa.			X		'...vai tirar...?'
chaleira	M. <u>quer tirar</u> de T. que cho <u>ra</u> .		X			'...quer tirar?'	
panelas	M. guarda no armário. T. <u>chora</u> .				X	'...tirou...'	

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo	
			A		Du		De
			Req.	Ñ-Req.			
1;1.14 VT-2	cubos de encaixe.	<u>T. tenta desencaixar.</u> M. observa.		X			'...quer tirar...?'
	boneca/caixa	T. joga a boneca dentro da caixa. <u>M. pega.</u>			X		'Vamos tirar...'
	cubo/caixa	<u>M. tira um cubo da caixa.</u> T. observa. <u>T. olha dentro da caixa.</u>	X		X		'Tira...' 'Tira...'
1;1.20 AT	cesta/T.	<u>T. chora quando M. tira a cesta.</u>				X	'...tirou...'
	laranja/cesta	<u>M. dá a cesta com laranja.</u>		X			'Vamos tirar...?'
	argola do palhaço.	<u>T. tira as argolas do palhaço.</u> M. observa.			X	X	'...está tirando...' 'Tirou.'
1;2.14 VT-3	disco/saquinho	<u>T. tenta tirar o disco.</u> M.		X			'Tirar?'
		<u>tira.</u> T. observa		X			'Vamos tirar?'
				X			'...quer tirar?'
				X			'Vamos tirar'
						X	
					X	'Tirou'	

Quadro VII - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação				Formas do verbo
			A				
			Req.	Ñ-Req.			
1;2.14 VT-3 (cont.)	disco/ saquinho	<u>T. tenta ti-</u> <u>rar.</u> M. obser- va.		X			'quer tirar?'
		<u>T. mexe no dis-</u> <u>co.</u> M. observa <u>T. tira.</u> M. observa.		X		X	'Quer tirar...?' 'Tirou' '...tirar'.
		<u>T. tira o dis-</u> <u>co do saquinho</u> Obs. olha.				X	'Tirou.'
1;2.18 AT	argolas do palha ço.	<u>T. põe e tira</u> <u>as argolas do</u> <u>palhaço.</u> M. observa.				X	'Tirou.'
	bo-ôni- bus	<u>T. tira um bo-</u> <u>nequinho do</u> <u>ônibus.</u> M. observa.			X		'Tirando...?'
	argolas do palha ço.	<u>T. olha para</u> <u>o palhaço e</u> <u>vocaliza.</u> M. observa. M. <u>tira as argo-</u> <u>las.</u> T.observa		X		X	'Vamos tirar...?' 'Tirar...'

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo	
			A		Du		De
			Req	Ñ-Req			
1;2.18 AT (cont.)	bo-ônibus	T. põe e <u>tira</u> <u>os bonequinhos</u> <u>do ônibus.</u> M. observa.				X '...tirou...'	
1;2.24 AT	colher/ panela.	T. põe a colher <u>na panelinha.</u> Obs. olha. T. <u>tira.</u>		X		'Vai tirar...' X 'Tirou.'	
	tampa da panela.	T. <u>tenta tirar</u> <u>a tampa da pa-</u> <u>nelinha.</u> M. observa.		X		'Vamos tirar...'	
	bo-ôni- bus.	T. <u>com os bone-</u> <u>quinhos. Voca-</u> <u>liza reclaman-</u> <u>do.</u> M.observa. M. tira.		X		'Vamos tirar...?'	
1;3.14 AT	sapato	M. chama T. pa- <u>ra tirar o sa-</u> <u>pato.</u>		X		'Vamos tirar...'	
	sandália	T. <u>vocaliza e</u> <u>olha para o</u> <u>pé.</u> M.observa.		X X X		X '...quer tirar...?' 'Quer tirar?' 'Vamos tirar?' 'Tirou'.	

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo	
			A		Du		De
			Req	Ñ-Req			
1;3.14 AT (cont.)	obstáculos da frente do gravador.	M. esconde o gravador. <u>T. afasta os obstáculos um a um.</u> Descobre o gravador. Obs/M. olham.			X	'Está tirando...?'	
1;4.7 AT	tampa da garrafa.	<u>T. com a garrafa.</u> Reclama. M. observa. <u>M. tira a tampa.</u>		X		'...quer tirar...?'	
		T. põe e <u>tira a tampa.</u> M. observa.			X	'Tirou.'	
	fita/caixa.	M. fecha a garrafa. <u>T. reclama.</u> M. tira.		X		X	'Vamos tirar...' 'Tirou.'
		M. fecha. <u>T. reclama.</u> M. tira.		X			'...quer tirar?'
				X			'...tira.'
			X			'Quer tirar?'	
	fita/caixa.	T. com a caixa. Reclama. M. tira a fita.		X		'...quer tirar...'	

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo	
			A		Du		De
			Req	Ñ-Req			
1;4.27 AT	gatinho de brinquedo.	T. <u>tira o gatinho do caminho</u> . M. observa.				X	'Tirou...'
1;5.3 VT-5	ursinho	B. põe o ursinho no caminho. T. <u>reclama</u> . M. tira.		X			'Vamos tirar...?'
	casca da banana.	T. <u>tira a casca</u> . T. observa.				X	'Vamos tirar...?'
1;5.10 AT	brinquedos.	M/T jogam bola. M. <u>tira brinquedos do caminho</u> . T. observa.				X	'...tirar...'
1;6.7 VT-6	mão de T.	T. com a mão na haste. (brinquedo do picapau) Obs. olha.					
		B. <u>tenta tirar a mão de T.</u>	X				'Tira...'
			X				'Tira...'
1;6.22 AT	tampa do estojo.	T. mexe no estojo e vocaliza. <u>Olha para Obs.</u>				X	'Quer tirar...?'
1;6.29 AT	quebra-cabeça	T. brinca com o quebra-cabeça					

(cont.)

Quadro VII - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo	
			A		Du		De
			Req	N-Req			
1;6.29 AT (cont.)	quebra- cabeça	ça. M. observa. T. <u>tira uma pe-</u> <u>ça.</u>				X 'Tirou...'	
1;7.12 VT-7	cubos de encaixe	M. <u>põe os cu-</u> <u>bos na frente</u> de T. M. desen- caixa os cubos. T. observa.		X		'Vamos tirar...'	
1;7.21 AT	chupeta/ da boneca	T. <u>tira a chu-</u> <u>peta da bone-</u> <u>ca.</u> M. observa.				X 'Tirou.'	
1;7.27 AT	saquinho com brin- quedos.	M. <u>dá para T.</u> que tenta abrir. M. aju- da T.	X X X			'...tirar...' '...tirar...' '...tirar.'	
1;8.3 AT	bomba do posto de gasolina.	T. <u>puxa a bom-</u> <u>ba.</u> Obs. olha		X		'...quer tirar...?'	
1;8.10 VT-8	bo-ônibus	M. <u>mexe nos bo-</u> <u>nequinhos.</u> T. observa M. que tira os bone- quinhos.		X X		'Vamos tirar?' 'Vamos tirar...?'	
		T. <u>estende a</u> <u>mão para os</u>				(cont.)	

Quadro VII - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo	
			A		Du		De
			Req.	Ñ-Req.			
1;8.10 VT-8 (cont.)	bo-ônibus	<u>bonequinhos.</u> M. observa. T. tira.	X				'Tira...'
1;9.11 VT-9	jamanta	<u>A carroceria</u> <u>desencaixa da</u> <u>cabine.</u> T. com os objetos. M. observa.				X	'Tirou?'
1;9.16 AT	pacote de figurinha	T/M. observam <u>B. que tira as</u> <u>figurinhas do</u> <u>pacote.</u>				X	'...está tirando...'
	caixa de cartas.	<u>M. mostra uma</u> <u>figura para T.</u>				X	'Tirou...?'
		<u>T. pega as car-</u> <u>tas na caixa.</u> M. observa.			X		'Tirando...'
						X	'Tirou...'
					X	'Tirou...'	
quebra- cabeça.	M. <u>traz o que-</u> <u>bra-cabeça.</u> T. olha para a porta.		X				'Vamos tirar?'
			X				'Vamos tirar...?'
			X				'Vamos tirar...'
1;10.8 VT-10	bichinhos	T. mexe nos bichinhos. M. <u>mexe. M. em-</u>				X	'...quer tirar...?'

(cont.)

Quadro VII - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo	
			A		Du		De
			Req.	Ñ-Req.			
1;10.8 VT-10 (cont.)	bichinhos	<u>purra para a casinha.</u>				X	'Tirou.'
1;10.12 AT	barriquinhas.	<u>T. desencaixa.</u> Obs. olha.			X		'Está tirando...'
	bo-ônibus	<u>T. com os bonequinhos do ônibus. Caem.</u> Obs. olha.				X	'...tirou...'
1;11.7 VT-11	bo-ônibus	<u>M. mexe nos bonequinhos. T. observa. M. tira do ônibus.</u>		X		X X	'Vamos tirar...?' '...tirou?' '...tirou...?'
	brinquedos/ caixa.	M/T. tiram os brinquedos da caixa. <u>M. vira a caixa de ponta-cabeça e sacode. T. observa.</u>		X			'Tirar...?'
1;11.11 AT	pica-pau/ ônibus	Obs./T. brincam com o ônibus.		X X X			'vamos tirar?' 'Vamos tirar...?' '...tirar...'
	pica-pau	T/Obs. com o pica-pau.		X X			'...quer tirar...' '...quer tirar...'

1;11.11 AT (cont.)	cubos de encaixe.	T. tira um cubo				X 'Tirou'
		do outro. Obs.				X 'Tirou...'
		olha.				X 'Tirou.'
	pé de T./lancheira.	T. quer abrir a lancheira	X			'Tira...'
		com o pé em cima. M.observa.	X			'Tira.'
			X			'Tira...'
1;11.27 AT	carrinho/sofã.	T. empurra o carrinho embaixo do sofã.Obs.				
		olha.				X '...tirar.'
2;0.3 AT	colar de contas.	Obs/T.seguram um em cada ponta do colar.				
		As contas desencaixam. Obs.				X '...tirar...'
	arruma.	X				'Vai tirar...'
	ônibus.	T. com o ônibus. M. pega para guardar.				
		Obs. olha.				X '...tirou...'
	argola do palhaço.	T. com o palhaço. M.observa.	X			'...tira.'
			X			'...tirar.'
		T. tira a argola do palhaço.				X '...tirou...'

(cont.)

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do vocábulo	
			A		Du		De
			Req.	Ñ-Req.			
1;6.29 AT	relógio	<u>T. puxa o relógio do braço de M. que não deixa tirar.</u>			X	ti	
1;7.12 VT-7	cubos de encaixe	<u>M. desencaixa um cubo. T. observa.</u>				X	tirô
		<u>T. estende as mãos para os cubos que M. desencaixara.</u>				X	tirô
1;9.22 AT	tampa das painelas	<u>T. chama M. T. com as painelinhas. M. tira a tampa.</u>	X				tíra
1;9.28 AT	colar de contas	<u>T. encaixa as contas. M. observa. T. desencaixa.</u>	X				tíla
			X				tíla
			X				tirá
			X				tirá
1;10.8 VT-10	figura do livro	<u>T/M. olham o livro. M. observa.</u>	X				tíla
		<u>M/T. olham o livro. T. aponta para a fi-</u>	X				tíla
			X				tirá

(cont.)

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do vocábulo	
			A		Du		De
			Req	Ñ-Req			
1;10.8 VT-10 (cont.)	figura do livro	<u>gura</u> . T. fecha o livro.	X X			tirá tirã	
1;10.12 AT	barriqui- nhas.	<u>T. desencaixa</u> . Obs. olha.				X tilô	
1;10.20 AT	brinque- dos/saco la.	Obs. mostra a sacola com brinquedos. T. observa. Obs. tira o brinque do.	X			tirá	
1;11.7 VT-11	pica-pau	<u>T. dá o brin-</u> <u>quedo do pica-</u> <u>pau para M. M.</u> tira a haste da base.	X			tirá	
	vagão do trem	T. pega o trem. <u>Chama M. que</u> <u>desencaixa os</u> <u>vagões.</u>	X X X			tira tira tira.	
		T. parece que- rer desencai- xar. <u>Chama M.</u> <u>que desencaixa.</u>	X			tira.	

Quadro VIII - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação				Formas do vocábulo
			A		Du	De	
			Req.	Ñ-Req.			
1;11.7 VT-11	pica-pau	T. mexe no <u>pica-pau</u> . M. desencaixa a haste da base.	X				tira tira tirã
		T. tenta tirar o <u>pica-pau</u> da haste. M. aju- da.	X				tira.
		M. encaixa a haste na base. T. observa. T. <u>pega o brinquedo</u> . M. desen- caixa a haste da base.	X				tirá
1;11.11 AT	suco	M. põe o suco no copo grande. T. <u>pede para</u> <u>mudar de copo</u> (interpreta- ção de M). M. põe no copo pequeno.	X				tirá
1;11.26 (diário)	encaixe	(para a primei- ra peça: abre)					

(cont.)

Quadro VIII - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do vocábulo	
			A		Du		De
			Req.	Ñ-Req.			
1;11.26 (diário) (cont.)	encaixe	T. pede para tirar as outras peças.	X			tira	
1;11.27 AT	bo-ônibus	T. com os bone- quinhos e o ônibus. M/Obs. olham. T. chama M.	X	X		tirá tira.	
2;0.18 VT-12	vagão do trem.	T. puxa um va- gão soltando-o do trem. M. observa.			X	tira	
		T. observa B. que mexe no trem. T. dá o trem para M.	X X			tira tira.	

Quadro IX - Situações de uso do verbo 'Pegar' na fala de 80 interlocutores de T.

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo
			A Req. N-Req.	Du	De	
1;11.29 VT-1	boneco	T. olha para o boneco. Ma pega. T. obser va. Ma dá para T.		X		'Vamos pegar...?'
				X		'Vamos pegar...?'
	bolinha	T. com as pul- seiras. Ma pe- ga a bolinha e põe na frente de T.		X		'Vamos pegar...?'
				X		'Vamos pegar...?'
1;0.22 AT	cinzeiro	T. com brinque- dos. T. olha para Obs. que levanta para pegar o cinzei- ro.		X		'...vou pegar...'
	argolas	Obs. dá para	X			'Pega...'
		T. T. pega.	X		X	'Pega...' 'Pegou.'
bola	B/T. jogam	X			'Pega'	
	bola.	X			'Pega.'	
1;0.29 AT	cinzeiro	T. pega o cin- zeiro e vocâ- liza. Obs.olha.			X	'...pega...?'

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo
			A		De	
			Reg.	N-Reg.		
1;0.29 AT (cont.)	tampa da chaleira	T. <u>tira a tampa da chaleira.</u> Obs. olha.			X	'...pegou...?'
1;1.5 AT	carrinho	B. <u>traz os carrinhos.</u> T. <u>pega e vocaliza.</u> Olha para M.	X			'Pega...' 'Pega...'
1;1.14 VT-2	pulseira	T. <u>com os cubos.</u> M. <u>pega a caixa de brinquedos.</u> T. observa. M. <u>pega a pulseira dentro da caixa.</u>		X		'Pegar...'
	bola	M. <u>põe a bola nas costas de T.</u> T. <u>sorri.</u> <u>A bola cai.</u> T. <u>olha e encaminha.</u>	X			'Vai pegar...'
	bolo	M. <u>dá um pedaço de bolo para T.</u> T. <u>come.</u>	X			'Pega' 'Pega'
1;1.20 AT	laranja da cesta	T. <u>chora quando M. tira a</u>				(cont.)

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo
			A Req.	Ñ-Req.	Du De	
1;1.20 AT (cont.)	laranja da cesta	cesta com la- ranja. <u>M. de-</u>	X			'Pega...'
		<u>volve.</u>	X			'Pega.'
	palhaço	<u>T. pega o pa-</u> <u>lhaço e voca-</u> <u>liza.</u> Obs.olha.			X	'Pegando...'
	sapato	<u>T. tenta pegar</u> <u>o sapato com a</u> <u>pulseira.</u> Obs. olha. <u>T. pega.</u>		X		'...quer pegar...'
	xícara	<u>M. dá café pa-</u> <u>ra T. que se-</u> <u>gura a xícara.</u>		X		'...poder pegar...'
	argolas	<u>T. pega a ar-</u> <u>gola.</u> Obs.olha.			X	'...pegou...'
pê de T.	<u>M. faz cócegas</u> <u>no pê de T.</u> <u>que sorri.</u>				X	'...vou pegar...'
					X	'...vou pegar...'
1;2.14 VT-3	bola	<u>T. mexe nos</u> <u>brinquedos</u> <u>atrás da cai-</u> <u>xa.</u> M. obser- va.		X		'...pegar?'
	paneli- nha.	<u>T. mexe nos</u> <u>brinquedos.</u>				

(cont.)

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo
			A	Du	De	
			Req.	Ñ-Req.		
1;2 .14 VT-3 (cont.)	paneli- nha	<u>M. mostra a panelinha. M. pega.</u>	X			'Pega...'
	tampa da paneli- nha	<u>T. pega a tam- pa. M. observa.</u>			X	'Pegou...' 'Pegou...'
1;2.18 AT	bichinhos	<u>T. pega o por- quinho. M. observa.</u>			X	'Pegou.'
	bo-ôni- bus	<u>M/T. encaixam bonequinhos no ônibus.</u>	X		X	'Pega...' 'Pegou...?'
		<u>T. pega um bo- nequinho que M. dá.</u>			X	'Pegou...'
		<u>T. pega um bo- nequinho e olha para M. vocalizando.</u>			X	'...pegou...'
		sanfona	<u>T. engatinha vocalizando. M. observa.</u>		X	
	chocalho	<u>M. mostra para T. que pega.</u>	X			'Pega.'

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo
			A	Du	De	
			Req.	Ñ-Req.		
1;2.18 AT (cont.)	argola	T. vocaliza di- <u>rigindo-se pa-</u> ra a argola.M. observa.		X		'...quer pegar...?'
1;2.24 AT	brinque- dos	Obs/B. chamam T. <u>para guar-</u> <u>gar os brinque-</u> <u>dos.</u>		X		'Vamos pegar...'
		bola	T. com as pane- linhas. <u>Pará e</u> <u>olha em volta.</u> X Obs. olha.			'Pega...'
		M/T. <u>jogam bo-</u> <u>la.</u> T. joga pa- ra Obs. <u>Obs.</u> X <u>joga para B.</u>			X	'Pegou.'
					X	'Pegou.'
					X	'Pega...'
					X	'Pegou.'
1;3.0 AT	argolas	T. engatinha para as argolas, vocalizando. <u>Tenta pegar as</u> <u>argolas.</u> M. observa.			X	'...está pegando...?'
		T. perto do gravador. <u>B.</u> <u>pega as argolas.</u>				X

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo
			A Rec. N-Rec.	Du	De	
1;3.0 AT	cachorri- nho	B. <u>traz um</u> <u>cachorrinho.</u>	X			'...pega...'
		T. olha e vo- caliza.	X			'Pega...'
	cabeça do palhaço e avião.	T. tenta colo- car a cabeça do palhaço. <u>A</u> <u>cabeça cai.</u> Obs. comenta. <u>T. pega o</u> <u>avião.</u>	X			'...pega...' 'Pegou...'
1;3.14 AT	fio pre- so no ca- chorri- nho.	Obs. mostra o cachorrinho. <u>Tenta fazer T.</u> <u>pegar o fio</u> <u>para puxar o</u> <u>cachorrinho.</u>	X			'...pega...'
	cachorri- nho.	T. mexe no gravador. <u>Obs.:</u> <u>mostra o ca-</u> <u>chorrinho. T.</u> olha.	X			'...pega...'
	bolinha	T. com a pulsei- ra. <u>Obs. mostra</u> <u>a bolinha. T.</u>	X	X		'...vou pegar' '...vai pegar...' 'Pega.'

(cont.)

Quadro IX - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo	
			A	Du	De		
			Reg.	N-Reg.			
1;3.14 AT (cont.)	bolinha	pega e joga.	X				'Pega...'
		<u>Obs. pega e dá</u>	X				'Pega...'
		<u>para T. T. pe-</u>	X				'...vai pegar...'
		<u>ga.</u>	X				'vai pegar...'
			X				'vai pegar...'
			X				'Pega...'
			X				'Pega...'
			X				'Pega'
				X			'...vai pegar.'
						X	'Peguei'
						X	'...peguei'
						X	'Pegou.'
				X			'Pega'
				X			'Pega.'
		X			'Pode pegar.'		
		T. olha para					
		Marc. que en-				X	'...pegou...'
		tra na sala.					
		<u>Obs. mostra a</u>	X				'Vai pegar...'
		<u>bolinha. T.</u>			X	'Pegou...?'	
		vocaliza olhan			X	'Pegou'	
		do para o saco					
		de brinquedos.					
1;3.24 VT-4	fio do gravador	<u>T. puxa o fio.</u>		X			'...quer pegar?'
		M. arruma.					

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo	
			A	Du	De		
			Req.	Ñ-Req.			
1;3.24 VT-4 (cont.)	bolinha	<u>M. tenta fazer</u>	X			'...pega...'	
		<u>com que T. localize a bolinha.</u>					
		T. procura com o olhar. <u>M. aponta.</u>	X			'Pega...'	
			T. mexe nos blocos. <u>Olha para a mão de M. que mostra a bola.</u>	X			'Vai pegar...'
				X			'Pega...'
				X			'Pega...'
capa do disco	T. dá o disco para <u>M. que mostra a capa.</u>	X			'...pega...'		
		X			'Pega...'		
		M. pega e guarda o disco.					
1;3.27 AT	carrinho	M. põe na prateleira. <u>T. reclama. T. levanta para pegar. M. pede.</u>	X			'Pegue.'	
			X			'...vai pegar...'	
			X			'Pega...'	
			X			'Pega.'	
		T. dá para M. que guarda novamente. <u>T. reclama. Levanta para pegar.</u>	X			'Pega'	
					X		'Pegou.'
						X	'Pegou.'

Quadro IX - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo
			A Req. N-Req.	Du	De	
1;3.27 AT (cont.)	nariz do cachorro.	M. pergunta do nariz do cachorro. <u>T. toca no nariz do cachorro.</u>			X	'Pegou.'
		<u>nariz do cachorro.</u>			X	'Pegou.'
	caminhão.	T. com o cachorro. <u>M. mostra o caminhão.</u>	X			'Pega.'
		<u>tra o caminhão.</u>	X			'Pega.'
carrinho	M. muda lugar e <u>mostra o carrinho.</u>	X			'Vai pegar...'	
		X			'Vai pegar...'	
T.	M. <u>brinca de 'pegar esse menino (T)'</u> .		X		'...vou pegar...'	
			X	X	'Pegou.'	
1;4.7 AT	conga	<u>T. pega a conga.</u> M. observa.			X	'Pegou...'
		T. <u>joga.</u> T. <u>pega e joga.</u>	X		X	'Pegou.'
			X			'Vai...pegar...'
			X			'Vai pegar.'
			X			'Pega...'
1;5.3 VT-5	bo-ônibus	<u>M. aponta para os bonequinhos.</u>	X			'Vai pegar...'
		T. observa. T. <u>pega a caixa com os bonequi-</u>	X			'Vai pegar...'

(cont.)

Quadro IX - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo	
			A	Du	De		
			Req.	N. Req.			
1;5.3 VT-5 (cont.)	bo-ônibus	nhos. Põe a caixa na mão de <u>M. M. aponta</u> . T. olha e empurra o carrinho.	X				'Vamos pegar...'
	laranja	<u>B. põe uma laranja na frente</u> de T. que mexe na laranja.	X				'Vai pegar...'
		M. pede a laranja. A laranja cai da mão de T. <u>M. pega</u> .				X	'Peguei.'
1;5.10 AT	T.	<u>M. brinca de</u>	X				'...vou pegar...'
		<u>'pegar esse</u>	X				'...vou pegar...'
		<u>menino'</u> . T.	X				'...vou pegar.'
		senta, rindo.	X				'...vou pegar.'
		T. vocaliza e				X	'Peguei.'
		<u>M. continua a</u>	X			X	'Peguei.'
		<u>brincadeira</u> .	X				'...vou pegar.'
		T. vocaliza.	X				'...vou pegar...'
		<u>T. anda em direção ao microfone</u> .	X				'...vou pegar...'

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo
			A Req. N-Req.	Du	De	
1;5.10 AT (cont.)	boneca	T. mexe no gra-	X			'...vai pegar...'
		vador. M. mos-	X			'Vai pegar...'
		tra a boneca.	X			'...vai pegar...'
		T. pega a bone-				
		ca.				
	brinquedos	T. olha para o microfone. M. observa.		X		'Vamos pegar...'
	dado	T. pega. M. pe-	X			'Vai pegar...'
		de. T. joga			X	'...foi pegar...'
		longe. Pega e				
		joga. T. olha	X			'Pega...'
		para M. T. es-	X			'Pega.'
		tende a mão.	X			'...pega...'
			X			'Pega...'
			X			'Pega.'
				X		'Não quer pegar.'
			X			'Vai pegar...'
	brinquedos	T. com o cami- nhão. M. sai da sala. T. observa.		X		'Vou pegar...'
	bola	M/T. jogam bola.	X			'Vai pegar.'
		T. pega e joga.	X			'Pega...'
			X			'Pega...'
			X			'Vai pegar...'

(cont.)

Quadro IX - Continuação.

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo
			A Reg.	Ñ. Reg.	Du De	
1;5.10 AT (cont.)	bola		X			'Vai pegar...'
				X		'...não vai pegar.'
			X			'Vai pegar...'
	caminhão	M/T. jogam bola. T. olha e <u>pega o caminhão.</u>				X 'Quis pegar...?'
	bola	<u>M/T. jogam bola.</u>	X			'Pega...'
		<u>T. joga bola</u>	X			'Pega...'
		<u>para M. T. joga</u>	X			'Pega.'
		<u>a bola para a</u>	X			'Pega...'
		<u>boneca. Volta</u>				
		<u>atenção para o</u>	X			'Pega...'
		<u>caminhão.</u>			X	'...pegou...'
			X			'...pega...'
1;5.18 AT	brinquedos	T. com atenção no microfone. <u>M. tenta desviar a atenção de T.</u>	X			'Vai...pegar...'
1;6.1 AT	T.	<u>M. brinca de</u>		X		'...vou pegar...'
		<u>'pegar esse menino'.</u>				
		<u>Obs. brinca com</u>		X		'...nenê vai pegar...'
		<u>T. e a boneca</u>			X	'...pegou...'
		<u>de 'pegar esse</u>			X	'Pegou...'
						(cont.)

Quadro IX - Continuação.

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo
			A Req.	Du N-Req.	De	
1;6.1 AT (cont.)	T.	<u>menino'. T. pe-</u>		X		'...vai pegar...'
		<u>ga na mão de</u>		X		'vai pegar...'
		<u>Obs. Obs. en-</u>		X		'...vai pegar...'
		<u>costa a boneca</u> <u>em T.</u>			X	'Pegou.'
bolinha	T. com atenção no gravador. M. <u>mostra a boli-</u> <u>nha.</u>		X			'Vai pegar...'
			X			'Pega...'
		T. pega e <u>joga</u>	X			'Vai pegã-la.'
		<u>a bolinha. T.</u>	X			'Vai pegar...'
		<u>vocaliza. Obs.</u>	X			'Pegue.'
		<u>acha a bolinha:</u>	X			'Pega.'
		M. observa.		X		'Vai pegar...'
				X		'...pego?'
				X		'...vou pegar.'
				X		'...vai pegar.'
livro	M. pede o li- vro para T. e <u>dã para Obs.</u>		X			'Pegue...'
			X			'Pegue...'
bolinha	T. <u>joga a bo-</u> <u>linha. T. pega.</u>		X			'...pega...'
			X			'Pega...'
					X	'Pegou?'

Quadro IX - Continuação.

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo	
			A	Du	De		
			Req.	N. Req.			
1;6.7 VT-6	pica-pau	O pica-pau está descendo na haste. <u>T. pega.</u> Obs. olha.				X	'Pegou.'
	telefone	<u>B. leva a mão de T. até o telefone.</u>	X				'Pega.'
1;6.22 AT	bichinhos	<u>B/T. colocam bichinhos na casinha.</u>	X				'...pega...'
			X				'Pega...'
			X				'Pega...'
		<u>T. põe bichinho na casinha.</u> Obs. olha.	X				'...pega...'
cubos de encaixe	<u>T. tenta encaixar.</u> M. observa	X					'Vai pegar...'
		X					'...peque...'
1;6.29 AT	bola	<u>M/T. brincam com a bola.</u>	X				'Pega.'
		<u>Jogam de um para o outro.</u>	X				'Pega.'
			X				'Pega.'
encaixe	<u>T. pega o jogo.</u> Obs. acompanha com o olhar.				X	'...veio pegar...'	
caminhão	<u>T. olha para o caminhão.</u> M.		X			'...quer pegar...'	

(cont.)

Quadro IX - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo
			A	Du	De	
			Req.	Ñ-Req.		
1;6.29	caminhão	observa.				
AT (cont.)	bola	<u>Obs./T. jogam</u>	X			'Pega.'
		<u>bola.</u>		X		'...vai pegar...?'
			X			'Pega.'
					X	'Pegou.'
			X			'Pega.'
			X			'Pega'
					X	'Pegou.'
		<u>T. com atenção no relógio.Obs. mostra a bola.</u>	X			'...pega...'
		<u>M/T. jogam bola.</u>	X			'Vai...pegar...'
		<u>T. vocaliza.</u>	X			'Vai pegar.'
		<u>Olha para a bo-</u>	X			'Pegue.'
		<u>la. Ri.</u>	X			'Pegue.'
			X			'Vai pegar...'
		<u>M/T/Obs. jogam bola. T. des-</u>			X	'Peguei.'
	<u>via atenção pa-</u>	X			'Pega...'	
	<u>ra o relógio.</u>					
	relógio	<u>T.olha para o relógio de Obs.</u>	X			'Pega...'
		<u>T. olha para o relógio.</u>	X			'Pega.'
		<u>Volta atenção para o caminhão.</u>				

Quadro IX - Continuação.

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo
			A	Du	De	
			Req.	Ñ-Req.		
1;7.5 AT	cinzeiro	<u>T. pega o cinzeiro.</u> M. observa.			X	'Veio pegar...'
1;7.12 VT-7	bichinhos	<u>M/T. guardam os bichinhos na casinha.</u> M. <u>aponta para os bichinhos.</u> T. pega e põe na casinha.	X			'Pega.'
		<u>M/T. guardam bichinhos na casinha.</u> T. pega e põe na casinha.	X			'Pegue.'
		M/T. guardam bichinhos na casinha. <u>M. aponta para um bichinho.</u> T. pega e guarda.	X			'Pega.'
		<u>M/T. guardam bichinhos na casinha.</u> T. pega e guarda.	X			'Pega.'

Quadro IX- Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo
			A	Du	De	
			Req. N-Req.			
1;7.12 VT-7 (cont.)	chaveiro	T. aponta e vocaliza. <u>M. observa.</u> T. <u>pega</u> um chaveiro.	X			'Pegue.'
1;7.21 AT	peça do quebra-cabeça.	<u>M/T. montam o quebra-cabeça.</u>	X			'...pega...'
	T.	<u>M. brinca de 'pegar o menuíno'.</u>		X		'...vou pegar...'
1;7.29 AT	brinquedos/saco.	T. pede para abrir o saquinho. Quer <u>pegar os brinquedos.</u> <u>M. observa.</u>	X			'...pega.'
1;8.3 AT	carrinhos/caixa.	T. brinca com Obs. <u>Obs. mostra a caixa.</u>	X			'...vai pegar...'
			X			'Vai pegar...'
			X			'Vai pegar.'
			X			'Pega...'
			X			'Pega.'
1;8.10 VT-8	bichinhos	<u>B/T. brincam com os bichinhos e a casinha.</u>		X		'Vou pegar...'

Quadro IX - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo
			A Req. N. Req.	Du	De	
1;8.10 VT-8 (cont.)	ônibus/ caixa	T. tenta pegar o ônibus na caixa. <u>M. vira</u> <u>a caixa para T.</u>	X			'Pegue.'
		<u>B. leva a mão</u> <u>de T. até o</u> <u>ônibus.T. pega.</u>	X			'Pega.'
	ônibus	<u>M. aponta para</u> <u>o ônibus. T.</u>	X			'Pega.'
		<u>empurra para M.</u>	X			'Pega.'
		T. olha para o ônibus na mão de M. e engati nha em sua di- reção. M. põe no chão.T. pega.			X	'...pegou.'
bichinhos	B/T. colocam bichinhos no telhado da ca- sinha. <u>B. aponta</u> <u>para os bichi-</u> <u>nhos.</u>	X			'Pega.'	
		X			'Pega'	
		X			'Pega.'	
caixa	T. tenta abrir a caixa. <u>Pára e</u> <u>olha.M. observa.</u>	X			'Pega.'	

Quadro IX - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo
			A	Du	De	
			Req.	Ñ-Req.		
1;8.10 VT-8 (cont.)	Ônibus	<u>M.empurra o</u> <u>ônibus embaixo</u> <u>do banquinho.</u> T. observa.Pega.	X			'Pega.'
1;9.11 VT-9	bichinhos	T. joga um bichinho. <u>M.</u> <u>aponta.</u> T. pe- ga e põe no te- lhado da casi- nha.	X			'...pega...'
	caixa	T. com o cami- nhão. <u>M. quer</u> <u>guardar.</u>	X			'Pega...'
	bichinhos	T. procura um bichinho que havia caído. <u>M. pega.</u>			X	'...pegou.'
	carrinho	<u>M/T. arrumam os</u> <u>carrinhos na</u> <u>jamanta.</u>	X			'Pegue...'
	carrinhos	T. com a jaman- ta. <u>Obs. pega</u> <u>um carrinho.</u>			X	'...pode pegar?'

Quadro IX - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação		Formas do verbo	
			A		Du	De
			Req.	N-Req.		
1;9.11 VT-9 (cont.)	bichinhos	M/T. guardam os bichinhos na casinha. <u>M. aponta</u> e pega um bichinho. T. põe na casinha.	X			'...pega...'
		<u>M/T. guardam os bichinhos na casinha.</u> T. <u>pega</u> e põe na casinha.	X			'Pega...'
	caixa/ caminhão.	T. <u>mexe na caixa onde está o caminhão.</u> M. observa. T. <u>tent</u> a tirar o caminhão.	X			'Pega.'
	caixa	T. <u>olha para a caixa que</u> <u>Obs. segura.</u> M. observa.		X		'...vai pegar...'
	bichinhos	M/T. guardam bichinhos na casinha. <u>M.</u>				

(cont.)

Quadro IX - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo
			A	Du	De	
			Req.	N-Req.		
1;9.11 VT-9 (cont.)	bichinhos	<u>aponta para os</u>	X			'Pega.'
		<u>bichinhos no</u>				
	<u>chão. T. pega.</u>					
		<u>T. mexe nos bi-</u>	X			'Pega...'
		<u>chinhos. M.</u>				
		<u>observa.</u>				
	casinha	<u>M. dá a casinha</u>	X			'Pega...'
		<u>para T. entre-</u>				
		<u>gar para Obs.</u>				
	livro	<u>M. põe T. na</u>		X		'Vamos pegar...?'
		<u>frente da câme-</u>	X			'Pega.'
		<u>ra. M. pega o</u>				
		<u>livro. M/T.</u>				
		<u>olham.</u>				
1;9.16 AT	figurinhas	<u>B/T. brincam</u>		X		'...vai pegar...'
		<u>com as figuri-</u>				
		<u>nhas do Barba-</u>				
		<u>clique.</u>				
		<u>T. pega uma fi-</u>			X	'Pegou.'
		<u>gurinha. M.</u>				
		<u>observa.</u>				
		<u>B. pega as fi-</u>			X	'Pegou.'
		<u>gurinhas e no-</u>				
		<u>meia. T.repete.</u>				

Quadro IX - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo
			A Req. N-Req.	Du	De	
1;9.16 AT (cont.)	figurinhas	T. <u>com as figurinhas.</u> B. observa.			X	'Pegou...?'
1;9.22 AT	figura do livro. (sapato)	M/T. <u>olham as figuras do livro.</u>			X	'...pegou...'
	panelinhas / tampa.	T. <u>tenta tampar a panelinha.</u> M. observa.	X			'Pega...'
1;9.28 AT	ursinho	T. <u>com o carrinho.</u> M. <u>mostra o ursinho.</u>	X			'Pega...'
			X			'Pega...'
	figura do livro.	M/T. <u>olham o livro.</u>		X		'...quer pegar...'
1;10.5 VT-10	pica-pau	M/T. <u>olham o livro.</u> M. <u>aponta o pica-pau.</u>	X	X		'Vamos pegar...'
			X			'Pega.'
			X			'Pega.'
		T. <u>olha o pica-pau.</u> M. observa.	X			'Pega.'
	casinha	M/T. <u>olham o livro.</u> M. <u>mos-</u>				

(cont.)

Quadro IX- Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo
			A	Du	De	
			Req.	Ñ-Req.		
1;10.5 VT-10	casinha	<u>tra a casinha.</u> T. pega.	X			'Vai pegar...'
(cont.)	bichinhos	<u>M/T. brincam com os bichinhos da casinha.</u>	X			'Pega.'
		<u>M/T. guardam os bichinhos. M. aponta para os bichinhos no chão.</u>	X			'Pega.'
		<u>M/T. guardam os bichinhos. T. pega e guarda.</u>	X			'Pega.'
		<u>T. brinca com os bichinhos.</u> M. observa.	X			'Pega.'
		<u>Obs. dá o cachorrinho para T.</u>		X		
1;10.12 AT	barriguinhas.	<u>T. pega.</u> Obs. olha.			X	'...pegou...?'
	brinquedo	<u>Obs. pergunta do passarinho.</u> T. observa.	X			'...vai pegar.'

Quadro IX - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo
			A	Du	De	
			Req.	Ñ-Req.		
1;10.20 AT	panelinha	<u>T. brinca com as panelinhas.</u> M. observa.	X			'...vai pegar.'
1;10.30 AT	bonequi-nhos	<u>B/T. brincam com os bone-nhos.</u>			X	'...pegou...'
	cadeira/ cama	<u>B/T. brincam com a casinha.</u> M. observa.	X X			'Pega...' 'Pega.'
	bonequi-nho	<u>B/T. brincam com a casinha e os bonequi-nhos.</u>	X			'Pega.'
	livro	Obs. pergunta do macaco. <u>M. pede o livro.</u> T. pega.	X X		X	'...vai pegar...' 'Pega...' '...pegou.'
	bonequi-nhos	<u>B/T. brincam com os bonequi-nhos e o par-quinho.</u> M. observa.	X			'...pega...'
			X			'Pega...'
			X			'Pega...'
			X			'...pega...'

Quadro IX - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo
			A	Du	De	
			Req.	Ñ-Req.		
1;11.4 VT-11	pica-pau	<u>M/T. observam</u> <u>o pica-pau que</u> <u>desce na haste.</u>	X			'Pega...'
	trem/ caixa.	<u>T. tira os va-</u> <u>gões de trem</u> <u>da caixa. M.</u> observa.			X	'Pegou?'
	bo-ônibus	<u>M/T. encaixam</u> <u>os bonequinhos</u> <u>no ônibus.</u>	X			'Pega...'
	telefone	<u>T. estende o</u> <u>telefone para</u> <u>Obs.</u>		X		'...vai pegar.'
	pica-pau	T. com o trem. <u>M. chama aten-</u> <u>ção para o pi-</u> <u>ca-pau.</u>	X			'Vai pegar...'
1;11.11 AT	livro	<u>M. dá o livro</u> <u>para T. dar</u> <u>para Obs.</u>	X			'Pega.'
			X			'Pega.'
	cubos de encaixe.	<u>T. pega os cu-</u> <u>bos. M. observa.</u>			X	'...está pegando...'
	pica-pau	T. pega o pica- pau. <u>A haste</u> <u>escapa da base.</u>	X			'Pega.'
			X			'Pega.'

(cont.)

Quadro IX - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo
			A	Du	De	
			Req.	Ñ-Req.		
1;11.11 AT (cont.)	pica-pau	M. observa.				
	carrinho	T. brinca com os carrinhos M. <u>pede outro carrinho.</u>	X			'Pega...'
	ônibus	M. empurra o ônibus. T. <u>pega.</u>			X	'...pegou.'
	bo-ônibus	T. com o ônibus e os bonequinhos. <u>Cai um bonequinho.</u> M. observa.	X			'Pega.'
1;11.27 AT	bo-ônibus	M/T. brincam com o ônibus e os bonequinhos. <u>Cai um bonequinho.</u>	X			'...vai pegar.'
	carrinho	Obs. põe os carrinhos embaixo da mesa. T. <u>pega.</u>	X		X	'Pegou...'

Quadro IX - Continuação.

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo
			A	Du	De	
			Req.	Ñ-Req.		
2;0.3 AT	bo-ônibus	<u>T. procura os bonequinhos para pôr no ônibus.</u> B. observa.	X			'...vai pegar...'
2;0.8 AT	biscoito	<u>B. dá biscoito para T.</u>	X			'Pega.'
		<u>T. come. M. observa.</u>	X			'Pega.'
		<u>T. come. M. observa.</u>	X			'Pega.'
		<u>T. come. M. observa.</u>	X			'Pega.'
2;0.19 VT-12	gasolina	<u>B. mexe no posto. T. observa.</u>		X		'Vai pegar...'
		<u>T. empurra um carrinho. B. pega de T.</u>		X		'...vai pegar...'
				X		'...vai pegar...'
	livro	<u>M. pergunta do livro.</u>	X			'...vai pegar...'
	folha do livro	<u>T. rasga e joga a folha no chão. M. observa.</u>	X			'Pega.'
2;0.20 AT	bolinha	<u>T. aponta para a bolinha. M. observa. T. pega.</u>	X			'Pega...'

(cont.)

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo
			A	Du	De	
			Req.	Req.		
2;0.20 AT (cont.)	bolinha				X	'Pegou.'
					X	'Pegou.'
	carrinho	<u>T. pega um car-</u> <u>rinho. M.</u> observa.	X		X	'Pegou.'
						'Pega.'

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo
			A	Du	De	
			Req.	N-Req.		
1;6.29 AT	bichinhos	T. anda em direção aos bichinhos. Olha para M. <u>M. pega</u> .	X			pêga.
1;7.12 AT	chaveiro	T. aponta para o chaveiro. M. observa. <u>T. engatinha</u> . T. <u>pega</u> o chaveiro.	X			pecã
1;8.3 AT	carrinhos	<u>T. com os carrinhos</u> . M. não entende.	X			pêga
1;8.10 VT-8	ônibus/ caixa.	<u>T. põe a mão esquerda no ônibus e tenta tirá-lo da caixa</u> . M. ajuda T.			X	pêga
	ônibus	T. empurra o ônibus embaixo da poltrona. <u>Olha para M.</u> Obs. empurra o ônibus para T.	X			apêga
	bichinhos	M/T. colocam os bichinhos				

(cont.)

Quadro X - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo
			A Req.	N-Req.	Du De	
1;8.10 VT-8 (cont.)	bichinhos	no telhado da casinha. <u>T.</u> <u>aponta com a mão direita.</u> T. pega.		X		pêga
		B/T. colocam os bichinhos no telhado da casinha. <u>T.</u> <u>olha para os bichinhos no chão.</u> Estende a mão esquerda. Pega um bichinho e põe no telhado.		X		pêga
			X		pêga	
ônibus	ônibus	M. empurra o ônibus para frente. <u>T. estende a mão.</u> M. aponta para o ônibus.	X			pêga
		<u>T. estende as mãos para o ônibus que M. mostra.</u> T.		X		pêga.

(cont.)

Quadro X - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo
			A	Du	De	
			Req.	N-Req.		
1;8.10	ônibus	puxa o ônibus.				
VT-8 (cont.)	revista	M. pergunta do 'miau'. <u>T. pega a revista.</u>	X			pêga.
	página da revista	M/T. olham a revista. <u>T.vira a página.</u>	X			pêga.
	bichinhos	B/T. colocam bichinhos no telhado da casinha. M. observa. <u>T. olha para M. e lhe estende a mão.</u> T. anda até M. e a puxa para perto da casinha.	X			pêga.
1;9.8 VT-9	carrinho/caixa.	<u>T. tenta alcançar os carrinhos dentro da caixa.</u> Pega.M. observa.		X		pegã
		<u>T. tenta tirar</u>				

(cont.)

Quadro X - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo
			A	Du	De	
			Req.	N-Req.		
1;9.8 VT-8 (cont.)	carrinho/ caixa	<u>outro carrinho.</u>	X			pêga
		M. observa.				
		<u>T. põe a mão</u> <u>dentro da cai-</u> <u>xa. M. observa.</u>	X			pêga.
1;9.28 AT	panelas/ fogão.	<u>T. com os brin-</u> <u>quedos. M.</u> observa. (T. avisa que pegou 'papa')				pegô
			<i>Nota 3: Jogo simbólico.</i>			
1;10.5 AT	bichinhos	T. tenta pôr os bichinhos em pé. <u>Encosta em M. Chama M.</u> (M. não entende).	X			pêga
			X			pêga
			X			pêga
		<u>M/T. brincam com os bichinhos. T. chama M. T. abre e fecha a porta da casinha.</u>	X			pêga
			X			pêga
			X			pêga
			X			pêga
	encaixe (Mil Quadros)	T. com o Mil-quadros. <u>Chama M.</u> (M. não en-	X			pêga
			X			pêga
			X			pêga

(cont.)

Quadro X - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo
			A Req.	Du N-Req.	De	
1;10.5 AT (cont.)	encaixe Mil-Qua- dros)	tende)	X			pêga
1;10.20 AT	'papã'	M/T. brincam de fazer 'papa'. M. pede um pou- co. <u>T. dá.</u>	X			pêga.
	bichinhos	<u>T. com os bichi-</u> <u>nhos da casinha.</u>	X			pêga
			X			pêga
			X			pêga
		<u>Obs/M/T. brin-</u> <u>cam de pôr os</u> <u>bichinhos no</u> <u>telhado da ca-</u> <u>sinha.</u>		X		pêga.
	livro	M. com o livro. <u>T. chama M.</u> Olham o livro. (M. não entende)	X			pêga
			X			pêga
1;11.7 VT-11	caixa com brinquedo	Obs. estende a caixa para T. <u>T. estende a</u> <u>mão para a cai-</u> <u>xa.</u>		X		pêga

Quadro X - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo
			A	Du	De	
			Req. N	Req.		
1;11.7 VT-11 (cont.)	trem	<u>T. olha para o</u>	X			pêca
		<u>trem perto de</u>				
		<u>M. M. dá para</u>	X			pêca
		<u>T.</u>				
			X			pêca
		T. segura a prancha que en- caixa no trem. <u>Olha para o</u>	X			pêca
		<u>trem perto de</u> <u>M. M. traz o</u> trem perto de T.				
		<u>T. olha o va-</u> <u>gão perto de</u>	X			pêca.
		<u>M. T. empurra</u> o vagão que segura.				
		<u>T. aponta para</u> <u>o vagão com a</u> <u>mão direita.</u>				
		<u>Puxa-o.</u>	X			pêca.
1;11.11 AT	suco	<u>T. pede suco.</u>	X			pêga
		<u>M. dá.</u>	X			pêga

Quadro XI - Situações de uso do verbo 'Pôr' na fala dos interlocutores de T. 114

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo
			A	Du	De	
			Req.	Ñ-Req.		
0;11.29 VT-1	blocos/ caixa.	T. mexe nos blo- cos. M? obser- va. <u>M? tira a</u> <u>tampa da caixa.</u> T. pega a tampa.	X			'Põe...'
	cubos de encaixe	T. <u>parece que-</u> <u>rer encaixar um</u> <u>cubo no outro.</u> M? observa. T. solta o cubo.		X		'Vai pôr...'
	pão/boca de T.	T. com o pão. M? põe o boneco na frente de T. e <u>aponta para a</u> <u>boca do boneco.</u> T. observa.	X			'Põe...'
1;0.22 AT	anel/ de- dedo de T.	T. com o anel. M. observa. M. põe o anel no dedo de T.		X		'Vai pôr...'
	argolas. palhaço	<u>Obs. dá as ar-</u> <u>golas para T.</u> que põe no cor- po do palhacinho.		X		'...vai pôr?'

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo
			A	Du	De	
			Req.	Ñ-Req.		
1;0.29 AT	chupetas	T. põe uma <u>chupeta azul perto de uma vermelha.</u> Obs. acompanha com o olhar.			X	'...pôr?'
	tampa/ chaleira	T. põe a <u>tampa na chaleira.</u> Obs. olha.			X	'Põe...?'
1;1.5 AT	latinhas	T. observa B. <u>que faz uma torre com as latinhas.</u> M. observa.	X			'...põe...'
1;1.14 VT-2	cubos de encaixe.	<u>M/T. constrõem torre.</u> M. põe um cubo na <u>torre.</u> T. mexe no cubo.		X		'...vai pôr...'
	cubos de encaixe/ pulseira.	T. parece <u>querer encaixar a pulseira em um cubo.</u> M. observa. <u>M.dá um cubo maior.</u> T.põe em cima.	X			'Põe...'

Quadro XI - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo
			A Req.	Du N-Req.	De	
1;1.14 VT-2 (cont.)	cubos de encaixe	T. com os cu- bos. <u>M. muda</u> <u>os cubos de</u> <u>lugar</u> ; T. obser- va.		X		'Vamos pôr...'
	caixa de brinquedos	<u>M. muda a cai-</u> <u>xa de brinqued-</u> <u>os de lugar.</u> T. observa.		X		'Põe...'
	pulseira/ latinha	<u>T. põe a pul-</u> <u>seira no chão.</u> M. observa. T. põe a pulseira em cima da la- tinha.	X			'...quer pôr...'
1;1.20 AT	argolas	<u>T. brinca com</u> <u>as argolas.</u> M/Obs. olham.			X	'...pôs...' 'Pôs...?'
	argolas/ palhaço	<u>T. põe as ar-</u> <u>golas no pa-</u> <u>lhaço.</u> M. observa.	X X X			'Ponha...' 'Põe...' 'Põe.'
	xícara/ boca de T.	<u>T. toma café.</u> Obs. olha.			X	'...pôs...?'

Quadro XI - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo
			A Req. N-Req.	Du	De	
1;1.20 AT (cont.)	colher/ xícara	<u>T. brinca com a xícara e a colher.</u> M. observa.		X		'...pôr...'
	laranja/ cadeira	<u>M. chama T. para pôr a laranja na cadeira.</u>	X			'...vamos pôr...'
		<u>T. põe na cesta.</u>	X			'Vamos pôr...'
					X	'...não pôs...'
	laranja/ cesta	<u>M. pede a cesta.</u> T. dá.		X		'Vamos pôr...?'
tampa/ cesta	<u>M. chama T. para pôr a tampa na cesta.</u> M. põe.		X		'...põe...'	
cesta/ mesa	<u>T. parece querer pôr a cesta na mesa.</u> M. observa.		X		'Quer pôr...'	
1;2.14 VT-3	tampa/ bule	<u>M. aponta para o bule com a tampa.</u> T. pega a tampa e tenta pôr no bule.	X			'Põe...'
	disco/ sacola	<u>M. põe o disco na sacola.</u> T.			X	'Põe...'

(cont.)

Quadro XI - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo
			A	Du	De	
			Req.	Ñ.	Req.	
1;2.14 VT-3	disco/ sacola	choraminga.				
(cont.)	tampa/ panelas	<u>T/M. pegam as tampinhas e põem nas panelinhas.</u>	X			'Vamos pôr...'
1;2.18 AT	bo-ônibus	T. tira os bonequinhos que estavam encaixados. <u>Os bonequinhos caem.</u> <u>M. observa. T. encaixa.</u>		X		'Vai pôr...?'
	argola/ ônibus	<u>T. leva as argolas para o ônibus. M. observa.</u>		X		'...vai pôr...?'
	bo-ônibus	<u>T. encaixa os bonequinhos no ônibus. M. observa.</u>		X	X	'...vai pôr...?' 'Está pondo...'
		<u>T. encaixa os bonequinhos no ônibus. M. observa.</u>			X	'...pôs...'
					X	'...pôs...?'
			X			'...pôr...'
			X			'Põe...'

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo
			A Req. N-Req.	Du	De	
1;2.18 AT (cont.)	bonequi- nho/boca de T.	T. põe os bone- quinhos na boca. M. observa.		X		'...está pondo...?'
	bonequi- nho/sanfo- na	T. põe o bone- quinho em cima da sanfona. M. observa.			X	'Põe...?'
	tampa/ bonequi- nho	T. põe a tampa em cima do bo- quinho. M. observa.		X		'...tentando pôr...?'
	argola/ olho	M. olha atra- vés da argola. X T. observa. M. X dã a argola X para T. M/Obs. olham.			X	'...pôs...?' 'Põe...' 'Põe.' 'Põe...'
	argola/ palhaço	M. desmonta o palhaço. T.co- meça a remon- tar. M. observa. X X X			X	'Põe.' 'Põe...' 'Põe...' 'Vamos pôr...' '...quer pôr.'
	sanfona/	T. põe a san-			X	'Pondo...' (cont.)

Quadro XI - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo
			A	Du	De	
			Req.	Ñ-Req.		
1;2.18	sanfona/ boca	<u>fona na boca.</u> M. observa.				
(cont.)	caixa/ bo-ônibus	M. muda a caixa de lugar. <u>Chama T. para brincar.</u>	X			'Vamos pôr...'
1;2.24	tampa/ panela	T. parece querer destampar a panelinha. <u>M. mostra para T. as panelinhas.</u> T. tampa novamente.			X	'...pôr...'
	bo-ônibus	<u>M. tira os bonequinhos do ônibus.</u> T. observa. <u>T. põe os bonequinhos no ônibus.</u>	X			'...vai pôr...'
					X	'Pôs...'
			X			'...vai pôr...'
					X	'Pôs...'
	colher/ pegador da panela	<u>T. põe a colher e o pegador dentro da panela.</u> Obs. olha.			X	'Está pondo...?'
	grão de feijão/	<u>T. põe os grãos de feijão na</u>			X	'Está pondo...'

(cont.)

Quadro XI - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo
			A Req. N-Req.	Du	De	
1;2.24 AT (cont.)	grão de feijão/ panela	<u>panela. M.</u> observa.				
1;3.14 AT	cachorri- nho	T. chora com medo do cachor- ro. <u>Obs. pede</u> <u>para pôr no co-</u> <u>lo.</u>		X		'...pôr...'
	mãos/ gravador	<u>T. põe as mãos</u> <u>no gravador.</u> Obs. olha.			X	'...está pondo ...'
	fita/ gravador	<u>T. põe a fita</u> <u>em cima do gra-</u> <u>vador. M.obser-</u> <u>va.</u>	X		X	'...quer pôr...?' '...pôr...?'
	tecla do gravador	T. desliga o gravador. M. liga novamente. T. chora. <u>Obs.</u> <u>põe a tecla no</u> <u>lugar.</u>			X	'...pôs...'
1;3.24 VT-4	disco/ gravador	<u>T. pega o dis-</u> <u>co e vai em di-</u> <u>reção ao grava-</u> <u>vador. T. olha</u>	X	X		'...vai pôr...?' 'Põe...' 'Põe.'

(cont.)

Quadro XI - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo
			A	Du	De	
			Req.	N-Req.		
1;3.24 VT-4	disco/ gravador	<u>para M.</u>				
(cont.)	tampa/ caixa	<u>T. põe a tampa</u> <u>e olha para a</u> <u>caixa. M. obser-</u> va.		X		'...vai pôr...?'
	pão/ pires	<u>M. pega um pi-</u> <u>res e põe o</u> <u>pão no pires.</u> T. observa.		X		'Pôr...'
	bo-ônibus	T. pega um bo- nequinho. <u>M.</u> <u>empurra e ôni-</u> <u>bus para T. T.</u> encaixa.	X			'Põe...'
1;4.7 AT	pê/conga	<u>T. parece que-</u> <u>rer calçar a</u> <u>conga. M. obser</u> va.			X	'...pôr...'
	dedo/ gravador	<u>T. põe o dedo</u> <u>no gravador e</u> olha para M.			X	'...põe...'
	casaco/ gravador	<u>T. põe o casa-</u> <u>co em cima do</u> <u>gravador. M.</u>		X		'...vai pôr...?'

(cont.)

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo
			A Req. N-Req.	Du	De	
1;4.7 AT	casaco/ gravador	observa.				
(cont.)	língua de T.	T. <u>tampando a garrafa, põe a língua para fo- ra da boca.</u> M. observa.			X	'Pôs...?'
	copo/ boca da garrafa	T. <u>põe o copo na garrafa.</u> M. observa.		X		'...pôr...'
1;4.27 AT	sapato/ pé de T.	M. <u>quer que T. calce o sapato.</u>	X			'Vamos pôr...'
			X			'Vamos pôr...?'
	carrinho/ prateleira	M. <u>põe o carri- nho na prate- leira.</u> T. recla- ma.			X	'...pôs...'
	sapato/T.	Obs. mostra a boneca. T. aponta. M. <u>mos- tra o sapato.</u> T. <u>tenta cal- çá-lo.</u> M. <u>põe em T.</u>	X X		X X	'Vamos pôr...?' 'Vamos pôr...?' '...está pondo...' '...pôr...?'
	barriqui- nhas.	T. <u>parece que-</u>				

(cont.)

Quadro XI - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo
			A	Du	De	
			Req.	N-Req.		
1;4.27 AT (cont.)	barriqui- nhas	<u>rer encaixar</u> <u>as barriquinhas</u> Obs. olha.		X		'...pôr...?'
1;5.3 VT-5	bo-ônibus/ carrinho	<u>M. dá os bone-</u> <u>quinhos para T,</u> <u>encaixar no</u> <u>carrinho. T.</u> <u>encaixa.</u>	X			'Põe...'
		<u>M. pega o car-</u> <u>rinho. T. com</u> <u>atenção em ou-</u> <u>tro objeto.</u>		X		'...vai pôr...'
	cubos de encaixe	T. <u>forma a tor-</u> <u>re. M. vira um</u> <u>cubo.</u>			X	'Põe...'
	pratinho/ bandeja	<u>M. põe o pra-</u> <u>tinho na ban-</u> <u>deja. T.observa.</u>			X	'Vamos pôr...'
1;5.10 AT	caminhão	T. empurra o caminhão. <u>Pára</u> <u>e põe o dedinho</u> <u>em uma saliên-</u> <u>cia do caminhão.</u> M. observa.			X	'...pôr...'
	bola/	M/T. jogam bo-	X			'Põe...' (cont.)

Quadro XI - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo
			A	Du	De	
			Req.	Ñ-Req.		
1;5.10 AT (cont.)	bola/ caminhão	la. <u>M. quer mu-</u>	X			'põe...'
		<u>dar a ativida-</u>	X			'...põe...'
		<u>de. T. tenta</u>	X			'Põe.'
		<u>pôr a bola na</u>	X			'Põe...'
		<u>carroceria do</u>		X		'...quer pôr...'
	<u>caminhão que</u>		X		'...pôr...?'	
	<u>está fechada.</u>					
	M. observa.	X			'Põe...'	
		X			'Põe.'	
			X		'Vamos pôr...'	
		X		'põe...'		
		X		'Põe...'		
		X		'Põe...'		
dedo/ tecla do gravador		<u>M. mostra a</u>	X			'Põe...'
		<u>tecla para T.</u>	X			'Põe.'
		<u>apertar.</u>	X			'Põe...'
			X			'Põe.'
1;5.18 AT	sapato/ pé	<u>T. pega o sa-</u>	X			'Põe...'
		<u>pato. M. obser-</u>	X			'Põe.'
	<u>va.</u>					
caminhão/ rampa da jamanta.		<u>Obs. mostra a</u>		X		'...vamos pôr...?'
		<u>jamanta. T.</u>		X		'...vai pôr...'
		<u>observa. Obs.</u>				
		<u>põe o caminhão</u>				
		<u>na rampa. T.</u>				
		<u>observa.</u>				

Quadro XI - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo
			A	Dú	De	
			Req.	N-Req.		
1;5.18 AT (cont.)	caminhão/ rampa da jamanta	<u>T. brincando</u>	X			'Põe...'
		<u>com o caminhão.</u>	X			'Põe.'
		M. observa.				
	boneca/ caminhão	<u>Obs. mostra o</u>	X			'Vamos pôr...?'
		<u>caminhão para</u> <u>T. T. pega um</u> boneco.	X			'Vamos pôr...?'
	boneco/ jamanta	T. tira o bone- co do caminhão.				
		<u>Obs. mostra a</u> <u>jamanta. T.põe</u> na jamanta.	X			'Vamos pôr...?'
		<u>T. brinca com</u> <u>a jamanta. Obs.</u> olha.	X			'Vamos pôr...?'
	carrinho/ rampa da jamanta.	<u>M. chama T. pa-</u>	X			'Põe...'
		<u>ra brincar com</u>	X			'Põe...'
<u>os carrinhos e</u>		X			'Põe...'	
<u>a jamanta.</u>		X			'...põe.'	
		X			'Põe...'	
carrinho	<u>T. com o car-</u> <u>rinho. M.</u> observa.		X		'...vai pôr...?'	
1;6.7 VT-6	fone/ ouvido	Obs./B/T. brin- cam com o te-				(cont.)

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo
			A	Du	De	
			Req.	Ñ-Req.		
1;6.7 VT-6 (cont.)	fone/ ouvido	lefone. <u>Obs.</u> <u>leva o fone ao</u> <u>ouvido.</u> T. observa.	X			'...põe...'
		pica-pau/ cubo	T. segura o pica-pau com uma mão e tenta pegar um cubo com a outra mão. <u>Obs. dá um cubo para T.</u> T. <u>mexe nos cubos.</u>	X X X X		
		T. com o pica-pau. <u>Obs. mostra um cubo.</u> T. pega outro cubo, vira-o, deixando-o com a boca para baixo e põe o pica-pau em cima do cubo.	X X			'Põe...' 'Põe...'
	1;6.22 AT	bichinho/ casinha	T. com os bichinhos. <u>Con-</u>			

Quadro XI - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo
			A Req.	Du N-Req.	De	
1;6.22 AT (cont.)	bichinho/ casinha	<u>tacto de olho</u>			X	'...pôs...?'
		<u>B/T. B. ajuda</u> <u>T. a pôr os bi-</u> <u>chinhos dentro</u> <u>da casinha.</u>		X		'...põe...'
	cubos de encaixe	<u>T. encaixa os</u> <u>cubos. M.</u> observa.	X		X	'...pôs...' '...vai pôr?'
		<u>M. orienta T.</u> <u>a encaixar os</u> <u>cubos.</u>			X	'...pôs...'
		T. não conse- gue encaixar os cubos. <u>Chama</u> <u>M. Obs. olha.</u>	X		'...pôr...'	
1;6.29 AT	bola/ rosto	T/M/Obs. jo- gam bola. <u>T.</u> <u>põe a bola no</u> <u>rosto.</u>		X		'...põe...'
1;7.5 AT	chapéu/ cabeça de T/M/piu- piu.	<u>T. pega o cha-</u>	X			'...põe...'
		<u>pêu. M. observa</u>	X			'Põe.'
			X			'Põe...'
					X	'Pôs...'
			X			'Põe...'
			X		'Põe.'	

Quadro XI - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo
			A	Du	De	
			Reg.	Ñ-Reg.		
1;7.12 VT-7	sapato/ pé de T.	M. quer pôr sa-	X			'Vamos pôr...'
		pato em T. M. calça o sapato.	X X			'Vamos pôr...' 'Pôr...'
	cubos de encaixe	T. desencaixa. M. observa. T. tem dificuldade. Chama M.M.ajuda.	X			'Põe...'
1;7.21 AT	quebra- cabeça	M/T. montam o quebra-cabeça.	X	X		'Põe...' '...não quer pôr...' '...quer pôr...?'
			X			'Põe...'
			X			
	bonequinha/ caixa de música.	T. tira a bai- larina da cai- xa. M. observa.	X X X			'põe...' 'Põe.' 'Põe...' 'Põe...'
	quebra- cabeça	M/T. montam o quebra-cabeça.	X X			'Põe...' 'Vamos pôr...'
	tampa/ caixa de música.	M/T. fecham a caixa de músi- ca.	X X			'Põe...' 'Põe.'
	chupeta/ boneco	T. tira a chu- peta do boneco. Tenta recolocar. M. observa.	X X			'põe...' 'Põe...'

Quadro XI - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo	
			A	Du	De		
			Reg.	Ñ-Reg.			
1;8.3 AT	gasolina/ caminhão	<u>Obs. chama a a-</u> <u>tenção de T.</u> <u>para Marc. que</u> <u>brinca com o</u> <u>caminhão.</u>		X			'...foi pôr...' '...vai pôr...'
1;8.10 VT-8	bichinho/ casinha	<u>T. põe bichinho</u> <u>na casinha. M.</u> <u>observa.</u>		X			'Vai pôr...'
	bo-ônibus	<u>M/T. encaixam</u> <u>bonequinhos no</u> <u>ônibus. M. dá</u> <u>um bonequinho</u> <u>para T.</u>	X				'Põe...'
	ônibus/ banco	<u>T. com o ônibus.</u> <u>M. põe o banqui-</u> <u>nho na frente</u> <u>da câmara. T.</u> <u>observa.</u>	X				'...põe...'
1;9.11 VT-9	bichinho/ telhado da casinha	<u>T. pega um bi-</u> <u>chinho. M.</u> <u>observa. T. põe</u> <u>no telhado da</u> <u>casinha.</u>	X	X			'Põe...' 'Põe...' '...pôr.' 'Põe...' 'Põe.'
		<u>M/T. põem bi-</u> <u>chinhos no te-</u>		X			'Vamos pôr...'

(cont.)

Quadro XI - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo
			A	Du	De	
			Reg.	N-Reg.		
1;9.11 VT-9 (cont.)	bichinho/ telhado da casinha	<u>lhado da casinha.</u>	X			'Põe...'
	carrinho/ jamanta.	T. tenta colocar o carrinho na rampa inferior da jamanta. <u>M. mostra a rampa de cima.</u>	X			'Põe...'
1;9.22 AT	panelinha/ fogão	T. <u>brinca com as panelinhas e o fogão.</u> M. observa. T. tenta tampar a panelinha. <u>M. dá outra tampa.</u>	X X X X			'Põe...' 'Põe.' '...está pondo...?' '...pôs.'
		<u>T. põe as panelinhas de ponta-cabeça no fogão.</u> Obs. olha.			X X	'...está pondo...?' '...põe...'
1;9.28 AT	dedo do T.	M/T. olham o <u>livro.</u> Obs. pede				(cont.)

Quadro XI - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo
			A Req. N-Req.	Du	De	
1;9.28 AT (cont.)	dedo do T.	<u>para mostrar a borboleta.</u>	X			'Põe...'
1;10.8 VT-10	bichinhos	<u>M. põe os bichinhos em pé no chão.</u> T. observa.	X			'...põe.'
	urso/ caminhão (para dirigir)	<u>T. brinca com o urso e a boneca que estão no caminhão.</u> M. observa. T. tira o urso do caminhão.	X			'Põe...'
		T. com o caminhão. <u>M. pega o urso.</u> T. põe o urso na carroceria do caminhão.	X X X			'Vamos pôr...?' 'Põe...' 'Põe.'
	bichinho/ caminhão	<u>T. com o caminhão. M. quer pôr os bichinhos no caminhão.</u> M. põe.	X X		X	'Vamos pôr...?' 'Vamos pôr...' 'Põe...'

Quadro XI - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo
			A	Du	De	
			Req.	N. Req.		
1;10.8 VT-10 (cont.)	bichinho / casinha	<u>M/T. põem bi- chinhos na ca- sinha.</u>	X			'Põe...'
1;10.12 AT	bo-ônibus	<u>T. tira os bo- nequinhos do ônibus. Os bo- nequinhos caem.</u> Obs. olha.		X		'Vai pôr...?' '...pôs.'
	barriqui- nhas	<u>T. com as bar- riquinhas. T. pede para Obs. pôr.</u> Obs. desencai- xa. <u>Dá para T.</u>	X	X	X	'...põe...' 'Ponho...' 'Vamos pôr...' 'Põe...'
	ônibus/ poltrona.	<u>T. com o ônibus.</u> Obs. <u>mostra a poltrona.</u>	X			'Põe...' 'Põe.'
1;10.20 AT	tampa/ panela	<u>T. pede para M. tampar a pane- linha.</u>		X		'...vou pôr...' 'Vamos pôr...'
1;10.30 AT	bonequi- nhos/gan- gorra.	<u>B/T. colocam os bonequinhos na gangorra.M.</u> observa.	X			'Põe...'

Quadro XI - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo
			A	Du	De	
			Req.	N-Req.		
1;10.30 AT (cont.)	bonequi- nho/ escor- regador.	<u>M/T/B. colocam</u>	X			'Põe...'
		<u>os bonequinhos</u>	X			'Põe...'
		<u>no escorregador.</u>				
	bonequi- nho/balan- ço.	<u>B. monta o ba- lanço. M/T.</u> observam.	X			'Põe...'
1;11.7 VT-11	pica-pau	<u>Obs. dá o pica-</u>	X			'Põe...'
		<u>pau para T. T.</u>	X			'Põe...'
		<u>segura o pica-</u> <u>pau no alto da</u> <u>haste. M.</u> observa. <u>M. pe-</u>		X		'Põe...'
		<u>ga da mão de T.</u>				
	telefone	<u>T. pega e mos-</u> <u>tra o telefone</u> <u>para M.</u>	X			'Põe...'
	bo-ônibus	<u>M. tira os bo-</u> <u>nequinhos do</u> <u>ônibus. T.</u> observa.	X			'Põe...'
			X			'Põe...'
	pica-pau/ ônibus	T. encaixa os bonequinhos.				

(cont.)

Quadro XI - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo
			A Req. N-Req.	Du	De	
1;11.7 VT-11 (cont.)	pica-pau/ ônibus	Põe o pica-pau na frente do ônibus. O pica-pau cai. <u>M. dá para T.</u>	X			'Põe.'
	pica-pau/ trem	<u>T. com o trem.</u>	X			'Põe...'
		M. observa.	X			'Põe...'
1;11.11 AT	pica-pau	<u>O pica-pau solta da haste.</u> Obs/T. olham.		X		'...quer pôr...?'
			X			'Vamos pôr...'
1;11.27 AT	cubos de encaixe	<u>Obs. ajuda T. a encaixar os cubos.</u>	X			'Põe.'
	carrinho/ mesa	T. com os carrinhos. <u>Obs. chama T. para pôr o carrinho embaixo da mesa.</u>	X			'Vamos pôr...?'
			X			'Vamos pôr...'
			X			'Vamos pôr...?'
				X		'Vamos pôr...'
1;11.27 AT	bo-ônibus	<u>M. encaixa o bonequinho. T. observa.</u>			X	'...está pondo...'
		T. encaixa os bonequinhos de				

(cont.)

Quadro XI - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo	
			A	Du	De		
			Req.	Ñ-Req.			
1;11.27 AT (cont.)	bo-ônibus	cabeça para baixo. <u>Um pôe certo.</u> M. observa.				X	'...põe...'
	carrinho	T. com os carrinhos. <u>Obs. quer pôr um do lado do outro.</u>				X	'...pôr...'
2;0.3 AT	contas do colar	<u>Obs. faz um cordão.</u> T/Obs. seguram um em cada ponta. <u>Dêsencaixa.</u> <u>Obs. arruma.</u>		X			'Vamos pôr.'
				X			'Quer pôr...?'
				X			'Vamos pôr...'
	bo-ônibus	<u>T. com o ônibus.</u> <u>Obs. olha.</u>	X				'Vamos pôr...?'
			X				'Vamos pôr?'
		<u>T. procura os bonequinhos.</u> <u>Obs/M. olham.</u>	X		X		'Põe...' '...pôr...'
ônibus	<u>Obs. dá o ônibus para T. pôr perto de M.</u>	X				'Põe...'	
carrinho/ ônibus	T. com o ônibus. <u>Obs. pega o carrinho.</u>			X			'...pôr?'
				X			'...vou pôr...'

Quadro XI - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo
			A Req. N-Req.	Du	De	
2;0.3 AT (cont.)	carrinho	<u>Obs. esconde o carrinho.</u> T. observa.		X		'...pôs...?' '...vou pôr...'
	ônibus/ sofá	<u>T. com o ônibus.</u> Obs. olha.	X			'...vai pôr...?' 'Vamos pôr...?'
2;0.8 AT	barriguinhas.	<u>T. com as barriguinhas.</u> B/M. observam.		X		'...ponho...?'
	boneco	<u>Obs. põe o boneco para dormir perto de T.</u>		X		'Vou pôr...'
	boneco/ mesa	T. come biscoito. <u>Obs. quer pôr o boneco na mesa com T.</u>		X		'...pôr...?' '...pôr...?'
2;0.18 VT-12	pé de T.	<u>M. quer mudar o pé de T. de lugar.</u> <u>Puxa-o.</u>	X			'Põe...'
	gasolina	T. com o carrinho. <u>M. mexe no posto.</u>		X	X	'Põe.'
						'Põe...'
2;0.20 AT	pecinha/ cesta	<u>T. põe a pecinha na cesta.</u> Obs. olha.			X	'...vai pôr...?' 'Vamos pôr...'
						'...está pondo...?'

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do vocábulo
			A	Du	De	
			Req. N-Req.			
1;7.12	bichinho	<u>T. leva o bichinho para dentro da casinha. Empurra o bichinho o bichinho para dentro.</u>		X		apõe
VT-7	da casinha			X		apõe
1;8.10	bo-ônibus	<u>T. procura encaixar o bonequinho no ônibus. Encaixa.</u>			X	apõe
VT-8						
1;9.11	cabine da jamanta	<u>T. tenta encaixar a cabine na carroceria da jamanta. Segura a cabine. Olha para M. Deixa a cabine no chão.</u>		X		põe
VT-9				X		põe
			X			põe
			X			põe
1;9.28	'papá' na panela	<u>T. brinca com a panelinha e o fogão. M/Obs. olham.</u>			X	põe
AT						
1;10.8	peça no encaixe (Mil-quadrados)	<u>T. segura uma pecinha. Olha para M. M. encaixa.</u>		X		põe
VT-10						

Quadro XII - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do vocábulo
			A Req.	Du Ñ-Req.	De	
1;10.8 VT-10 (cont.)	bichinho da casin- ha.	<u>M/T. colocam</u> <u>bichinhos na</u> <u>casinha. T.</u> põe na casinha.		X		põe
				X		põe
1;10.20 AT	fogão e panela	T. brinca com o fogão e as penelinhas. <u>Cha-</u> <u>ma M. que põe</u> as panelas no fogão.	X			põe
1;11.7 VT-11	bo ônibus	T. encaixa bo- nequinho no ô- nibus. <u>Olha os</u>	X			põe
		<u>bonequinhos.</u>	X			põe
		<u>Chama M. M. en-</u> caixa. T. observa.	X			põe
1;11.11 AT	cubos de encaixe	<u>T. brinca com</u>	X			põe
		<u>os cubos. Obs.</u>	X			põe
		encaixa.	X			põe
1;11.27 AT	encaixe	<u>T. com o brin-</u>	X			põe
		<u>quedo. M/Obs.</u>	X			põe
		olham. <u>T. cho-</u>	X			põe
		<u>raminga</u> porque	X			põe
		M. quer que ele	X			põe

(cont.)

Quadro XII - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do vocábulo
			A	Du	De	
			Req.	N-Req.		
1;11.27 AT (cont.)	encaixe	ponha. M. encaixa				
		<u>T. com o encaixe.</u> M/Obs.	X			põe
		olham.	X			põe
			X			põe
			X			põe
	bo-ônibus	T. com os bonequinhos e o ô-nibus. <u>T. chama</u>	X			põe
		<u>M.</u>	X			põe
2;0.8 AT	barriquinha	<u>T. com as barriquinhas.</u> Encaixa. M/Obs.	X			ponha
			X			ponha
		olha.	X			ponha

Quadro XIII - Situações de uso do verbo 'Colocar' na fala dos 141 interlocutores de T.

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo	
			A	Du	De		
			Req.	N-Req.			
0;11.29 VT-1	cubos de encaixe	T. <u>parece querer encaixar os cubos.</u> M. <u>observa.</u> T. <u>encaixa.</u>			X		'Vamos colocar.'
					X		'Coloca.'
						X	'Colocou.'
1;0.22 AT	argolas/palhaço	M. <u>tira as argolas.</u> T. <u>põe.</u>				X	'...colocou...'
						X	'...colocou.'
1;2.18 AT	argolas/palhaço	M. <u>desmonta o palhaço.</u> T. <u>começa a montar.</u>			X		'...colocando...'
	bo-ônibus	T. <u>encaixa os bonequinhos no ônibus.</u> M. <u>observa.</u> M. <u>mostra bonequinho para T.</u> T. <u>encaixa.</u>	X			X	'...colocar...' '...colocou?'
			X				'...vai colocar...?'
			X				'...vai colocar...?'
		T. <u>encaixa bonequinho no ônibus.</u> M. <u>observa.</u>			X		'...colocando...?'
1;4.7 AT	tampa/garrafa	T. <u>parece querer pôr a tampa na garrafa.</u> M. <u>observa.</u>			X		'Tentando colocar...?'
					X		'Tentando colocar...?'

Quadro XIII - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo
			A Req.	Du Ñ-Req.	De	
1;4.7 AT (cont.)	casaco/ T.	B. <u>quer pôr o casaco em T.</u> M. observa. B. <u>veste o casaco.</u>		X		'...vamos colocar...?'
					X	'...colocando...'
1;6.22 AT	bichinhos/ casinha	B/T. <u>brincam pondo os bichinhos na casinha.</u>	X			'Coca.'
			X			'Coca.'
			X			'Coca...'
			X			'Coca.'
			X			'Coca.'
1;6.29 AT	quebra- cabeça	T. <u>tira e põe as pecinhas.</u> M. observa.			X	'Colocou...'
1;8.10 VT-8	bichinho/ casinha.	T/B. <u>põem bichinhos no telhado da casinha e observam sua queda.</u>	X			'Coloca.'
		T. <u>pega um bichinho.</u> B. observa.	X			'Coloca.'
		T. <u>engatinha em direção aos bichinhos.</u> Pe- ga um. B. observa.	X			'Coloca.'
			X			'Coloca.'

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo
			A	Du	De	
			Req.	Ñ-Req.		
1;8.10 VT-8 (cont.)	bichinho/ casinha.	M. pega um bichinho. T. observa. M. põe no telhado.	X			'Vamos colocar?'
		T. segura um bichinho no telhado. M. observa. M. vira a casinha para T.	X		X	'Vamos colocar?'
		T. põe bichinho dentro da casinha. M. observa.			X	'Coloca'
		T. leva um bichinho para dentro da casinha ao mesmo tempo que B.	X			'Coloca'
		T. pega um bichinho no chão. B. observa. T. põe na casinha.	X			'Coloca'
		T. leva um bichinho para dentro da casinha. B. põe um bi-			X	'Colocar...'

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo
			Req.	N-Req.		
1;8.10 VT-8 (cont.)	bichinho/ casinha	<u>chinho no te-</u> <u>lhado da casi-</u> <u>nha.</u>				
	bo-ônibus	B. põe os bo- nequinhos no chão. <u>Vira o</u> <u>ônibus para T.</u>	X			'Coloca.'
	ônibus/ caixa	B. <u>mostra a cai-</u> <u>xa aberta.</u> T. empurra o ôni- bus. T. com o ônibus. B. <u>abre a cai-</u> <u>xa.</u> T. empurra o ônibus pela sala.	X			'Coloca.'
1;8.19 AT	pecinha/ roda-gi- gante	<u>Obs. chama T.</u> <u>para brincar</u> <u>com a roda-gi-</u> <u>gante.</u>		X		'...vamos colocar...?'
				X		'Vamos colocar...?'
1;9.11 VT-9	cabine/ carroceria	T. com a cabi- ne. <u>M. pega da</u> <u>mão de T. e a</u> <u>encaixa na car-</u> <u>roceria.</u> T. olha.	X	X		'Vamos colocar...' 'Coloque...'

Quadro XIII - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo
			A	Du	De	
			Req.	Ñ-Req.		
1;10.20 AT	bonequi- nho/balan- ço	B. chama T. pa- <u>ra pôr os bone-</u> quinhos no ba- lanço.	X			'Coloca...'
	bonequi- nho/escor- regador	T. com o bone- quinho. <u>B. pede.</u>		X		'...colocar...'
	bonequi- nho/gan- gorra.	<u>T/B. brincam</u> <u>com os bonequi-</u> <u>nhos e o parqui-</u> <u>nho.</u>		X		'Vamos colocar...?'
				X		'Colocar...'
	bonequinho/ cadeira	<u>T/B. brincam</u> <u>com os bonequi-</u> <u>nhos.</u>	X			'Coloca...'
			X			'Coloca...'
1;11.11 AT	pica-pau	T. observa o pica-pau des- cendo na haste. M. observa. <u>Es-</u> <u>capa o pica-pau.</u>		X		'Vamos colocar...'
		<u>Pica-pau solta</u> <u>a haste. Obs.</u> arruma.		X		'Colocar.'
		T. observa.		X		'Coloca...?'
				X		'...coloca.'
				X		'Coloca.'

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do vocábulo
			A Req. N-Req.	Du	De	
1;8.10 VT-8	bichinho da casi- nha	T. põe o bichi- nho no telhado. <u>Empurra para ci-</u> <u>ma.</u> Olha o bi- chinho que vai cair.		X		coõca
		<u>T. pega um bi-</u> <u>chinho e olha</u> <u>para o telhado.</u>	X			coõca
		Olha para M. <u>Põe o bichinho</u> <u>no telhado.</u> Olha	X			coõca
		para M. <u>Tira o</u> <u>bichinho.</u> Olha	X			coõca
		para B. <u>Leva o</u> <u>bichinho para</u> <u>o telhado.</u> Olha				
		para M.				
		B. põe no te- lhado. <u>T. olha</u> <u>os bichinhos</u> <u>no chão.</u> Pega um bichinho e <u>põe no telhado.</u>	X		X	coõca coõca
<u>T. põe o bichi-</u> <u>nho no telhado.</u>			X	coõca		

(cont.)

Quadro XIV - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do vocábulo	
			A	Du	De		
			Req.	Ñ-Req.			
1;8.10 VT-8 (cont.)	bichinho da casin- ha	Espera cair					
		T. puxa M. para a casinha. <u>Sen- tam do lado da casinha.</u> Olha para M. M. põe no telhado. T. observa.	X				coõca
		<u>T. pega um bi- chinho e mostra para M. Não sol- ta quando M. quer pegar.</u> Põe no telhado.	X	X			coõca coõca
		T. estende a mão para os bi- chinhos. <u>M. pe- ga um bichinho e põe no telha- do.</u> T. observa.			X		coõca
		T. derruba o bichinho do telhado.			X		coõca
		<u>B. põe no te- lhado.</u> T. observa.				X	coõca

Quadro XIV - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do vocábulo
			A Req. N. Req.	Du	De	
1;8.10 VT-8 (cont.)	bichinho da casinha	T. <u>pega um bichinho e o leva para o telhado.</u> B. pega o bichinho e arruma no telhado.		X		coóca.
		T. <u>pega um bichinho no chão e o leva para o telhado.</u> B. pega de T. e o coloca no telhado.		X		coóca
		T. <u>pega outro bichinho no chão e o leva para o telhado.</u> B. pega.		X		coóca
		B. arruma os bichinhos no telhado. <u>Pega um bichinho da mão de T. e o coloca no telhado.</u>		X		coóca

Quadro XIV - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do vocábulo
			A	Du	De	
			Req.	N-Req.	Req.	
1;8.10 VT-8 (cont.)	bichinho da casi- nha	T. põe o bichinho no telhado e observa.			X	coõca
		B. põe a casinha em pé e mexe nos bichinhos que estão dentro. T. leva um bichinho para dentro da casinha.		X		coõca
		B. tenta pôr um bichinho na casinha. T. leva um bichinho para dentro da casinha. M. aponta dentro da casinha. B. pega o bichinho da mão de T. e o coloca dentro da casinha.	X			coõca
		B. guarda os bichinhos na casinha. T. põe			X	coõca
			X		coõca	(cont.)

Quadro XIV - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do vocábulo
			A	Du	De	
			Req.	Ñ-Req.		
1;8.10 VT-8 (cont.)	bichinho da casi- nha	<u>um bichinho</u>			X	coôca
		<u>dentro da ca-</u>				
		<u>sinha. Leva ou-</u>	X			coôca
		<u>tro bichinho.</u>	X			coô
		<u>B. fecha a por-</u>	X			coôca
		ta.		X		coôca
				X		coôca
	Ônibus/ caixa	M. começa a em- purrar o ônibus para dentro da caixa. T. ajuda.			X	coôca
		M. fecha a caixa.				
		<u>T. tira o ôni-</u>				
		<u>bus de baixo</u>				
		<u>da poltrona,</u>				
		<u>olhando para M.</u>	X			coôca
		Vira o ônibus em direção à caixa. B. ten- ta pegar. T.				
		tira do seu alcance.				
	Ônibus/ banquinho	<u>T. empurra o</u>			X	coôca
		<u>ônibus embaixo</u>				
		<u>do banquinho.</u>				

Quadro XIV - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do vocábulo
			A Reg. N-Reg.	Du	De	
2;0.18 VT-12	carrinho/ trem	<u>T. olha para o</u>	X			coocã
		<u>trem na mão de</u>	X			coocã
		<u>M. e levanta</u> <u>um carrinho. M.</u> pega e põe no trem.				
	madeiri- nha/car- rinho.	<u>T. tenta pôr a</u>	X			coocã
		<u>madeirinha no</u>	X			coocã
		<u>carrinho. M.</u> pega e põe.				
		<u>T. leva a ma-</u> <u>deirinha para</u> <u>o carrinho. M.</u> pega e põe.	X			coocã
2;0.20 AT	carrinho	<u>M. conserta o</u>	X			colôca
		<u>carrinho. T.</u> observa.	X			colôca
		T. com o carri- nho. <u>O carrinho</u>	X			coocã
		<u>desmonta. T.</u> observa.	X			coocã coôca
		T. com os car- rinhos. <u>Quer</u> <u>que M. ponha a</u> <u>parte de baixo</u>	X X			coôca coôca

(cont.)

Quadro XIV - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do vocábulo
			A	Du	De	
			Req. N-Req.			
2;0.20 AT (cont.)	carrinho	<u>do carrinho.</u>				
		<u>T. com o car-</u>	X			coóca
		<u>rinho quebrado.</u>	X			coóca
		M. arruma.	X			coóca
			X			coóca

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo
			A	Du	De	
			Req.	Ñ-Req.		
1;5.18 AT	carrinho/ jamanta	T. com a jaman- ta. <u>Observa</u> Obs. que empur- <u>ra o carrinho</u> <u>na rampa.</u>	X	X		'Vamos descer...?' '...fazer descer...' 'Faz...descer.'
		caminhão/ jamanta	T. com o cami- <u>nhão. M.obser-</u> <u>va.</u>	X		'...descer.'
		carrinho/ jamanta	M. põe o carri- <u>nho na rampa da</u> <u>jamanta. T.</u> <u>observa.</u>	X	X	
1;6.7 VT-6	pica-pau	B/T. <u>observam</u> <u>o pica-pau des-</u> <u>cer na haste.</u> Obs. olha. T. pega o pica- pau.	X	X		'...vai descer.' '...está descendo.'
		T. com o pica- <u>pau. Obs/B.</u> <u>observam. B.</u> <u>pega na mão de</u> <u>T. e põe no</u> <u>chão. T. tenta</u> <u>pegar. B. se-</u>	X	X		'Faz...descer.' 'Deixa...descer.'

(cont.)

Quadro XV - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo	
			A	Du	De		
			Req.	N. Req.			
1;6.7 VT-6 (cont.)	pica-pau	<u>gura sua mão.</u>		X		'...vai descer.'	
		T. pega.			X	'...está descendo.'	
		B/Obs/T. observam o pica-pau descer na haste.					
		T. olha para				X	'Desceu.'
		Obs. Mexe no pica-pau.				X	'Desceu.'
		Obs/B/T. observam o pica-pau descer na haste.					
		T. <u>balança o brinquedo.</u> Põe dentro do cubo.		X		'...está descendo...'	
		T. com o telefone. Obs. tenta atrair a atenção de T. para o pica-pau.	X			'Faz...descer...'	
		T. olha para Obs. Volta sua atenção para o telefone.					
	pica-pau/ cubo	T. põe o pica-pau dentro do cubo. Obs. apon-					

(cont.)

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo
			A	Du	De	
			Req.	Ñ-Req.		
1;6.7 VT-6 (cont.)	pica-pau/ cubo	<u>ta para o cubo.</u>			X	'...está descendo ...?'
		T. tira do cubo e balança.				
	pica-pau	B. bate no ombro de T. Contacto de olho B/T. <u>B. aponta para o pica-pau.</u> T. pega.			X	'...está descendo...?'
		<u>T. observa o pica-pau descer na haste. Pega-o. Obs/B. observam.</u>			X	'Está descendo.'
1;11.7 VT-11	pica-pau	T. pega o pica-pau que <u>Obs.lhe dá.</u> T. mexe no pica-pau. <u>M. pega da mão de T. e põe no chão.</u> T. observa.	X			'Deixa descer...' '...descer.'
		<u>M. põe o brinquedo no chão.</u> T. estende a		X		'...desce.' '...vai descer.'

(cont.)

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo
			A Req.	Du N-Req.	De	
1;11.7 VT-11 (cont.)	pica-pau	mão para o brin- quedo. <u>T. segu-</u> <u>ra e empurra o</u> <u>pica-pau para</u> <u>baixo.</u>		X		'Desce...'
				X		'Desce.'
		<u>Obs. dá o pica-</u> <u>pau para T. Obs.</u> <u>põe no chão.</u>	X			'quer...descer.'
			X			'...vai descer.'
			X			'Quer...descer?'
		<u>T. observa. O</u> <u>pica-pau come-</u> <u>ça a descer.</u>		X		'Está descendo.'
				X		'Está descendo.'
				X	'Desceu.'	
	<u>Obs/T. observam</u> <u>o pica-pau. Obs.</u> <u>põe na ponta da</u> <u>haste. T. bate</u> <u>a mão. Obs. se-</u> <u>gura. T. obser-</u> <u>va. Tenta em-</u> <u>purrar para</u> <u>baixo. Segura.</u> <u>Olha para Obs.</u>		X		'...vai descer...'	
		X			'Vai descer...'	
			X		'...quer descer...'	
		X			'Vai descer...?'	
	<u>T. mexe no pi-</u> <u>ca-pau. Obs.</u> <u>olha. T. puxa</u> <u>para cima. De-</u> <u>sencaixa a has</u>	X			'Faz...descer...'	

(cont.)

Quadro XV - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo	
			A	Du	De		
			Req.	Ñ-Req.			
1;11.7 VT-11 (cont.)	pica-pau	te.					
		Obs. mostra o	X			'Descer.'	
		pica-pau descen- do. T. observa.	X			'Vai descer.'	
1;11.11 AT	pica-pau	Pica-pau descen- do na haste.		X		'...está descendo.'	
		Obs/T. observam.		X		'Está descendo.'	
		T. empurra e ri.			X	'Desceu.'	
						X	'Desceu...'
2;0.18 VT-12	carrinho/ perna	T. com o carri- nho. M. passa a mão na perna de T. T. empurra o carrinho na per- na até o chão.	X			'Faz...descer.'	
				X		'Desce.'	
				X		'Está descendo.'	
					X	'Desceu.'	
		T. desliza o carrinho na per- na. M. observa. T. olha para o outro carrinho. Empurra na per- na.		X			'...vai descer...?'
		X			'Faz...descer.'		
2;0.20 AT	carrinho/ jamanta	T. com a jaman- ta e os carri- nhos. O carri- nho desce na rampa.M. obser- va.				X	'Desceu.'

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do vocábulo
			A Req.	Du Ñ-Req.	De	
1;9.16 AT	T.	M/T. olham uma revista. <u>T. sai do colo de M.</u>	X			dêsce
			X			dêsce
1;10.8 VT-10	bichinho/ casinha	T. põe o bichinho no telhado. <u>Observa cair.</u>			X	desceu
		T. põe o bichinho no telhado. <u>Observa-o cair.</u>			X	descê
		<u>Olha-o no chão.</u>			X	descê
		T. põe o bichinho no telhado. <u>O bichinho cai.</u>			X	discê
		T. chama Obs. <u>Aponta para o bichinho.</u> Olha			X	discê
		Obs. Chama Obs. <u>Aponta para o bichinho.</u> Pega			X	discê
		um bichinho e põe no telhado.			X	discê
1;10.30 AT	bonequi- nho/escor- regador.	<u>T. observa o bonequinho des- cendo no escor-</u>	X		X	descê desceu

(cont.)

Quadro XVI - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação				Formas do vocábulo
			A		Du	De	
			Req	N-Req			
1;10.30 AT (cont.)	bonequi- nho/escor regador.	<u>regador.</u> B. põe os bo- nequinhos no escorregador e <u>deixa cairem</u> <u>na piscina.</u> T. observa.				X	desceu
1;11.7 VT-11	pica-pau	T. com o pica- pau. M/T. brin cam (de costas para a câmara) <u>T. observa o</u> <u>pica-pau des-</u> <u>cendo na haste.</u> M/Obs. olham. <u>M/T. olham o</u> <u>pica-pau que</u> <u>desce na has-</u> <u>te.</u> T. empur- ra o ônibus em direção ao pi- ca-pau.			X	X	descê descendo descendo
	ônibus na perna	<u>T. empurra o</u> <u>ônibus na per-</u> <u>na.</u> M. mexe		X			descê (cont.)

Quadro XVII - Situações de uso do verbo 'Subir' na fala 162
dos interlocutores de T.

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação				Formas do verbo
			A		Du	De	
			Req.	N-Req.			
1;5.18 AT	T./sofá	M. observa T. <u>que parece que- rer subir no sofá.</u> T. pega a boneca.	X X X				'Suba...' 'Suba...' 'Suba.' '...não quer subir...?'
1;6.22 AT	T./mesa	Obs/M. observam T. que se movi- menta para su- bir na mesa.		X			'Vai subir...?'
1;10.8 VT-10	T./ colo de M.	M/T. olham o livrinho. M. <u>bate a mão no colo.</u> T. olha. M. põe T. no colo.	X				'Sobe...'
1;10.20 AT	T./colo de M.	M/T. olham o livrinho. T.se <u>movimenta para sentar no colo de M.</u> M. põe T. no colo.		X X			'Quer subir?' 'Quer subir?'
	bichinho/ casinha	T. com a casi- <u>nha e os bichi- nhos.</u> Obs.olha. T.põe os bichi- nhos no telhado.	X				'Faz...subir...'

Quadro XVII - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo	
			A		Du		De
			Req.	N-Req.			
1;10.30 AT	bonequi- nho/casi- nha	B/T. brincam com os bonequi- nhos e a casi- nha. <u>B. mostra</u> <u>o bonequinho</u> <u>andando na ca-</u> <u>sinha.</u> T. obser- va.			X	'Vai subir...'	
1;11.7 VT-11	pica-pau	<u>Obs/T/M. obser-</u> <u>vam o pica-pau.</u> T. mexe no pi- ca-pau.	X			'Faz...subir...'	
	ônibus/ perna	T. põe o ôni- bus na perna de M. e <u>o empurra.</u>			X	'Está subindo?'	
	pica-pau	M/T. observam o pica-pau. <u>M.</u> <u>puxa para cima.</u>			X	'Subiu.'	
1;11.11 AT	pica-pau	<u>Obs. mostra o</u> <u>pica-pau para</u> <u>T.</u>		X		'Vamos fazer subir?'	
		T. com o carri- nho. <u>Obs. pega</u> <u>o pica-pau.</u> T. observa.		X		'Fazer...subir?'	
						'Subir...'	
				X		'Vamos fazer subir?'	

Quadro XVII - Continuação

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do verbo	
			A		Du		De
			Req.	N-Req			
1;11.27 AT	trem/ livro	T. brinca com o trenzinho. Obs. olha. <u>T. põe em cima do livro.</u>				X 'Subiu.'	
2;0.8 AT	passari- nho	T. com o brinquedo. <u>M. fala para puxar o barbante para o passarinho subir.</u>	X			'...sobe.'	
2;0.18 VT-12	carrinho/ perna	<u>T. com o carrinho. M. pega outro carrinho.</u>		X			'...vai subir.'
		T. desliza o carrinho na perna.		X			'...vai subir.'
		<u>M. empurra o carrinho na perna. T. observa.</u>		X			'Vai subir.'
		<u>T. leva o carrinho até a cabeça. M/Obs. olham.</u>				X	'Subiu.'
					X	'Subiu...'	

Idade	Objeto	Movimento	Fases da ação			Formas do vocábulo	
			A		Du		De
			Req.	N-Req.			
1;9.22 AT	T.	T. com as pa- nelinhas. <u>Sen- ta no colo de M.</u>		X		subí	
1;9.28 AT	T.	T. com as pa- nelinhas. <u>Sen- ta no colo de M.</u>		X		subí	
		T/M. olham o livrinho. <u>T. senta no colo de M.</u>			X	subiu	
		T. com o carri- nho. <u>Senta no colo de M.</u>		X		subí	
1;10.26 (diário)	T.	<u>T. sobe e des- ce na esteira ligeiramente inclinada (es- tá na praia).</u>			X	tasubindo	